

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



Arnaldo Oliveira Rodrigues

**A gramática emocional acerca do comportamento suicida no ambiente
escolar**

Juiz de Fora

2026

Arnaldo Oliveira Rodrigues

**A gramática emocional acerca do comportamento suicida no ambiente
escolar**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais.

Área de concentração: Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rodrigues, Arnaldo Oliveira.

A gramática emocional acerca do comportamento suicida no ambiente escolar / Arnaldo Oliveira Rodrigues. -- 2026.
220 f. : il.

Orientador: Raphael Bispo

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2026.

1. Comportamento suicida. 2. Juventude. 3. Ensino Médio Tecnológico. 4. Graduação. 5. Antropologia das Emoções. I. Bispo, Raphael, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ante o sol da vida
a dor por um instante
hesita
Hamilton Faria

Quero agradecer aqui a algumas pessoas muito especiais que fizeram com que esta tese se tornasse um trabalho possível, pessoas estas que foram sóis na minha trajetória nestes quatro anos:

À minha família, por ser presença e por torcerem sempre por mim.

Ao Pedro, meu companheiro de jornada, pela parceria, pelo amor, pelo “estar junto”.

Às amigas Aline, Crisley e Kátia, em nome das quais eu agradeço a todas as minhas amizades, que estiveram na torcida, me ajudando de diversas formas.

Às/aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade e pelo conhecimento compartilhado.

Ao Raphael Bispo, pela primorosa orientação.

Aos colegas do Grupo de Estudos: Família, Emoções, Gênero e Sexualidade, pela partilha de saberes.

À banca de qualificação, Cristina Dias e Sílvia Monnerat, que muito me ajudaram na escrita desta versão final e cujos conhecimentos foram cruciais para o andamento da pesquisa.

À banca de defesa, Cristina Dias, Leandro David Wenceslau, Marcos Castro e Sílvia Monnerat, pelo pronto aceite de se aventurarem comigo nesta versão final e partilhar saberes.

À Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, pela qualidade do ensino.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET pela ação de desenvolvimento em serviço.

“Ninguém nunca me perguntou, e por isso também não precisei responder. Todo mundo quer saber o que sabem os suicidas.”

(Nove noites, Bernardo Carvalho, 2006)

“Porque no coração do suicídio, mesmo nos casos em que se deixa uma carta esclarecedora, há sempre um mistério, um buraco negro de incerteza em torno do qual perguntas se esvoaçam, feito borboletas enlouquecidas.”

(O que não tem nome, Piedad Bonnett, 2024)

RESUMO

O comportamento suicida é um problema de saúde pública que acontece no Brasil e em diversos países do mundo. Refere-se a um grupo de ações que contêm a ideação suicida, o planejamento, a tentativa e o suicídio propriamente dito (WHO, 2014). É um fenômeno complexo, multifatorial, multicausal e multidimensional, sendo importante observar as diversas dimensões envolvidas no processo: “individual, familiar, comunitário e social” (Brito *et al*, 2020, p.2). Por vezes aparecem outros conceitos concorrentes, tais como a autolesão e violência autoinfligida. A pesquisa aqui em tela foi realizada numa escola, a saber, o Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, Campus Curvelo, um dos campus mais recentes dentre os 11 existentes na instituição, inaugurado em 2010. A questão central desta pesquisa é a seguinte: “Quais emoções e pensamentos, o comportamento suicida das/os jovens, mobiliza nas/os servidoras/es (técnico-administrativas/os e professores) e estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-MG e como lidam com tais gramáticas emocionais do estudante com comportamento suicida?”. Ou seja, investigou-se como o comportamento suicida é visto por esses atores e como estes dois grupos lidam com o gesto suicida na escola, tendo em vista as especificidades de cada um. O objetivo geral da pesquisa realizada foi o seguinte: “Identificar qual a gramática emocional e a micropolítica das emoções em jogo perante o comportamento suicida e estratégias de intervenção junto ao mesmo por parte da instituição”. De natureza qualitativa, essa investigação contou com uma pesquisa de campo onde foram realizados grupos focais (Backes *et al.*, 2011) e entrevistas semiestruturadas as quais foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2015), ao longo do período de maio de 2024 a março de 2025. Cada grupo focal teve duração média de 1h30 com as/os servidores e de 45min com estudantes, enquanto as entrevistas duraram em média 30 minutos com as/os servidores e 10 minutos com estudantes. Esses momentos contaram com temas específicos em cada encontro (pensamentos, sentimentos/emoções e estratégias de intervenção). Houve um total de 21 participantes, sendo 12 servidores/as e 9 estudantes. As entrevistas foram realizadas com 16 participantes, sendo 11 servidores/as e 5 jovens. No capítulo 1 desta tese, intitulado “A pesquisa sobre Comportamento Suicida nas Ciências Sociais”, apresenta-se a motivação para a escolha do tema, a relação pessoal do autor com o mesmo, as definições de comportamento suicida (Abreu *et al.*, 2010), seus conceitos concorrentes, os estudos clássicos e contemporâneos sobre o tema. No capítulo 2, intitulado “Aspectos metodológicos da pesquisa”, discorre-se sobre os aspectos metodológicos da pesquisa: a escolha da categoria juventude, a escolha do CEFET como *lôcus* da pesquisa e a Antropologia das Emoções como chave de análise. No capítulo 3, intitulado “Pesquisando emoções e sentimentos com servidores/as” e no capítulo 4, intitulado “Pesquisando emoções e sentimentos com estudantes”, apresentam-se os resultados da pesquisa realizada, acrescidos de análise e discussão. Como principais resultados encontrados temos categorias que refletem sobre a dor presente no comportamento suicida, a necessidade de falar, presença de comportamento suicida na família, existência de múltiplos imaginários sobre o suicídio, interferência da religião/espiritualidade nos atos suicidas, as possibilidades de atuação da escola frente ao comportamento suicida, a invisibilidade do ato suicida, o suicídio como sinônimo de autolesão, o suicídio em sua relação com a depressão, dentre outros. Foi possível concluir que a escola, em suas dinâmicas relacionais próprias, mostra-se enquanto espaço que produz o comportamento suicida, assim como, promove ações que busque superá-lo, sendo importante ouvir os agentes que dela fazem parte, para qualificar os modos de dizer, problematizar e acolher, as juventudes que dela fazem parte.

Palavras-chaves: Comportamento Suicida, Juventude, Ensino Médio Tecnológico, Graduação, Antropologia das Emoções.

ABSTRACT

The suicidal behavior is a public health problem that occurs in Brazil and in other countries worldwide. It refers to a set of actions that include suicidal ideation, planning, attempts, and suicide proper (WHO, 2014). It is a complex, multifactorial, multicausal, and multidimensional phenomenon, and so it is important to observe the various dimensions involved in the process: “individual, family, community, and social” (Brito et al., 2020, p. 2). Sometimes other concurrent concepts arise, such as self-harm and self-inflicted violence. The research shown here was conducted at a Federal Institute, namely Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, Curvelo Campus, one of the newest of the 11 campuses within the institution, which opened in 2010. The main question of this study is: “What emotions and thoughts does the suicidal behavior of youth mobilize in staff members (technical-administrative staff and teachers) and students at the Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-MG, and how do they deal with the emotional grammar of students exhibiting suicidal behavior?” In other words, it investigated how suicidal these actors view suicidal behavior and how these two groups deal with suicidal acts at the institute, taking into account the specific characteristics of each one. The main goal of the research was: “To identify the emotional grammar and the micropolitics of emotions involved in suicidal behavior and the institute’s intervention strategies regarding it.” This qualitative study involved field research consisting in focus groups (Backes *et al.*, 2011) and semi-structured interviews, which were recorded, transcribed, and analyzed using Bardin’s Content Analysis (2015) from May 2024 to March 2025. Each focus group lasted an estimated 1 hour and 30 minutes with staff members and 45 minutes with students, while the interviews lasted around 30 minutes with staff members and 10 minutes with students. Each session focused on specific themes (thoughts, feelings/emotions, and intervention strategies). There were a total of 21 participants, including 12 staff members and 9 students. The interviews were conducted with 16 participants, including 11 staff members and 5 students. The Chapter 1 of this thesis, titled “Research on Suicidal Behavior in the Social Sciences,” presents the motivation for choosing the topic, the author’s personal relationship to it, definitions of suicidal behavior (Abreu *et al.*, 2010), its conflicting concepts, as well as classic and contemporary studies of the subject. The Chapter 2, titled “Methodological Aspects of the Research,” discusses the methodological aspects of the study: the choice of the category “youth,” the selection of CEFET as the research’s locus, and the Anthropology of Emotions as the analytical framework. The Chapter 3, titled “Researching Emotions and Feelings with School Staff,” and the fourth one, titled “Researching Emotions and Feelings with Students,” the results of the research are presented, along with analysis and discussion. The main outcomes include categories reflecting on the pain associated with suicidal behavior, the need to talk, the presence of suicidal behavior within the family, the existence of multiple conceptions of suicide, the influence of religion/spirituality on suicidal acts, the possibilities for action by schools in response to suicidal behavior, the invisibility of the suicidal act, suicide as synonymous with self-harm, and suicide in relation to depression, among others. It was possible to conclude that this technical institute, within its own relational dynamics, is a space that produces suicidal behavior, as well as promotes actions aimed at overcoming it; therefore, it is important to listen to the agents who are part of it, in order to qualify the ways of speaking, problematizing, and welcoming the youths who are part of it.

Keywords: Suicidal Behavior, Youth, Secondary Technical Education, Undergraduate Studies, Anthropology of Emotions.

RESUMEN

El comportamiento suicida es un problema de salud pública que se da en Brasil y en diversos países del mundo. Se refiere a un conjunto de acciones que incluyen las ideas suicidas, la planificación, el intento y el suicidio propiamente dicho (OMS, 2014). Se trata de un fenómeno complejo, multifactorial, multicausal y multidimensional, por lo que es importante observar las diversas dimensiones que intervienen en el proceso: “individual, familiar, comunitaria y social” (Brito et al., 2020, p. 2). En ocasiones surgen otros conceptos concurrentes, como la autolesión y la violencia autoinfligida. La investigación que nos ocupa se llevó a cabo en un instituto, precisamente el Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, Campus Curvelo, uno de los campus más recientes de los 11 que hay en la institución, inaugurado en 2010. La pregunta central de esta investigación es la siguiente: “¿Qué emociones y pensamientos, y el comportamiento suicida de los jóvenes, despiertan en el personal (técnico-administrativo y docente) y en los estudiantes del Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), y cómo abordan dichas expresiones emocionales del estudiante con comportamiento suicida?”. Es decir, se investigó cómo perciben estos actores el comportamiento suicida y cómo estos dos grupos abordan el gesto suicida en la institución tecnológica, teniendo en cuenta las especificidades de cada uno. El objetivo general de la investigación fue el siguiente: “Identificar la gramática emocional y la micropolítica de las emociones en juego ante el comportamiento suicida, así como las estrategias de intervención de la institución ante este”. De naturaleza cualitativa, esta investigación contó con un trabajo de campo en el que se llevaron a cabo grupos focales (Backes *et al.*, 2011) y entrevistas semiestructuradas, las cuales fueron grabadas, transcritas y analizadas mediante el Análisis de Contenido de Bardin (2015), a lo largo del periodo comprendido entre mayo de 2024 y marzo de 2025. Cada grupo focal tuvo una duración media de 1 h 30 min con el personal y de 45 min con los estudiantes, mientras que las entrevistas duraron una media de 30 minutos con el personal y 10 minutos con los estudiantes. En cada sesión se trataron temas específicos (pensamientos, sentimientos/emociones y estrategias de intervención). Hubo un total de 21 participantes, de los cuales 12 eran personal docente y 9 estudiantes. Las entrevistas se realizaron a 16 participantes, de los cuales 11 eran personal docente y 5 jóvenes. En el capítulo 1 de esta tesis, titulado “La investigación sobre el comportamiento suicida en las ciencias sociales”, se presenta la motivación para la selección del tema, la relación personal del autor con el mismo, sus definiciones de comportamiento suicida (Abreu *et al.*, 2010), conceptos concurrentes, así como los estudios clásicos y contemporáneos. En el capítulo 2, titulado “Aspectos metodológicos de la investigación”, se abordan los aspectos metodológicos de la investigación: la elección de la categoría “juventud”, la elección del CEFET como lugar de la investigación y la Antropología de las Emociones como clave de análisis. En el capítulo 3, titulado “Investigando emociones y sentimientos con el personal docente”, y en el capítulo 4, titulado “Investigando emociones y sentimientos con los estudiantes”, se presentan los resultados de la investigación realizada, acompañados de análisis y discusión. Entre los principales resultados encontrados se encuentran categorías que reflexionan sobre el dolor presente en el comportamiento suicida, la necesidad de hablar, la presencia de comportamiento suicida en la familia, la existencia de múltiples imaginarios sobre el suicidio, la interferencia de la religión/espiritualidad en los actos suicidas, las posibilidades de actuación de la escuela frente al comportamiento suicida, la invisibilidad del acto suicida, el suicidio como sinónimo de autolesión, el suicidio en su relación con la depresión, entre otros. Se pudo concluir que la institución tecnológica, en sus propias dinámicas relacionales, se revela como un espacio que produce el comportamiento suicida, al tiempo que promueve acciones que buscan superarlo, siendo importante escuchar a los agentes que la componen, para cualificar los modos de decir, problematizar y acoger a las juventudes que forman parte de ella.

Palabras clave: Comportamiento suicida, Juventud, Educación secundaria y tecnológica, Estudios de grado, Antropología de las emociones.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Risco de Suicídio	36
Figura 2: Linha do tempo das Políticas Públicas de Prevenção do Suicídio e da Automutilação no Brasil	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fatores de risco e proteção com relação ao comportamento suicida.....	41
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Associação Brasileira de Apoio aos Sobreviventes Enlutados por Suicídio – ABRASES

Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio – ABEPS

Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP

Autolesão não suicida – ALNS

Base Nacional Comum Curricular – BNCC

Coordenação de Assuntos Estudantis – CAE

Campanha Setembro Amarelo – CSA

Centro de Atenção Psicossocial/Álcool e outras drogas – CAPSad

Centro de Atenção Psicossocial II – CAPS II

Centro de Atenção Psicossocial III – CAPS III

Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil – CAPSi

Centro de Valorização da Vida – CVV

Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET

Conselho Federal de Medicina – CFM

Grupo de Estudos: Família, Emoções, Gênero e Sexualidade – FECS

Grupo Focal – GF

International Federation of Telephone Emergency Services – IFOTES

Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD

Minas Gerais – MG

Núcleo de Atenção à Saúde da Família – NASF

Organização Mundial de Saúde – OMS

Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS

Pernambuco – PE

Rede de Atenção Psicossocial – RAPS

Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Técnico-administrativo em Educação – TAE

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Transtorno de Personalidade Borderline – TPB

World Health Organization – WHO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
OBJETIVO GERAL:	18
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	18
CAPÍTULO 1: A PESQUISA SOBRE COMPORTAMENTO SUICIDA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	20
1.1) Memorial do suicídio ou sobre o porquê da escolha da temática para a pesquisa	21
1.2) Comportamento suicida: um olhar sobre o campo psi e a Saúde	33
1.3) Breves apontamentos sobre o suicídio nas Ciências Sociais Clássicas	44
1.3.1 Durkheim: pai dos estudos sociológicos sobre o suicídio	44
1.3.2 Martineau e a questão da religião	47
1.3.3 Marx e Peuchet – Sobre o suicídio	49
1.3.4 Weber e seu breve diálogo com Otto Gross	51
1.3.5 Malinowski e o suicídio entre os Trobriand	52
1.3.6 “O crisântemo e a espada”: Ruth Benedict e a cultura japonesa	54
1.4) Suicídio enquanto problema contemporâneo para as Ciências Sociais	57
CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	72
2.1) A categoria “juventude” nos estudos das Ciências Sociais	73
2.2) A Antropologia das Emoções – quais contribuições para o problema do comportamento suicida?	85
2.3) Gramática e micropolítica emocionais em jogo no evento suicida	88
2.4) A escolha de uma escola para a pesquisa – o CEFET MG	92
2.5) Aspectos metodológicos da pesquisa do comportamento suicida	95
CAPÍTULO 3: PESQUISANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS COM SERVIDORES/AS	103
3.1) Quem são os/as servidores/as que participaram da pesquisa	103
3.2) A dor presente no comportamento suicida	105
3.3) A necessidade de falar	108
3.4) Comportamento suicida na família	113
3.5) Imaginário sobre o suicídio	116
3.6) O imperativo em ajudar – um dever moral que se impõe	120
3.7) Repensando o Setembro Amarelo	123
3.8) Interpelações ao moderador – “na sexta, você responde”	125
3.9) Religião/espiritualidade em tela no comportamento suicida	126

3.10) A gramática das emoções no comportamento suicida	127
3.11) Atuações da escola frente ao comportamento suicida	130
3.12) Última categoria, mas não menos importante: O amor	132
3.13) As entrevistas – Parte I	134
3.14) Entrelaçando emoções, pensamentos e comportamento suicida	141
CAPÍTULO 4: PESQUISANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS COM ESTUDANTES	148
4.1) Quem são os/as jovens que participaram da pesquisa	149
4.2) A invisibilidade do ato suicida	150
4.3) O suicídio como algo “familiar”	153
4.4) O comportamento suicida como sinônimo de autolesão	155
4.5) O suicídio e sua relação com a depressão	157
4.6) O ato suicida para “ <i>chamar atenção</i> ”, “ <i>brincadeira</i> ”	160
4.7) As emoções em jogo no evento suicida	163
4.8) A perda do futuro imaginado	165
4.9) Estratégias de enfrentamento ao gesto suicida	168
4.10) Fundamental é ter com quem contar...	172
4.11) As entrevistas	174
4.12) Entrelaçando emoções, pensamentos e comportamento suicida – Parte II	179
CONCLUSÃO	185
REFERÊNCIAS	192
REFERÊNCIAS LITERÁRIAS	215
REFERÊNCIAS MUSICAIS	215
APÊNDICE	217

INTRODUÇÃO

Eu sei que é difícil pra mim e pra ti
Tá sendo difícil pra mim aqui
Pulsos cortados, ideias erradas
Remédios na mesa, eu só quero sumir
(Eu só quero sumir, D\$ Luqui participação de E4GL3, 2019).

Há uma crônica de Luis Fernando Veríssimo, intitulada “O suicida e o computador” que narra a história de um escritor, às vés de se suicidar, escrevendo sua nota de despedida e o ato é impedido a cada momento por uma ideia nova que surge; no desenrolar da crônica, a escrita barra o suicídio, uma vez que o escritor decide salvar a nota na memória do computador e ir dormir (Veríssimo, 1992). Esta “salvação” não é o corriqueiro dos nossos dias, em que o comportamento suicida está presente, levando uma pessoa à morte a cada 40 segundos (Brasil, 2024a). Macho (2021, p. 136) refletindo sobre os suicídios entre crianças e adolescentes na Alemanha no século XIX, afirma que “todos os países da Europa e, até podemos deduzir sem hesitar, todos os países da Terra estão pagando um alto tributo a essa terrível forma de morte”, donde vemos que a questão não é recente e se configura em problema global.

O documentário “*Escolarizando o mundo*”, de 2010, mostra a relação da educação ocidental com as culturas tradicionais, sobretudo a de Ladakh, na Índia. Mostra a invasão da cultura ocidental nas tradições locais, transformando sabedoria em conhecimento e, por último, em informação. Ou seja, o processo educacional, munido de “boas intenções”, de acelerar e ampliar o desenvolvimento econômico, produz perdas. Há uma perda de identidades, territórios, culturas e neste movimento, trazem o adoecimento mental da cultura estadunidense e da cultura indiana, esta última precisando de “ajuda mental” e aquela apresentando altos índices de depressão, uso de drogas e suicídios.

Apresento estas referências acima para mostrar que o comportamento suicida é um problema de saúde pública que acontece no Brasil e em diversos países do mundo. Refere-se a um grupo de ações que contêm a ideação suicida, o planejamento, a tentativa e o suicídio propriamente dito (WHO, 2014). É o conjunto de ações que fazem com que o indivíduo possa causar lesão em si mesmo, independente do grau da lesão, da intenção letal e do real motivo do ato. É um fenômeno complexo, multifatorial, multicausal e multidimensional, sendo necessário observar as diversas dimensões envolvidas no processo: “individual, familiar, comunitário e social” (Brito *et al*, 2020, p.2). O comportamento suicida é definido por Abreu *et al* (2010, p.196)

como uma ação na qual o indivíduo inflige-se dano (auto agressão), não importando o nível ou a razão genuína da ação. Uma definição ampla dessa forma permite que se conceitue o comportamento suicida por meio de um contínuo: os pensamentos de autodestruição, a auto-agressão, manifestada por gestos suicidas e tentativas de suicídio, e, finalmente, o próprio suicídio.

Na obra de Durkheim ([1897]/1999), “*O Suicídio*”, este é definido desde o século XIX como sendo um “fato social”, subdivido em: egoísta, altruísta, anômico e fatalista. Embora todos sejam analisados com base nas relações sociais e represente um afrouxamento ou acirramento da estrutura social, os dois primeiros remetem à integração social e os dois últimos remetem à regulação social, o que implica em dizer que, no caso destes últimos, a ação do Estado e das forças sócio-político-histórico-econômicas são determinantes.

Marquetti (2022) prefere utilizar o termo “evento suicida” ao invés de “comportamento suicida”. A autora justifica sua escolha dizendo que o primeiro termo remete mais às dinâmicas do interacionismo simbólico na antropologia, sendo mais amplo e conectado com a cultura, ao passo que o segundo se conecta mais com as vertentes individualizantes, de foro íntimo. Outro ponto a favor do primeiro conceito é que ele deixa de ser exclusivo da saúde mental e passa para a sociedade, para a cultura.

Nesta tese optamos por não fazer separação entre os conceitos por haver similaridades entre eles. Assim é que utilizamos gesto suicida, ato suicida, comportamento suicida, dentre outros possíveis como quase sinônimos. O/A leitor/a terá em mãos um texto em que estes conceitos aparecerão mesclados. Uma vantagem que “evento suicida” tem é o de marcar a potencialidade do espaço público, social, fazendo parte de algo que é tido comumente como social. Uma vantagem do conceito de “comportamento suicida” é que ele engloba não somente o suicídio, mas também a ideação, o planejamento e a tentativa. Diante deste impasse, escolhi por manter ambas as nomenclaturas e outras similares.

Em outro trabalho, Marquetti e Milek (2014) apontam a existência de um “percurso suicida”, marcado pelos sinais que a pessoa com tendências suicidas vai deixando antes de consumir o ato propriamente dito. Ponto importante a ser considerado é o que Carvalho (2014), consoante a outros autores que estudam o suicídio, aponta: a clínica do suicídio é

uma clínica do limite, da urgência e do sofrimento psíquico extremo, com especificidades que nos colocam, em muitos momentos, diante de impasses técnicos e éticos, que nos levam a repensar, e por que não dizer, reinventar alguns conceitos (Carvalho, 2014, p.11/12).

Tais impasses são postos pela autora dentro do espaço psicológico (a articulação entre Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria) e se apresentam como dificultadores da clínica psi. Cabe

também refletir sobre seus impactos na Educação, que é um dos objetivos da pesquisa aqui apresentada, onde discutirei a temática do suicídio sob o viés da Antropologia das Emoções.

Carvalho (2014) assinala ainda que o suicídio é uma das principais causas de mortalidade no mundo, principalmente entre os jovens, cuja taxa de incidência também vem aumentando. Dado este reiterado nas pesquisas epidemiológicas sobre o suicídio, como exemplo, Kuczynski (2014), que apresenta que o suicídio é a terceira causa de morte entre pessoas com idades entre 15 e 44 anos e que o mais comum entre adolescentes com idade acima de 13 anos nas emergências psiquiátricas é o comportamento suicida (tentativas de suicídio, alterações de comportamento). Vale ressaltar a existência de jogos e redes de sociabilidade que apoiam ou impulsionam os adolescentes ao suicídio, como é o caso do “Baleia Azul”, que segue um *continuum* de comportamento suicida até chegar ao suicídio propriamente dito. Lima (2022, p. 101) apresenta que:

Retrato da vida deteriorada, destacam-se os suicídios nas populações vulnerabilizadas: 79% da carga global de suicídios ocorrem em países de baixa e média renda. Se designados os jovens, esses dados crescem para 90%. (World Health Organization, 2019) No Brasil, as notificações de tentativas de suicídio estão concentradas na população com idade economicamente ativa, no entanto, a maior proporção ocorreu entre as pessoas que estavam desempregadas. (Brasil, 2019b) Em território nacional, a taxa geral padronizada entre a população indígena é três vezes maior do que a população geral (Brasil, 2017), ademais, os jovens negros têm risco aumentado de 45% de morte autoprovocada quando comparado aos jovens brancos. (Brasil, 2018a) No que tange à identidade de gênero e orientação sexual dissidentes, os dados epidemiológicos são raros, em especial pela invisibilidade desses marcadores nas fichas de notificação. Uma fonte importante é o Relatório de 2018, do Grupo Gay da Bahia, que indica que a cada 19 horas uma pessoa da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais (LGBTQTIA+) é vítima de assassinato ou suicídio.

Tais adolescentes estão inseridos num contexto escolar que, por sua vez, pode se configurar em fator de risco ou protetivo quanto ao suicídio: a escola é um fator de risco na medida em que presentifica e produz situações de violência, bullying, fracasso escolar e pode ser fator protetivo quando identifica e avalia precocemente os riscos de suicídio, promove a capacitação dos docentes, fornece aconselhamento qualificado, faz os encaminhamentos necessários e se une aos diversos atores da rede intersetorial para cuidar de tais adolescentes. Neste sentido, a formação/capacitação docente é essencial para identificar o risco e agir, uma vez que as/os docentes estão em contato direto com estudantes e famílias (OMS, 2006) e podem ser as/os primeiras/os a ter acesso, identificar, avaliar e conduzir a situação de crise.

Em pesquisa recente, Coutinho e Madureira (2021) mostraram que a escola tem um papel central no comportamento suicida na adolescência, por ser um lugar de encontro, de

saberes variados, de poder se constituir em um espaço não impulsionador ao suicídio (a escola como fator protetivo) além de ser um lugar em que o comportamento suicida pode ser identificado pelos membros da comunidade escolar.

Faço um parêntese para trazer uma explicação sobre a diferença entre Psicologia Clínica e Psicologia Escolar e Educacional, uma vez que ainda há muita confusão sobre a atuação destes profissionais. De acordo com a Resolução CFP nº 23/2022, dentre as especializações possíveis ao/a psicólogo/a estão a Psicologia Clínica e a Psicologia Escolar e Educacional. Ambas são importantes para o desenvolvimento interpessoal, para o crescimento dos sujeitos, mas se diferenciam em pontos importantes. Inclusive a clínica já foi aplicada à Educação outrora e os efeitos não foram satisfatórios. O modelo clínico aplicado em escolas resultou na ideia de “crianças problema”, uma vez que o enfoque era na saúde X doença. Pereira-Silva (2017) mostra que este modelo era descontextualizado se se considerar as necessidades da escola, sobretudo por ser centrado em ideias europeias e norte-americanas, que não atendiam a realidade brasileira. Afora este modelo clínico na Educação, temos a Psicologia Clínica como ramo da Psicologia que se dedica ao diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais, através de uma (psico)terapia daquilo que é trazido como mal-estar. Já a Psicologia Escolar e Educacional, de acordo com Cassins (2007), busca o desenvolvimento social, cognitivo e emocional, associando-os a processos de ensino/aprendizagem, visando o aperfeiçoamento destes. Assim sendo, escola não é espaço de tratamento das questões de saúde mental, ao passo que acolhimento sim, se faz na escola e não apenas pelas/os profissionais psis.

Dito isto, no que se refere à legislação, é recente a Lei que trata do comportamento suicida no ambiente escolar e a mesma ainda está sendo implementada. Data de 26 de abril de 2019 a Lei 13.819 que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e torna compulsória a notificação de casos de suspeitos e confirmados de violência autoprovocada, porém, anteriormente a ela temos alguns marcos legais que são importantes para assegurar o cuidado da saúde mental de forma ampliada, como a própria Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, temática esta que vale a pena ser discutida à parte e não no presente texto, haja vista a necessidade de profundidade que os temas requerem.

A temática do suicídio vem sendo debatida em diversas áreas para além da Saúde e Educação, e, tomando apenas estas duas áreas como referência, a Saúde tem prevalecido em número de produções sobre a temática, sendo que a Educação ainda tem poucas produções. Há muito a pesquisar sobre as temáticas em tela: comportamento suicida, escola/Educação e os diversos entrelaçamentos com os demais campos do saber. Aumentar o número de pesquisas é

também ampliar as possibilidades de intervenção e possibilidades de atuação das Ciências Sociais, que são bem-vindas. Destarte, esta pesquisa entra nos debates sobre o assunto e contribui para o aprimoramento das formas de identificação e cuidado das/os adolescentes que apresentem comportamento suicida, bem como daquelas/es não o apresentam, atuando assim de forma preventiva e trazendo um novo olhar sobre o tema. Como se percebe, esta pesquisa é relevante por haver ainda poucas pesquisas no Brasil na área das Ciências Sociais (Almeida, 2015; Tavares; Pereira; Ribeiro, 2020, Queiroz, 2020) e devido o suicídio ser um tema envolto ainda em muitos tabus, mesmo sendo uma questão de saúde pública. A pesquisa aqui apresentada visa contribuir para sanar a lacuna nas pesquisas em Educação e em Ciências Sociais/Antropologia, haja vista se situar nesta interface.

A pesquisa foi realizada numa escola específica, a saber, o Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, Campus Curvelo, um dos mais recentes dentre os 11 existentes na instituição, inaugurado em 2010. A instituição foi fundada em 23.09.1909, em decreto assinado pelo presidente Nilo Peçanha, passando por diversas denominações até chegar à nomenclatura atual. O CEFET é uma instituição de intensa cobrança, com a reprodução de significantes tais como “instituição centenária”, “de excelência”, exigindo de suas/eus alunas/os inteligência, qualificação profissional, boas notas, o que atinge a Saúde Mental das/os estudantes, e que me fez querer compreender melhor sobre o tema de estudo a que me proponho.

Até 1978 oferecia apenas cursos técnicos e, a partir desta data, começou a ofertar também o Ensino superior. Atualmente se dedica a ofertar também cursos de pós-graduação e conta com uma estrutura multicampi, sendo

a maior instituição de ensino tecnológico do Estado de Minas Gerais, levando às cidades seu ensino qualificado, suprimindo a necessidade de mão obra capacitada. Suas unidades estão em áreas com intenso desenvolvimento industrial¹.

Abaixo segue dados de inauguração das unidades:

1909 – Belo Horizonte

1987 – Leopoldina

¹ <https://www.cefetmg.br/instituicao/historia/>

1992 – Araxá

1994 – Divinópolis

2006 – Timóteo

2006 – Varginha

2007 – Nepomuceno

2010 – Curvelo

2012 – Contagem

Neste sentido, o problema central desta pesquisa é o seguinte: “Quais emoções e pensamentos o comportamento suicida das/os jovens mobiliza nas/os servidoras/es (técnico-administrativas/os e professoras/es) e estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-MG e como lidam com tais gramáticas emocionais do estudante com comportamento suicida?”. Ou seja, procuro investigar como o comportamento suicida é visto por servidoras/es e estudantes e como estes dois grupos de atores lidam com o comportamento suicida na escola, tendo em vista as especificidades de cada um. Os objetivos da pesquisa realizada foram os seguintes:

OBJETIVO GERAL: Identificar e compreender qual a gramática emocional e a micropolítica das emoções em jogo perante o comportamento suicida e estratégias de intervenção junto ao mesmo por parte da instituição.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar o nível de conhecimento e experiências prévios das/os servidoras/es e estudantes acerca do comportamento suicida;
- Conhecer as histórias, lembranças, as vivências das/os servidoras/es e estudantes sobre o tema;
- Identificar situações em que o comportamento suicida aparece no cotidiano escolar;
- Identificar emoções e pensamentos das/os servidoras/es e estudantes frente ao comportamento suicida apresentado no ambiente escolar;
- Identificar as estratégias de intervenção efetuadas pelas/os servidoras/es;
- Possibilitar a reflexão acerca da temática em tela.

A pesquisa de campo, contou com as seguintes etapas: *i*) aplicação de questionário pré-grupo focal, *ii*) realização de grupos focais e *iii*) entrevistas semiestruturadas, tanto com servidoras/es quanto com estudantes, cada grupo num momento distinto. Como se percebe, a pesquisa realizada se define como qualitativa e buscou um entendimento maior acerca de um fenômeno em foco, sendo ele os pensamentos e emoções das/os servidoras/es acerca do comportamento suicida de estudantes e também com foco na percepção dos próprios estudantes.

A pesquisa qualitativa busca estabelecer uma proximidade entre o sujeito e o fenômeno estudado, com o intento de conhecer as diversas facetas deste. Um dos objetivos do pesquisador deve ser o de buscar entender a realidade como ela é, como ela se apresenta, visando captar a experiência mesma dos participantes, estes entendidos como os portadores do conhecimento e agentes sociais do contexto, ou seja, devem ter prioridade no estudo (Martins, 2004). Esta pesquisa passou pela análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, com CAAE: 75872223.0.0000.5147, número de parecer: 6.668.889 e apoia-se na Lei Geral de Proteção de Dados (Brasil, 2018a).

Embora não tenha ficado explícito até então, possuo duplo pertencimento nesta pesquisa: primeiramente como psicólogo escolar e educacional, atuando na Coordenação de Assuntos Estudantis e Acompanhamento Pedagógico – CAEP² e em segundo lugar como pesquisador. Este duplo pertencimento fez com que as coisas se misturassem um pouco e, positivamente. Como exemplo, as/os profissionais do CEFET me procuraram em diversos momentos para falar de suicídios que haviam acontecido na cidade ou na região. Traziam perguntas, dores: *“Como pode alguém fazer isso?”*, *“O que se passa na cabeça da pessoa pra tirar a própria vida?”*, *“Fulano morreu por... (explicita o meio/lugar do suicídio)”*, *“Dizem que foi por causa de namorado.”* Como se percebe, em momentos que eu estava ali como trabalhador da Educação, eu era atravessado pelas demandas da pesquisa e troca de informações com minhas/meus interlocutoras/es, de forma tal que participaram desta pesquisa diretamente 12 servidores/as e 9 jovens, mas indiretamente o número foi bem maior.

A estrutura da tese aparece dividida em 4 capítulos, além desta Introdução e Conclusão:

No capítulo 1, a seguir, intitulado “A pesquisa sobre Comportamento Suicida nas Ciências Sociais”, apresento a motivação para a escolha do tema e a minha relação pessoal com o suicídio, apresentam-se as definições de comportamento suicida, conceitos concorrentes e os estudos clássicos e contemporâneos sobre o comportamento suicida.

² No início desta pesquisa, no ano de 2022, o setor se chamava Coordenação de Desenvolvimento Estudantil – CDE, vindo a mudar de nome em 2025, passando a chamar Coordenação de Assuntos Estudantis e Acompanhamento Pedagógico – CAEP. Nesta tese, manterei apenas o nome CAEP.

No capítulo 2, intitulado “Aspectos metodológicos da pesquisa”, apresento os aspectos metodológicos da pesquisa: a escolha da categoria juventude, a escolha do CEFET como *lôcus* da pesquisa e a Antropologia das Emoções como chave de análise e como se deu a realização dos grupos focais e entrevistas.

O capítulo 3, intitulado “Pesquisando emoções e sentimentos entre servidores/as” e o capítulo 4, “Pesquisando emoções e sentimentos entre estudantes”, seguem a mesma estrutura, qual seja: apresentação das/os participante da pesquisa, apresentação das categorias dos grupos focais, discussão das entrevistas e um entrelaçamento dos temas trabalhados/síntese.

É importante dizer, finalizando esta introdução, que o ato de falar de suicídio não o estimula, nem aumenta as chances de que venha a ocorrer. Ao contrário, falar sobre suicídio possibilita que informação qualificada chegue em espaços antes restritos e possibilita que as pessoas percam ou pelo menos diminuam seus mitos e crenças sobre o tema. Além disso, falar sobre suicídio permite às pessoas em sofrimento buscar canais e vias de ajuda, sabendo-se acolhidas e escutadas.

CAPÍTULO 1: A PESQUISA SOBRE COMPORTAMENTO SUICIDA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego
 (Construção, Chico Buarque, 1971)

Neste capítulo apresentamos as diferentes teorias desenvolvidas em torno do comportamento suicida. Na parte inicial, 1.1, “Memorial do suicídio ou sobre o porquê da escolha da temática para a pesquisa”, apresento as explicações da escolha do tema de pesquisa bem como a minha trajetória pessoal com o tema. No item 1.2, “Definindo o comportamento suicida” são apresentados os conceitos de comportamento suicida, conceitos concorrentes, breve discussão sobre fatores de risco e fatores de proteção e aspectos importantes das políticas públicas. No item 1.3, “Breves apontamentos sobre o comportamento suicida nas Ciências Sociais Clássicas” são apresentadas as ideias de Durkheim, Martineau, Marx, Weber, Malinowski e Benedict. No último item do capítulo, “Suicídio enquanto problema

contemporâneo para as Ciências Sociais” apresento as ideias de autores que mostram o suicídio como tema pouco estudado nesta área, carente de pesquisas e são apresentados também nesta parte os estudos encontrados sobre a temática.

1.1) Memorial do suicídio ou sobre o porquê da escolha da temática para a pesquisa

“Que o fato social seja total não significa apenas que tudo o que é observado faz parte da observação; mas também e sobretudo que, numa ciência em que o observador é da mesma natureza que seu objeto, o observador é ele próprio uma parte de sua observação”. A frase acima, de Lévi-Strauss (1974, p.25), mostra que o observado/o objeto e o observador partem de uma mesma realidade, sendo comuns a ambos a vivência do social. Nesta relação, o observador é afetado pelo objeto e vice-versa. De acordo com o referido antropólogo:

Não fazemos alusão, com isso, às modificações que a observação etnológica traz inevitavelmente ao funcionamento da sociedade na qual se exerce, pois essa dificuldade não é exclusiva das ciências sociais; ela ocorre onde quer que se proponha fazer medições finas, isto é, onde o observador (ele próprio ou seus meios de observação) é da mesma ordem de grandeza que o objeto observado. Aliás, foram os físicos que a puseram em evidência e não os sociólogos, aos quais ela apenas se impõe da mesma forma (1974, p.25).

Seguindo esta linha de raciocínio, este tópico se diferencia dos demais componentes desta tese, na medida em que passa a ser redigido em primeira pessoa, narrando as minhas experiências autobiográficas com a temática do suicídio. Assim, neste tópico do capítulo, trago a minha história de vida para apresentar como surgiu o interesse pelo comportamento suicida e quais foram as vicissitudes que o fizeram se tornar um objeto digno de ser pesquisado, sendo elevado à esfera de objeto de pesquisa.

Há uma máxima na Psicanálise que diz: “cada sujeito só pode dar sua contribuição na medida do seu sintoma”. Sintoma aqui é definido como modos de enfrentar a realidade, de se posicionar no mundo e de sobrevivência às demandas que surgem. Esta frase, escutada nas aulas de Psicanálise, ainda quando era graduando em Psicologia, ressoou e marcou minha subjetividade de tal forma que, hoje, quero dar minha contribuição na medida do meu sintoma: o fato de ter experienciado o comportamento suicida fez com que surgisse a pulsão de saber em torno do tema, um desejo de entender melhor o que se passa neste contexto e como este fenômeno social pode ser enfrentado.

Veena Das, em entrevista a Pierobon *et al* (2022, p.23), falando sobre “autobiografia, etnografia, biografia”, e sobre a convivência com outras pessoas, mostra que há uma certa

dificuldade dela para falar sobre certas “coisas, pessoas, eventos”. Postula então que “ao longo do tempo, eu encontrei coragem para falar, pois descobri o momento certo de falar sobre elas.” Foi imbuído deste mesmo espírito que me coloquei no exercício de escrita desta tese. É como se fosse chegado o momento de falar de meu tema de pesquisa naquilo que ele me tocou/toca ao longo da minha história de vida. Consegui fazer isso nesta tese tendo em vista um percurso de análise e cuidado com minha Saúde Mental, bem como do jogo de aproximação-distanciamento do meu objeto de pesquisa.

Retomando Lévi-Strauss (1974), me coloco como participante da minha pesquisa, no sentido de que a temática me toca diretamente, me afeta, me emociona e desperta a curiosidade em compreender o que marca as subjetividades daqueles que buscam o comportamento suicida como solução para um momento ou uma vida inteira; em que o sujeito, ao se deparar com situações intoleráveis, insuportáveis, está à mercê da possibilidade de vir a se suicidar. Vale ressaltar que, o autor, definindo o objeto, apresenta que:

Toda sociedade diferente da nossa é objeto, todo grupo de nossa própria sociedade, diferente daquele ao qual pertencemos, é objeto, todo costume desse mesmo grupo, ao qual não aderimos, é objeto. Mas essa série ilimitada de objetos, que constitui o Objeto da etnografia, e que o sujeito deveria arrancar de si dolorosamente e a diversidade das práticas e dos costumes não o pusesse diante de um fracionamento operado de antemão, jamais a cicatrização histórica ou geográfica poderia fazê-lo esquecer (sob pena de aniquilar o resultado de seus esforços) que tais objetos procedem dele, e que a análise desses, conduzida da forma mais objetiva, não poderia deixar de reintegrá-los na subjetividade (Lévi-Strauss, 1974, p.27).

Gostaria ainda de trazer as discussões de Da Matta (1978), Velho (1978) e Redon (2008) sobre o estranho e o familiar na pesquisa etnológica/etnográfica. Estes textos ressoam em minha subjetividade na medida em que apresentar pensamentos suicidas me fez mais sensível à temática e com um olhar mais humanizado sobre o mesmo. Na medida em que tomo um tema “familiar”, preciso ir construindo-o de forma “estranha” para pesquisá-lo.

DaMatta (1978, p.4) mostra que “vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico em familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico.” Neste segundo caso, há que se operar um “desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora e, assim, veio do estômago para a cabeça” (*Ibidem*, p.6). Vejo aqui, uma aproximação com a Antropologia das Emoções, quando se diz das emoções enquanto pensamentos incorporados (Rosaldo, 2019). Na pesquisa, viso esta objetividade embasada na/pela minha subjetividade deslocada, conforme assinala a Antropologia.

Velho (1978), um autor coerente com seu tempo, me ensina sobre “observar o familiar”, relativizando a ideia de objetividade. “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (Velho, 1978, s.p.) e por isso é preciso investigar as dinâmicas “familiares” para torná-las conhecidas. Assim o faço com a questão do suicídio. Velho (1978, s.p.) mostra que “a ‘realidade’ (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada”, assinalando que este encontro do pesquisador com o seu tema/objeto não é de uma “feliz coincidência” ou fruto de uma “mágica do encontro”.

Redon (2008), na sua pesquisa etnográfica com pessoas com câncer, estabelece reflexões acerca de estranhar o familiar, uma vez que começou a pesquisar pacientes do hospital em que trabalhava, o que se assemelha ao meu trabalho aqui, pesquisando servidores/as da Educação Tecnológica/Graduação e seus estudantes. Redon conta sobre como foi construindo este distanciamento e quais instrumentos lhe foram úteis (observação participante e diário de campo) e chama a atenção para a necessidade de estar atento para a dialética entre aproximação e distanciamento, aspecto este que também busco observar nesta minha pesquisa, e é nestes entre-lugares, objetividade e subjetividade, que reafirmo minha escolha em lançar luz sobre o comportamento suicida entre jovens escolares como um objeto digno para ser estudado. Antes de prosseguir e apresentar minha história com este tema, quero retomar o conceito de fato social total, conforme assinalado por Lévi-Strauss, oriundo de Mauss (2003a).

O fato social total aparece pela primeira vez no “*Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*”, texto de 1923/1924, publicado inicialmente na “*Revista Année Sociologique*”, sendo uma obra de grande relevância para a Teoria Antropológica, porque mostra como “as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, são, na verdade, obrigatoriamente dados e retribuídos” (Mauss, 2003a, p.187). De acordo com esse antropólogo, as dádivas, tidas como fenômenos sociais totais, advêm de uma obrigação, a saber, a de dar – receber – retribuir, evidenciada em diferentes culturas. Mauss (2003a) utiliza a terminologia “*potlach*” para descrever as prestações totais (presentes nas trocas, na obrigação de dar/receber/retribuir), que se constituem fatos sociais totais, sendo que o autor observa tais comportamentos numa “comparação entre diferentes sistemas de dádivas nas sociedades da Polinésia, Melanésia e noroeste americano” (Sertã; Almeida, 2016, s.p.).

Lévi-Strauss (1974) adensa o debate acerca do fato social total ao afirmar que:

não consegue sê-lo por simples reintegração dos aspectos descontínuos - familiar, técnico, econômico, jurídico, religioso — sob qualquer um dos quais

poderíamos ser tentados a apreendê-lo exclusivamente. É preciso também que ele se encarne numa experiência individual, e isto sob dois pontos de vista diferentes: primeiro, numa história individual que permita “observar o comportamento de seres totais, e não divididos em faculdades”; a seguir, naquilo que gostaríamos de chamar (reencontrando o sentido arcaico de um termo cuja aplicação ao caso presente é evidente) uma antropologia, isto é, um sistema de interpretação que explique simultaneamente os aspectos físico, fisiológico, psíquico e sociológico de todas as condutas: “o simples estudo desse fragmento de nossa vida que é nossa vida em sociedade não basta” (p.24/25).

O fato social total, assim, apresenta-se de forma tridimensional: *i)* a sociológica, *ii)* histórica e *iii)* fisio-psicológica. Ele faz uma junção entre o social e o individual, o físico/fisiológico e o psicológico/psíquico, devendo ser apreendido numa realidade concreta, como é o caso desta investigação do comportamento suicida no ambiente de uma escola. Lévi-Strauss (1974, p.24) apresenta uma lista de reduções que devem ocorrer para se ter um fato social total, sendo elas:

1) diferentes modalidades do social (jurídica, econômica, estética, religiosa etc.); 2) diferentes momentos de uma história individual (nascimento, infância, educação, adolescência, casamento etc.); 3) diferentes formas de expressão, desde fenômenos fisiológicos como reflexos, secreções, desacelerações e acelerações, até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas.

O comportamento suicida atende à estas especificações, sendo estabelecidos alguns recortes para esta pesquisa: o de lugar (escola) e o de geração/curso de vida (juventude), sendo que ao longo da apresentação dos resultados ficarão mais visíveis as interações das diferentes modalidades do social e os momentos da história individual.

Para mim, tudo começou ainda na infância, com a descoberta da sexualidade. E novamente aqui há tanto a Psicanálise ao dizer da sexualidade infantil, quanto as estruturas modernas que impõem uma única maneira de viver e construir nossos desejos. As crianças enquanto humanos, são movidas por este modo de estabelecer vínculo e relações com o outro de diferentes formas, como: no afeto com colegas, no apego à família, na escolha de amigos, ou seja, há uma gama de possibilidades de explorar, desde crianças, os prazeres e desprazeres consigo e com o outro. E eu não estava imune a elas.

Nesta mesma etapa do meu ciclo de vida descobri o interesse por crianças e adultos do mesmo sexo que eu. Sem entender muito o que aquilo significava, fui aprendendo que existiam diferenças entre mim e os meus colegas. Este desejo era errado? Era pecado? Eu era/estava doente? Foi uma fase em que vivi cercado de silêncio, como o tabu do suicídio (Silva Filho; Minayo, 2021), o que fez com que vivesse as angústias de ser um menino gay, e que iria descobrir as múltiplas violências que marcariam minha subjetividade e pactos com a vida de

forma solitária, sem compartilhar meus medos, fantasias, dúvidas com ninguém. Não por falta de confiança, mas porque eu já sabia da possibilidade de perder afeto e respeito.

Até que um dia, por volta dos 10 anos de idade, resolvi falar que estava pensando em suicídio com minha família. O resultado foi uma surra! Paradoxalmente, além de não ser acolhido como esperava, aprendi que o silêncio me manteria “seguro”. Ao longo do tempo, compreendi que minha família também não estava preparada para lidar com uma frase daquelas. E, imbuídos, ela e eu, de uma forte crença religiosa, o mais correto a fazer era rezar. E assim o fiz. Enquanto eles, provavelmente, pediam para Deus tirar esses pensamentos de mim, eu me dediquei a rezar para pedir a morte. Talvez, Ele, respeitasse a minha voz. Eram orações intensas e fervorosas, suplicando ora presentes que minha família não tinha condições de me proporcionar, ora pedindo a morte, já que o suicídio não era uma opção.

Para além da questão financeira, o que realmente me motivava a desejar morrer era a sexualidade sendo descoberta em um turbilhão de emoções, confrontava a fé e meus preceitos da família tradicional, de casar e ter filhos num relacionamento heteronormativo. Não havia espaço para a realização do desejo real e a morte se avizinhava como solução para a angústia.

Faz-se importante localizar, que além da carência de políticas públicas na área da saúde e na educação, faltavam pessoas que cuidassem, informassem e acolhessem as/os jovens que precisavam reconstruir o pacto com a vida, a não ser na cidade “grande”. Ser um homem gay, gordo, afeminado, negro, pobre, do interior, me tornaram alvo de violências gordofóbicas, raciais e lgbtfóbicas desde muito cedo. Mesmo que não conseguisse, racionalmente, codificar o que estava sofrendo, talvez, por ainda ser muito novo na época, só queria que as dores provocadas, por não performar aquilo que se espera de um homem, se aliviassem.

As vivências escolares eram ambíguas pois reforçavam a ideação suicida por intermédio das violências de gênero de que era vítima, devido a minha orientação sexual, ou antes dela, por ser afeminado. Por outro lado, eram protetivas, devido aos vínculos com os professores, com os estudos, com a vontade de mobilidade social. Não tinha amigos, afinal, todos eram constantes nas violências devido a minha identidade. De toda forma, as vivências escolares serviam como um pacto com a vida: estudar me motivava a enfrentar as violências e a querer ascensão social, estudar era uma válvula de escape para as coisas que não estavam tão boas.

A literatura sobre suicídio (Escobar; Arruda; Sobrinho, 2022, Cecchin *et al*, 2022, Sganzerla, 2021, Brito *et al*, 2020, OMS, 2000, dentre outros) mostra a importância da escola para o enquadramento desta realidade, nestes dois vieses, da proteção e do risco. A critério de exemplo, a existência de bullying é um fator de risco para o comportamento suicida, ao passo que boas relações interpessoais é um fator protetivo, donde deriva que o papel da escola na

prevenção do comportamento suicida é de grande valia e precisa ganhar visibilidade, ainda que algumas práticas necessitem ser revistas de modo a favorecer um ambiente mais acolhedor nas questões de saúde mental.

Seguindo com minha trajetória, com o advento das primeiras experiências sexuais com outros homens, a culpa de ser quem eu sou se intensificou, já que ainda era muito apegado aos dogmas da Igreja, o que resultou em um passo preocupante: planejamentos suicidas. Perguntas, como: “Como? Onde? Quando?” acompanhavam meu cotidiano, mas eram interrompidas por motivos diferentes: o medo do Inferno, as reações da família, a presença de sobrinhas/os e o exemplo negativo que deixaria. Entre o juízo de valor e os possíveis pactos com a vida, este sofrimento se estende por uma década, até eu ter acesso a ajuda profissional.

Durante um tempo, o período da juventude, as ideias suicidas não eram tão presentes no dia a dia, mas ainda assim marcavam presença vez ou outra. Nesta época me envolvi em diversos grupos religiosos e fui tendo um destaque, um lugar de acolhimento e de reconhecimento nestes lugares, o que acabou ajudando a moldar mais ainda minha identidade. No entanto, quando comecei a graduação em Matemática, com 18 anos, e um namoro heteroafetivo, foi o período em que os pensamentos se tornaram mais fortes. Como é possível gostar de alguém do sexo oposto e ao mesmo tempo querer alguém do mesmo sexo? Como fazer para ter uma família e agradar a Deus e à minha família? Estou enganando-a? Me enganando? O que eu quero? Eu posso desejar? Na minha ingenuidade e falta de conhecimentos, apenas era possível um ou outro, ou A ou B, desconhecendo ou não acreditando que era legítimo construir minha sexualidade orientado por um leque diverso. O namoro não durou, mas os sentimentos suicidas, sim. Já eram presentes antes do namoro e permaneceram após. Talvez, tentar me formatar à heteronormatividade, não faria cessar o sofrimento que me acompanhava ao longo desta trajetória.

Mudança de curso. De área, de vida, de estratégias. De Matemática para Psicologia. Aqui eu já estava com 20 anos, em plena juventude. Psicologia era um curso que eu nunca tinha pensado em fazer, mas que já estudava bastante seus temas. Inclusive, queria ir para atendimento psicanalítico há muito tempo. Na época eu tinha a visão de que Psicanálise e Psicologia eram uma coisa só e tinha a ideia do consultório com divã, luz baixa e um psicólogo que escutasse tudo o que eu dizia, sem julgamento. Aprendi a diferença entre as duas áreas no curso; meu amor pela Psicanálise aumentou, sendo a abordagem escolhida para minha atuação até hoje. Nesta época, a paixão pelo curso de Psicologia contrastava com os sentimentos suicidas, que ainda eram presentes. Havia aí muita vontade de aprender, de me tornar psicólogo/psicanalista e isso me motivava a seguir. Era um giro no comportamento suicida e

isso me salvou durante um bom tempo. Permanecia o silêncio, porém, a vontade de falar era cada vez mais intensa, queria compartilhar isso com alguém e cuidar desta dimensão da minha vida.

Mesmo estando no curso de Psicologia, só fui buscar análise no 4º período, época que precedeu meu primeiro estágio. A motivação era que eu não queria que as minhas questões e sintomas interferissem na minha prática profissional. Pensava eu na sexualidade, que ainda era uma questão bem proeminente. Busquei então como primeira analista, Christine, justamente uma ex professora. Em Psicanálise há um conceito, o de transferência, que designa os sentimentos positivos e negativos direcionados a uma pessoa, sendo atualizações da relação com as imagens parentais (Freud, 1912³). A escolha desta analista foi sob a transferência construída na sala de aula. Daí, novamente, a importância das vivências escolares para o desenvolvimento dos estudantes: é importante para eles fazerem terapia com seus professores? Eu sei que não, uma vez que os docentes não estão capacitados para uma escuta neste nível, mas vale situar que a transferência positiva com os professores pode possibilitar um ambiente de acolhimento e influenciar até mesmo na ponte intersetorial, uma vez que, confiando nos cuidados da escola, um estudante pode procurar cuidados com sua saúde pois aprendeu na escola que isso faz bem, que não é drama, que a vida é difícil mesmo, que há seus percalços mas há também outras possibilidades...

Eis que no meu primeiro estágio, realizado no ambiente escolar, o jovem que eu atendia apresentava ideação suicida. Pensei, ao buscar a análise, que os estágios e práticas profissionais pudessem me tocar na questão da sexualidade e, na verdade, o primeiro impacto foi justamente na questão do comportamento suicida. O jovem foi acompanhado durante um semestre, atendido semanalmente, em que discutíamos sobre essa questão, assim como outros fatores da sua vida, sobretudo relacionados ao desenvolvimento dele no seu ciclo de vida. Ao final do estágio, conseguimos que ele fosse encaminhado para acompanhamento psicológico na Clínica Escola da faculdade para cuidar das dimensões supracitadas e no desenvolvimento/aumento de suas habilidades sociais.

O curso foi evoluindo e as/os pacientes com ideação suicida foram aparecendo, ficando frequentes. Eu as/os atendi em estágios dos mais diversos possíveis, mormente na Clínica, em

³ “Transferência: al. Übertragung; esp. transferencia; fr. transfert; ing. transference. Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos. Historicamente, a noção de transferência assumiu toda a sua significação com o abandono da hipnose, da sugestão e da catarse pela psicanálise.” (Roudinesco; Plon, 1998, p.766/767).

Saúde Mental (Centro de Atenção Psicossocial II – CAPS II, Centro de Atenção Psicossocial ad – CAPS ad, Núcleo de Atenção à Saúde da Família – NASF) e na área Educacional, de modo que terminei meu curso tendo escutado, acompanhado e ajudado dentro das minhas atribuições, diversos sujeitos com comportamento suicida, com histórias de vida muito singulares e diversificadas. Neste processo de ir me formando um profissional da saúde e tendo diante de mim, pacientes com comportamento suicida, teve impacto na minha subjetividade e na própria formação. Escutar os pacientes me dava motivos para continuar e motivos para querer ajudá-los, querer contribuir para que eles mesmos fizessem seus pactos com a vida. Eu estudava com afinco, fazia supervisões e mantinha minha análise pessoal. Minhas intervenções vinham deste lugar de intenso trabalho e cuidado. Primeiro para comigo mesmo, para que assim eu tivesse plenas condições de cuidar. Segundo, de um lugar de efetivo cuidado com o paciente, auxiliando-o nos seus percursos de vida. E isso permaneceu por toda a minha vida acadêmica e profissional.

Após a graduação, meu primeiro trabalho foi em um Centro de Saúde, atendendo ambulatorialmente pacientes. Meu trabalho como psicólogo clínico foi novamente marcado pelos múltiplos casos de pacientes com comportamento suicida, desde os pensamentos sobre morte até tentativas de suicídio propriamente dita. Nestes contextos pude aprofundar ainda mais nas motivações para o suicídio, na epidemiologia e na identificação de fatores de risco e proteção. Ao mesmo tempo em que aprendia com estas pessoas sobre o comportamento suicida, eu fui ministrando palestras, oficinas e capacitações em Saúde Mental, muitas delas com foco na prevenção do suicídio. A morte me convocava a trabalhar de uma perspectiva diferente da relação que até então eu estabelecia com ela. Neste intenso trabalho em prol da pulsão de vida⁴, eu colocava em xeque o desejo puramente de morrer e nuançava minha relação com ele.

Meu segundo trabalho foi em um CAPS II/III, serviço este responsável por atender às crises em Saúde Mental, dentre as quais o comportamento suicida se configura como uma de suas demandas. Estive neste trabalho por três anos e pude acompanhar diversos casos de pacientes com ideação e tentativas de suicídio. Neste trabalho também foram mais intensos os cursos de capacitação da equipe em saúde mental, aos quais me dediquei exaustivamente até

⁴ “A partir de Além do princípio do prazer (Jenseits des Lustprinzips, 1920), Freud utiliza correntemente Eros como sinônimo de pulsão de vida, mas é para inscrever a sua nova teoria das pulsões numa tradição filosófica e mítica de alcance universal (por exemplo, o mito de Aristófanes, em O Banquete de Platão). Assim Eros é concebido como o que tem por objetivo ‘... tornar a vida complexa reunindo a substância viva, estilhaçada em partículas, em unidades cada vez mais extensas e, naturalmente, conservá-la neste estado’. O termo ‘Eros’ é geralmente usado para designar as pulsões sexuais numa intenção deliberadamente especulativa; citemos, por exemplo, estas linhas: ‘A especulação transforma esta oposição [entre pulsões libidinais e pulsões de destruição] na oposição entre pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte.’”(Laplanche; Pontalis, 2001, p.151)

minha saída, onde fui para um Centro de Saúde, cujo funcionamento era na lógica do NASF, de forma que, pude acompanhar 8 Equipes de Saúde da Família.

Prosseguindo com minhas experiências profissionais, fui trabalhar em outra cidade, também em um CAPS, desta vez, voltado para usuários de álcool e outras drogas. De forma similar aos demais trabalhos, tive pacientes que tinham como questão central (ou mesmo secundária) o comportamento suicida. Estes pacientes foram acolhidos e cuidados da melhor forma possível, tentado resgatar com eles a pulsão de vida e ampliá-la para fazer frente à pulsão de morte.

Meu último trabalho e atual, inclusive, é em uma escola, onde mais uma vez me deparo com o comportamento suicida presente entre os estudantes. Parênteses: para trabalhar nesta escola, mudei de cidade e mudei de analista. Fernando, meu psicanalista, me acompanha nas minhas questões subjetivas, nas minhas dores e angústias. Inicialmente por atendimentos presenciais, depois online (pandemia), depois alternando, mas sempre presente. Atualmente os atendimentos são online. Friso a questão da minha análise pessoal tanto por fazer parte da minha formação enquanto psicanalista como também para mostrar a importância do cuidado em Saúde Mental. Também faço sessões com psiquiatra e tomo medicações que me ajudam a me manter estável emocionalmente. Desvelo e exponho algumas destas questões pessoais, não para apontar limitações, mas que seja compreendido que atuar com pessoas com comportamento suicida, precisa ser em rede, inter e transdisciplinar, pois há toda uma rede de cuidados em saúde mental, que pode e precisa ser acessada. Paralelamente, destaco a importância de outros cuidados que venho aderindo em meu cotidiano, como: atividade física, rede suportiva de amigos, mantendo boas relações e vínculos positivos com o trabalho, dentre outros.

Nesta escola onde trabalho, alguns jovens apresentam comportamentos que levam a pensar no comportamento suicida, tais como: presença de transtornos mentais não tratados, contextos sociais de vulnerabilidade e lesão de direitos, presença de histórico de bullying, racismo, lgbtfobia, gordofobia, transtornos alimentares, disforia de imagem, dentre outros. Acrescente-se a isso, o contexto pandêmico que aumentou as condições de saúde mental, com maior número de ansiedade e depressão, por exemplo, conforme assinalam publicações que alertam sobre o aumento das estatísticas de suicídio (OPAS, 2020; 2021).

Meu trabalho como psicólogo escolar e educacional frente ao comportamento suicida é sempre demandado no Setembro Amarelo, ocasião esta em que parece haver uma obrigatoriedade de mostrar o que faço. Porém, esta demanda não cabe exclusivamente ao psicólogo e sim, à comunidade escolar. Neste sentido, realizo ações voltadas às/aos estudantes tais como palestras, rodas de conversa, oficinas, atendimentos, orientação à suas famílias,

encaminhamento à rede de saúde, dentre outros. Há também ações realizadas com outras/os profissionais da instituição: discussões de casos, atendimento e acompanhamento conjuntos, etc. Por mim, a prevenção do suicídio é realizada ao longo de todo o ano.

Como se percebe, o suicídio/comportamento suicida sempre esteve presente em minha vida nos diversos momentos do meu ciclo vital. Na infância, com o aparecimento da ideação suicida. Primeira vez que aparecem as ideias de morte e vontade de suicidar. Na adolescência/juventude, com o florescimento da sexualidade objetual (Freud, 1905), a situação se complica e a vontade de morrer se torna mais intensa. Época de descoberta sexual, de maior bullying (LGBTfobia) na escola, tanto pelos meus pares, quanto pelos adultos, e de pouco suporte para lidar com a questão da morte. Na vida adulta, as crises suicidas continuam, acrescidas de diferentes fontes de informação sobre o suicídio: há casos de suicídio na família, há casos de ideação suicida e tentativas prévias nos estágios em que fiz durante o curso de graduação em Psicologia e há comportamento suicida presente em todos os meus trabalhos, o que me desperta para a ideia de que o mesmo é mais comum do que imaginava. Em paralelo a isso, assim que foi possível, comecei meus acompanhamentos em Saúde Mental (psicanalítico e psiquiátrico) e minhas supervisões em Psicanálise. No rigor psicanalítico, há que se ter um tripé para se autorizar enquanto psicanalista: formação teórica, análise pessoal e supervisão. Não me descuidei disso e sempre estive atento a este tripé. Adotar esta postura profissional, de cuidado com o meu saber, me fez perceber que isso era um eixo organizador de minha subjetividade e embora eu tenha buscado atendimentos particulares (por diversos motivos pessoais), vejo que a rede pública de saúde mental pode contribuir e muito com o arrefecimento do comportamento suicida na medida em que oferta serviços e profissionais qualificados a uma escuta deste sofrimento.

Numa trajetória que não é linear, e sim cheia de altos e baixos, momentos de alegrias e estabilidade e momentos de crise, onde o suicídio parece ser a única solução, fui me constituindo sujeito. Sujeito que pesquisa, estuda, trabalha, vive e se aprofunda na construção de sua subjetividade. Eu imaginava que o meu interesse para com o suicídio seria levado para o doutorado, que pretendia cursar em Psicologia ou Psicanálise e, assim, fiz minha formação de mestrado em Desenvolvimento Social, pesquisando um tema que era muito caro a mim: estigma territorial⁵. Para o doutorado, todavia, a paixão pelas Ciências Sociais já estava

⁵ Remeto os/as leitores/as interessados/as no tema à minha dissertação publicada em 2014:

RODRIGUES, Arnaldo Oliveira. **Relações sociais de espaço e suas facetas de desigualdade e estigmatização**: um estudo das representações sociais de moradores do “Feijão Semeado”, Montes Claros-MG. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unimontes.br/handle/1/1338> Acesso em: 22.nov.2025

instalada e busquei processos seletivos nesta área, tendo sido aprovado na Universidade Federal de Juiz de Fora e com o professor Dr. Raphael Bispo dos Santos tendo aceitado me orientar.

Quero retomar um ponto teórico que, de certa forma, foi demonstrado aqui: o suicídio como fato social total. Mauss (2003a) ao defini-lo assinala sua amplitude no social, mobilizando categorias e áreas aparentemente distantes uma da outra. Neste breve relato, mobilizei aspectos econômicos, religiosos, de saúde pública e privada, acesso à rede de saúde mental, aspectos internos/individuais e aspectos sociais, donde podemos perceber que o suicídio de fato pode ser definido como um fato social total.

Outro ponto teórico pertinente a ser apresentado é referente às ideias de Mead (1928/2015) em que a autora, no capítulo *Adolescência em Samoa*, se dedica a entender como se dá a adolescência comparando a sociedade estadunidense e a cultura samoana. Observa como ponto fundamental, a educação das crianças e adolescentes nos dois contextos e vai traçando paralelos e distanciamentos entre ambas. Seu objetivo se deve à importância que os estudos da infância e da adolescência haviam ganhado nos Estados Unidos devido aos estudos da Psicologia da Infância e dos desajustamentos que os jovens apresentavam, tornando a adolescência um estágio de desenvolvimento compreendido como conturbado e de tensões. Decide-se a observar meninas por ser ela mulher e isso poderia ser um facilitador de aproximações, assim como a extensa bibliografia centrando o olhar para os meninos, reforçando a relação discutida por Levi-Strauss (1976) em que a pesquisadora acaba por inscrever sua relação com o objeto, tornando-se participante de sua investigação.

Mead (2015) observa em Samoa uma educação mais fluida, exercida entre os adultos, na comunidade. A personalidade, tão valorizada nos Estados Unidos, ficava secundarizada em Samoa em prol do coletivo. Observa ainda uma diferenciação dos sentimentos, sendo que em Samoa, eles eram mais amenos, mais passageiros. Amor, ódio, luto, sofrimento tinham a duração de semanas e não eram longevos como no seu país de origem. Observa que a passagem da adolescência para a vida adulta ocorria mais em função da altura e disposição corporal do que da puberdade propriamente dita. Além disso, por estarem inseridas no coletivo, todas e todos faziam atividades para o coletivo já desde a infância. A autora conclui o texto com a diferença entre brincar e trabalhar, sendo que as crianças estadunidenses brincam de trabalhar, ao passo que em Samoa elas já possuíam funções delimitadas desde cedo.

Articulando estas ideias de Mead (2015) à problemática do suicídio, vemos que ele deriva do social, de padrões de cultura aos quais os sujeitos fazem parte. É mais cultural do que se imagina e faz parte dos padrões de comportamento da sociedade, variando de cultura para outra. Ademais, há a questão do caráter cultural das emoções, vivenciadas de forma

diferenciada nos Estados Unidos, em Samoa e em qualquer outro lugar do mundo. A gestão das emoções se dá em conformidade com a vida social de cada lugar. Em Samoa, as jovens lidavam com naturalidade com temas que são tabus: morte, sexo, incesto. O suicídio, como já falei acima, é cercado de tabus e de interditos hodiernamente, sendo por isso de difícil acesso ao público comum, algo que dificulta a fala daqueles que pensam nele, de forma que a gestão das emoções fica restrita ao plano individual após esta interdição no social, impossibilitando que os sujeitos desenvolvam ferramentas para lidar com essas questões, diferente do povo de Samoa que lida com as emoções de forma mais aberta, pública, não sendo elas muito intensas como o são em outras culturas.

Neste sentido, minha adolescência/juventude foi bem tumultuada e cheia de tabus e interdições devido ao contexto cultural no qual nasci: pobre, religioso, criado em família tradicional, com regras e padrões sociais rigorosos. Minha gestão das emoções foi tensa, buscando um equilíbrio entre meus desejos e a realidade que de mim era exigida.

Como percebe-se neste capítulo, o suicídio esteve presente em minha vida em diferentes versões: individual e coletiva, psicológica e social, familiar, enquanto sujeito que buscava o comportamento suicida, ou que trabalhava em prol da Saúde Mental de outros sujeitos. Veena Das, em entrevista a Pierobon *et al* (2022, p.22) afirma que:

eu acredito que, quando eu digo que existe um caminho em que autobiografia, etnografia e biografia se entrelaçam, a questão é que a escrita antropológica é também produzida dentro de uma forma de vida, pensar não é algo que acontece fora de uma forma de vida. Você está escrevendo em resposta a um problema que se apresenta a você a partir do mundo que você habita.

Não que aqui seja uma autobiografia ou uma autoetnografia, mas pude relatar um pouco das minhas angústias com relação ao tema e como, a partir dos meus enfrentamentos ao suicídio, fui movido pelo desejo de pesquisá-lo de forma ética e aprofundada, produzindo reflexões e projetando utopias, para que a escola se movimente e entenda seu importante papel com os adolescentes na vitalização de sua trajetória de vida. Escrevi esta tese a partir de um problema muito caro, parte do meu mundo, da minha realidade. Finalizo citando Emicida/Belchior em uma tentativa que me move em direção a fazer laço com a vida:

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
(AmarElo, Emicida, 2019)

Passemos agora a discutir o suicídio nas Ciências Sociais clássicas, para em seguida discuti-lo hodiernamente, nos tópicos a seguir.

1.2) Comportamento suicida: um olhar sobre o campo psi e a Saúde

Os temas relacionados ao suicídio tem sido preocupação frequente nas áreas biomédicas e, como tal, vem sendo estudado sobretudo pelo campo psi, (a saber: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise), pela Epidemiologia e pela Saúde Pública, gerando preocupações de cunho clínico, preventivo e intervencionista, fazendo com que algumas categorias ganhem relevância, tais como: prevenção e promoção da saúde, identificação de fatores de risco e fatores de proteção, identificação de fatores predisponentes e fatores precipitantes do suicídio, dentre inúmeras outras categorias.

Imbuído de um olhar antropológico, me dedico aqui nesta parte do capítulo, a apresentar o comportamento suicida, suas definições e conceitos concorrentes, apresentando algumas das discussões que tem sido realizadas no meio clínico, psi, biomédico, da saúde pública. Vale ressaltar que os conceitos a seguir apresentados em sua maioria não são conceitos antropológicos nem oriundos das Ciências Sociais, que serão abordados nas demais partes deste capítulo, mas é importante trazê-los para a discussão pois, para discutir o suicídio de forma ética, é preciso compreendê-lo de forma inter e transdisciplinar.

O comportamento suicida é um problema de saúde pública que acontece não apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS (WHO, 2014) refere-se a um grupo de ações que contêm a ideação suicida, o planejamento, a tentativa e o suicídio propriamente dito. É o conjunto de ações que fazem com que o indivíduo possa causar lesão em si mesmo, independente do grau da lesão, do grau da intenção letal e do real motivo do ato. É um fenômeno complexo, multifatorial, multicausal e multidimensional, sendo importante observar as diversas dimensões envolvidas no processo: “individual, familiar, comunitário e social” (Brito *et al*, 2020, p.2).

O comportamento suicida é definido por Abreu *et al* (2010) como um ato no qual o indivíduo ocasiona lesão a si mesmo, independente do grau de intenção letal e da motivação para tal ato. Isso implica em apresentar o comportamento suicida num *continuum*, no qual podemos incluir pensamentos de morte e autodestruição, ameaças, gestos, tentativas de suicídio, culminando no próprio suicídio.

Tal definição é corroborada por Aguiar (2011) que acrescenta à lista o parassuicídio: atitudes/comportamentos que, embora não resultem diretamente em morte, podem ser incluídas

no espectro do comportamento suicida, uma vez que se originam na falta de atenção às questões importantes de saúde que demandam cuidado. Ou seja, imitam o gesto suicida, porém sem resultado fatal. São exemplos destas ações: deixar de tomar medicações vitais, exceder-se na quantidade de medicamentos sem real necessidade, atos de automutilação, comportamento sexual de risco, dentre outros.

Santos e Leão-Machado (2019), apoiando-se nas definições do Conselho Federal de Medicina, apresentam o comportamento suicida como: “os planos, as tentativas e os pensamentos de suicídio. Esses comportamentos na maioria das vezes não chegam ao nosso conhecimento” (p.90). Define ainda o suicídio como sendo: “um ato deliberado causado pelo próprio indivíduo de forma consciente e intencional, utilizando de meios letais” (p.90).

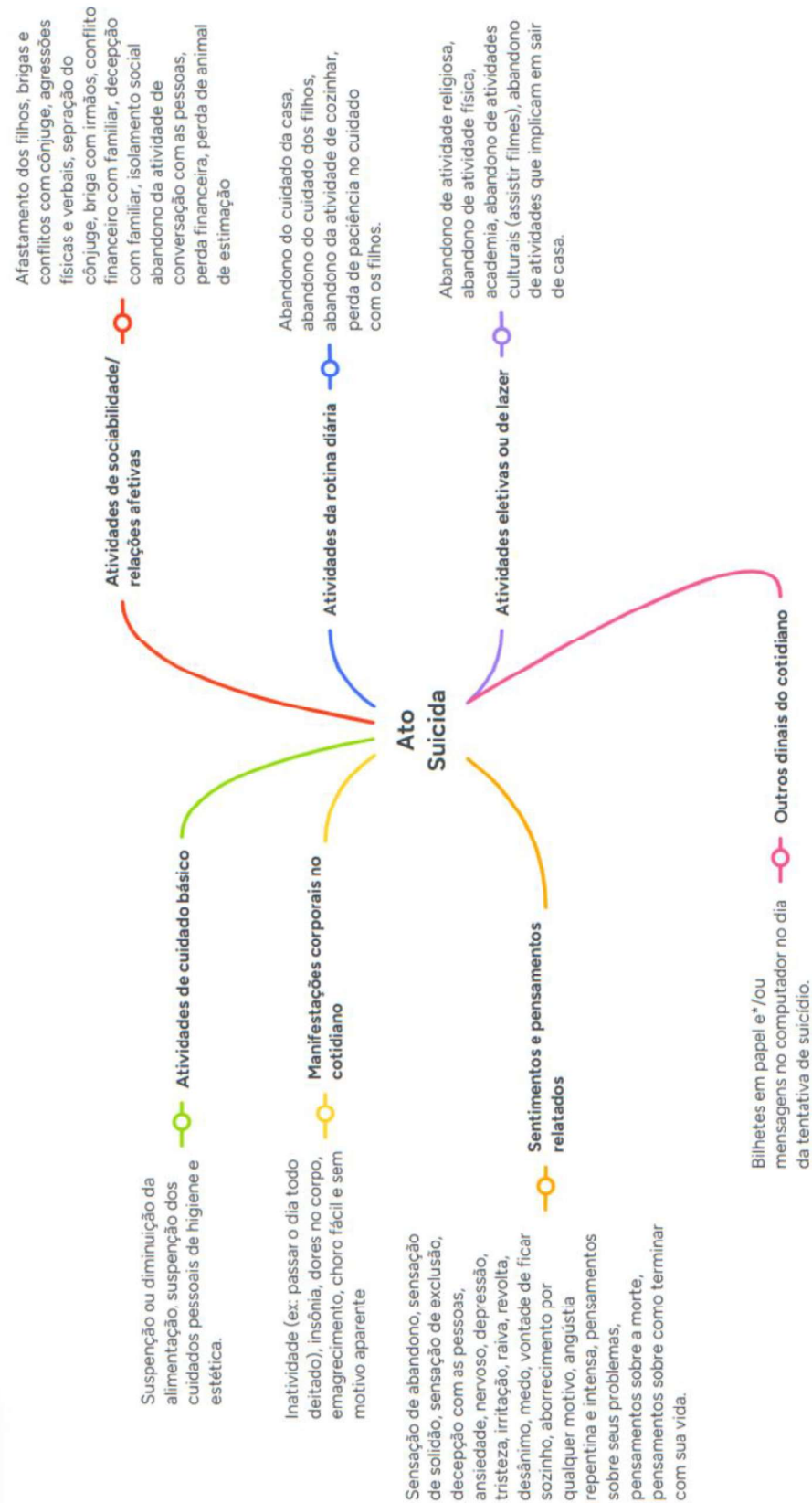
A ideação suicida na idade escolar e adolescência aparece como algo comum, até mesmo pelas transformações do pensamento concreto em pensamento abstrato e pelas mudanças na forma de encarar a morte, passando de um período em que não envolve nenhuma emoção especial (infância) até às preocupações com a vida após a morte, com o corpo, com as novas relações e com o mundo novo que se descortina (na adolescência). Neste sentido, o jovem pode se enxergar como um fardo para as pessoas à sua volta e ver o suicídio como uma solução, principalmente se estiverem associados sentimentos de desespero e solidão.

Braga e Dell’aglio (2013) dividem o comportamento suicida em três grandes categorias: *i)* ideação suicida, *ii)* tentativa de suicídio e *iii)* suicídio consumado. Na ideação estão incluídos “pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar” (p.4), sendo um preditor do risco para o suicídio, uma vez que representa o primeiro passo para o mesmo. Ainda de acordo com estas autoras, “a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, sendo que com frequência o indivíduo que comete o suicídio manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal com relação à ideia de atentar contra a própria vida” (p.4). O suicídio não aparece como primeira opção logo de início e, como percebemos, há uma trajetória crescente entre a ideação e o suicídio consumado, espaço de tempo este que pode ser utilizado para intervenções junto à pessoa, junto ao jovem para evitar que ele encontre a solução fatal, sendo que após uma primeira tentativa, existe uma probabilidade maior de vir outra tentativa.

Segundo Marquetti e Milek (2014) o sofrimento é o eixo central que estrutura todo o percurso suicida levando as pessoas a retirarem suas vidas, fato este que não acontece ao acaso. Para estas autoras: “os suicídios são eventos que propõem o diálogo sobre morte e seus interditos, um evento repleto de significações, que comporta vários discursos, reações, esquivas, defesas, racionalizações e negações” (p.25). Neste sentido, as mortes por suicídio e as tentativas de suicídio acontecem após a presença de mudanças no cotidiano destas pessoas,

que sinalizam o comportamento autodestrutivo. O suicídio aparece “como o ato final de um processo, que se fortalece diariamente, mediante pequenos pensamentos e atitudes discretas” (p.19). Dentre as alterações, podemos citar: alterações nas atividades de sociabilidade/relações afetivas, nas atividades laborais e escolares, nas atividades da rotina diária, nas atividades eletivas e de lazer, nos cuidados pessoais e corporais no cotidiano, bem como nos sentimentos e pensamentos. Abaixo, segue o Mapa de Risco de Suicídio, elaborado pelas autoras:

Figura 1: Mapa de Risco de Suicídio



Fonte: Marquetti; Milek, 2014, p.23. (Mapa de Risco de Suicídio modificado pelo autor desta tese para melhor visualização dos leitores e leitoras)

Este Mapa mostra as alterações agrupadas em categorias do cotidiano das pessoas que tentaram suicídio, sendo importante para localizar mudanças no comportamento e possíveis estratégias de prevenção. Estas mudanças podem ser sutis e não chegarem a ser percebidas por amigos, familiares e profissionais de saúde e o Mapa pode ajudar a localizar posicionamentos diferentes no cotidiano destas pessoas, que podem levá-las ao suicídio, uma vez que “há um longo processo entre a ideia suicida e a consumação do ato” (Marquetti; Milek, 2014, p.24).

A psicanalista Soraya Carvalho (2014) assinala que o suicídio é uma das principais causas de mortalidade no mundo, principalmente entre os jovens, cuja taxa de incidência vem aumentando. Dado este reiterado nas pesquisas epidemiológicas sobre o suicídio e estatísticas recentes: “no mundo, o suicídio é a quarta maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos. No Brasil, a taxa de suicídio é de 6,4 para cada 100 mil habitantes entre indivíduos de 15 a 19 anos, e de 8,9 para cada 100 mil na faixa etária de 20 a 39 anos” (Ceccin *et al*, 2022, p.4).

O suicídio é uma questão multifatorial e se constitui hoje como um problema de saúde pública, sendo abordado por diversas áreas do conhecimento. Conforme dito acima, ocupa uma das primeiras posições no que se refere à mortalidade de jovens entre 15 e 29, sendo evitável em parte considerável delas (WHO, 2014). Marcolan e Silva (2019, p.41) mostram que “o comportamento suicida é um grave problema mundial de saúde pública e tem crescido de modo apreensivo ao longo dos últimos 35 anos, causando sofrimento aos sobreviventes e à sociedade em geral”.

Outros conceitos que aparecem na literatura associados a comportamento suicida são: autolesão não suicida, violência autoinflingida e automutilação. Passemos agora a detalhar cada um deles, a começar pela autolesão.

Autolesão não suicida ou síndrome da autolesão não suicida, cuja sigla é ALNS, pode ser definida como uma condição médica que tem aumentado consideravelmente nas últimas três décadas no mundo todo. Entre os adolescentes, há uma estimativa de que 7 a 14% se autolesionem ao menos uma vez na vida de forma deliberada, sendo este um marcador importante para o risco de suicídio em mais da metade dos jovens que se autolesionam. As autolesões podem ser de diversas ordens: cortes, interferir no processo de cicatrização de ferida, bater com a cabeça contra objetos, mordidas, se coçar, golpes inflingidos no corpo, overdose e queimaduras, nesta ordem. A gravidade da autolesão vai desde leve (arranhões, socos, puxões de cabelo, etc) até situações mais graves (cortes na pele, perfuração da pele fazendo uso de objetos pontiagudos, queimaduras, comportamento sexual de risco, dentre outros). Esta variação ocorre dependente do humor do jovem e da situação vivenciada por ele, sendo que o

tempo médio dos episódios pode ser de 1 a 30min. Carmo *et al* (2020) propõem o modelo de *iceberg* para entender o suicídio e a autolesão:

Considerando a associação entre ALNS e a prática do suicídio, foi formulado o modelo de *iceberg* para a compreensão da dimensão do fenômeno, no qual a ponta do *iceberg*, que é visível, é o suicídio consumado, a parte intermediária seria composta pelos adolescentes que praticam a autolesão e que procuram atendimento médico e a base do *iceberg*, mais profunda, não visível e com maior extensão, é constituída por adolescentes que não procuram assistência médica (Carmo *et al*, 2020, p.4).

Assim, estes dados apresentados corroboram outros dados sobre suicídio que mostram que a ideação suicida e as tentativas de suicídio acontecem mais vezes do que o suicídio consumado. Por parte de alguns teóricos, há uma ideia equivocada de que a ALNS é um fato normal na vida do adolescente, fazendo parte desta fase de desenvolvimento. Tomar a autolesão como um comportamento natural entre os jovens ou como uma atitude para chamar atenção de pais/professores/amigos não é a conduta ideal, pois o comportamento autolesivo pode representar o início de um processo cujo desfecho pode ser o suicídio. É interessante observar que estes comportamentos podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, a autolesão com intenção suicida, em que há a intenção de morrer e o segundo grupo, que é o da autolesão não suicida, em que não há a intenção de morrer. “No comportamento não suicida três mecanismos podem ser considerados, aquele composto por pensamentos de autolesão, ou por meio de gestos e ameaças de suicídio ou, finalmente, pela autolesão propriamente dita” (Carmo *et al*, 2020, p.5). Ou seja, o pensamento de autolesão sempre precede a autolesão propriamente dita.

Associado ao comportamento autolesivo está a existência de transtornos mentais, em especial o transtorno de personalidade borderline (TPB), sendo que o aparecimento de comportamento autolesivo de forma precoce pode ajudar a diagnosticar o TPB. Também a existência de abusos psicoemocionais na infância podem ser um preditor de comportamento autolesivo. De acordo com Carmo *et al* (2020, p.5) “a faixa etária mais prevalente de ALNS é entre 12 e 16 anos, com média aos 14 anos, embora possa ocorrer em pessoas mais jovens, com aumento progressivo a partir dos 12 anos e subsequente queda a partir dos 18 anos”. Para o suicídio associado a autolesão, quanto mais cedo o aparecimento desta, mais chances daquele vir a ocorrer.

Outro conceito similar é o de violência autoinflingida, sinônimo de autolesão. Segundo Tavares, Pereira e Ribeiro (2020, p.528) a autolesão, autoabusos ou violência autoinflingida ganharam visibilidade sobretudo “a partir da segunda metade dos anos 2000, período em que redes sociais e fóruns virtuais de compartilhamento de experiências autolesivas disseminaram-

se rapidamente”. Cita como exemplo os “jogos online de risco” (p.528) tais como Baleia Azul, Jogo da Asfixia, Desafio do Sal e Gelo e o Desafio do Momo, que viralizaram e fizeram várias vítimas no mundo todo.

Tavares, Pereira e Ribeiro (2020) mostram que, no período de 2016 a 2019, as pesquisas sobre o tema ganharam mais impulso e passaram a fazer parte do debate público, sobretudo focando nos jogos online/virtuais e no comportamento autolesivo. Estes autores sinalizam ainda a faixa etária, dos 15 aos 29 anos como grupo de risco, haja vista a automutilação estar acometendo cada vez mais este público. Assinalam que:

As áreas de conhecimento que mais tem se dedicado à investigação desse objeto de estudo partem das Ciências Humanas e as Ciências da Saúde, com destaque especial para as áreas da Psicologia e da Educação. (...). Ainda há muito o que se avançar nos campos socioantropológico e educacional, no que tange ao volume de pesquisas (Tavares, Pereira e Ribeiro, 2020, p.548).

Neste sentido temos a presente pesquisa, objetivando lançar luz sobre o tema e contribuir para o aumento do volume de produções na área das Ciências Sociais, em especial, na Antropologia. Há ainda um outro conceito, por vezes confundido com comportamento suicida, que é o conceito de automutilação. Lara, Saraiva e Cossul (2023) mostram que é comum o sofrimento psicológico de alunos em idade escolar, sendo comum aparecerem os atos de automutilação. Esta palavra de origem latina, *mutilatio*, *mutilatium*, *mutilo*, indica o corte de um membro, sendo que, na perspectiva psicológica, quem recebe o corte é o corpo do sujeito, sobretudo, de sujeitos jovens. “Um jovem que está marcado por uma vivência de sofrimento, pensa, faz ameaças, tenta ou consome o ato suicida *ou* a mutilação, pois experiencia um desequilíbrio intenso em seus mecanismos adaptativos, visando, desta forma, alcançar o alívio” (Lara, Saraiva e Cossul, 2023, p.2, grifo meu). É comum as pessoas afirmarem que os cortes e demais formas de automutilação são para “chamar a atenção”, porém, é comum que a prática seja feita a sós e que os jovens escondam as marcas no corpo para que as demais pessoas não vejam, o que contradiz a ideia inicial (Rodrigues, 2018).

Para Oliveira, Souza e Costa (2021, p.2) a pele tem como função proteger órgãos vitais e “fazer parte da identificação de cada indivíduo”. Assim, a pele pode ser considerada pelos jovens como uma grande barreira que os aprisiona e, acrescido da angústia e frustrações peculiares da juventude, ser escolhida como órgão para a automutilação ou autolesão. Para as autoras, a internet pode ser utilizada como um alívio para os sofrimentos da juventude, sendo também um local de contágio para os comportamentos autolesivos. Acrescente-se a isso, a permanência em grupos de jovens deprimidos, que podem utilizar a internet para compartilhar

suas dores e angústias uns com os outros, o que pode ser, de forma tóxica, fator relevante para o aumento da probabilidade de outros jovens aderirem também aos comportamentos de automutilação.

Como percebido, os comportamentos autolesivos, a ALNS, a violência autoinflingida e a automutilação são conceitos sinônimos, diferenciando-se do comportamento suicida. Naquele grupo não há a intenção de morrer e sim de cessar um sofrimento psicológico através de um comportamento que sim, pode engendrar o comportamento suicida. Por sua vez, neste há a intenção de morrer e a busca por práticas que possam efetivar isso, ou seja, morrer por suicídio.

Pereira, Dutra-Thomé e Koller (2016) discutindo habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente⁶, apresentam dois conceitos fundamentais para a discussão de comportamento suicida, sendo eles os conceitos de “fatores de risco” e de “fatores de proteção”. Seguem abaixo as definições:

Fatores de proteção são características intrínsecas (como autoestima e autoeficácia) ou extrínsecas (como a relação com amigos, familiares, rede de apoio) que a fortalecem e lhe dão suporte para lidar com situações problema. Estes fatores não atuam isoladamente, mas interagem entre si para auxiliar na alteração do comportamento da pessoa, desenvolvendo uma experiência de proteção às situações de risco e auxiliando na solução dos problemas (Pereira; Dutra-Thomé; Koller, 2016, p.270).

Os fatores de risco constituem eventos e características negativas da vida das pessoas, e sua presença aumenta as chances de problemas físicos, emocionais e sociais se manifestarem (Pereira; Dutra-Thomé; Koller, 2016, p.270).

Assim, fatores de proteção aumentam a probabilidade de uma situação “ruim” não aconteça e fatores de risco aumentam a probabilidade de que esta mesma situação “ruim” aconteça. No caso do suicídio, os fatores de proteção aumentam o amparo aos jovens e diminuem o risco do suicídio vir a acontecer. Por outro lado, os fatores de risco diminuem a proteção dos jovens e aumentam a probabilidade de que aconteça comportamento suicida. O ideal é que em cada jovem, os fatores de proteção sejam maiores do que os fatores de risco e as equipes de saúde e educação, e de certa forma, todos que trabalhem com jovens, tenham esta relação em mente, para buscar aumentar fatores de proteção e diminuir fatores de risco. Na tabela abaixo, segue uma listagem de fatores de risco e proteção:

⁶ Adultez emergente é um conceito que tem Jeffrey Arnett como um dos seus grandes estudiosos. Refere-se ao período de 18 a 25 anos que tem ocorrido de forma normativa nos países desenvolvidos e que consiste numa série de mudanças no curso da vida dos jovens, tais como: entrada cada vez maior no Ensino Superior e adiamento da parentalidade e conjugalidade.

Tabela 1: Fatores de risco e proteção com relação ao comportamento suicida

Fatores de risco
Histórico de suicídio na família.
Tentativa prévia de suicídio pela/o jovem.
Transtornos mentais/transtornos de humor, tais como depressão e transtorno afetivo bipolar.
Ausência de apoio/suporte social.
Forte intenção suicida.
Maus tratos e abuso físico e sexual.
Impulsividade e estresse.
Orientação sexual (Pessoas LGBTQIAPN+ estão mais sujeitos a estigmas e preconceitos).
Presença de doenças crônicas tais como hiv/aids, câncer, doenças autoimunes, etc.
Uso de álcool e outras drogas
Dificuldades de aprendizagem e baixo rendimento escolar.
Presença de bullying.
Fatores de proteção
Bom suporte familiar e social.
Presença de religiosidade, independente de qual seja a afiliação religiosa.
Autoestima elevada.
Acesso à rede de saúde e à cuidados de saúde mental.
Hábitos e estilo de vida saudáveis.
Estar empregado.
Ter crianças em casa.
Gravidez desejada/planejada.
Senso de responsabilidade com a família.
Boa capacidade de adaptação e resolução de problemas.
Relação terapêutica positiva.

Fonte: Elaboração própria.

Tão importante quanto saber os fatores de risco, é importante conhecer a dinâmica do suicídio. “Isso porque existem muitas crianças e adolescentes expostos aos mesmos fatores de risco e não possuem comportamento suicida” (Santos; Leão-Machado, 2019, p.92). É necessário conhecer os dados, interpretá-los e dirigi-los, ou seja, planejar intervenções a partir do que é apresentado na realidade social de tais jovens.

De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria (2019), os fatores de risco e proteção se dividem em modificáveis e não modificáveis. Os modificáveis são aqueles que podem ser mudados a partir de uma intervenção individual ou social. São exemplos de fatores de risco modificáveis: a presença de transtornos mentais (estes podem ser identificados e tratados e assim reduzir as chances de ocorrência do suicídio), viver sozinho ou estar desemprego. Os fatores não modificáveis são aqueles que dizem respeito geralmente a características intrínsecas das pessoas, tais como idade e sexo, história familiar e genética, e que, apesar de fazer parte de quem aquela pessoa é, não podem ser modificados com intervenções. Exemplos destes fatores são: ser pessoa com idades entre 15 e 30 anos, ou idosos,

história familiar e genética, sexo (homens se suicidam 3x mais do que as mulheres, ao passo que estas tentam 3x mais do que os homens, o chamado paradoxo do suicídio⁷). Identificando estas características dos fatores de risco e proteção, é possível intervir e reduzir o risco e/ou ampliar a saúde mental dos envolvidos (ABP, 2019).

Em se tratando de políticas públicas, o comportamento suicida requer um manejo específico. Requer políticas eficazes e que possam dar conta da diversidade de situações em que possam aparecer o comportamento suicida. Pensando na dimensão territorial brasileira e na diversidade cultural, nos fatores socioeconômicos/distribuição de recursos e de bens e serviços, é mister que as estratégias de prevenção ao suicídio envolvam estas diferentes dimensões (Dantas, 2019). O cenário político e socioeconômico interfere na implementação de estratégias de prevenção e esta ganhou impulso somente após os anos 2000, em que manuais direcionados a públicos (profissionais da saúde mental e atenção básica, mídia, conselheiros e educadores), lançados pelo Ministério da Saúde, seguindo os parâmetros da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Abaixo, segue linha do tempo das políticas públicas de prevenção ao suicídio e automutilação no Brasil:

Figura 2: Linha do tempo das Políticas Públicas de Prevenção do Suicídio e da Automutilação no Brasil



Fonte: Tavares; Pereira; Ribeiro, 2020, p. 530.

⁷ O paradoxo do suicídio consiste na diferença entre as tentativas de suicídio e os suicídios consumados, associados ao sexo da pessoa. Mulheres tentam suicídio 3x mais do que os homens, porém, os homens morrem 3x mais do que as mulheres. Isso porque os homens tendem a utilizar meios mais letais, até mesmo pela facilidade destes de acesso a tais meios.

O primeiro marco data de 2006 com a instituição das Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio e publicação do Manual de Prevenção do Suicídio direcionado aos profissionais das equipes de saúde mental. Em 2011, temos a Portaria nº 3.088/2011, que institui a Rede de Atenção Psicossocial – RAPS para pessoas com transtorno mental e para usuários de álcool e outras drogas. Em 2014, tem-se a Portaria nº 1.271/2014, em que o Ministério da Saúde define a Lista Nacional de Notificação Compulsória, que inclui as tentativas de suicídio e suicídio como notificação compulsória para todo o território brasileiro. O Boletim Epidemiológico 2017 e a Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil 2017-2020 são lançados no ano de 2017. Por fim, no ano de 2019 foi lançada a Lei Federal nº 13.819/2019, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, que torna compulsória a notificação pelos estabelecimentos públicos e privados de Saúde e Educação de casos suspeitos ou confirmados de violência autoinflingida, tentativas de suicídio e suicídios (Tavares, Pereira, Ribeiro, 2020). Não consta na Figura 1, acima, uma lei mais recente: em 2025, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 15.199, de 8 de setembro de 2025, que “institui a campanha do Setembro Amarelo, o Dia Nacional de Prevenção da Automutilação e o Dia Nacional de Prevenção do Suicídio” (Brasil, 2025).

Esta apresentação sobre o comportamento suicida permitiu ao leitor conhecer um pouco melhor os fatores que intervêm no problema, visto atualmente como questão de saúde pública. Foi apresentada a complexidade, a multifatorialidade e a multicausalidade do gesto suicida e apresentados conceitos tidos por vezes como sinônimos (violência autoinflingida, autolesão e automutilação). Além destas definições trabalhou-se fatores de risco e proteção no que se refere ao comportamento suicida e aspectos de políticas públicas sobre a temática no Brasil. Todas estas categorias são mobilizadas na área da Saúde Coletiva, Saúde Pública, Saúde Mental, dentre outros, redundando em orientações e profilaxias diante do comportamento suicida. A própria categoria “comportamento suicida”, segundo alguns autores, remete mais a uma lógica individual, da noção mais pessoal do ato suicida ao passo que pode deixar de lado os fatores sociais e culturais envolvidos nesta temática.

Passo agora a discutir o comportamento suicida nos autores(as) clássicos(as) das Ciências Sociais e as contribuições de cada um(a) para o esclarecimento do tema, aprofundando estes conceitos e discussões na área sócioantropológica que, por sua vez, se preocupa um pouco menos com a prevenção do suicídio e mais com a sua ocorrência enquanto fato socialmente localizado, evento que mobiliza a cidade e os agrupamentos humanos.

1.3) Breves apontamentos sobre o suicídio nas Ciências Sociais Clássicas

Conforme foi abordado na seção anterior, o suicídio é uma questão multifatorial e se constitui hoje como um problema de saúde pública, sendo abordado por diversas áreas do conhecimento. Dado importante e que nos remete a uma outra pergunta: Como esta temática foi trabalhada no domínio específico de uma destas áreas, a Sociologia? Na Antropologia? Mais especificamente, como foi abordada pela Teoria Sociológica Clássica? Neste sentido, o objetivo desta parte do trabalho é investigar como o suicídio foi abordado nas Ciências Sociais, sobretudo na Teoria Sociológica Clássica.

1.3.1 Durkheim: pai dos estudos sociológicos sobre o suicídio

Émile Durkheim (15.04.1858 - 15.11.1917) teve como objetivo principal ao longo de sua obra dar à Sociologia um método de análise que a distinguisse das demais ciências, em especial, das ciências naturais, às quais teceu grandes críticas. Queria trazer à Sociologia “uma reputação verdadeiramente científica” (Sell, 2010, p.123). Sua obra foi pioneira em muitos aspectos: na pesquisa sobre religiões, sobre conhecimento, seus estudos sobre o suicídio ou sobre o individualismo na sociedade moderna.

Fundou e liderou a “Escola Sociológica Francesa”, que teve Marcel Mauss como um de seus membros, além de diversos nomes importantes tais como Maurice Halbwachs e Cèlestin Bouglé. Dentre suas obras, se encontram “*As regras do método sociológico*” (1895), publicada no mesmo ano em que Freud escreveu seu “*Projeto para uma Psicologia Científica*”, também este a fim de formular uma ciência, por sua vez, voltada para os processos psíquicos, fundada no inconsciente. Outra obra importante do autor é “*O suicídio: Estudo de Sociologia*”, de 1897, que serve como marco referencial para os estudos desta temática, por ser um grande estudo sobre o suicídio e por trazer pela primeira vez o uso de taxas e estatísticas para analisar sistematicamente um fenômeno, definido por ele como fato social.

Sell (2010) apresenta uma divisão na obra de Durkheim. Uma primeira parte, que seria fortemente estruturalista e colocava o peso das estruturas sociais como fenômeno explicativo. Já o segundo momento, chamado de idealista, seria onde Durkheim focaria no peso das representações simbólicas. Seu pensamento é marcado por influências diversas, tais como o positivismo de August Comte, o evolucionismo de Charles Darwin, o conservadorismo e o

idealismo. Se preocupava com a ausência de um método na Sociologia e com a própria Sociologia enquanto ciência, mobilizando-o a fundar o holismo metodológico, no qual o todo/sociedade explica o indivíduo/sujeito. Este conceito entende que a ação dos homens cria as estruturas sociais que passam a funcionar autonomamente, se sobrepondo ao indivíduo e determinando seu comportamento. Defendia, assim, uma objetividade rigorosa, o que “significa eliminar completamente a influência de fatores subjetivos e individuais no processo de pesquisa” (p.132), donde deriva boa parte da sua crítica à Psicologia e Ciências Naturais.

Dentre os seus conceitos estão o de fato social, lançado logo no primeiro capítulo d’*“As regras do método sociológico”*, e que será tido como o objeto de estudo da Sociologia. Durkheim ([1985]1999, p.1) afirma que: “na realidade, há em toda sociedade um grupo determinado de fenômenos que se distinguem por caracteres definidos daqueles que as outras ciências da natureza estudam”. Estes fenômenos podem ou não estar em acordo com os princípios subjetivos dos indivíduos, mas, sobre eles, exercem influência determinante, assim como, existem antes do nascimento do indivíduo e independem da singularidade de cada um. São definidos por ele da seguinte forma: “uma ordem de fatos com características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (p.3).

O fato social funda uma ciência nova, a Sociologia, que se dedicará ao seu estudo; como também são diferentes dos fatos individuais e de fenômenos sociais que não são gerais, coercitivos e/ou exteriores ao indivíduo. No entanto, Durkheim afirma que mesmo na manifestação privada há algo de social, o que requer uma análise aprofundada para a identificação dos fatos sociais, um rigor metodológico que ele traz então à Sociologia.

Na obra *“O Suicídio: Estudo de Sociologia”* ([1897], o autor apresenta o suicídio como um fato social, logo, considerado como uma coisa, um objeto de estudo e tendo uma função dentro da sociedade. Apresenta ainda que cada sociedade cede sua cota de suicídios para manter o funcionamento da estrutura social. Nesta obra, além do fato social, Durkheim trata também da anomia, do individualismo das sociedades modernas e da integração social, dentre outros conceitos dos quais se utiliza para tecer suas teses sobre o suicídio.

Para ele, o suicídio também tem causas sociais (Sell, 2010), sendo o social a principal força que o engendra, para além de questões psicológicas, psicopatológicas e processos de imitação. Sobre este aspecto, vale lembrar que à época já havia sido publicado em 1774 o livro de Goethe, *“Os sofrimentos do jovem Werther”*, que provocou uma onda de suicídios, tidos “por imitação”. Não para Durkheim, para o qual há sempre um porquê social por detrás destas ondas de suicídio, conforme ele exemplificará ao longo de sua obra através de suas taxas e estatísticas.

Massela (2005), resenhando o livro de Domingues (2004), assinala que este autor mostra que Durkheim é um teórico que trabalha com dicotomias, a saber solidariedade orgânica e mecânica, n’*“A divisão do trabalho social”*; sagrado e profano n’*“As formas elementares da vida religiosa”* e entre regulação e integração n’*“O Suicídio”*. Para Domingues (2004) o conhecimento apreendido por uma teoria para ler o real, deve conter um “tripé metodológico constituído pela descrição, explicação e interpretação (compreensão)” (p.192), que é o que Durkheim faz n’*“O Suicídio”*. Massela (2005, p.193) assinala que, neste livro:

Ultrapassada a etapa descritiva, da qual a tipologia classificatória dos quatro tipos de suicídio fariam parte, Durkheim introduziria os esquemas explicativos. Domingues parece identificá-los com as correlações estatísticas estabelecidas por Durkheim, que envolvem variáveis como estado civil, credo religioso, idade ou local de residência. A explicação seria de natureza “operacional, empírica e concreta” (Domingues, 2004, p. 270). Não vemos muito bem como esta etapa vai além da tipologia classificatória, já que os tipos de suicídio são constituídos justamente após o estabelecimento das proposições empíricas. O momento interpretativo, por fim, se dá quando Durkheim propõe o sistema de forças integrativas e regulativas como causas do suicídio. Neste passo, Durkheim passaria da ordem do visível para a do invisível (p. 233): a interpretação é de ordem “teórica, transempírica e abstrata” (p. 270).

Mesmo com as críticas feitas a Durkheim, ele consegue criar uma teoria para explicar o real (o suicídio), baseando-se nos seus conceitos-chaves, elencados para essa discussão. O suicídio é definido como:

todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria este resultado. A tentativa é o ato assim definido mas interrompido antes que dele resulte a morte (Durkheim, 2019, p.14).

Apresenta em seguidas taxas e estatísticas que tornam os dados comparáveis e passa a explicar cada um dos quatro tipos de suicídio: egoísta, altruísta, anômico e fatalista, este último quase sem importância diante dos três primeiros, e articula-os à regulação e integração sociais. Embora todos sejam analisados com base nas relações sociais e represente um afrouxamento ou acirramento da estrutura social, os dois primeiros remetem à integração social e os dois últimos remetem à regulação social, o que implica dizer que, no caso destes, a ação do Estado, das forças sócio-político- histórico-econômicas são determinantes.

Este texto de Durkheim é seminal uma vez que trouxe o uso da estatística pela primeira vez como forma de estudo e compreensão da realidade social; apresentou no livro uma aplicação prática de sua definição anterior do objeto da Sociologia e se tornou base para os estudos posteriores de suicídio de forma tal, que é praticamente impossível não citá-lo. Muito

do que é feito atualmente (analisar raça/cor; dimensão temporal no ciclo de vida; agrupar fatos semelhantes e dessemelhantes no risco de suicídio; buscar a multicausalidade do ato, dentre outros) tem sua base na referida obra.

Destarte, assinalado o lugar de Durkheim e sua contribuição aos estudos do suicídio, passemos à nossa próxima teórica clássica e também fundadora da Sociologia, Harriet Martineau, cuja obra dialoga com Durkheim em alguns pontos.

1.3.2 Martineau e a questão da religião

Harriet Martineau (12.06.1802 - 27.06.1876) é apresentada por Miguel (2017) como a primeira mulher socióloga e chama atenção para as questões de gênero envolvidas no esquecimento dela como a fundadora da Sociologia. Com inúmeras contribuições para a Sociologia, datadas inclusive anteriormente a Durkheim, contemporâneas a Comte, Martineau certamente merece ser lida como uma autora clássica. No entanto, por seu gênero, surgiram diversas justificativas de cunho sexista para não inseri-la neste rol: “ela não era teórica o suficiente, sua escrita não era refinada o suficiente, que ela era intuitiva demais e insuficientemente analítica. As formas de desqualificá-la são impregnadas de estereótipos de gênero” (Miguel, 2017, p.25). Fato é que ela estava a discutir as mesmas temáticas e num momento ligeiramente anterior ao período em que os referidos clássicos escreviam e/ou publicavam suas obras.

Sua produção é importante ao apresentar ao viajante de sua época os instrumentos necessários para fazer uma observação da moral e dos costumes mais isenta de preconceitos. Sua análise social parte então de uma tentativa de localizar um lugar diferenciado para a coleta e análise dos dados, uma metodologia que busca de certa forma uma neutralidade ou ausência de julgamentos morais e valorativos do pesquisador diante das culturas diferenciadas, às quais ele vier a se deparar.

Ela antecipa discussões que Durkheim (1895) fará depois na defesa de uma “ciência da sociedade”: diferente das ciências naturais, assim como sobre o suicídio, ao analisá-lo dentro do contexto social das religiões. Em sua obra *“Como observar a moral e os costumes”* ([1838]/2021), Martineau inicia por apresentar uma série de orientações aos viajantes que saíam na busca de conhecer terras novas, sobretudo sobre a forma de questionar e observar estes lugares, pessoas e costumes, que podiam ser bem diferentes daqueles que o viajante tinha em sua vida e cultura particulares.

Um dos cuidados recomendados por ela, nesse sentido, é o de treinar os olhos para ver a realidade pesquisada. Não é simplesmente o ato de olhar que ela trata nesta expressão, mas sim o cuidado com os preconceitos. Estes fariam com que o viajante não enxergasse as terras novas, os hábitos e a moral destes povos como eles realmente eram e, sim, com uma lente (a do preconceito) que faria com que os viajantes apenas confirmassem as hipóteses que bem entendessem como válidas. Ela pensava o contrário, conclamava-os à imparcialidade, a buscar entender os lugares estudados dentro de seus próprios grupos de sentido, como: entender a sociedade “X”, com os valores da própria sociedade “X”; entender sua moral e costumes dentro de suas próprias construções sociais ao invés de compará-los e hierarquizá-los de acordo com a sua própria moral. É preciso empatia para com a sociedade estudada.

Por fim, dentro desta breve introdução à leitura do texto “*Como observar a moral e os costumes*”, Martineau enfatiza algo que hoje prezamos muito nas pesquisas científicas: a busca pelos estudos anteriores sobre o tema. “É preciso conhecer os estudos já realizados para se produzir o melhor trabalho possível” (Miguel, 2017, p.20). A autora, em sua vasta produção estudou temas da micro e da macrosociologia, como: religião, economia, política, moralidade, ideias de liberdade, a felicidade como valor supremo, casamento (Miguel, 2017). Dentre estes temas está o do suicídio, que ela aborda na parte II (O que observar), capítulo I - Religião, do livro acima citado.

Sobre a temática do suicídio, ela começa seu texto afirmando o lugar deste como importante a ser pesquisado: “A prática do suicídio é digna da contemplação de um viajante, tanto proporcionando algumas indicações claras quanto ao sentimento religioso. O suicídio é aqui entendido em um sentido amplo – a entrega voluntária da vida por alguma causa” (Martineau, [1838]/2021, p.113). A autora analisa o suicídio tendo em vista o sentimento religioso ou, melhor dizendo, ela toma a questão do suicídio para analisar a moral religiosa. Para ela, o suicídio, autoassassinato ou autodestruição (que também são termos utilizados por ela) se vinculam à forma de religião (e seus preceitos) de cada sociedade. Seu texto transborda de referências neste sentido: o suicídio para os gregos tem sentido diferente daquele dos primeiros cristãos; o muçulmano doente; a mulher inglesa; “entre uma raça de africanos que preferem isso à escravidão” (Martineau, 2021, p.115), são alguns dos exemplos citados.

O fator religioso é tão importante que a autora assinala que “Toda sociedade tem seus suicídios, e muito pode ser aprendido de seu caráter e número, tanto para as noções sobre morais que prevalecem, quanto o sentimento religioso que anima para ou controla o ato” (Martineau, 2021, p.114). Importância esta verificada outra vez quando ela afirma que “Nações compartilham diferenças como essas [exemplos citados no parágrafo anterior], de acordo com

seu sentimento religioso prevalecente; e dessas espécies de atos pode o sentimento ser mais ou menos corretamente inferido” (p.115). Um outro exemplo é dado ao afirmar que “um ato único de suicídio é, frequentemente, indicativo, negativa ou positivamente, de um estado de sentimento prevalecente” (p.116) e que “todo martírio voluntário conta um conto nacional tão claro quanto a escrita em sangue e espírito” (p.116).

Observa-se que este texto de Martineau foca na religião (que é uma instituição, e tem cunho macrosocial) articulando-a ao suicídio e colocando este como dependente daquela. Há que se observar ainda as aproximações com o pensamento de Durkheim mas, em vez disso, vamos nos dedicar aos demais clássicos. Agora, à Marx que, por sua vez, se embasa no texto de Peuchet, datado de 1838, mesma data deste texto de Martineau.

1.3.3 Marx e Peuchet – Sobre o suicídio

O texto de Karl Marx (05.05.1818 - 14.03.1883), “*Sobre o suicídio*”, é uma obra que permanece quase que desconhecida. Sua edição em português chega ao Brasil somente em 2006, tendo sido anteriormente traduzida para o inglês (1975) e para o francês (1992; em 1983 teve uma publicação da obra resumida). O texto original data de 1846, publicado pela segunda vez em 1932, ambas em alemão e não tendo novas edições alemãs (Jinkings, 2006).

Este texto, curto e diferente dos demais que se seguirão na obra de Marx, na verdade é uma edição comentada por ele de trechos selecionados de uma obra de Jacques Peuchet (06.03.1758 - 28.09.1830), a saber: “*Mémoires tirés des archives de la police de Paris*”, publicado em 1838, mesmo ano em que Harriet Martineau fazia sua publicação sobre religião e suicídio. Nas “*Mémoires*”, Peuchet coletou diversas informações do seu tempo de trabalho na polícia e escreveu, já idoso, suas memórias, trazendo estes fragmentos e outros sobre diversos temas. A Marx, chamou a atenção o capítulo sobre o suicídio pela sua ferrenha crítica social.

Marx ([1848]/2006, p.22) inicia o texto apresentando Peuchet e o faz da seguinte forma: “Jacques Peuchet (nascido em 1760⁸) passou das belas-letras para a medicina, da medicina para a jurisprudência, da jurisprudência para a administração e para a especialidade policial”, sendo que Peuchet também trabalhou na direção de jornais e foi membro do partido monarquista. Löwy (2006, p.13/14) assinala que este texto de Marx, muito se distingue do restante da obra dele:

⁸ Marx se equivoca na data, sendo 1758 a data correta de nascimento de Peuchet, correção esta feita na apresentação do livro em português.

1) Não se trata de uma peça escrita pelo próprio Marx, mas composta, em grande parte, de excertos, traduzidos ao alemão, de outro autor. Marx tinha o hábito de preencher seus cadernos de notas com excertos desse tipo, mas jamais os publicou, e menos ainda sob sua própria assinatura. 2) O autor escolhido, Jacques Peuchet, não era economista, historiador, filósofo, nem socialista, e sim um antigo diretor dos Arquivos da Polícia sob a Restauração! 3) O texto do qual foram selecionados os excertos não é uma obra científica, mas uma coleção informal de incidentes e episódios, seguidos de alguns comentários. 4) O tema do artigo não concerne ao que habitualmente se considera esfera econômica ou política, mas à vida privada: o suicídio. 5) A principal questão social discutida em relação ao suicídio é a opressão das mulheres nas sociedades modernas.

Assim, marcada a especificidade deste texto marxiano, nele há o relato de 08 casos de suicídio, sendo 04 casos discutidos e 01 caso citado, estes no corpo do texto e há mais 03 casos apresentados nas notas no final do texto. Em todos os casos, Peuchet e Marx apresentam a interface do privado com o político, marcando a importância de fatores subjetivos, emocionais, psicopatológicos em articulação com o substrato social ampliado: misérias, condições climáticas rigorosas, moral social repressora, a solidão dos sujeitos, dentre outros. Marx se debruça sobre o texto de Peuchet e o apresenta como seu por mostrar uma continuidade, uma concordância com as ideias deste autor, intercalando o texto original com notas, comentários e supressões que vai fazendo, num diálogo com Peuchet⁹.

Das “*Mémoires*”, Marx extrai seu elemento de crítica social: a crítica social francesa às condições da vida moderna, às relações de propriedade, às relações familiares, vindo o suicídio a ser considerado o sintoma de uma sociedade doente que clama por uma transformação radical. Em tal sociedade impera o isolamento, fazendo com que haja uma solidão em massa. Citando Rousseau, Löwy (2006) mostra que Peuchet e Marx compartilhavam a ideia romântica de que na sociedade burguesa as relações eram de hostilidade mútua, tal qual um deserto de bestas selvagens.

Tais referências vão aparecer nos casos apresentados no livro: a jovem desonrada pelo sexo antes do casamento e rechaçada pela sua família que então se joga ao rio; a mulher casada com marido fisicamente deformado e por demais ciumento e que também se joga ao rio. E diz Marx: “o ciumento é antes de tudo um proprietário privado” (Marx, 2006, p.41). O terceiro caso, tido como “covardia”, é o de um homem que, ao invés de defender sua honra e por questões financeiras, comete suicídio. Este caso não é discutido, apenas citado. O quarto caso é o de uma mulher grávida que solicita ajuda a um médico para realizar um aborto e diante da negativa, comete suicídio. O quinto caso é o de um homem que, após a demissão e sem

⁹ Na tradução da obra para o português, os tradutores Rubens Enderle e Francisco Fontanella assinalam em negrito e itálico as inserções de comentários de Marx no texto de Peuchet, sendo de fácil localização visual para o leitor.

conseguir prover sustento à família, se mata. Nas notas de fim do texto, aparecem mais três casos: uma mulher que suicida devido situação econômica difícil seguida por conflitos familiares intensos; outra mulher que suicida por conflitos com o marido e paixão por outro homem e por fim, o caso de um homem que “estando diante da ruína” (p.56), suicida.

Em todos os casos, vemos o suicídio como resposta à situações-limite, frutos de uma sociedade adoecida: “vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada” (Marx, 2006, p.48). Este algo melhor seria, nos casos apresentados no texto, uma sociedade transformada em que as misérias, desemprego, guerra e demais barbáries não existissem.

Passemos agora à visão weberiana sobre o suicídio, embora este não seja um dos seus temas de estudo.

1.3.4 Weber e seu breve diálogo com Otto Gross

Max Weber (21.04.1864 – 14.06.1920) é descrito por Cohn (2008), como um veemente defensor das ideias que acreditava e da teoria que produzia. Seu contato com um círculo amplo de intelectuais¹⁰ e com a política, sua grande paixão, em paralelo com a discussão das questões pertinentes às ciências sociais, deram a Weber um lugar de destaque dentro da Sociologia. Cohn (2008) e Sell (2010) apresentam um Weber às voltas com o objeto da Sociologia e com o dilema de fazer ciência em sua época. Para ele, o objeto de pesquisa não estava dado e era a construção feita pelo pesquisador que daria seu contorno. Ademais, a realidade empírica deveria ser ordenada pelo conhecimento científico, e este produzido como um fim em si mesmo, não tendo em seu cerne a obrigatoriedade de transformação social, o que distancia este autor de Marx, por exemplo.

Weber não escreveu nenhum artigo e/ou livro sobre o suicídio. Encontramos referência apenas em dois textos, conforme citações a seguir. Na primeira, abaixo, ele tece críticas a Otto Gross, após este submeter um artigo de Psiquiatria para ser publicado nos “*Archiv für Sozialwissenschaft und Soziapolitik*”. Weber escreve um parecer extremamente crítico e negativo ao artigo e, em carta a Else Jaffé, de 13.09.1907, discute um aspecto que pode estar relacionado ao suicídio. De acordo com Dunker (2019, s.p):

Max Weber, o terceiro grande fundador da sociologia, também teceu comentários sobre o suicídio. Em seu parecer negativo ao artigo de Otto Gross,

¹⁰ Weber e sua esposa, Marianne Weber, fizeram parte de um grupo de intelectuais que contou com figuras importantes tais como Georg Simmel e Georg Lukács.

discípulo de Freud interessado na emancipação sexual, ele adverte que a convivência conflituosa entre a ética heroica, convocada em momentos agudos da existência, e a ética média, necessária para responder às demandas cotidianas, pode interferir na determinação social do suicídio. Para Weber, Gross estava traduzindo, com rapidez demasiada, descobertas da ética da ciência psicanalítica, atinentes a como as coisas são, para políticas dos costumes, próprias da ética da convicção ou de como as coisas deveriam ser.

Weber nutria simpatia pela obra de Freud e a via com olhos esperançosos, porém, o mesmo não se aplica ao discípulo deste. Nesta crítica a Otto Gross, Weber aparenta ter razão, uma vez que muitos foram os seguidores daquele que suicidaram. Weber, a despeito de seu embate às ideias de Gross, nunca se negou a prestar assistência aos seguidores dele e, inclusive, à esposa de Gross, Frieda, que veio a precisar dos serviços de Weber (Schwentker, 1996).

Gross tentou fundar em Ascona, no Monte Verità, uma universidade livre para propagar o combate (através de meios científicos) à civilização ocidental repressora. Apesar de possuir muitos seguidores que o acompanharam, não obteve respaldo suficiente para a criação da universidade, uma vez que havia também muita resistência às suas ideias, fracassando assim em seu projeto. Neste contexto de revolução sexual, Schwentker (1996, s.p.) apresenta que, “para alguns [dos seguidores de Gross], o suicídio era o único modo de fugir do beco sem saída a que eram levados em seu desenvolvimento pessoal”. A outra passagem na qual Weber comenta sobre o suicídio, é justamente sobre a situação acima apresentada:

Em carta a sua esposa, Weber sugere que o isolamento de uma comunidade, como a do Monte Verità, da qual Gross e sua esposa Frieda participaram, onde vigorava disciplina ascética combinada com liberdade sexual, poderia elevar o risco de suicídio. *Independentemente da pertinência de tais observações, elas enfocam o suicídio de uma quarta perspectiva: nem falta ou excesso de sentido, nem perda de unidade simbólica, mas como fracasso na reformulação do pacto social e decepção com a realização de ideais.* (Dunker, 2019, s.p., grifo meu).

Como se percebe, Weber apenas comentou duas situações isoladas sem tecer maiores comentários sobre o suicídio. No entanto, sua obra é rica em conceitos que permitem interpretar o suicídio e as sociedades moderna e contemporânea. Dentre os seus conceitos estão: tipo ideal, a discussão do racionalismo da dominação do mundo (Sell, 2010), o embate da vida erótica e dos valores com a burocratização do mundo, a criação do método compreensivo para a Sociologia, dentre outros, podendo os mesmos serem utilizados futuramente na construção de outras pesquisas sobre a temática.

1.3.5 Malinowski e o suicídio entre os Trobriand

Bronislaw Malinowski (07.04.1884 – 16.05.1942) foi um antropólogo e etnólogo, escritor de livros tais como “*Argonautas do Pacífico Ocidental*” (1922) e “*Crime e costume na sociedade selvagem*” (1926), livros onde fala um pouco sobre suicídio, principalmente neste último, o qual abordarei neste momento.

Neste livro, Malinowski mostra que a sociedade trobriandense era afeita ao “horror ao incesto” (trabalharei este tópico mais à frente quando for discutir tabu – vide capítulo 3), condenando veementemente esta prática. Acreditavam que o incesto podia levar a adoecimentos e até à morte. Deriva daí, portanto, que a violação da prática exogâmica pode causar escândalo, o que por sua vez leva as pessoas ao suicídio. Isso tudo tem a ver com as leis, normas e moralidade deste povo. Outra forma de morte/suicídio é aquela induzida por coerção por bruxaria.

A bruxaria é praticada entre os habitantes de Trobriand por um limitado número de especialistas que adquirem esta arte aprendendo uma série de feitiços e se submetendo a certas condições. Eles exercem o seu poder em seu próprio nome, e também profissionalmente por um pagamento. Visto que a crença na bruxaria está profundamente enraizada e toda doença grave e morte é atribuída à magia negra, o feiticeiro é considerado com grande reverência, e, à primeira vista, a sua posição se presta inevitavelmente ao abuso e à chantagem. Tem sido de fato frequentemente afirmado que a bruxaria é a principal ação criminosa, no que se refere à Melanésia e a outros lugares (Malinowski, 2015, p.65).

Este é um exemplo que Malinowski (2015) mostra que precisa ser relevado, contextualizado, pois muitas das vezes, o feiticeiro pesa em sua consciência o que tem a ganhar e perder, tornando-o mais moderado. Ele age dentro das leis e com vistas a equilibrar as coisas na sociedade, como por exemplo, punir um ato ilegal ou uma injustiça real. Sobre este aspecto temos o caso de Kima’i, um jovem de 16 anos, que feriu a regra da exogamia com uma jovem da aldeia. O pretendente desta usou magia negra contra Kima’i, porém sem sucesso vindo este a suicidar somente após ser exposto em público. E prossegue Malinowski (2015, p.70):

Tendo aprendido algo sobre a criminologia de Trobriand a partir do estudo da bruxaria, vamos agora passar ao suicídio. **Embora não sendo de maneira nenhuma uma instituição puramente judicial, o suicídio possui eventualmente um aspecto legal distinto.** Ele é praticado por intermédio de dois métodos importantes, o *lo’u* (jogar-se do topo de uma palmeira) e tomar o veneno incurável da vesícula biliar de um baiacu (*soka*); e pelo método mais suave de partilhar de algum veneno do vegetal *tuva*, usado para desorientar o peixe. Uma dose generosa de emético traz de volta à vida um envenenado por *tuva*, que é por isso usado em disputas de amantes, em divergências matrimoniais e em casos semelhantes, dentre os quais alguns ocorreram durante a minha estada nas Ilhas Trobriand, nenhum deles fatal.

As duas formas fatais de suicídio são usadas como meio de escapar de situações sem saída e a atitude mental subjacente é de alguma maneira complexa, abrangendo o desejo de autopunição, de vingança, de reabilitação e de queixa

sentimental. Uma série de casos concretos brevemente descritos ilustrará melhor a psicologia do suicídio.

(...)

O suicídio não é certamente um meio de administrar a justiça, mas ele concede ao acusado ou oprimido – seja ele culpado ou inocente – um meio de fuga e de reabilitação. Isso avulta na psicologia dos nativos, é um permanente amortecedor sobre qualquer violência da linguagem ou do comportamento, sobre qualquer desvio do costume ou da tradição, que poderia ferir ou ofender o outro. Assim, **o suicídio, tal como a bruxaria, é um meio de manter os nativos na estrita observância da lei, um meio de evitar as pessoas de comportamento extremo ou incomum. Ambos são influências conservadoras pronunciadas e como tais são suportes da lei e ordem.** (Ibidem, 2015, p.70/71; negrito: grifos meus).

Como se percebe, em Malinowski, na sua pesquisa de campo nas Ilhas Trobriand, temos como contribuição, neste aspecto, que o suicídio tinha sentidos muito claros tais como o moral, o judicial/legal, o conservador da lei e da ordem. Era também uma forma de reabilitação, de vingança, de queixa sentimental, de autopunição, tendo em vista uma situação mental complexa de o sujeito ver-se sem saída e cuja atitude mental o impulsiona ao suicídio.

O suicídio em Malinowski é um forte componente social da cultura das Ilhas Trobriand, uma vez que era praticado com uma certa frequência como é assinalado através de diversos exemplos no livro. Fazia parte da cultura como componente da lei, da ordem, de manter uma sociedade conservadora mas fazia parte de uma gramática emocional e moral de suicidar-se para lidar como meio de fuga, de situações de crise, situações-limite, ofensas à lei da exogamia, dentre outros.

Apresento agora a obra de Ruth Benedict, que se dedica a estudar a cultura japonesa e, nela, o suicídio. Tema do próximo tópico.

1.3.6 “O crisântemo e a espada”: Ruth Benedict e a cultura japonesa

Ruth Benedict (05.06.1887 - 17.09.1948) é uma antropóloga cultural, autora do livro “*O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*” ([1946]/2014), onde, como o título já informa, se propõe a discutir a cultura japonesa em seus mais diversos aspectos. Um deles sendo o suicídio.

Em 1944 ela recebeu a incumbência de fazer um estudo sobre o Japão. No contexto da guerra, não havia previsão da duração e/ou término. Assim, era importante conhecer o inimigo e imaginar sua cultura, seus hábitos, costumes, entender suas condutas/comportamentos na guerra, descobrir enfim, como a vida é encarada pelo inimigo. Era preciso conhecer não somente as estatísticas (econômicas e militares) sobre o Japão, ou a história do país, ou ainda seus objetivos e motivos de poder. Era preciso “compreender os hábitos japoneses de

pensamento e emoção e os padrões em que se enquadravam tais hábitos. Teríamos que compreender as sanções por trás desses atos e opiniões” (Benedict, 2014, p.12). O suicídio aparece como um dos aspectos estudados, haja vista ser lugar-comum na cultura japonesa, observado em diversas situações para além daquela do momento da guerra.

Para isso, Benedict (2014) decide encarar a guerra como um problema cultural e não como um problema militar. Teoriza o trabalho do antropólogo com sua ferramenta mais essencial: o trabalho de campo e, não podendo fazer o contato face a face, utiliza-se de outros recursos: o trabalho de outros cientistas que estavam a pesquisar a cultura japonesa, a literatura sobre o Japão, os ocidentais que já tinham vivido no Japão e as autorrevelações dos japoneses. Utilizou-se também de filmes cuja escrita e produção eram japonesas. Concluiu que a formação do antropólogo permite-lhe acrescentar suas próprias contribuições “num campo rico em estudiosos e observadores” (p.15). Ou seja, partindo destas contribuições anteriores, pode ela dar também a sua, a partir de sua experiência e conhecimento das diversas culturas com as quais já teve contato.

Benedict também se dedica a tecer comentários sobre o método de pesquisa em Ciências Sociais, mais especificamente na Antropologia. São premissas do trabalho: ter contato com diversas culturas, diferentes das suas e com elas se acostumar; descobrir a conduta humana na vida cotidiana deste povo; considerar “que os aspectos mais isolados de conduta têm entre si alguma relação sistemática” (Benedict, 2014, p.18); buscar mais do que a validação estatística que os sociólogos e psicólogos fazem, dentre diversos outros, sendo que o estudo sistemático ganha relevância.

Em sua pesquisa, Benedict (2014) percebe que o Japão é um país de contradições em sua conduta, ambas válidas, como, por exemplo: ao mesmo tempo que o Japão se dedica ao cultivo de crisântemos, também se dedica ao culto da espada. Afirma que (p.10/11):

Tanto a espada como o crisântemo fazem parte do quadro geral. Os japoneses são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas, insolentes e corteses, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos costumes. Preocupam-se com o que os outros possam pensar de sua conduta, sendo também acometidos de sentimento de culpa quando os demais nada sabem do seu deslize. Seus soldados são disciplinados ao extremo, porém, são igualmente insubordinados.

Quando se tornou extremamente importante para a América¹¹ compreender o Japão, essas contradições e muitas outras igualmente clamorosas não puderam ser postas de lado.

¹¹ Hábito estadunidense de chamar seu país de América, tomando-os como sinônimos.

Eis que aí aparecem então, ao longo do livro, as muitas situações que o suicídio é consumado, sobretudo como um dever imposto e impossível de fugir. Os japoneses são apresentados se mantendo muito fiéis a este dever e cumprindo-o à risca. Por exemplo, devem obedecer ao *chu* (fidelidade ao Imperador) através de uma série de obrigações que, se descumpridas, são pagas com a morte de si mediante o suicídio (*harak'ri* ou *seppuku*, um suicídio praticado em atenção ao código dos samurais, sendo o primeiro nome mais informal e o segundo, mais elegante).

Os suicídios devem ser praticados pelos *kamikazes* (“vento divino”, os pilotos de aviões suicidas na 2ª Guerra); para reparar a honra (“não cair no ridículo”); para saldar dívidas (comuns no Ano Novo); para manter o *chu* (professores e diretores de escolas que, em meio a incêndios nas instituições, entravam para salvar o quadro do Imperador nas paredes); em atenção ao *giri* e *gimu* (obrigações japonesas, para as quais não há equivalente na nossa língua nem no inglês, original do livro). O *giri* e *gimu* se impõem ao indivíduo gerando a obrigação de cumprir o compromisso com relações qualitativas e temporais diferenciadas, mas com o aspecto comum de que, na impossibilidade de saldá-los, a pessoa deve pagar com a própria vida.

Outros casos ainda são os de jovens que são reprovados nos estudos; por atenção ao *ko* (devoção filial, no qual em alguns casos de morte do pai, o filho também tem de se matar); militares que fogem à guerra; amantes que selam o amor com o duplo suicídio; o *suicídio de protesto* (suicidar para causar uma reação social, uma ação esperada, tal qual um mártir); o suicídio para garantir a vitória para o próprio lado de um embate; ou ainda o suicídio dentro da trajetória de um herói (comum na literatura, novelas e filmes japoneses), exemplo visto na tradicional história japonesa dos “*Quarenta e sete ronins*”.

Para Benedict (2014, p. 142) “O suicídio, adequadamente executado, de acordo com os seus princípios, limpa o nome e reabilita a memória”, sendo que a aversão que outras culturas têm ao suicídio, no Japão há uma tendência, um empuxo a ele, na medida em que sua prática faz parte de inúmeras regras de convivência social, conforme exemplos acima. Por fim, Benedict (2014) mostra que estas histórias, hábitos e costumes ligados ao suicídio são ensinados e aprendidos de diversas formas: nas novelas, filmes, na educação infantil, na tradição oral, dentre outros.

O presente tópico se constituiu numa tentativa, que se mostrou por demais audaciosa, de apresentar alguns dos maiores clássicos das Ciências Sociais, sob o viés do suicídio.

Todas/os as/os autoras/es citadas/os se dedicaram a estudar o tema, exceto Weber, que apenas o cita brevemente. Esta tentativa se mostrou plausível na medida em que apresentou de forma introdutória ao leigo alguns dos textos e das ideias desta lista de clássicos escolhida. Reitero que estes clássicos foram de minha escolha a fim de propor um breve adensamento acerca da temática, porém não descarto a existência de outros que abordaram o tema do suicídio.

Para finalizar, cito Falleiros (2019) e Almeida *et al* (2015). O primeiro por afirmar, assim como Miguel (2017), que as Ciências Sociais contemporâneas estão passando por um movimento/momento de reformulação daquilo que se considera “clássico”. Se antes havia um privilégio da concepção europeia e colonialista, hoje temos um maior reconhecimento de outros olhares possíveis, reconhecendo as múltiplas facetas e a internacionalização deste conhecimento para além dos territórios ainda dominantes. Por sua vez, Almeida *et al* (2015) mostram que o suicídio ainda é um tabu, inclusive na pesquisa em Ciências Sociais, sendo pouco discutido e havendo necessidade de mais pesquisas, permanecendo a temática ainda como um desafio para pesquisadores. Desafio este a ser enfrentado no próximo capítulo em que serão abordadas as contribuições atuais para pensar o suicídio, sobretudo na Antropologia.

1.4) Suicídio enquanto problema contemporâneo para as Ciências Sociais

Conforme dito nos tópicos anteriores, há poucos estudos sobre o suicídio partindo de um olhar das Ciências Sociais. Almeida *et al* (2015, p.511) assinalam que há poucos estudos na área da Sociologia e que “nos últimos dez anos salvo algumas exceções as quais serão abordadas ao longo deste estudo, o suicídio tem sido objeto de estudo especialmente pelas Áreas Médicas voltadas à Psiquiatria e à Epidemiologia; e pela Psicologia”. Afirmam que o suicídio está numa “‘encruzilhada’ epistemológica inevitável, a qual desafia paradigmas teóricos e metodológicos das Ciências Sociais” (p.513), haja vista ser temática trans e multidisciplinar.

“O suicídio tem sido objeto de estudos voltados a uma compreensão comportamental do indivíduo que comete o ato, ou que tenta cometê-lo, negligenciando o fenômeno social que está evidente nesse processo” (Almeida *et al*, 2015, p.513). Destarte, parece ser um fenômeno individual, embora seja social, assim como outros tipos de morte, tais como os homicídios, latrocínios e acidentes de trânsito. Almeida *et al* (2015, p.514), falando sobre a Antropologia e o suicídio, afirmam que:

No que compete à Antropologia, o suicídio indaga a si mesmo. Antropólogos explicam que não são todos que realmente buscam a morte e por isso não é possível compreender o suicídio de uma forma homogênea. A heterogeneidade é a chave que

justifica tal compreensão, bifurcado em um nível social e outro individual (Gandra Júnior, 1984), o suicídio na Antropologia só é passível de análise quando efetivamente visto nos nuances sociais externos que coordenam as vivências e no íntimo daqueles que afetam e são afetados pelo meio. E assim o suicídio é uma unidade resultante das relações humanas. Ainda que a sociedade admita o entendimento do ato suicida como objeto último para resolução de problemas tal visão é censurada e silenciada como algo que jamais alguém seria capaz de vislumbrar. Portanto, em estância final, o suicídio é algo condenado socialmente. No caráter individual, o suicida busca mudanças, busca realidades que distinguem do que uma vez lhe fora posto e assim existe como uma porta para o desconhecido na qual não ter certeza sobre qualquer não é desistir de viver e sim passar a existir em outra realidade (Gandra Júnior, 1984).

Ou seja, no suicídio perpassam variáveis individuais, mas sobretudo, variáveis sociais. Tais disciplinas do social demonstram que nem sempre a pessoa com ideação suicida quer realmente morrer e, sim, cessar um estado de angústia, dor e mal-estar que o aflige. Há variáveis sociais intervindo neste processo, tais como a família e a escola, conforme assinalado no início do capítulo. Além disso, Almeida *et al* (2015, p.514), baseando-se em Silva (1984), mostram que

O indivíduo que busca o suicídio atravessa três fases durante a evolução do caso até o ato final, tais fases são compreendidas como: resolver (quando a ideia é apresentada direta ou indiretamente por agentes no círculo familiar), conflito (quando a ideia apresenta é problematizada como passível ou não de execução) e o fracasso (fase na qual se esgotam todas as outras possibilidades de resolução para os problemas e o indivíduo entende que seu único caminho plausível é a morte).

Esta ideia corrobora as discussões já iniciadas neste capítulo, onde mostrou-se que há um percurso suicida (Marquetti; Milek, 2014) no qual as pessoas tendem a ir dando sinais de sua intenção letal, sem que estes sejam entendidos pelos colegas, amigos e familiares.

Corroborando as ideias de Almeida *et al* (2015) sobre a escassa produção sobre suicídio nas Ciências Sociais, Tavares, Pereira e Ribeiro (2020) também encontraram poucas produções brasileiras sobre a temática. Utilizando técnicas prospectivas, analisaram os principais bancos de artigos e dissertações/teses no Brasil: o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CTD/CAPES), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a plataforma SciELO (Coleção SciELO Brasil), tendo encontrado entre 2009 e 2019, 32 produções. Verificaram “um aumento significativo em relação ao número de projetos sobre a temática entre os anos 2016 e 2019, especialmente nos anos de 2017 e 2019” (Tavares, Pereira e Ribeiro, 2020, p.539).

O número maior de produções está na grande área do conhecimento Ciências Humanas e Ciências da Saúde, com forte influência dos estudos da Psicologia. Os autores subdividem o

eixo das Ciências Humanas em 3 partes: Ciências Sociais, Educação e Psicologia. Salientam que

Considerando, pois, o eixo de Psicologia (Psicologia, Psicologia Cognitiva, Psicologia do Ensino e da Aprendizagem e Tratamento e Prevenção Psicológica e Saúde Coletiva) representa aproximadamente 87,5% do total das publicações enquanto o eixo de Educação (Educação) e o eixo de Ciências Sociais (Antropologia), totalizam 9,37% e 3,13%, respectivamente.

Tais percentuais mostram que a grande maioria das pesquisas sobre violência autoinfligida, comportamento suicida e autoabuso está localizada na área de Ciências Humanas e Ciências da Saúde, sendo ainda um desafio para as Ciências Sociais e para a Educação, necessitando de mais pesquisas e avanços na temática em foco, uma vez que tem-se privilegiado sobretudo a compreensão do ato individual em detrimento do “fenômeno social que está evidente nesse processo” (Almeida *et al*, 2015).

Queiroz (2020), no seu texto “*O Suicídio na Sociologia Brasileira*”, faz um levantamento desde Durkheim até os tempos atuais e tenta responder à questão sobre o porquê do desinteresse da Sociologia Brasileira sobre o tema¹². Mostra a relevância da temática, uma vez que “em 2018, três das quatro principais revistas semanais, por exemplo, dedicaram reportagens sobre o fenômeno do suicídio e o seu impacto na vida cotidiana das pessoas”:

Os títulos expressam a preocupação com o fenômeno: “A dor sem nome: os sobreviventes do suicídio convivem com um sofrimento peculiar, carregado de solidão e culpa”, *Época*, de 16/04/2018; “Uma opressão maior que a vida: casos de suicídios em escolas de São Paulo dispõem um alerta na sociedade...”, *Isto É*, de 02/05/2018; “O suicídio e o mundo à sua volta: os enigmas em torno da segunda maior causa de morte entre adolescentes no Brasil” *Carta Capital*, de 09/05/2018 (Queiroz, 2020, p.1455).

Uma das capas chama a atenção para o suicídio entre escolares e outra para o suicídio entre adolescentes, mostrando que as discussões do tema neste período já se preocupavam com a juventude. O autor mostra ainda a pertinência do Centro de Valorização da Vida – CVV, com contribuições para o atendimento e acolhimento às pessoas com comportamento suicida,

¹² O autor sinaliza três hipóteses para este afastamento do tema do suicídio das pesquisas brasileiras: *i*) recusa à Sociologia Francesa de Durkheim pelos teóricos que formaram a Missão Francesa e foram fundamentais para a criação do curso de Sociologia na USP: Lévi-Strauss, Bastide e Gruvitch; *ii*) o suicídio não exerceu atração sobre os sociólogos brasileiros devido as taxas e números não serem muito expressivos até 1970 e também devido aos estudos do suicídio estarem vinculados ao positivismo de Durkheim e, aqui no Brasil, a tendência principal ser o marxismo e, por fim, *iii*) devido ao estabelecimento de outras pautas de pesquisa no Brasil, tais como “formação, desenvolvimento e consolidação da modernidade do país” (Queiroz, 2020, p.1475).

atendendo-as gratuitamente em quase todos os estados brasileiros. À época, 19¹³. O CVV também criou a Campanha do Setembro Amarelo, que visa ampliar a prevenção ao suicídio.

Este contexto mostra a relevância do tema, embora as pesquisas sejam poucas e sendo mais frequentes, segundo Queiroz (2020), entre historiadores que pesquisam o suicídio de escravizados oitocentistas e antropólogos, estudando o suicídio na população indígena. Três livros próximos a área das Ciências Sociais e publicados nos últimos anos não são da área sociológica: um em Jornalismo (Dapivie, 2007), um em Geografia (Bando e Barroso, 2010) e um em História (Ferreira, 2015). Além de uma dissertação em Saúde Pública (Marquetti, 2011).

Queiroz (2020) assinala que, com a Modernidade, o suicídio passou a exigir esforços explicativos de diversas áreas do social, sendo comum as respostas de médicos, psicólogos/psicanalistas, historiadores, demógrafos e estatísticos. Um dos primeiros teóricos a revisitar a obra de Durkheim, “*O Suicídio*”, e atualizá-la, foi Maurice Halbwachs que, em 1930 publicou “*As causas do suicídio*”, o livro sendo um questionamento bem formalizado e embasado às teorias durkheimianas.

Segundo Mauss, que fez o prefácio do referido livro, a ideia do autor era a de atualizar o trabalho de Durkheim em um capítulo suplementar ou uma introdução, mas gerou tantos conhecimentos novos e novas pesquisas que surgiu assim, o livro. Consoante a Durkheim, Halbwachs mostra que as causas do suicídio têm uma dimensão social, mas, diferente dele, discorda por exemplo, da relação entre suicídio e religião, uma vez que no campo os católicos suicidavam mais que os protestantes. Além disso, para Halbwachs, o suicídio tem também uma dimensão psicológica, um componente individual, não enfocando apenas as causas sociais.

Baudelot e Establet (1999) afirmam que o texto de Halbwachs, apesar de atualizar, corrigir e completar o texto de Durkheim, foi relegado ao esquecimento, não contando com o merecido reconhecimento. Ao contrário, o texto durkheimiano foi editado sucessivas vezes e se tornou um marco para a Sociologia e não apenas para ela, sendo citado por psiquiatras, psicanalistas, antropólogos, epidemiologistas, sociólogos, dentre outros, ainda que de forma pouco aprofundada. Halbwachs substitui o par regulação e integração pela desesperança como papel central. Toma como possível um trabalho cooperativo entre diversos atores pesquisadores do suicídio – psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e sociólogos – cada um contribuindo com seu ponto de vista sobre o tema.

No período mais recente no Brasil, Queiroz (2020) vai apresentar os trabalhos de Bastide (1952), sobre o suicídio entre pessoas negras e o de Lavosi e Santos (2009), sobre dados

¹³ Martins (2021) atualiza este número: 24 estados.

epidemiológicos referentes a 1980 a 2006, além dos livros citados noutra lugar acima neste capítulo.

Bastide (1952), neste texto, se propõe a superar a corrente dualista predominante na Sociologia Francesa, “em que se priorizava ou o indivíduo ou a sociedade; assim, opunham psicólogos ou psiquiatras, como Achille-Delma, aos sociólogos, como Durkheim e até mesmo Halbwachs, que já tinha proposto superar tal dicotomia” (Queiroz, 2020, p.1463). Afirma que o suicídio está relacionado ao ressentimento, o que liga o individual ao coletivo. Lavosi e Santos (2009), por seu turno, apresentam uma “*Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006*”, com um retrato cheio de variáveis, tais como gênero, nível educacional, idade, dentre outros.

Queiroz (2020) fez um levantamento no Scielo, tendo encontrado apenas 6 artigos sobre suicídio no Brasil, sendo eles:

- “*O Suicídio – reavaliando um clássico da leitura sociológica do século XIX*” (Nunes, 1998);
- “*A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública*” (Minayo, 1998), que comenta o artigo acima;
- “*Três fórmulas para compreender “O suicídio” de Durkheim*” (Teixeira, 2002);
- “*Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx*” (Rodrigues, 2009);
- “*O suicídio no Brasil contemporâneo*” (Silva e Prates, 2018);
- “*O suicídio como forma de ação política e social no ceticismo de Montaigne e Hume*” (Kiraly, 2014), que não trata especificamente da morte voluntária.

Neste mesmo sentido, eu fiz uma pesquisa no Scielo com os unitermos “Suicídio” e “Antropologia”, tendo retornado apenas 1 artigo psicanalítico e que cita a antropologia de Le Breton:

- “*Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica*” (Jucá; Vorcaro, 2018).

Sobre as produções recentes nas Ciências Sociais, quero trazer à tona os trabalhos de Pavesi (2009), Nagafuchi (2019a e 2019b), Martins (2016, 2021), Marquetti (2018, 2022), Miranda (2018a, 2018b) e Mantilha (2022). Pavesi (2009) começa falando em seu texto que

diferentes sociedades lidam de forma diferente com as experiências de vida e morte. A autora situa o suicídio como fenômeno complexo, devido à multiplicidade de argumentos sobre as causas do mesmo, não podendo ser foco de análises totalizantes, requerendo olhar delicado: “eventos complexos demandam análises abrangentes que considerem suas diversas facetas e conexões e, especialmente, o reconhecimento de que seu mapeamento será sempre provisório e focal, dada a sua natureza dinâmica” (p.162).

A autora parte de um referencial durkheimiano e toma o conceito de fato social total de Mauss, para fazer parte de seu enquadre teórico. Toma também a Fenomenologia como base e considera o suicídio como eminentemente social e possuindo diversas dimensões (estética, fisiológica, subjetiva, econômica, religiosa, dentre outros). É um processo social e também simbólico. Isso implica em dizer que

As práticas suicidas são práticas culturalmente dadas, ganham sentido conforme os quadros simbólicos que cada agrupamento humano constrói e aos esteja submetido, isso implica na consideração de que as relações sociais, sendo eventos complexo, são instituídas de forma heterogênea de grupo para grupo e mesmo no interior destes, podem ser observados arranjos de sentido diferenciados a partir de um quadro simbólico comum (Pavesi, 2009, p.164).

Prossegue a autora dizendo que

Uma compreensão mínima da ação suicida pelo antropólogo só seria possível neste sentido, se resultado for de uma descrição densa por meio de um trabalho de campo com olhar atencioso voltado para os dados etnográficos procurando identificar dimensões simbólicas desta ação empreendidas pelos sujeitos, na religião, na ideologia, na ciência, na moralidade, na lei, nos costumes, etc. (Pavesi, 2009, p.164/165).

Apresenta então a questão do suicídio entre os guaranis. Afirma que entre os anos 2000 e 2003 foi relatado alto índice de suicídio entre os Indígenas Guaranis, vindo a chamar a atenção de autoridades nacionais e internacionais. Dois fatores chamaram a atenção: o número de jovens e o método utilizado por eles para cometerem suicídio. O tipo de suicídio escolhido é o chamado *Jejuvy*, que quer dizer “aperto na garganta”, “sufocação” e compõe a ontologia guarani. É um ato complexo, individual e que obedece a “uma forte motivação cultural” (Pavesi, 2009, p.166), marcado por muita dor e consternação. Dentro da cosmogonia guarani, “o guerreiro que deve afirmar seu ser no mundo de ‘cá’ e no de ‘lá’” (Pavesi, 2009, p.167) e o suicídio pode ser entendido como um “transpasse”. Por meio de rituais próprios, pode promover a individualidade. É uma visão diferente do suicídio, diferente das visões psiquiátricas mecanicistas.

Marcado por dor e sofrimento, tanto para os que suicidam quanto para os pares, o *Jejuvy* mostra algo de universal acontecendo e algo de particular de vivenciá-lo. A morte exerce um fascínio anterior a *jejuvy*, num estado chamado de nhemyrõ. Embora seja prática cultural dos indígenas guaranis, a aproximação com outras culturas tem modificado sua realidade. Ademais há

O sentimento advindo de algum tipo de cerceamento da palavra, da possibilidade de autoexpressão cuja metáfora da corda no pescoço aludiria ao rompimento de fluxo no sujeito no mundo não sugere sua morte definitiva, sua rendição e mergulho na experiência nihilista. Coloca a passagem para o “mundo de lá”, que não devemos esquecer, é “contíguo” ao “de cá”. (...) Assim, o que muitos antropólogos chamam de mazelas e imposições postas pelos ocidentais aos indígenas resultantes do encontro violento entre os dois povos criaria condições para dentro outras coisas, a produção do suicídio como resposta e “grito” de alerta, signo de resistência contra a dominação (Pavesi, 2009, p.170).

O suicídio entre os jovens guaranis não é o mesmo do jovem ocidental, sendo este relacionado mais à questão da dor subjetiva, do sofrimento psíquico, tendo o suicídio como ponto máximo. Este contato entre estas duas lógicas, entre estas duas vivências e formas de ver o mundo, tem ocasionado o aumento do número de suicídios entre os guaranis, uma vez que estes são pressionados cada vez mais a adquirirem os padrões e valores ocidentais, formalizando assim uma subjetividade híbrida. Finalizando o texto, Pavesi (2009, p.175) sinaliza que as demandas de amor dos jovens guaranis são um dos fatores que podem levar ao *jejuvy*, mas não os únicos e concluem o texto falando de uma nova abertura a novas formas de ver o suicídio e a subjetividade.

Monnerat (2017) apresenta um estudo etnográfico sobre suicídio e a experiência de ouvir vozes, realizado em duas instituições de saúde mental do Rio de Janeiro, uma pública e uma particular. Das observações/anotações dos prontuários depreende que a culpa e/ou o trauma são constantes nas mortes de alguém próximo. “A marca deixada pelo suicídio de algum ente querido aparecia como explicação para o desencadeamento da doença mental e a tentativa de se matar indicava sintoma da mesma doença” (Monnerat, 2017, p.163), ou seja, o suicídio como desencadeador da doença mental que, por sua vez, podia gerar mais tentativas de suicídio. As ideias de Monnerat (2017) afastam o suicídio de uma noção puramente genética e o aproxima do comportamento imitativo ou mesmo da tradição que se segue de forma familiar, haja vista existir muitas famílias em que os suicídios se repetem entre seus membros.

A autora assinala “a associação entre doença mental e tendência ao suicídio” (Monnerat, 2017, p.164), como bastante recorrentes e percebeu a existência de duas vertentes interpretativas para a doença mental: *i)* a que relaciona loucura à hereditariedade e *ii)* a que

associa loucura à fatores ambientais e sociais. Destas duas vertentes, Monnerat (2017) cita Luiz Fernando Dias Duarte, ao mostrar a associação de ambas numa vertente que considera “as doenças mentais como perturbações físico-morais” (Monnerat, 2017, p.164). O suicídio, atribuído pelos familiares e técnicos ao desejo do próprio sujeito, para estes era fruto das vozes que escutavam interna ou externamente. Os técnicos e familiares viam as vozes como sintoma psiquiátrico e eram desacreditadas por eles, por serem tidas como delírios e traumas do passado. Finalizando seu texto, Monnerat (2017) conclui que:

O artigo buscou articular essa dimensão individual à dimensão social e subjetiva na qual está inscrita e o fez a partir do olhar para outras perspectivas e significações sobre a experiência de ouvir vozes ou sobre o suicídio. Este estudo buscou explicitar a dimensão social inscrita em determinados sintomas e diagnósticos (Monnerat, 2017, p.169).

Assim, enquanto pacientes viviam as vozes como “reais”, os técnicos se utilizavam de categorias homogêneas partindo de seus lugares de observação; Monnerat (2017) considera importante aproximar o discurso dos pacientes e familiares e acessar informações que contrastam com o discurso oficial.

Nagafuchi (2019a) traça reflexões a partir de uma etnografia em ambiente digital, realizada entre 2014 e 2016 e tendo como enfoque teórico a Antropologia do Devir. O autor define o suicídio a partir de uma metáfora: a do fractal.

Olhar somente para o suicídio é como olhar para um fractal, aquela figura cuja estrutura se mantém idêntica, não importa o quanto nos afastamos ou nos aproximamos dela. Mais que o resultado da imagem final, para o fractal tem importância a estrutura e a força que o gera. Então, quando estudamos suicídio, estamos estudando as ações que conduzem os sujeitos até uma morte voluntária (p.102).

Reitera a escassez de estudos sobre o suicídio nas vertentes filosófica e antropológica. Afirma que “a pessoa que tenta se matar opera em diversos discursos de suicídio” (Nagafuchi, 2019a, p.103), não necessariamente verbalizados, mas dizendo algo sobre “a pessoa, a sociedade e o mundo” (*Ibidem*, p.103). Para ele, “o suicídio é uma resposta e uma consequência dos sofrimentos sociais e da violência” (*Ibidem*, p.104). Visto como uma ruptura, algo que acontece nas margens da vida e, citando Veena Das, afirma ser uma “aniquilação do mundo”. A subjetividade sendo fundamentada nos registros político, psicológico, linguístico e biológico, conforme assinalado por Fischer (2007) e citado por Nagafuchi (2019a). Ou ainda, citando Das (2007), e definindo-a como “as experiências de se tornar um sujeito e se dão nas bases da submissão”.

Os sujeitos etnográficos, Tomás e Antônio, contam suas histórias de tentativas de suicídio e “estas histórias de suicídio explicitam que distintos aspectos das subjetividades humanas estão presentes no cotidiano de cada pessoa. De certo modo, elas buscam conduzir o olhar para algumas tipologias (ou arquétipos), presentes em seus discursos sobre vida e morte” (Nagafuchi, 2019a, p.115). Os arquétipos são dados por Solomon (2014): “o suicídio como ato impulsivo”; o suicídio considerado como vingança, o suicídio como uma lógica falha e o suicídio como uma lógica racional. Podem ser agenciados de diversas formas na complexidade do suicídio, sobretudo quando se lançam recortes tais como classe, idade e gênero. “Os arquétipos podem explicar os discursos, mas há um conjunto de meandros em um ato em direção à morte voluntária que demanda outros tipos de análise ou compreensão” (Nagafuchi, 2019a, p.116). O suicídio é reiterado como social e cultural e “tanto os discursos quanto as ações estão em constante negociação entre mundos e subjetividades locais e globais, neste grande fractal que é o enquadramento do fenômeno” (*Ibidem*, p.117).

Finalizando a discussão, o autor coloca o suicídio como “ausência do devir” ou ainda como “a perda de um futuro imaginado”, o sujeito perdendo sua conexão com a coletividade; sendo o futuro imaginado “um conjunto de possibilidades das formas de vida” (*Ibidem*, p.120), sua perda se dá na “negação da vida”, na “aniquilação do próprio mundo”. Perdê-lo é morrer simbolicamente sendo o suicídio visto como uma saída. “Sem formas de vida no horizonte, não há possibilidade para futuros imaginados” (*Ibidem*, p.120). Acredita que as Ciências da Saúde podem se beneficiar de um diálogo com as Ciências Humanas, redesenhando assim a prevenção e sabendo que todos os casos demandam alteridade e empatia, na medida em que os sujeitos vão buscando atravessar o sofrimento de suas vidas.

Nagafuchi (2019b) em um artigo que articula Antropologia e Psicanálise mostra que “a compreensão do suicídio se apresenta como um desafio, pois ainda é um tabu tanto na sociedade quanto no meio acadêmico-científico” (p.239). Mostra que teoria antropológica, prática etnográfica e psicanálise têm em comum a palavra, a escuta e a subjetividade. Relata então a história do seminarista Domingos e seus enfrentamentos com a religiosidade, sexualidade e ideação suicida. Segundo o autor, “o suicídio não é uma morte qualquer” (p.246), sendo que as pessoas constroem sentidos para enlaçar-se à vida. “Cada história de suicídio é singular, e os motivos são inacessíveis mesmos para os sujeitos que buscam uma morte voluntária” (p.249). Conclui afirmando ser o suicídio um ato comunicativo, um ato destrutivo e um ato constitutivo: ele comunica algo, é a interrupção de uma vida, e é uma exigência de elaboração do mundo/experiência humana.

Martins (2016, 2021), por sua vez, mostra a relação de ajuda presente nos serviços Centro de Valorização da Vida – CVV e SOS Voz Amiga, serviço de Portugal, com base em Lisboa, e semelhante ao CVV. No artigo de 2016, “*Moralidades e atos de fala em serviços de apoio emocional: modalidades laicas da confissão e do testemunho?*”, Martins se dedica a estabelecer a arquitetura moral do CVV e do SOS Voz Amiga, em especial do CVV, e identificar a gestão do sofrimento na prevenção do suicídio e no artigo de 2021, “*Prevenção do suicídio em serviços de apoio emocional: uma breve reflexão sobre a relação de ajuda*”, busca traçar discussões sobre a relação de ajuda, perpassando por aspectos éticos, morais e técnicos.

De acordo com Martins (2016), a lógica de funcionamento dos serviços tem uma base religiosa, cristã, e uma base na psicologia de Carl Rogers. Assim, são comuns termos tais como aceitação incondicional, congruência, autenticidade, empatia, clima psicologicamente favorável. Os usuários do serviço esperam falar de si confidencialmente e, do lado dos voluntários do CVV, espera-se escuta empática e incondicional. Apoiando-se em Charles Taylor, afirma que o ato de falar produz uma arquitetura moral, que dela origina o *self* da modernidade. E apresenta as modalidades de confissão e testemunho, como “categorias que sintetizam linguagens e arranjos sociais que definem contornos entre o dentro e o fora, entre o mundo exterior e o mundo interior, entre a imanência e a transcendência” (Santos, 2016, p.20).

Há na relação entre usuário e voluntário dos serviços, um “jogo de espelhos entre fala e escuta” (*Ibidem*, p.20): o usuário, em tom confessional, trazendo suas questões, dores e sofrimentos e o voluntário, testemunhando o discurso, dando-lhe dignidade e eficácia. A arquitetura moral do CVV parte da filosofia de vida de ter a vida como um valor. É um programa de apoio emocional, uma escola, que exige treinamento de seus voluntários para que possam realizar a escuta. A autora mostra que desde o início do século XX, a Europa já tinha serviços de prevenção ao suicídio e tem duas associações internacionais que articulam os centros que existem por lá. São elas: a International Federation of Telephone Emergency Services (IFOTES) e a Befrienders Worldwide – Volunteer Action to Prevent Suicide. Os serviços oferecem apoio emocional e imediato a quem precisar: pessoas com ideias suicidas, que sintam sós ou em crise psicológica. As “gramáticas da gestão do sofrimento” (*Ibidem*, p.24) tem um discurso comum que “oscila entre a psicologização e as representações religiosas, cujos entrecruzamentos e amálgamas são bastante relevantes no Brasil” (p.24).

Os serviços de apoio emocional europeus, no mundo e no Brasil, têm sua base na criação dos Samaritanos, um grupo de apoio telefônico criado pelo padre anglicano Chad Varah em 1953. Seus princípios são: escuta, confidencialidade, respeito a tomada de decisão pela própria pessoa, ausência de julgamento e contato humano. No Brasil, o CVV, criado em 1962, se pauta

pelos mesmos princípios, tendo uma raiz espírita e adotando também uma filosofia humanista. Ainda assim, o voluntário é diferente de um terapeuta e de um religioso, ocupando um lugar na relação de ajuda, na escuta. “A situação de ajuda, de escuta, é definida, no material, com base em alguns aspectos práticos fundamentais: *i*) ouvir atentamente; *ii*) compreender; *iii*) comunicar o que ouvimos e compreendemos; e *iv*) a reestruturação da tendência atualizante” (Martins, 2016, p.28) não sendo comum a prática de dar conselhos e sim a de realizar uma escuta, dentro de um clima psicologicamente favorável.

A moralidade do programa é vista como extremamente ligada à vinculação do bem, focada na tendência atualizante das pessoas, de modo a trazer consideração e respeito. O voluntário deve aprender técnicas para escutar bem e ajudar os que procuram o serviço. As narrativas morais aparecem então vinculadas à confissão e ao testemunho. Ambos constituem atos de fala, embasados na lógica cristã:

Ao lançar mão de expedientes discursivos análogos à confissão e ao testemunho, os serviços de apoio emocional engendram, portanto, configurações morais que seriam capazes de produzir os efeitos “restaurativos” e “curativos”, logo, dignificantes, pretendidos em seus arranjos pragmáticos (Martins, 2016, p.31).

O CVV aposta na tendência atualizante e centra-se no indivíduo, o voluntário atua em função daquele. Martins (2016) passa a citar Agostinho para falar da moralidade do bem, da aproximação com o Divino, e do nexo entre dentro/fora, interior/exterior, sendo que “perseguir o bem significa, assim, mergulhar nessa interioridade” (Martins, 2016, p.33). “Agostinho, dessa forma, é autor não somente da interioridade do eu, mas também do nexo existente entre graça, verdade e o atos de fala da confissão e do testemunho” (*Ibidem*, p.34). O CVV atualiza de forma laica, a confissão e o ato de ouvir é uma “versão secular do testemunho” (*Ibidem*, p.35).

No texto de 2021, Martins trata especificamente da relação de ajuda, vindo a fazer reflexões sobre este aspecto. Na introdução ao tema do suicídio, reitera-o como questão de saúde pública e cita Münster e Broz (2015) ao apresentarem o suicídio como um tema desafiador, tendo a antropologia se dedicado tardiamente ao seu estudo e que ainda se dedica pouco. “Os autores apontam que a antropologia pode contribuir para pensarmos criticamente a tradição ocidental de reflexão sobre o suicídio, a partir de experiências baseadas em outros referenciais culturais” (Martins, 2021, p.116).

Neste trabalho, a autora se embasa em seu trabalho de doutorado, uma etnografia no CVV e no SOS Voz Amiga (Portugal), para assinalar que os serviços de prevenção ao suicídio trabalham com a valorização da vida e se apoiam em redes internacionais (já citadas acima)

apresentando características comuns. Uma destas, são os diagnósticos sobre as causas do suicídio, resumidos abaixo:

(i) a fragilidade dos laços sociais; (ii) a solidão “que ameaça os valores essenciais dos indivíduos”; (iii) a dificuldade de encontrar um “intercâmbio autêntico”, ou seja, pessoas que ouçam empaticamente o outro; (iv) a ideia de que o suicida é uma pessoa que não tem com quem se comunicar empaticamente e, por isso, procura uma solução “permanente de destruição de si” para um “problema temporário”; (v) essas agruras do humano são decorrentes da perversidade das “atitudes individualistas” no mundo contemporâneo (Martins, 2016, p. 26).

Neste sentido, as redes internacionais se embasam numa lógica humanitária, oriunda de Didier Fassin, na qual a compaixão se tornou uma força política hodiernamente. No caso do suicídio, as redes internacionais acreditam que há uma base comum que é a crença de que “o mundo atual é marcado pela dissolução de laços afetivos e sociais, resultando na fabricação de indivíduos solitários que se relacionam através de vínculos frágeis e inautênticos.” (Martins, 2021, p.120/121), o suicídio vindo então como consequência deste engendramento da vida contemporânea.

Como já citado no artigo anterior (Martins, 2016), Martins (2021) retoma os fatores que definem a relação de ajuda com base na teoria de Carl Rogers, sendo que o método dele “se baseia em congruência/autenticidade, empatia, aceitação incondicional e capacidade de ver o mundo como o outro vê, possibilita que qualquer um possa estabelecer uma relação de ajuda” (Martins, 2021, p.122). Além disso, a arquitetura moral dos programas está relacionada ao autoconhecimento, capacidade de gerir sofrimentos e distanciamento do risco. Os dois programas veem o suicídio como relacionado ao sofrimento emocional, angústia, desespero e solidão. “Suas abordagens consideram que o suicídio é uma espécie de transbordamento, de ultrapassagem de limites que separa o sofrimento da autodestruição” (*Ibidem*, p.123). A relação de ajuda permite fazer frente a este transbordamento, ao garantir a escuta sem julgamentos, tendo a vida como valor. Centrada na pessoa e nos sentimentos desta, a relação de ajuda se constitui em um jogo de espelhos, numa relação reflexiva pois a pessoa é relacional e “essencialmente boa”.

Marquetti (2018), por seu turno, organizou o livro “*Suicídio: escutas do silêncio*” com textos de psicólogos e professores, mostrando visões diferentes do suicídio que não aquelas estritamente médico-sanitárias, sendo composto por 6 artigos, um deles de sua autoria. O “livro enuncia a procura por outros sentidos na compreensão do evento suicida” (p.15), na contramão daqueles que o veem como patologia psiquiátrica, a visão mais comum até então. Para a autora

O discurso médico-psiquiátrico subverteu completamente as outras formas de apreensão do suicídio. Na atualidade, no meio acadêmico-científico, assegurar que um suicídio retém uma significação simbólica e cultural e que nem sempre se esgota num sintoma tornou-se uma heresia. O suicídio perdeu sua marca de evento proveniente do sofrimento humano da manifestação de crise de sentido da existência. Quando buscamos no tempo o sentido do suicídio, antes da predominância da miragem médico-sanitária, não é difícil encontrar uma miríade de significações. Do mesmo modo, quando investigamos outros sentidos em diferentes culturas, esse evento revela múltiplas concepções e significados (Marquetti, 2018, p.15).

E é justamente isso que o livro faz: buscar outras concepções para o suicídio para além do modelo preconizado pelo saber médico-psiquiátrico-sanitário, para além da patologia psiquiátrica. Afirma que “os autores buscam sentidos para o suicídio” (Ibidem, p.16). Neste jogo de palavras, o livro se desenvolve em acordo com os nossos sentidos: a audição, “a visão e o fascínio das imagens” (p.17), o olfato e o paladar, “a pele e sua sensibilidade tátil” (p.18), “o sexto sentido produzido pela internet e sua rede digital” (p.19) e tomando a consciência, como entrelaçamento dos sentidos, cada qual em um artigo compondo o livro como um todo.

Diferente do primeiro livro, Marquetti (2022), que é doutora em Saúde Pública, usa os referenciais da Antropologia urbana para construir o tema do suicídio na metrópole, suas interlocuções, significados e limites, articulando Epidemiologia e Antropologia. Tomando a categoria “suicídio como espetáculo”, pesquisou os suicídios na cidade de São Paulo, buscando uma aproximação do tema mais com as produções culturais do que como problema de saúde. A autora percebe na sua revisão de literatura uma lógica referenciada na subjetividade das cidades e com contribuições advindas de diversos teóricos: “a sociologia, a antropologia urbana, história das mentalidades, urbanismo e outras que traziam elementos importantes e fundamentais para refletir sobre a hipótese do suicídio como espetáculo” (Marquetti, 2022, p.22), sendo que

a articulação suicídio-metrópole ocorreu devido a reiteradas informações vindas de áreas diferentes que insistentemente relacionavam o suicídio com as cidades, com a cultura urbana, com o processo de urbanização e “metropolização”, com as subjetividades construídas nas metrópoles (Marquetti, 2022, p.22).

Os suicídios públicos são tomados com base em três categorias: cenas-cenários-espectadores: “A cidade como um todo é o grande espectador do espetáculo suicida” (Ibidem, p.23). A cena nunca é aleatória, sendo escolhida por trazer algo do sujeito, tanto em características individuais quanto em outras dimensões, como “sua relação com o meio sociocultural” (Ibidem, p.27). Afirma que:

Podemos pensar o suicídio como um evento que se produz dentro de um conflito social maior e que pressiona as formas culturais usuais referentes ao padrão de morte ocidental, ocasionando, assim, uma forma de morte diferente dos padrões ocidentais de descrição, silêncio, higiene, medicalização, etc. O suicídio-espetáculo pode ser um evento que descobre uma das fissuras na sociedade contemporânea e que permite revelar um padrão cultural diverso, trazendo a morte para o meio social e elaborando-a de forma diferente, contrariando a padronização cultural da morte no ocidente (*Ibidem*, p.27).

O suicídio então como um conflito extremo cujo desfecho possível para o sujeito é a morte, cujas bases são socioculturais: “um produto cultural, uma elaboração final sobre questões coletivas particularizadas num sujeito e expressas no plano não verbal das imagens” (*Ibidem*, p.28), vindo a modernidade a ser fator primordial para que tais atos aconteçam. Os sujeitos da pesquisa de Marquetti (2022) são os espectadores, aqueles que presenciaram o suicídio na cidade de São Paulo no ano de 1995, tendo o livro sido resultado da dissertação de mestrado da autora. Os espectadores também fazem parte do espetáculo por o presenciarem, reagirem a ele e atuar de alguma forma (manifestar-se, estimular ou tentar inibir o suicídio). A autora categoriza os suicídios públicos (semipúblicos ou narcísicos, misturados com a vida pública, privados com cenas públicas, dentre outros), analisando para cada um a cena, o cenário e os espectadores e isso ocupa um capítulo bem robusto do livro. No posfácio, a autora traz uma importante definição, uma distinção entre evento suicida (termo pelo qual ela opta) e comportamento suicida:

O vórtice da nossa construção de pensamento repousa no conceito de evento suicida em contraposição à concepção restritiva de comportamento suicida. Aparentemente, apenas uma diferença de palavras, mas que traz profundas consequências para a compreensão do suicídio e suas formas de abordagem. Na perspectiva de evento suicida, incorporada a partir de elementos do pensamento do interacionismo simbólico da antropologia, vemos o suicídio como um evento inserido no mundo que o produziu, e não como um fenômeno apartado das intrincadas relações que mantém com seu entorno. Dessa forma, não é possível compreender um suicídio se não consideramos as conexões cotidianas dos sujeitos envolvidos nesses eventos. Sem conhecer as interações do sujeito nas inúmeras situações da vida, evidentemente, não podemos raciocinar sobre o processo de vida e o desejo de morte. Sem conhecimento das conexões em vida, não podemos sequer buscar alguma compreensão da morte por suicídio.

Por outra via, quando se apoia o raciocínio na concepção de comportamento suicida, temos uma perspectiva de conotação individual, pois esta remete, inevitavelmente, ao comportamento do sujeito e não à interação entre o sujeito e o mundo. Consequentemente, tanto o sujeito como seu evento suicida pairam isolados do mundo numa nevoa do inexplicável, remetidos a explicações sobre determinações individuais e patológicas (Marquetti, 2022, p.243/244).

Esta explicação mostra que a autora considera mais apropriado utilizar o termo “evento suicida” ao invés de “comportamento suicida”, uma vez que o primeiro remete mais à ordem do interacionismo simbólico na antropologia, sendo mais amplo e conectado com a cultura, ao

passo que o segundo se conecta mais com as vertentes individualizantes, de foro íntimo. Outro ponto a favor do primeiro conceito é que ele deixa de ser exclusivo da saúde mental e passa para a sociedade, para a cultura. No entanto, a autora reconhece que “no mundo contemporâneo, o evento suicida deixou de ser um fenômeno imerso na vida cotidiana, posto que ele foi enclausurado pelo discurso hegemônico psiquiátrico” (*Ibidem*, p.244). Isso implica em dizer que a lógica individualista e individualizante tem se apropriado de conceitos no processo histórico-político e feito uso destes conceitos, o que poderia resultar em menor força dos mesmos. No entanto, a autora permanece com a definição de evento suicida, defende-a e cita o exemplo do aumento dos eventos suicidas nas universidades, analisando-o sob o viés do evento suicida e do comportamento suicida para mostrar que a primeira análise é mais abrangente e associada à cultura do que a segunda forma de analisar.

No que se refere a trabalhos sobre a Antropologia das Emoções e Suicídio, temos um resumo expandido, publicado em anais de evento (Miranda, 2018a), um artigo completo apresentado em evento (Miranda, 2018b) e um trabalho de conclusão de curso (Mantilha, 2022). Miranda (2018a; 2018b) apresenta um estudo do suicídio a partir da obra clássica de Durkheim e do conceito de topofilia, oriundo de Yi-fu Tuan. Este conceito refere-se ao amor pelo lugar, ao vínculo entre as pessoas e seus locais de residência, ao afeto entre a pessoa e seu ambiente físico. A metodologia utilizada foi: primeiro, a análise do texto de Durkheim seguida pela análise do documentário *De Profundis* (2014), que fala sobre a cidade de Itacuruba/PE, chegando, por fim, à análise do conceito de topofilia. Isto porque a velha cidade de Itacuruba foi inundada para a construção de uma hidrelétrica e a população foi retirada e realocada na nova Itacuruba, e a partir disso o número de depressão e suicídio aumentou, chegando a ser uma cidade com uma taxa 10 vezes maior do que a média nacional. A autora conclui que o conceito de topofilia explica melhor os suicídios do que a tipologia durkheimiana, sendo o conceito relevante para a análise do tema.

Mantilha (2022), por sua vez, apresenta um estudo do suicídio a partir da Antropologia de David LeBreton (Antropologia do Corpo, Antropologia da Dor, Antropologia das Emoções e Sentidos) acrescida de comentários teóricos da Antropologia da Saúde e Antropologia da Criança. Realiza uma revisão de literatura trazendo outros autores para o debate como Byung-Chul Han e Sigmund Freud. Como resultados e conclusões encontra que a dor emocional é comum na contemporaneidade, que a interseccionalidade é um conceito que se faz importante para pensar o suicídio, que há grupos historicamente mais injustiçados e, portanto, mais suscetíveis ao suicídio e, por fim, estas emoções e situações sociais se manifestam no corpo.

Como se percebe neste tópico, as/os autoras/es diferenciam-se e optam por trabalhar com um conceito ou outro (suicídio, comportamento suicida ou evento suicida) e partem de lugares teóricos diferentes (Sociologia, Antropologia Social, Antropologia do Devir, Antropologia Urbana...) mas todas/os trazem em comum a consideração pelos aspectos socioculturais na abordagem da pessoa que encontra solução na sua autodestruição. Neste sentido, opto por manter o termo comportamento suicida, não na vertente individualista e psicopatológica, afeita ao discurso médico sanitário e sim, aproximando-o de suas relações sociais, da cultura e do simbólico, naquilo que também já foi assinalado no tópico anterior, sobre as definições clássicas do suicídio em autores tidos como cânones tais como Durkheim e Benedict, dentre outros. Este conceito será o mais utilizado nesta tese, porém outros se farão presentes: ato suicida, gesto suicida, evento suicida, suicídio...

No próximo capítulo apresento os aspectos metodológicos da pesquisa. Justifico a escolha da categoria “juventude”, apresento o campo de estudos: o CEFET MG/Curvelo e apresento a Antropologia das Emoções juntamente com o comportamento suicida vinculados aos seguintes questionamentos: Quais emoções estão em jogo no ato de querer tirar a própria vida? O que se passa neste percurso suicida para que alguém chegue ao ato propriamente dito? Para isso, trago os referenciais da Antropologia das Emoções e referenciais específicos que tratam das emoções no comportamento suicida.

CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Vida, pensei que eu me livrasse
 Desta saudade que me alucina
 Vida, mas logo fiquei sabendo
 Vida e saudade não se combinam
 Vida, estou numa tempestade
 Neste tormento dentro de mim
 Se não findar a saudade
 E a minha vida pode ter fim
 Se não findar a saudade
 E a minha vida pode ter fim
 A minha vida pode ter fim

(Vida e saudade, Chitãozinho e Xororó, 1980).

Neste capítulo apresentarei as categorias importantes para a construção da metodologia desta pesquisa. Assim, começarei com a apresentação da escolha da categoria “juventude” para ser objeto da pesquisa. Justifico o porquê de tal escolha e traço paralelos com a categoria adolescência. Em seguida apresento o contexto da pesquisa: o Centro Federal de Educação

Tecnológica – CEFET, Campus Curvelo. Apresento ainda a Antropologia das Emoções, teoria que dá substrato para a realização da pesquisa, bem como as categorias de “gramática emocional” e “micropolítica das emoções” e, por fim, apresento os aspectos metodológicos da pesquisa, justificando o porquê da escolha de questionários, grupos focais e entrevistas para a coleta de dados.

2.1) A categoria “juventude” nos estudos das Ciências Sociais

A “juventude” é apenas uma palavra, nos diz Bourdieu em texto de 1983. Esta frase emblemática traz toda uma discussão empreendida das Ciências Sociais sobre o que vem a ser juventude. Ademais, há o conceito de “adolescência” que, em muitos casos, concorre com o conceito anterior. Neste tópico o objetivo é o de apresentar uma discussão sobre juventude/adolescência e por fim, definir com qual destes conceitos trabalharemos nesta tese.

Iniciamos este capítulo com a discussão sobre a frase de Bourdieu (1983) acima, seguida pela apresentação da legislação pertinente à infância/adolescência/juventude. Enriquecemos o debate com as ideias de alguns autores, em especial, Debert (1999) e, em seguida, apresentamos três exemplos de pesquisas sobre juventudes (Abramo, 1997; Almeida; Tracy, 2003 e Novaes, 2019). Por fim, as ideias de Santos e Baldoíno (2016) são apresentadas e discutidas junto a outros autores. No final deste tópico é escolhida a categoria de juventude para ser trabalhada na tese (em detrimento do conceito de adolescência) e aproximamos esta discussão com o próximo tópico.

Começamos então com Bourdieu (1983, s.p.) ao dizer que “o reflexo profissional sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias” e prossegue dizendo que “a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades”. Estas representações tendem a variar histórica e culturalmente, sendo que cada sociedade traz em seu seio o que delimita estas divisões.

Bourdieu (1983, s.p.) assinala que estas divisões são todas elas divisões/repartições de poderes e que as classificações por idade, gênero e classe, impõem limites e produzem uma ordem social na qual cada sujeito deve se manter e se referenciar nos demais para se ter consciência do seu lugar no mundo. Para ele, idade social e idade biológica são diferentes, afirmação esta corroborada por Debert (1999), a qual trabalharemos à frente. Além disso, cada campo tem regras próprias para envelhecimento, assim como cada sociedade e período histórico. “Idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (s.p.), sendo impossível e inexato tratar a juventude como categoria única em todo o tempo e lugar.

As juventudes estão a depender também da linguagem, portanto, novamente do poder. Estão a depender também da escola/escolarização, que distribuem aspirações e privilégios de modo tal que conflitos intergeracionais podem ser oriundos destas aspirações diferenciadas presentes em cada faixa etária. A escola pode ser a originadora destes conflitos entre jovens e velhos, por exemplo, ao mostrar aos jovens sua juventude e aqueles, empossados desta, mostrarem aos velhos sua velhice, ao mesmo tempo em que os velhos remetem os jovens à sua juventude, numa lógica tal que vão se constituindo os limites entre jovens e velhos (Bourdieu, 1983). Dizer “jovem” tem o poder de uma faixa etária, mas também de uma classe social, de modo que em classes sociais diferentes também pode ocorrer o mesmo que acontece na escola: aspirações e privilégios diferenciados, em luta para a definição da categoria juventude dentro desta classe social.

Em se tratando de termos cronológicos temos a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que define em seu artigo 2º, a faixa etária corresponde a cada uma destas etapas:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.
Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade (Brasil, 1990, s.p.).

O ECA tem em seu texto também a palavra “juventude”, dando a entender que seria uma etapa imediatamente subsequente à infância, portanto, posterior aos 12 anos de idade, mas sem que seja adequadamente definida no texto da Lei. Percebemos assim uma coincidência entre adolescência e juventude no texto. Por outro lado, temos a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que “institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE” (Brasil, 2013, s.p.) e traz as seguintes definições:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.
§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.
§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente](#), e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente (grifo do próprio texto da Lei).

Novamente temos uma coincidência entre adolescência e juventude num determinado recorte etário (dos 15 aos 18 anos), de tal forma que, em se tratando de legislações, ao menos por estas duas citadas acima, a definição cronológica não é a melhor forma de enriquecer o debate nas Ciências Sociais. Retomamos Bourdieu (1983) que também apresenta a categoria adolescência, porém associada ao jovem burguês e não ao jovem operário. Este se dedica a inserir-se no mercado de trabalho, buscando melhores condições de vida, ao passo que aquele pode se dedicar a um período “entre” fases: “adultos para algumas coisas” e “crianças para outras, jogam nos dois campos” (s.p.), o dito período da adolescência.

Esta ideia de estar “entre” dois mundos, duas etapas, dois territórios é comum à Psicologia, para a qual a adolescência é um dos quatro estágios de desenvolvimento do ser humano ao longo do ciclo vital (infância, adolescência, adultez e velhice) (Cerqueira-Santos; Melo Neto; Koller, 2014; Ferreira; Nelas, 2016). Ferreira e Nelas (2016) situa a adolescência entre a infância e vida adulta, geralmente indo dos 12 aos 20 anos, com diferenças neste período “impostas pelas diferenças entre os sexos, etnias, meios geográficos, condições socioeconômicas e culturais” (p.141) e “inicia-se com os primeiros indícios físicos da maturidade sexual e termina com a realização social da situação de adulto independente” (p.141). Outra vez, a discussão passando por termos etários.

Debert (1999) pontua que, na Antropologia, este tema, o do “estudo das mudanças na periodização da vida” (p.40), tem sido pouco estudado. Assinala que classe é tida como uma categoria primordial para entender as mudanças na sociedade brasileira. Porém, novos recortes tais como idade e gênero, tem aparecido para dar conta das mudanças, sendo que gênero é mais estudado e idade fica secundarizada nos estudos, permanecendo esta noção ainda precária. Consoante às ideias até então aqui discutidas, Debert (1999) afirma que:

O modo pelo qual a vida é periodizada e o tipo de sensibilidade investida na relação entre as diferentes faixas etárias é, na antropologia, uma dimensão central para a compreensão das formas de sociabilidade em diferentes contextos e em sociedades distintas. A análise das categorias e dos grupos de idade é parte importante das etnografias preocupadas em dar conta dos tipos de organização social, das formas de controle de recursos políticos e das representações sociais. Falar da periodização da vida e das relações entre gerações é, ainda, do ponto de vista da antropologia, mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais marcando fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam. Se em todas as sociedades é possível observar a presença das grades de idades nas quais seus membros estão inseridos, elas não são, necessariamente, as mesmas em todas as sociedades (Debert, 1999, p.39/40).

Isso implica em dizer que as diferentes categorias de idade, e em especial a juventude, que é o foco deste trabalho, devem ser tematizadas, discutidas, refletidas e não apenas tomadas

como categorias universais, dadas *a priori*. Tomada então como central pela Antropologia, esta periodização vai além, pois considera a experiência de atores e organizações sociais diversas não se fechando em categorias engessadas, ao contrário, se constituindo em um importante aparato para as discussões e estudos antropológicos.

Debert (1999, p.42), citando Meyer Fortes, passa a discutir a diferença entre “níveis de maturidade”, “idade geracional” e “idade cronológica”, o que envolve uma classificação mais cultural destes termos e não apenas cronológica. Neste sentido, mostra que as diferenças etárias estão presentes em todos os lugares, em todas as sociedades, sendo oriundas das próprias necessidades do convívio social. Este dado é reiterado por Motta (2004), ao afirmar que as classificações de idade (gênero e classe também), divididas em idades biossociais, gerações e/ou etapas no curso da vida, são mantidas na cultura/sociedade moderna, até mesmo para organizar direitos e deveres, contestações ou admissões, incluindo as relações com o Estado. Relembro aqui as legislações citadas – o ECA e o Estatuto da Juventude – que têm a premissa de instituir direitos, deveres, atribuições do Estado, família e indivíduo, no que se refere a crianças, adolescentes e jovens. Debert (1999) destaca três pontos da obra de Fortes (1984), sendo eles:

1º) “as idades cronológicas, baseadas num sistema de datação” (p.46), estão presentes nas sociedades ocidentais e ausentes na maior parte das sociedades não-ocidentais, se constituindo para aquelas em “um mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria)” (p.46). Baseiam-se no reconhecimento biológico, mas também no reconhecimento social da capacidade do indivíduo realizar ou não uma dada tarefa esperada para seu estágio ou idade. Assim, estágio de maturidade e ordem de nascimento não são necessariamente associadas à geração, uma vez que pessoas de mesma idade podem ou não realizar a tarefa prevista para sua passagem neste estágio.

2º) nas sociedades ocidentais, a idade cronológica independe da estrutura biológica e dos estágios de maturidade acima falados. Isto porque a idade cronológica “é estabelecida por um aparato cultural, um sistema de datação, independente e neutro em relação à estrutura biológica e à incorporação dos estágios de maturidade” (Debert, 1999, p.47). Podemos afirmar novamente que as idades e estágios não estão dados *a priori*, passando necessariamente por demandas sociais e culturais e passíveis de mudança em qualquer momento.

3º) o sistema de datação só interessa verdadeiramente se for crucial para o estabelecimento do *status* de cidadão, estabelecendo direitos e deveres políticos, com a idade cronológica predominando sobre relações familiares e de parentesco e com o Estado passando

a assumir mais funções que eram da família. “Fortes enfatiza a diferença entre idade cronológica e o princípio geracional como elementos da estrutura social e valores culturais. Enquanto as gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e juridicamente” (Debert, 1999, p.49). Eis a função do ECA e Estatuto da Juventude: dar um ordenamento político-jurídico às categorias comumente referidas no dia-a-dia, de modo a ter base para tomada de decisões, *suleamento*¹⁴ de políticas públicas, dentre outros.

Cohn (2013) trabalhando com a Antropologia da Infância faz duas reflexões que também se aplicam à juventude: *i*) infância e família andam juntas e que *ii*) há muitas infâncias, diversas, plurais, não podendo ser referida a um único modelo de ser criança. Com a juventude ocorre o mesmo: como vimos com Debert (1999) e Fortes (1984), a família importa para a definição da juventude, tendo em vista que no seio familiar está a cronologização da vida, donde podemos ver o curso da vida em seus diversos desdobramentos de papéis e gerações e os diversos lugares sociais que a família/jovem ocupam. Além disso, a juventude não é uma categoria universal, modelo rígido e engessado, há também muitas juventudes e passaremos a falar agora de algumas delas. Antes, porém, uma nota metodológica e para isso, cito Cohn (2013, p.241):

Devemos sempre levar em conta que, de um lado, a concepção de infância informa (sempre) as ações voltadas às crianças – e, de outro, que as crianças atuam desde este lugar seja para ocupá-lo, seja para expandi-lo, ou negá-lo... a partir dele que agem ou é contra ele que agem. Por isso, a concepção de infância deve ser sempre considerada nas duas pontas das pesquisas em antropologia que fala de e com crianças – aquela que avalia o lugar da criança e trata de seus direitos, das políticas públicas a elas voltadas, de ações educacionais etc. e aquela que atenta para o ponto de vista das crianças. Se nem todos podemos ver ambos os lados ao mesmo tempo, ou todos os lados destas realidades multifacetadas, ao menos devemos ter isso em mente: que as ações voltadas às crianças e o lugar que lhes é destinado são definidos por concepções de infância na mesma medida em que o modo como as crianças atuam e o que elas pensam do mundo acontece a partir (mesmo que contra) desta posição que lhes é oferecida e que elas conhecem e reconhecem.

Destarte, nesta pesquisa sobre a gramática das emoções sobre o comportamento suicida no ambiente escolar, seguimos a mesma orientação dada acima por Cohn (2013): há leituras que variam da Antropologia à Psicologia, há estudos de legislações pertinentes à juventude e há a escuta, tanto das/os jovens como daquelas/es que lidam diretamente com elas/es, de modo a verificar o fenômeno social em estudo da forma mais ampla e multifacetada possível. Tento privilegiar todos os lados referentes às/aos jovens: sua própria perspectiva, a das/os

¹⁴ Tendo em vista que o presente texto se trata de uma produção sul-americana, utilizei a expressão *sulear* em detrimento de *nortear*.

profissionais da educação que lidam com ela/e e o da literatura específica bem como o da legislação (já trabalhada acima). Dito isso, passemos às apresentações de algumas juventudes.

A primeira é a juventude apresentada por Abramo (1997), no texto “*Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*”. A autora afirma que é recente o crescimento de estudos sobre os jovens que trabalha a perspectiva dos próprios jovens, “suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação” (p.25), tendo crescido a atenção pela opinião pública (principalmente dos meios de comunicação) e da academia. A autora busca fazer a definição de juventude em dois momentos do texto. Primeiro, numa nota de rodapé em que afirma que: “quando falamos de juventude, neste artigo, estamos nos referindo ao momento posterior à infância, que envolve a adolescência e a juventude propriamente dita” (p.26). O segundo momento é o seguinte:

De um modo geral, pode-se dizer que a “juventude” tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como *uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade*. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, *aparece como retrato projetivo da sociedade*. Nesse sentido, *condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura* (Abramo, 1997, p.29, grifos meus)

Uma das tematizações da juventude que aparece no texto é a do problema social. Esta tematização é histórica e mostra que a juventude só ganha foco quando ameaça a continuidade social, reflexo este oriundo da sociologia funcionalista, cuja imagem de juventude influenciou a imagem que a própria sociologia como um todo teve da juventude. Assim, “o foco real de preocupação é com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo – do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela” (Abramo, 1997, p. 29).

Partindo deste medo social dos jovens, na década de 1950, os jovens eram associados ao lema dos “rebeldes sem causa”, de forma que ganha força a ideia da adolescência conturbada, problemática, patológica, com uma enorme prevalência de “delinquência juvenil”. Esta imagem permaneceu na década de 1950 até ir cedendo à ideia de que a adolescência era um período normal e necessário. Na década de 1960 e meados dos anos 1970 apareceu como questão a juventude como um todo “ameaçando a ordem social” (Abramo, 1997, p.30) devido ao seu potencial de causar transformações sociais: “movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento hippie” (Abramo, 1997, p.30). Estes jovens com potencial de revolução traziam um duplo medo: medo dos conservadores de mudar de fato as

estruturas sociais e medo por outro lado de que eles, com todo este idealismo, não conseguissem se integrar novamente à sociedade e ficassem à margem.

Na década de 1980, os jovens aparecem como tendo uma juventude patológica, porém não pelos mesmos motivos da década de 1960. Agora os jovens causam o medo do fim da história uma vez que não estavam mais engajados nas transformações sociais como outrora. A juventude é lida então como “individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática” (Abramo, 1997, p.31). Nos anos 1990 a imagem muda novamente uma vez que os jovens passam a se engajar mais em diversos movimentos e ações (coletivas e individuais) e eles “aparecem como vítimas e promotores de uma ‘dissolução do social’. O pânico, aqui, se estrutura em torno da própria possibilidade de uma coesão social qualquer” (Abramo, 1997, p.32).

Vale ressaltar que é nesta década que surge o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 13 de julho de 1990, fruto também de movimentos juvenis, e cujo enfoque é tratar crianças e adolescentes como pessoas em desenvolvimento e por isso submetidas à proteção da referida Lei. Abramo (1997, p.35) mostra uma conclusão semelhante à ideia apresentada por Cohn (2013): a da invisibilidade da juventude enquanto tal, de suas definições em suas próprias palavras. Afirma que, ao manter o olhar sobre os jovens apenas sob a categoria de problema social “muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos”.

A segunda juventude é mostrada por Almeida e Tracy (2003), a juventude nômade. As autoras, numa etnografia da noite com os jovens, presenciaram a retomada do nomadismo, uma vez que os jovens de classe média do Rio de Janeiro e idades entre 15 a 19 anos, mudaram as relações com o espaço e a noite, fazendo desta uma categoria espacial, em que fluxos subjetivos interferiam na geografia ocupada pelos jovens. A *night*, categoria nativa da pesquisa, se tornou fluida, móvel, com identidades multilocalizadas. Sobre o termo “juventude”, as autoras optam por ele ao invés da categoria adolescência e justificam:

Os conceitos de adolescência sugerem que os indivíduos compreendidos nessa classificação não têm plenitude subjetiva ou cultural, sendo valorizados apenas em função do processo de tornarem-se adultos. Por essa razão, não trabalharemos com a noção de adolescência, mas de juventude, porque esta está ligada à performance identitária que produz universos culturais específicos. Tentamos, assim, escapar da perspectiva excludente que afirma muito mais o que os jovens não são ou não podem fazer. Admitimos, porém, que o próprio conceito de juventude é de difícil definição, porque um dos aspectos mais característicos da contemporaneidade é justamente a disseminação de um “estilo de vida” jovem, para além das fronteiras etárias (Almeida; Tracy, 2003, p.20/21).

Assim também neste trabalho a categoria elegida é a de juventude, pelos motivos acima dispostos. Além disso, acredito que a adolescência remete mais a uma categoria psicológica, muito cara à esta ciência do que a uma noção sociológica. As autoras relatam que no Brasil, Gilberto Velho foi um dos pioneiros nos estudos antropológicos sobre a juventude das camadas médias urbanas. Citam outros autores que também se dedicaram ao estudo de uma nova safra de reflexões sobre juventude e saberes *psi*, apesar de ser mais recente o surgimento de estudos brasileiros sobre as práticas espaciais dos jovens e do uso do espaço público, desconstruído como lugar exclusivo de adultos.

Na geografia da *night*, alguns pontos se fazem marcar: a trajetória nômade toda ela é de fruição, os espaços mudam, mas todos são de zoação, de bebedeira e festa; o espaço nômade não é homogeneizado, mas constituem um espaço livre, em que o conjunto dos jovens se movimenta conforme desejos e interesses na *night*; inclusive, são estes desejos que movimentam a *night* e regem as relações entre os jovens. Isso implica em uma territorialidade nômade que produz um tipo específico de sociabilidade e de relação com o espaço: o espaço sedentário, estriado, delimitado, dá lugar ao espaço nômade, liso, sujeito a outros tipos de regulamentação. Um plano B está sempre disponível a estes jovens caso o plano A não dê certo: “a simultaneidade característica da ‘geração *zapping*’ evita, assim, as perdas inevitáveis que resultariam de uma escolha definitiva” (Almeida; Tracy, 2003, p.45). Vemos aí no texto, uma definição da geração trabalhada pelas autoras e bem caracterizada e discutida ao longo do texto. Elas apresentam os jovens, sua geração e discutem seus limites e possibilidades em meio ao nomadismo que vivem, sendo esta uma característica muito aparente e relevante na própria definição da geração.

O terceiro e último exemplo de juventude a ser apresentado neste texto é o da juventude em seu vínculo com a religiosidade. Os diversos medos que assolam os jovens (medo de ficar de fora do mercado de trabalho, de morrer cedo devido à violência e o medo de desconexão) fazem com que, em meio às trajetórias de incerteza, eles busquem a fé, as religiosidades e os templos/terreiros/igreja como lugares privilegiados de sua sociabilidade. Esta é a juventude apresentada por Novaes (2019) em seu texto sobre “*Juventudes e religiosidades*”.

“Para gerações passadas, ‘ser brasileiro e ser católico’ era uma equação natural, pois era indiscutível a hegemonia católica no campo religioso brasileiro” sendo que hoje as “as posições e oposições são bem mais multifacetadas” (Novaes, 2019, p.18). Há a convivência em famílias plurirreligiosas, numa abertura antes inimaginável. Os jovens têm espaços e motivações outras para buscar seguir sua fé, sem necessariamente remeter-se a uma base católica. Como exemplos, temos os jovens nascidos e criados em outros modelos religiosos tais como o candomblé ou as

igrejas evangélicas ou os jovens ateus e agnósticos que seguem um caminho diferente destes religiosos. Sobre juventude, Novaes (2019, p.19) faz também o seu recorte:

Se pensarmos em faixa etária, tais tendências, (também confirmadas em pesquisas quantitativas realizadas após o Censo de 2010), levam a crer que – em seu conjunto – os jovens brasileiros de hoje (nascidos entre 15 e 29 anos atrás) são: a) menos católicos do que seus pais; b) mais evangélicos do que os jovens de gerações anteriores; c) e, mais “sem religião” do que os adultos que hoje também declaram ter fé, mas não ter vínculos instrucionais. Com todas essas mudanças, os jovens contemporâneos já foram socializados em uma nova configuração do campo religioso (Bourdieu, 1989) que se apresenta menos estruturado e bem mais dinâmico e surpreendente que no passado.

Novaes (2019) faz aí uma definição de juventude correlacionando-a à religião/religiosidade. Este recorte etário acima é o mesmo do Estatuto da Juventude, ou seja, cronologicamente, a autora estuda jovens de 15 a 29 anos e afirma que estes, no que se refere ao pertencimento, estão por um lado mais filiados e com fixação territorial (novos enraizamentos que vêm surgindo dentro das igrejas pentecostais) e por outro mais desfiliados (jovens mais livres para circular entre territórios e práticas religiosas). Um paradoxo que se explica pelas transformações e mutações que vem ocorrendo na forma de vivenciar a religião pelos jovens, em que esta ganha relevância para explicar/compor a biografia juvenil e estes estão mais abertos para expor suas motivações para se manterem (ou não) vinculados a estes agrupamentos identitários.

Em se tratando de territórios, as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) engendram um espaço múltiplo, em que os jovens podem expressar sua religiosidade de forma mais livre e independente dos padrões dogmáticos e ortodoxos tanto das igrejas cristãs quanto das evangélicas e não mais apenas no espaço físico das igrejas. Sites, blogs, canais do *YouTube* e redes sociais se tornam espaços privilegiados para a emergência de um ciber-ecumenismo, onde os jovens de diferentes religiões se unem contra o racismo. Este combate ao racismo une os jovens do terreiro, das igrejas pentecostais/evangélicas e os católicos, sendo que a questão de gênero e diversidade sexual também é um ponto de destaque para as discussões e mobilizações em defesa de uma fé associada à sexualidade: é possível ser um jovem LGBT e professar uma fé e vice versa (Novaes, 2019).

Tendo então mostrado estas múltiplas formas de ser jovem e de definir/delimitar juventudes, é possível perceber a importância da cronologia, da datação de uma faixa etária, um determinado ciclo bem como a necessidade de se tecer algo mais no entorno etário para delimitar de forma mais precisa o que é ser jovem. Assim, Abramo (1997) faz uma periodização sobre as temáticas que mais marcaram o ser jovem em cada década histórica dos anos 50 aos

anos 90, mostrando a presença de um “certo medo” social dos jovens em cada década; Almeida e Tracy (2003) fizeram um recorte entre jovens de 15 a 19 anos e estudaram a geografia da *night* destes jovens cariocas mostrando como eles usam da fluidez espacial, da zoação e dos fluxos de prazeres e desejos para experienciarem o mais e o melhor dos seus momentos; por fim, Novaes, utiliza o mesmo recorte de juventude proposto pelo Estatuto da Juventude, 15 a 29 anos e estuda os jovens no contexto da religiosidade, sobretudo os jovens católicos e evangélicos/pentecostais.

Consoante a Pereira (2007), a escola foi a principal propulsora do surgimento das categorias de infância e juventude e que hoje a escola/jovens passam por um processo inverso: são os jovens que estão reconfigurando o espaço escolar (e podemos dizer, demais espaços) com suas demandas. As redes de sociabilidade juvenis passaram a ter a escola como referência, uma vez que houve o ajuntamento de pessoas de uma mesma faixa etária no espaço escolar e estes jovens inclusive, mudam a dinâmica inicial de adestramento e disciplina da escola. Além da escola, outras dinâmicas influenciam os jovens, tais como: violência (mais como vítimas do que como autores) e práticas de lazer, conformando espaços, emoções, subjetividades, sociabilidades.

Santos e Baldoíno (2016) apresentam a juventude como uma categoria histórica e sociocultural, fazendo eco aos autores citados que falam de juventudes, uma vez que, para eles, esta é uma noção complexa, multifacetada e adotam uma visão não monolítica da juventude. Retomam os aspectos históricos e afirmam que a categoria juventude sempre existiu com diferenças em cada época histórica sendo que sua efervescência como um grupo social distinto ocorreu na modernidade. Afirmam que “nas ciências sociais, sobretudo nas abordagens socioculturais, a juventude é assumida como categoria complexa devido aos fatores históricos e socioculturais que compõe sua construção em momentos e épocas distintas” (Santos; Baldoíno, 2016, p.2).

Estes autores postulam que a discussão sobre juventude tem ganhado relevância no último quarto do século XX, embora tenha surgido bem antes e perpassando a antiguidade, o período medievo e a modernidade. Esta fase da vida foi considerada como um período de preparação para a vida adulta até a modernidade, onde ganhou uma melhor definição. Na Grécia, a educação era essencial para a definição e configuração da juventude uma vez que era a partir daquela que a polis era mantida em ordem. Infância e juventude eram educadas para saber comandar e obedecer. Em Roma, havia uma tentativa maior para se definir os grupos etários com base em suas idades mesmo e assim, a juventude se estendia etariamente até os 45 anos de idade (para os homens; as mulheres eram categorizadas como virgens, esposas e mães).

Não existia uma diferenciação clara, conceitual, entre as fases da vida e assim permanece na Idade Média. Começa aí uma preocupação com as divisões que irão desembocar nas mudanças da modernidade. Até então, da infância (até os 7 anos de idade) se passava diretamente à adultez. Começa também a preocupação com a infância enquanto fase singular do desenvolvimento, com a escolarização formal, divisão curricular e com uma necessidade de proteção da infância em locais específicos; daí a importância da moral, da pedagogia e da psicologia para esta nova configuração, não importando as demais distinções entre fases etárias. Neste período, não houveram registros documentais ou iconográficos, que diferenciasssem a adolescência da fase adulta, deixando a entender que, após a infância, o indivíduo seria visto como um adulto (Ariès, 1981).

Já nos aproximando da modernidade, o marco é dado a Rousseau e Pestalozzi, que influenciaram a educação, a parte pedagógica, a social e a psicológica em torno da separação da infância e adolescência: esse movimento, com um choque geracional, “criou a necessidade de melhor precisar as fases da vida e consequentemente saber o que é juventude” (Santos; Baldoíno; 2016, p.13).

Na modernidade, há a delimitação da juventude enquanto fase específica da vida, de uma cultura juvenil, devido a diversos fatores tais como: juventude percebida como estágio final do desenvolvimento (um estágio pleno do desenvolvimento humano); a especificidade de uma cultura juvenil; a criação de um nicho de consumo nas economias de mercado e no próprio mercado de trabalho para a juventude (produtos e bens de consumo voltados para o público jovem) bem como as práticas de rejuvenescimento (indústria de cosméticos, higiene pessoal, cuidados com cabelos, etc., voltados para os velhos); os avanços tecnológicos feitos pelos jovens e o internacionalismo juvenil (Hobsbawn, 1995 citado por Santos e Baldoíno, 2016). Santos e Baldoíno (2016) postulam que a juventude passa a ter um significado em si mesma, deixando de ser meramente uma preparação para a vida adulta. Assinalam que (p.19/20):

A juventude, por conseguinte, se constituiu, sobretudo no século XX, como grupo social distinto no interior das formações sociais, recebendo atenção de diferentes campos do conhecimento científico. Várias correntes teóricas a partir de então, procuraram compreender melhor o segmento juvenil, proporcionando para a posteridade pertinentes contribuições em torno dos jovens e da temática da juventude, evidenciando a complexidade em torno da sua compreensão teórica e conceitualmente. A ampliação dos ciclos de vida, no período em questão, estendeu o conceito de juventude a segmentos das camadas populares tendo imbricações significativas, pois rompeu com a concepção de juventude vinculada apenas a burguesia.

Além disso, estes autores trazem o fato de que é difícil determinar o fim da juventude¹⁵, sendo esta tarefa também definida culturalmente de acordo com cada sociedade em que a discussão se insere. Juventude é conceito heterogêneo, não monolítico, cambiável, comparado às demais classes etárias. Como diz Bourdieu (1983) sempre se é velho e jovem de alguém, reiterando o caráter comparativo das fases.

Hoje podemos dizer “juventude” para diversos grupos etários, classes sociais, gêneros, raças/etnias, coisa que, como vimos não foi sempre assim. Dinâmicas de violência e delinquência foram tomadas em dados momentos históricos para delimitá-la, mas não definem juventude no contemporâneo. Além dos marcadores acima, a geografia, o espaço, os pertencimentos, as dinâmicas de lazer também interferem e engendram novas juventudes. Inclusive, a juventude depende destes marcadores para ser definida numa concepção que vá além da idade, embora esta seja também relevante como mostram os estatutos trabalhados no início deste tópico. A maioria dos autores trabalhados neste texto fala da idade antes de definir a juventude, mas apelam também para fatores socioculturais. Um ponto não trabalhado neste texto, só abordado tangencialmente, é o da identidade, das tribos juvenis e da cultura juvenil. Todos estes conceitos também entram na configuração moderna, mas ficam como ponto nebuloso deste tópico, uma vez que não escolhidos para o corpo teórico desta tese, devendo ser melhor desenvolvidos por outras/os autoras/es em outros trabalhos.

Juventude é apenas uma palavra, mas palavra importante, que designa um público específico, ainda carente de estudos que lancem luz sobre suas experiências e particularidades partindo de seu próprio ponto de vista. Há que se considerar a experiência dos jovens tendo em vista o que pensam, sentem, falam, como interagem, dentre outros. Tendo em vista esta amplitude e diversidade de juventudes e tendo em vista esta discussão teórica empreendida, optamos nesta tese pelo conceito de juventude, pela multiplicidade de possibilidades de entendimento, de trabalho e de formas de definições. Não utilizei o conceito de adolescência, a menos que referido pelas/os próprias/os participantes. Tampouco utilizei o recorte unicamente etário, haja vista a discussão mostrar o valor empobrecido deste único critério na definição de juventude. Assim, enquanto categoria social, a juventude será referida a uma cronologia, a saber: a dos estudantes cursando o Ensino Médio Tecnológico no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET MG, unidade Curvelo e presente também na Graduação, mas também referenciada na sua relação com a escola e com seus pares.

¹⁵ Um estudo recente trabalhando com o conceito de adolescência propõe o início desta aos 9 anos e fim aos 32. Para mais informações vide: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clygij1njmo> e <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5yd3x34xggo>

No próximo tópico apresento a Antropologia das Emoções, teoria que dá base para a realização da pesquisa.

2.2) A Antropologia das Emoções – quais contribuições para o problema do comportamento suicida?

As emoções têm sido estudadas pela antropologia já há algum tempo. Seus estudos, também na Sociologia, ganham corpo na década de 1970 nos Estados Unidos e na década de 1990 no Brasil (Koury, 2014). Röttger-Rössler (2008, p.177) mostra que “a tarefa da antropologia no âmbito da investigação interdisciplinar sobre as emoções humanas consiste na descoberta das particularidades especificamente culturais dos comportamentos emocionais”, sendo a articulação das emoções com a cultura um ponto central.

É possível perceber a existência de duas posições teóricas distintas no estudo das emoções na Antropologia: uma, parte do pressuposto de que as emoções têm uma base biológica que as constitui vindo a ser influenciadas pela cultura. Tem como principais nomes Melford Spiro, Eleanor Gerber e Karl Heider, que postulam uma quantidade de emoções básicas. Outra posição, representada por Catherine Lutz, Michelle Rosaldo e Owen Lynch, mostra que as emoções são culturalmente constituídas. Nesta visão, as emoções são julgamentos ou avaliações das situações submetidas às condições culturais, com os estímulos fisiológicos secundarizados. Uma terceira posição sendo desenhada é a de Alexander Laban Hinton e John Leavitt, que assinalam a “síntese de fatores biológicos e culturais” (Röttger-Rössler, 2008, p.181) na descrição dos fenômenos emocionais. Uma dificuldade para a Antropologia seria então descrever e distinguir “fatores socioculturais e biológicos” (*Ibidem*, p.181), o que implica em dizer que, à Antropologia cabe descobrir a “especificidade de fenômenos emocionais” (*Ibidem*, p.182). Röttger-Rössler (2008, p.182/183) apresenta que:

Uma vez que se observe como antropólogos de ambas as direções, tanto universalistas como construtivistas, se aproximam metodicamente do fenômeno “emoção”, torna-se possível verificar uma clara ênfase sobre estudos que se ocupam das representações linguísticas - algo em forma de um levantamento dos vocabulários emocionais locais.

Víctora e Coelho (2019) apresentam que há diversos estudos, sobretudo anteriores à década de 1980, que tratam da emoção no pensamento antropológico, porém sem ainda se constituírem uma área autônoma, tal qual outros constructos na antropologia tais como gênero, sexualidade e parentesco. Para estas autoras, a Antropologia das Emoções vem a se constituir

como uma área autônoma na década de 1980 nos Estados Unidos, tendo Michelle Rosaldo, Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod como referências. Delas são extraídos os conceitos-chave para os estudos da disciplina e delineamentos do campo. Uma destas definições, é a de emoção, retirada de Rosaldo (2019, p.38):

Emoções são pensamentos de alguma forma "sentidos" em rubores, pulsos, "movimentos" de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. Eles são pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que "estou envolvido". O pensamento/afeto, portanto, evidencia a diferença entre a mera audição do choro de uma criança e a sensação de ouvir - como quando se percebe que o perigo está envolvido ou que a criança é sua.

Para Koury (2005), a Antropologia das Emoções é um campo de reflexão que tenta revigorar a antropologia e suas análises, mantendo o foco na intersubjetividade, porém, focando também nos fatores que estão influenciando a esfera emocional, buscando saber como se dá e até quando vai esta influência. Apresenta a seguinte definição:

A emoção como objeto analítico das Ciências Sociais, pode ser definida, então, como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a *outros* e causado pela interação com *outros* em um contexto e situação social e cultural determinados (Koury, 2004). Em sua fundamentação analítica vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal. (Koury, 2005, p.239)

Destas citações depreendemos que a emoção não é dada como algo biológico, inato, inerente ao ser humano universal; ao contrário, são dependentes da cultura na qual se inserem. Este dado já foi amplamente discutido por Marcel Mauss (1979), no texto tido como referência, intitulado “*A expressão obrigatória dos sentimentos*”, no qual ele estuda os ritos orais funerários na Austrália e percebe que as emoções têm um forte componente sociocultural, haja vista que: “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss, 1979a, p.147).

A manifestação das emoções conta então com ritmo, hora e tempos marcados de forma precisa assim como os agentes da expressão: a alguns é dado o direito/obrigação de se manifestarem, a outros não, sendo que as mesmas expressões não são comuns a todos os integrantes do grupo. Para Mauss, tal realidade constitui um fato social total, ou seja, dependente das múltiplas realidades e dos intervenientes que estão em cena na manifestação da emoção. Para ser um fato social total, implica em dizer que há interrelações nas diversas esferas (econômica, jurídica, política, religiosa) mesclando esfera psicológica e vida social. Este estudo, segundo Víctora e Coelho (2019) se constitui na primeira formulação teórica sobre

emoções e é onde Mauss vai mostrar a oposição entre indivíduo e sociedade, expressa neste texto na forma da oposição entre espontaneidade e obrigação na manifestação dos sentimentos e emoções.

Rezende e Coelho (2010, p.12) assinalam que “o processo de construção das emoções como objeto das ciências sociais é longo” e que, embora as emoções sempre tenham sido tidas como parte da dinâmica social da vida, elas ocupam um status dúbio: o de serem naturais e ao mesmo tempo, modificadas pela cultura sendo que, recentemente (décadas de 1990 e 2000), o elemento contexto passou a ser enfatizado nos estudos antropológicos das emoções, o que remete à abordagem contextualista, que vai além das relativizações e busca “analisar sob um ponto de vista pragmático as situações sociais específicas em que eles são expressos” (Rezende; Coelho, 2010, p.15).

Corroborando este pensamento acima, as ideias de Abu-Lughod e Lutz (1990) para as quais as emoções são também sociais, culturais e ideológicas, numa recusa a colocar as emoções em um modelo mentalista e psicologicista, tidas como naturais, internas e universais. Portanto, as emoções devem ser “analisadas como práticas sociais, ligadas a relações de poder bem como à sociabilidade” (p.12). Há quatro perspectivas teóricas principais na Antropologia das Emoções, sendo elas: *i)* essencialismo, *ii)* historicismo, *iii)* relativismo e *iv)* contextualismo. Esta última se aproxima do texto foucaultiano e da noção de discurso, imbuído da capacidade micropolítica, ou seja, o poder agora é visto como um elemento central para pensar as relações. De forma resumida, Víctora e Coelho (2019) mostram que:

Temos, aqui, um conjunto de ideias que balizaram a construção desse campo na cena antropológica norte-americana: a intrincada relação entre emoção, corpo e pensamento; a tríade gênero-(des)controle-poder na etnopsicologia euro-americana; e a capacidade micropolítica das emoções. É esse conjunto de ideias que vem servindo de referência para o desenvolvimento da antropologia das emoções no Brasil.

Koury (2005) apresenta que a Antropologia das Emoções no Brasil ganhou força a partir da década de 1990, embora haja autores que já trabalhassem com as emoções anteriormente a esta década. Cita como nomes importantes: Roberto DaMatta, Gilberto Velho, Luis Fernando Dias Duarte, Cornelia Eckert, Maria Claudia Coelho, Claudia Rezende, dentre outros. No Brasil, o campo pode ser tido como consolidado (Víctora; Coelho, 2019) haja vista publicações, defesas de dissertações e teses e participação nas principais reuniões sobre o tema no país.

No caso específico do comportamento suicida há pouquíssimas produções nacionais que versam sobre a temática, como visto no capítulo 1, com os trabalhos de Miranda (2018a, 2018b) e Mantilha (2022), devendo ainda ser construído um edifício teórico específico nesta área. Há

uma vasta literatura na Saúde, sobretudo no campo *psi*, na Epidemiologia e Saúde Pública que falam de emoções presentes no evento suicida. Não retomaremos aqui esta literatura, já apresentada, mas vale ressaltar que a Antropologia das Emoções pode contribuir com um novo olhar sobre o tema discutido nesta tese, tendo, por isso, sido escolhida como teoria principal para a análise dos dados/resultados da pesquisa. No próximo item, apresento então, a gramática das emoções e a micropolítica das emoções como categorias importantes para estudar o ato suicida.

2.3) Gramática e micropolítica emocionais em jogo no evento suicida

A gramática emocional aparece como foco de estudo de vários trabalhos (Maia, 2017; Coelho; Pardo, 2018; Calmon, 2019, Hernandez; VÍctora, 2019, Simões, 2019; Ribeiro, 2023), porém nem sempre seus autores buscam uma definição/conceituação da mesma. Na tentativa de construir a definição que utilizarei nesta tese, tomo de início o conceito dicionarizado de gramática:

Gramática (gra.má.ti.ca) *sf.* **1.** *Ling.* Conjunto de regras que normatizam o falar e o escrever corretamente, segundo a língua-padrão. **2.** *Ling.* Estudo em que se expõem essas regras. **3.** Obra em que essas regras são expostas de maneira racional e didática: *Escreveu uma gramática de alto nível.* **4.** Exemplar dessa obra: *Ia sempre às aulas com a sua gramática na mão.* **5.** *Ling.* Estudo sistemático dos elementos (palavras, fonemas etc.) que constituem o sistema de uma língua: *gramática do tupi-guarani.* **6.** Conjunto de normas, regras, técnicas etc. que regem uma arte, ciência etc.: *Seus filmes têm uma gramática própria e surpreendente.* (Aulete, 2011, p.721, grifos do autor)

Assim, pensar numa gramática emocional pode nos levar a pensar no conjunto de regras que normatizam as emoções no contexto público, qual o conjunto de emoções permitido e cerceado em cada contexto bem como quais as prescrições de uso de cada uma delas. Destarte, no repertório de emoções de um indivíduo e coletividade, não são todas elas que são/estão disponíveis o tempo todo, como se verá nos exemplos abaixo. A gramática emocional nos leva a pensar em dinâmicas de poder, lutas e resistências, na participação ativa (ou não) de sujeitos e coletividades, na sua história de vida e seu lugar no mundo. As concepções de moralidade se fazem presentes e engendram comportamentos e posicionamentos dos atores. Uma gramática emocional articula as dimensões macro e micropolíticas da vida, mostrando a pertinência de se olhar para os objetos de pesquisa de forma ampliada.

Destarte, apresento alguns trabalhos que versaram sobre a gramática das emoções em contextos diversos. Maia (2017) apresenta “*A gramática das emoções no processo de*

reconhecimento de demandas da população trans”, com pesquisa realizada junto a Suelen, mulher trans e ativista, tendo encontrado como resultados que a gramática das emoções envolvida na pesquisada remetem a uma “mobilização política das emoções” (p.58) donde emoções tais como dor e sofrimento engendram um engajamento político, criando uma comunidade emocional, que permite/impulsiona a ação política de movimentos sociais. Suelen, se empodera no processo de ativismo e utiliza seus sentimentos e emoções como categorias políticas de enfrentamento e combate à transfobia. Maia (2017, p.70) assinala que “as emoções, portanto, possuem uma gramática que nos ajuda a pensar as relações de poder e as formas de resistir e modificar a essas relações”.

Coelho e Pardo (2018), no artigo “*O pátio do recreio: interação, ‘bullying’ e gramáticas emocionais da vitimização*” mostram por meio de relatos de agressores, vítimas e espectadores, que a situação de *bullying* sempre é formada por uma cena destes três elementos, passando por um “deslizamento semântico” entre aquilo que é definido formalmente como *bullying* e “coisa de criança”. O referencial teórico principal para a discussão da tríade é Simmel. A gramática das emoções é perpassada por compaixão, raiva e vergonha. Falam também do constrangimento e da humilhação que fazem parte da “família de sentimentos” da vergonha. No final do texto, as autoras fazem o exercício analítico de comparar esta gramática emocional pesquisa com outras dinâmicas de vitimização, tais como as presentes em assaltos em residências e sequestros.

Calmon (2019), estudando a bissexualidade e as gramáticas emocionais de jovens universitários do Rio de Janeiro, mostra quais emoções e sentimentos estão envolvidos no ato destes jovens se relatarem como bissexuais para família, pretendentes amorosos e parceiros/namorados, sendo que “a composição dos sentimentos disposta nos relatos evidenciou a capacidade micropolítica das emoções em reforçar estruturas hierárquicas e concepções de moralidade” (p.303) nos relatos dos jovens e na experiência empírica. Apoiando-se em Goffman, fala de identidade desacreditável/desacreditada e do estigma, fala ainda do *footing*¹⁶ e do trabalho ou gerenciamento emocional que as pessoas bissexuais têm que fazer. Na

¹⁶ “Trata-se de situação na qual localizamos o sentido não declarado da mensagem-ação, para designar o alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expresso na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Quando, numa conversa, a postura dos interagentes é alterada, temos um *footing*. Por exemplo, quando uma discussão formal acerca de negócios é encerrada e seguida por uma brincadeira (informal), temos um *footing*. Se o contrário acontecer, ou seja, se uma piada é dita para ‘quebrar o gelo’ antes de uma reunião tensa, também temos um *footing*. Se duas pessoas conversam, uma terceira se aproxima e aquelas propiciam sua participação ou, por outro lado, criam uma situação para sua exclusão, em ambos os casos esse movimento dos enquadres caracteriza o *footing*. Em outras palavras, um *footing* ocorre sempre que as pessoas mudam suas linhas de atuação (alinhamento) numa interação.” (Leão; Mello; Freitas, 2011, p.66/67).

gramática emocional aparecem orgulho, a dinâmica entre exposição e sigilo, o apagamento da bissexualidade, a rejeição e a suspeita e no caso de uma das entrevistas, o ciúme. Fica claro o enlace das dimensões micro e macro da vida social, uma vez que as experiências dos jovens se articulam com dinâmicas de gênero maiores e com uma localização do sexo como político.

Por sua vez, Hernandez e Víctora (2019) mostram a gramática das emoções presente numa etnografia com crianças e seus processos de aprendizagem na natureza. Utilizando-se dos conceitos de “jogos de linguagem” e “formas de vida” e mostram as emoções de forma desnaturalizadas. Estas autoras são as que mais se aproximam de definir a gramática das emoções, conforme se vê abaixo:

As emoções, como aponta Claudia Rezende (2012), podem ser compreendidas como elementos constitutivos de uma linguagem que discorre sobre as relações de alguém com os outros e com o mundo. Tomar os sentimentos como linguagem conduz à consideração de que a expressão de emoções apresenta regras socialmente definidas, em outras palavras, uma “gramática emocional” (Rezende; Coelho, 2010, p. 63) a partir das quais se torna possível a emergência dos sentimentos (Hernandez; Víctora, 2019, p.229).

Nesta gramática emocional “alternativa” conforme apresentada por elas, aparece nas crianças um mix de sentimentos: coragem, confiança, medo, tédio, o sentimento de sacralidade etc. sendo constituída por dois eixos.

Um diz respeito à lógica da escolha individual e da participação ativa, desdobramentos do princípio de liberdade, e rege emoções associadas ao engajamento ativo e criativo. O outro eixo se vincula à lógica da distinção entre natureza e cultura e rege sentimentos que informam como os distintos entes considerados como pertencentes ao domínio totalizante da natureza devem se relacionar entre si (Hernandez; Víctora, 2019, p.249).

Em Simões (2019), vemos a gramática emocional envolvida nas situações de violência sexual contra mulheres com deficiência intelectual e que tiveram que ser submetidas à interrupção legal da gestação. Tal gramática articula dor, sofrimento e vitimização, sendo que as duas mulheres trazidas como exemplo no texto tiveram que ser constituídas enquanto “vítimas”, para que alguns direitos fossem acessados. “Foi articulando o sofrimento e a vitimização como categorias úteis que os direitos sexuais já garantidos foram acionados na ocasião” (Simões, 2019, s.p.).

Por fim, Ribeiro (2023) apresenta “*O trabalho de cuidar sob os dilemas da gramática emocional*” mostrando que, no caso do cuidado, não há uma “gramática virtuosa dos afetos” haja vista servir para legitimar a subordinação do gênero feminino. Na dinâmica de poder envolvida no cuidado, quem cuida o faz por ser inferior a quem é cuidado e geralmente as

lógicas de cuidado ficam restritas às mulheres da família e/ou contratadas para tal. Utilizando o exemplo da pandemia, assinala a existência de uma gramática emocional para forçar as/os trabalhadoras/es a irem trabalhar mesmo num contexto hostil à saúde. Articulando ao contexto político, mostra que “a extrema direita, demonstrou incapacidade ou desinteresse na gestão da pandemia. Além de velhas tradições que retornam com mais força, o patriarcado e o fundamentalismo religioso” (Ribeiro, 2023, s.p.).

Como se percebe, nos artigos citados acima, há em comum, uma preocupação com a lógica emocional envolvida em cada situação estudada. Para além de uma enumeração das emoções em jogo em cada contexto, cada autor/a buscou traçar o paralelo das emoções com o poder e com a capacidade micropolítica das emoções, embora nem todos/as tenham usado esta nomenclatura. Assim, numa gramática, os elementos de elucidação das emoções e sua articulação com o poder e com a micropolítica se fazem importantes. Passemos agora para o conceito de micropolítica.

Falamos de uma micropolítica das emoções quando estamos diante de uma realidade que “possibilita correlacionar aspectos micro e macrosociais da tessitura afetiva e comportamental da vida cotidiana” (Calmon, 2019, p.295). Ou ainda nos momentos em que pensamos a “emoção como um discurso” (Lutz, 2012, p.215), participantes da vida pública. Uma micropolítica, portanto, articula as emoções ao social, à sociedade e à cultura, vendo-as como inseparáveis, permeáveis aos diversos discursos existentes e detentoras de uma fluidez peculiar.

Rezende e Coelho (2010, p.75) mostram que o “potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrosocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” faz parte da “capacidade micropolítica das emoções” sendo que “é com essa dimensão que o estudo das emoções pode contribuir para a compreensão de temas ‘consagrados’ da agenda de pesquisa das ciências sociais” (p.75). O contextualismo, embasado “na noção foucaultiana de ‘discurso’” (p.79), traz uma inovação para o estudo das emoções, sendo que a realidade aparece como uma relação de formação, ou seja, construída como base no que é dito sobre ela. Especificamente sobre a micropolítica das emoções, as autoras assinalam que:

A emoção não seria apenas um construto histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma “micropolítica da emoção”, ou seja, de sua capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. É assim, então, que as emoções surgem perpassadas

por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais (Rezende; Coelho, 2010, p.78).

No caso do comportamento suicida, apesar deste não ser um tema “consagrado” das Ciências Sociais, como assinalado por Rezende e Coelho (2010), estamos diante de uma gramática emocional específica, como ficará elucidado no decorrer desta pesquisa. É uma gramática que envolve dor, desespero, vergonha, uma moralidade de cunho judaico-cristã, sobretudo, e uma moralidade que põe em jogo o direito de viver/morrer sob a ótica do pensamento corrente do tabu do suicídio.

Na lógica da Saúde há um discurso de que existem 4D's envolvidos no evento suicida: desamparo, desespero, depressão e desesperança (Brasil, s.d.). Morais e Souza (2011) apresentam que o suicídio traz consigo inúmeros sentimentos e reações, tais como vergonha, culpa, medo e revolta, dentre outros. Em pesquisa envolvendo as 5 regiões do Brasil, sobre os significados do ato suicida, Morais *et al* (2022) mostram que ainda há muito preconceito com relação à temática e ainda prevalece a associação entre suicídio e transtornos mentais em detrimento dos problemas socioculturais que o engendram. Apresentam uma nuvem de palavras oriunda da pesquisa em que aparecem várias emoções e sentimentos tais como: solidão, medo, sofrimento, dor, desespero, depressão, dentre outros.

No próximo capítulo apresento os resultados da pesquisa e sua análise/discussão onde veremos a gramática das emoções e a micropolítica das emoções em jogo no comportamento suicida de estudantes do CEFET Curvelo. Porém, antes, apresento o CEFET, como local da pesquisa.

2.4) A escolha de uma escola para a pesquisa – o CEFET MG

O *locus* desta pesquisa é o CEFET MG, especificamente a unidade Curvelo, localizada na região central de Minas Gerais. De acordo com Oliveira (2013, p.20) o CEFET MG é “uma autarquia do Poder Executivo, de regime especial, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e disciplinar”. Em 2008, as escolas técnicas foram transformadas em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, dando prosseguimento à ampliação do ensino profissional e tecnológico por meio da interiorização dos institutos e do aumento do número de vagas. Os CEFET's MG e RJ não aderiram à proposta e permaneceram com suas estruturas por ter um interesse em se transformarem em Universidades Tecnológicas Federais. Em sua história, o CEFET é “fruto da transformação da

Escola Técnica Federal de Minas Gerais em Centro Federal de Educação Tecnológica”¹⁷. Oferta cursos de níveis diversos de ensino: educação profissional técnica de nível médio, graduações, pós-graduações (*lato e stricto sensu*) “na área tecnológica e no âmbito da pesquisa aplicada” (Oliveira, 2013, p.20).

Foi fundado em 23.09.1909, via decreto assinado pelo então presidente Nilo Peçanha, tendo passado por diversas nomenclaturas antes de chegar à atual. Começou a ofertar cursos superiores a partir de 1978, sendo que, até então oferecia apenas cursos técnicos. Conta atualmente com uma estrutura multicampi, sendo:

a maior instituição de ensino tecnológico do Estado de Minas Gerais, levando às cidades seu ensino qualificado, suprimindo a necessidade de mão obra capacitada. Suas unidades estão em áreas com intenso desenvolvimento industrial¹⁸.

A sede do CEFET se localiza em Belo Horizonte – BH, tendo três unidades nesta cidade e mais 8 espalhados pelo Estado: Contagem, Leopoldina (Zona da Mata), Araxá (Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba), Divinópolis (oeste de Minas), Timóteo (Vale do Aço), Varginha e Nepomuceno (sul de Minas) e em Curvelo (região central de Minas Gerais).¹⁹ Abaixo segue dados de inauguração das unidades:

1909 – Belo Horizonte
 1987 – Leopoldina
 1992 – Araxá
 1994 – Divinópolis
 2006 – Timóteo
 2006 – Varginha
 2007 – Nepomuceno
 2010 – Curvelo
 2012 – Contagem

A sede administrativa do CEFET localiza-se no Campus I, em Belo Horizonte, mas em cada unidade/campus “há uma Diretoria responsável pela gestão administrativa local, nos aspectos relativos à execução financeira e orçamentária, recursos humanos e patrimônio” (Oliveira, 2013, p.21), sendo que os aspectos pedagógicos são geridos pelas Coordenações de Curso e/ou Diretorias a elas associados. Neste sentido, vale frisar que:

De modo geral, a estrutura organizacional do CEFET-MG, por um lado, é bastante rígida, verticalizada e pesada; por outro, no que diz respeito às coordenações

¹⁷ <https://www.curvelo.cefetmg.br/apresentacao/>

¹⁸ <https://www.cefetmg.br/instituicao/historia/>

¹⁹ <https://www.curvelo.cefetmg.br/apresentacao/>

de cursos e/ou áreas, há maior flexibilidade na operacionalização de suas práticas pedagógicas. Em outros termos, pode-se dizer que cada coordenação de curso – e até mesmo cada professor – tem liberdade de adotar procedimentos sem, muitas vezes, se vincular a um mesmo rol de normas acadêmicas e de padrões de conteúdos por disciplina (Oliveira, 2013, p.21/22)

O campus Curvelo foi criado em 2010 “com o objetivo de atender às demandas de mercado da região central do estado, em especial às encontradas na cidade de Curvelo, as quais exercem influências nos polos econômico, administrativo e educacional”²⁰. No mesmo ano recebeu as primeiras turmas para os cursos técnicos de nível médio e em 2012 ampliou a oferta de cursos para o nível superior, sendo que “a unidade busca oferecer, simultaneamente, uma alternativa para a população jovem e uma resposta concreta diante da demanda por formação de profissionais para os setores industriais, construção civil e de serviços”.²¹

O CEFET – MG/Campus Curvelo é uma instituição federal de ensino, localizada na região central de Minas Gerais, atendendo além do município sede, diversas cidades da região, tais como Augusto de Lima, Buenópolis, Corinto, Joaquim Felício, dentre outros. Possui atualmente três cursos de ensino médio tecnológico (Edificações, Eletrotécnica e Meio Ambiente) e dois cursos superiores (Engenharia Civil e Engenharia de Energia), além de pós-graduação *stricto sensu*– Especialização em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens. Sobre a infraestrutura,

A Unidade Curvelo está instalada em um terreno de 47.444,00 m², situado à margem do trecho do desvio da BR 135, no Bairro Santa Rita e possui uma área construída de 3.862,12 m². No local, foram construídos cinco prédios: administrativo, escolar²², restaurante, de apoio e portaria.

Todos os prédios foram programados e projetados dentro da melhor e mais atualizada técnica de planejamento de edifícios educacionais, adotando-se critérios reais de dimensionamento baseados em índices de ocupação específicos para cada tipo de ambiente, seja ele laboratório, sala de aula ou espaço administrativo²³.

No ano de 2024, o CEFET contava com 44 docentes efetivos, 12 docentes substitutos, 29 técnicos administrativos em educação (TAES), e 31 terceirizados (que trabalham com na portaria, limpeza ou restaurante). Com relação aos alunos, o CEFET Curvelo atendia neste momento, 264 estudantes nos cursos técnicos (83 em Edificações, 89 em Eletrotécnica e 92 em Meio Ambiente), 210 no curso superior e 25 na pós-graduação, totalizando 499 estudantes.

²⁰<https://www.curvelo.cefetmg.br/apresentacao/>

²¹<https://www.curvelo.cefetmg.br/apresentacao/>

²² Atualmente conta com dois prédios escolares, ampliando o número para seis prédios.

²³<https://www.curvelo.cefetmg.br/infraestrutura/>

O CEFET Curvelo foi escolhido para esta pesquisa por sua relevância e destaque na sua área de atuação, bem como por ser um dos mais recentes e ser o único CEFET na região central de Minas Gerais, atendendo a demanda de jovens e adultos de formação especializada bem como a demanda do mercado de trabalho em ciência, tecnologia e pesquisa. Esta instituição vem demandando pesquisas na área de Saúde Mental como é o caso da pesquisa de Oliveira (2013) e se constituiu em *locus* privilegiado para que eu realizasse a pesquisa, por ser meu local de trabalho e por ter acesso facilitado para a coleta de dados. No próximo item, apresento os demais aspectos metodológicos da pesquisa.

2.5) Aspectos metodológicos da pesquisa do comportamento suicida

A pesquisa realizada se define como qualitativa, uma vez que buscou um entendimento maior acerca de um fenômeno em foco, sendo ele os pensamentos e emoções das/os servidoras/es acerca do comportamento suicida de adolescentes e também focando na percepção das/os próprias/os adolescentes. A pesquisa qualitativa busca estabelecer uma proximidade entre o sujeito e o fenômeno estudado, buscando conhecer as diversas facetas deste. Um dos objetivos do pesquisador deve ser o de buscar entender a realidade como ela é, como ela se apresenta, visando captar a experiência mesma dos participantes, estes entendidos como os portadores do conhecimento e agentes sociais do contexto, ou seja, devem ter prioridade no estudo (Martins, 2004).

Alguns dados foram coletados tais como: dados sociodemográficos (para conhecer a população e amostra), dados sobre conhecimentos prévios acerca do comportamento suicida, dados sobre pensamentos e reflexões atuais sobre comportamento suicida, sensações/percepções/sentimentos e emoções acerca do tema bem como estratégias de intervenção e novas possibilidades de atuação. Para esta coleta de dados foram utilizados os seguintes recursos: aplicação de questionário sociodemográfico e aplicação de grupos focais para a coleta dos demais dados. Por fim, a realização de entrevistas com alguns participantes. A ordem de aplicação das etapas foi a seguinte: 1º) aplicação de questionários pré-grupos focais, 2º) realização dos grupos focais e 3º) realização de entrevistas pós-grupos focais, o que faz esta pesquisa ser de cunho descritivo e corte transversal.

O grupo focal é definido como uma técnica de coleta de dados, que faz uso da interação grupal para promover uma problematização sobre um tema ou um foco específicos, podendo ser caracterizado também como uma entrevista em grupo (Backes *et al*, 2011). Seu grande valor

está em atingir um nível reflexivo, de dinamicidade e circularidade que outras técnicas geralmente não conseguem acessar. O grupo focal:

segundo Borges e Santos (2005) é uma dentre as várias modalidades disponíveis de entrevista grupal e/ou grupo de discussão. Os participantes dialogam sobre um tema particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate (Ressel *et. al.*, 2008). Para Perosa e Pedro (2009) é uma forma de coleta de dados diretamente por meio da fala de um grupo, que relata suas experiências e percepções em torno de um tema. Desse modo, o grupo focal é uma técnica para a exploração de um tema pouco conhecido, visando o delineamento de pesquisas futuras e a produção de sentido e significados sobre determinado tema, pois sua orientação está voltada para a geração de hipóteses, e desenvolvimento de modelos e teorias (Silva; Assis, 2010, p.148).

Possibilita coletar um número relevante de informações sobre o grupo em períodos de tempo relativamente curtos (cada grupo tem em torno de 1 a 2 horas e a quantidade de grupos depende do objetivo da pesquisa), o que fez com que esta técnica fosse a privilegiada por este pesquisador.

Esta pesquisa se dividiu em dois grandes blocos para a aplicação dos instrumentos de pesquisa. A primeira etapa, junto às/aos servidoras/es e a segunda etapa, junto às/aos estudantes. No que se refere à pesquisa desenvolvida com as/os servidoras/es, as etapas foram as seguintes: aplicação de questionário pré-grupo focal, realização de quatro grupos focais e realização de 11 entrevistas. A aplicação do questionário se deu no mesmo dia do primeiro grupo focal, tendo sido realizados quatro grupos focais com as/os servidoras/es, no mês de maio de 2024, sendo divididos em três blocos temáticos (conhecimentos prévios/experiências prévias com o comportamento suicida; sentimentos e pensamentos sobre o tema; sendo discutidas também as possibilidades de intervenção no decorrer dos grupos 2 e 3) e um quarto grupo focal para tirar dúvidas das/os servidoras/es sobre o comportamento suicida e sobre o andamento da pesquisa. Cada encontro teve duração aproximada de 1h30, tendo sido realizado apenas um encontro com cada tema. Em seguida, nos meses de junho e julho, foram realizadas as entrevistas com 11 dos participantes, tendo em vista que 01 participante não aceitou ser entrevistada.

Quanto às/aos estudantes, as etapas foram praticamente as mesmas, mas em datas diferentes. Primeiro houve a aplicação de questionário pré-grupo focal, no mesmo dia do primeiro grupo focal. Depois houve a realização dos 3 grupos focais conforme temas acima (conhecimentos prévios/experiências prévias com o comportamento suicida; sentimentos e pensamentos sobre o tema). Cada encontro teve duração aproximada de 45min. E, por fim, a realização de quatro entrevistas. Os grupos focais aconteceram no mês de julho de 2024, entre os dias 17 e 19 e as entrevistas com jovens aconteceram no mês de julho de 2025.

Os grupos não contaram com amostragem intencional, apesar de os teóricos do grupo focal recomendarem que se escolha os participantes com base em característica comum. No caso, as/os servidoras/es do CEFET já compartilham a característica comum que é a de exercer suas atividades junto às/aos discentes, sendo este o principal critério de inclusão. Um critério para a formação dos grupos focais com as/os servidoras/es foi o tempo na instituição, uma vez que, quanto maior o tempo, maior a possibilidade de terem tido contato com o comportamento suicida. Assim, foi estabelecido como prazo mínimo o período de 3 anos, uma vez que este corresponde ao tempo de formação no ensino médio tecnológico, o que indica que este profissional já acompanhou ao menos algumas turmas ao longo de seu ciclo formativo institucional. O mesmo pré-requisito não foi demandado das/os jovens.

Todas estas etapas aconteceram no CEFET/MG – Campus Curvelo, sendo realizadas na sala de metodologias ativas e na sala de reuniões, que possuem um espaço adequado para a realização da aplicação dos questionários e do grupo focal. As entrevistas foram realizadas na sala de atendimentos da Coordenação de Assuntos Estudantis e Acompanhamento Pedagógico – CAEP, pois é um lugar mais acolhedor e propício para as entrevistas. Um dos servidores preferiu ser entrevistado em sua sala para maior conforto pessoal, tendo sido atendido. No caso dos jovens, houve uma procura maior por entrevistas on-line, sendo estas realizadas então via *Meet* e gravadas em áudio.

As entrevistas pós-grupos focais tiveram como objetivo aprofundar a coleta de dados e verificar demandas específicas. Para a análise dos dados foi utilizado o material disponibilizado na gravação dos grupos focais (áudio, vídeo, anotações pessoais) e das entrevistas, que foram analisados mediante Análise de Conteúdo, utilizando as orientações técnicas e teoria proposta por Bardin (2015) e em conformidade com o referencial teórico. Todo este material foi transcrito e utilizado para as interpretações, que aconteceram da seguinte forma:

- Primeira etapa: transcrição do material, com leitura flutuante e organização dos dados.
- Segunda etapa: classificação do material em categorias.
- Terceira etapa: tratamento dos dados e interpretação do material, mediante uso do material teórico que dá base a esta tese, sendo eles: Antropologia das Emoções, Psicanálise e teóricas/os e estudiosas/os do comportamento suicida.

Vale ressaltar que o projeto da pesquisa passou por revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, obedece ao prescrito na Resolução nº446/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS – e na Resolução 510/16, também do CNS,

que tratam das normas aplicadas às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Foi aprovado com CAAE: 75872223.0.0000.5147 e número de parecer: 6.668.889. Esta pesquisa consta também com a Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Brasil, 2018b), como substrato.

Sobre o processo de pesquisa antropológica, Veena Das, em entrevista a Pierobon *et al* (2022, p.21/22) tece comentários, com os quais faço coro:

já há bastante tempo, antropólogos partem do pressuposto da existência de diferentes momentos no pensamento antropológico. Um momento é o de estar em trabalho de campo, imersa em experiências; em um segundo momento, retornamos, refletimos sobre essas experiências, tomando o conjunto comum de conceitos de que partilhamos como parte de uma comunidade antropológica e, então, aplicamos esses conceitos ao nosso material. Pressupomos, assim, tornar nossas experiências acessíveis através desses conceitos, escrevendo dentro de uma estrutura disciplinar, certo?

De certa forma, estes foram os passos desta pesquisa, como se verá a seguir: o processo de pesquisa com as/os servidoras/es teve como primeira etapa o convite, que aconteceu em três etapas: *i*) Convite feito na reunião geral com servidoras/es, *ii*) convite via e-mail enviado a todas/os servidoras/es e *iii*) mensagem no Whatsapp dos grupos de técnico/as-administrativas/os e de docentes. Aceitaram participar da pesquisa 8 técnicas/os-administrativas/os e 4 docentes. Na sequência, aconteceram os grupos focais, entre os dias 07 e 09 de maio de 2024, tendo sido realizado um quarto grupo focal (não previsto na metodologia inicial) para responder às perguntas que os servidores tiveram ao longo dos três primeiros grupos. A pesquisa de campo finaliza com as entrevistas de julho a agosto de 2024.

O processo de pesquisa com as/os estudantes teve como primeira etapa o convite e este ocorreu em duas etapas: *i*) Convite via mensagem em grupos institucionais de Whatsapp, nos quais fazem parte a direção da unidade e discentes, com divulgação do meu e-mail pessoal, registrado nesta pesquisa, para que os interessados o respondessem caso se disponibilizassem a participar da pesquisa e *ii*) ida às salas de aula de todas/os as/os estudantes, tanto do nível técnico quanto do nível superior, para convidá-las/los e assinarem o nome na lista de interesse de participação. No momento do convite, as/os estudantes do ensino técnico se mostraram mais receptivos/as, mais abertos e as/os do ensino superior se mostraram mais apáticos, fizeram brincadeiras com o tema da pesquisa, mostrando a dificuldade de lidarem com o tema de forma assertiva. Uma hipótese sobre o porquê de isso acontecer é que as/os jovens estão mais envolvidos no tema do que as/os adultas/os, tanto no sentido de fazerem mais brincadeiras entre si, focando neste tema, quanto no fato de ser a adolescência um período crítico para comportamento suicida.

Deste convite resultou: 87 pessoas interessadas em participar, sendo 84 resultantes do convite presencial e 3 do retorno por e-mail; 80 estudantes do ensino técnico e apenas 7 estudantes do ensino superior, sendo que o número total é bem expressivo e mostra a necessidade e o engajamento de se falar sobre o tema, principalmente entre as pessoas mais jovens. As/os estudantes do ensino técnico se mostraram mais abertos à proposta e também demonstraram seu interesse maior em falar sobre o tema. Um fato inusitado sobre o momento do convite foi que em uma das turmas das quais fui apresentar minha proposta de pesquisa, um grupo (próximo geograficamente na sala e provavelmente também próximo em suas relações afetivas) começou a rir quando souberam do tema, vindo a ser interrogado pelo restante da turma sobre o porquê dos risos. Isso mostra claramente o efeito surpresa que o tema traz, um mix de desconforto (cuja saída seria o riso), tensão e tentativa de descontrair o clima. Em uma das turmas da Engenharia, um dos estudantes presentes perguntou se era preciso ter ideiação suicida para participar da pesquisa e a turma começou a rir também. Então eu expliquei novamente sobre a não necessidade de apresentar vinculação a um evento suicida e sim, ter interesse no tema. Tal situação mostra que uma simples situação em que um jovem foi tirar uma dúvida gerou uma exposição dele no coletivo, o que reforça o tabu de não se falar sobre suicídio.

Dentre as/os 87 estudantes, eu tive que sortear 12, via sorteio simples, para a composição do grupo focal, que foi realizado em três dias consecutivos, de terça a quinta, na última semana de aulas do mês de dezembro de 2024. Foram realizados sorteios em três etapas, totalizando 25 estudantes sorteadas/os. Isso porque não consegui contato com alguns deles (telefone desligado, a pessoa não tinha *Whatsapp*, não retornou minha ligação ou não atendeu quando liguei novamente) ou ainda porque não assinaram o TCLE ou o TALE. Assim, foi preciso sortear três vezes e, destes 25, apenas 9 participaram dos Grupos Focais. Uma ideia sobre a baixa participação da graduação na pesquisa é a de que os grupos focais aconteceram no início da tarde, o que impossibilitaria a participação de quem trabalha. Outra ideia é correlata ao que foi dito acima: o tema choca, causa desconforto, mexe com as emoções e nem todo mundo está aberto/a à esta empreitada.

A participação das/os estudantes no primeiro dia foi a que julguei mais impactante: várias/os choraram, se espremiavam na cadeira, se retorciam, alguns pediram licença para sair da sala e voltaram depois de alguns minutos, houve também diversos momentos de silêncio. Nos demais dias também houve emoções à flor da pele, ou seja, as/os jovens continuaram a se emocionar, a se incomodar com o tema, a mostrarem lágrimas, silêncios, saídas da sala, porém, mais acostumadas/os com o clima da pesquisa, as/os estudantes suportaram melhor o desconforto do que no dia anterior, conforme assinalado nos termos de participação da pesquisa.

Além disso, me coloquei à disposição para escutá-las/los e acolhê-las/los para além daquele momento, caso precisassem.

Foi disponibilizado no espaço dos grupos focais, tanto com servidoras/es quanto com estudantes, um lanche diversificado: sucos, refrigerantes, bolos, salgadinhos, pães de queijo, que as/os participantes podiam se servir a qualquer momento dos grupos focais. Algumas servidoras falaram do lanche como algo positivo, que as ajudou a lidar com as emoções que se apresentaram nos três dias. Falaram que o lanche foi importante para ficarem bem, terem um “acalento” e darem conta de lidar com o tema. Macht (2008) mostra que a alimentação pode ter uma função de regular as emoções. Diante do estresse, as pessoas tendem a ter alterações em sua alimentação, restringindo-a ou aumentando-a. O fato é que emoções como tristeza, medo, raiva, alegria produzem respostas alimentares e a maior parte destas emoções se fez presente nesta pesquisa.

Assim como aconteceu com as/os servidoras/es, as/os jovens falaram que ter um lanche à disposição as/os ajudou a lidar com emoções. Isto remete ao que é apresentado por Altoé, Menotti e Azevedo (2019, p.130) que afirmam que “a seleção do alimento também faz parte das relações de afetividade. A comida nos afeta e nos permeia de afetos”, despertando todos os sentidos e sendo relacionada com a memória. Prosseguem os autores dizendo que “o aspecto simbólico da comida está intimamente relacionado ao potencial do alimento de despertar memórias afetivas, lembranças carregadas de sentimentos” (p.130), o que se correlaciona ao que foi dito acima pelas/os participantes. Talvez o “bolo de chocolate” tenha as/os remetido aos sabores da infância e tenha tido um efeito apaziguador. Além do fato de que ter um lanche diversificado, num momento de discussão densa, pode trazer um conforto para as/os jovens, deixando-as/os mais calmas/os para prosseguirem a discussão.

Os grupos focais foram realizados com as/os estudantes no período de 17 a 19 de dezembro de 2024. A etapa final com as/os jovens foram as entrevistas, realizadas no mês de julho de 2025.

As entrevistas com as/os servidoras/es tiveram a participação de 11 pessoas, haja vista uma delas não ter aceitado participar. Tiveram duração aproximada de 30min e todas foram gravadas e transcritas para posterior análise. Não houve intercorrências.

As entrevistas com estudantes contaram com a participação de 5 jovens, do total de 9. Quatro das/os jovens não foram localizados no CEFET, não responderam ao e-mail ou whatsapp, ficando 5 para as entrevistas; 3 delas aconteceram online, via Meet, e 2, presencialmente, na sala de atendimentos do CEFET. Com as/os jovens, ao contrário dos adultos, as entrevistas foram curtas, com duração aproximada de 10min, excetuando uma, que

durou 40 minutos, tempo este mais próximo do tempo das entrevistas com as/os servidoras/es.

As entrevistas curtas foram “escolha” das/os jovens. Respeitei o tempo de cada um e assim houveram tais diferenças. Acredito também que como parte das entrevistas foi online, o contexto no qual eles estavam pode não ter sido tão favorável, por estar próximas/os a familiares e/ou outras pessoas. Outro motivo pode ter sido o desconforto que o tema causa, que pode ter feito com que as/os jovens quisessem falar rápido e interromper logo as entrevistas.

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Exceto uma, haja vista ter acontecido um problema técnico com o gravador, impedindo de salvar o arquivo após a gravação. Esta entrevista ficou perdida, porém eu fiz anotações/diário de campo em todas as entrevistas, durante a fala das/os participantes justamente para evitar a perda de informações e para este jovem, cuja entrevista ficou perdida, havia minhas anotações, as quais compartilharei aqui junto às demais falas.

Cito novamente Veena Das, em entrevista a Pierobon *et al* (2022, p.29) para justificar o sigilo/anonimato com relação às pessoas participantes da pesquisa, uma vez que não apresento nenhum marcador social que as/os identifique: “O ‘Capítulo 8’ [de Textures], que aborda o caso de uma menina que foi estuprada, teve de ser escrito com muito cuidado e delicadeza, porque não é sobre mim que recaem as ameaças que podem acometer aqueles com quem converso”. Foi imbuído desta delicadeza e cuidado que trabalhei nesta tese, possibilitando às pessoas falarem o que quisessem na certeza de que não seriam identificadas/os.

Um último aspecto que quero aqui realçar nos aspectos metodológicos, é uma discussão apresentada por Forsey (2010): o da questão da diferença entre Antropologia, etnografia e observação participante, que tem gerado um intenso debate entre antropólogas/os, sociólogas/os e teóricos afins, vindo tais profissionais se definirem pelo seu método. Mas, mais importante ainda, no texto de Forsey é a discussão sobre o lugar da escuta nos trabalhos antropológicos, em especial da escuta engajada. Afirma que “ethnography is arguably more aural than ocular, the ethnographer more participant listener than observer”²⁴ (p.561). Não que ouvir seja mais importante do que olhar, ou vice-versa, não há uma hierarquia de sentidos na Antropologia, de acordo com Forsey, que defende uma “democracia dos sentidos” (p.562) embora haja defensores de todas as posições, sobretudo do olhar. Mais adiante, Forsey (2010, p.363/364) afirma que:

²⁴ “A etnografia é indiscutivelmente mais auditiva do que visual, o etnógrafo é mais um participante ouvinte do que um observador” (Tradução do autor).

a significant enough portion of ethnographic writing is based more upon what was heard in the field than what is seen there. And often what is reported as the “seen” are in fact observations of people conversing, singing, listening, speechmaking – noise-making.

(...)

then we should consider the possibility of opening up spaces for other qualitative research techniques, particularly interview-based studies, to move from the peripheries of this territory towards more central positions²⁵.

Trago Forsey (2010) à esta discussão para falar do percurso realizado nesta pesquisa: grupos focais e entrevistas são predominantemente atividades de escuta. No entanto, o olhar também se fez presente na pesquisa a começar pela observação dos grupos focais, das interações, do comportamento individual; as/os jovens foram observadas/os na escola no seu isolamento e/ou formação de grupos, e isso foi importante pois como é sabido “o corpo fala”... Aqui trazemos como ponto forte as entrevistas e grupos focais, privilegiando, portanto, a escuta, sem deixar de reconhecer a importância dos demais sentidos.

Dias da Silva (2020) apresenta que a escuta e o silêncio são elementos que aparecem nas etnografias, de forma transversal, de forma que “pertencem ao universo descritivo dos autores, mesmo que não constituam os argumentos centrais” (p.12). Isso se aplica ao contexto da Antropologia da Saúde, no qual a autora se insere, mas também no contexto da Antropologia das Emoções, aqui trabalhados, porém de outra forma: nesta pesquisa a escuta e o silêncio foram centrais o tempo todo. A autora afirma também que:

Cardoso de Oliveira (1998) já havia trazido a escuta/o ouvir como parte de uma tríade de operações analíticas próprias de nosso ofício, como um processo que se daria em três partes mais ou menos sequenciais: o olhar, o ouvir, o escrever. Por sua vez, Forsey torna especificamente a escuta uma catalisadora para a reflexão antropológica, ao substituir as oposições entre escuta (passiva) e fala (ativa) pelo caráter ativo de toda escuta e sua consequente politização. Tratar-se-iam de certas hierarquias do ouvir, e não de uma miríade de possibilidades orquestradas por nossas sensibilidades pessoais (Dias da Silva, 2020, p.13).

Minhas sensibilidades me levaram a passear pelo ouvir, pelo silêncio, pelo olhar, pelo paladar (também participei do lanche com as/os interlocutores/as) e culminaram nesta escrita. Todas elas etapas árduas na construção deste produto final, requerendo cuidado e atenção o

²⁵ “uma parte significativa dos escritos etnográficos baseia-se mais no que foi ouvido no campo do que no que foi visto lá. E, muitas vezes, o que é relatado como ‘visto’ são, na verdade, observações de pessoas conversando, cantando, ouvindo, discursando — fazendo barulho.

(...)

então devemos considerar a possibilidade de abrir espaços para outras técnicas de pesquisa qualitativa, particularmente estudos baseados em entrevistas, para passar da periferia desse território para posições mais centrais.” Tradução minha.

tempo todo. Destarte, no próximo capítulo apresento os resultados e discussões da pesquisa de campo, apresentando as categorias encontradas e sua concomitante análise.

CAPÍTULO 3: PESQUISANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS COM SERVIDORES/AS

Depressão afeta sua mente e também seu coração
 E faz sofrer aqueles que te amam no mundão
 E a única saída vai ser suas oração
 já tentei me matar me suicidar, tomar uns remédios e pá
 Mais e aí e o meu caixão, quem vai ter que pagar
 Eu não, ninguém tem culpa dessa minha Depressão
 E outra minha família não tem condição
 Nasci foi na pureza e vou morrer monstrão
 Não vou passar desgosto para os meus irmãos
 (Depressão, Mc Pet Daleste, 2021)

Neste capítulo abordaremos a apresentação de dados coletados na pesquisa de campo com servidoras/es, sendo apresentados resultados e discussão. Foram realizados dois blocos de aplicação de instrumentos de pesquisa: *i*) grupos focais e entrevistas com servidores; e *ii*) grupos focais e entrevistas com estudantes. Num primeiro momento apresento o perfil das/os servidoras/es que participaram na pesquisa; na sequência, apresento as categorias encontradas nos grupos focais e dados das entrevistas, e finalizo com uma síntese do capítulo.

3.1) Quem são os/as servidores/as que participaram da pesquisa

A população de servidores do CEFET Curvelo é, no momento da pesquisa, o ano de 2024, de 44 professores efetivos, 12 professores substitutos e 29 técnicos administrativos em educação (TAES). Na pesquisa, a amostra foi de 4 (33%) professores e 8 (67%) TAES. Além disso, tomando a população geral, 7% dos professores da instituição participaram da pesquisa ao passo que houve o quádruplo (28%) de participação dos TAES, o que mostra que, mesmo em menor quantitativo na instituição, estes estiveram mais abertos à proposta realizada. Algumas questões se levantam: as/os TAES são mais engajadas/os? Mais receptíveis à proposta? Apresentam maior transferência com o tema e/ou com o pesquisador?

Foram 10 (83%) pessoas do sexo feminino e 2 (17%) do sexo masculino; idades indo de 36 a 55 anos, com idade média de 45,8 anos. Estado civil predominante foi o de pessoas casadas – 8 pessoas ou 74%, seguido por solteiras – 2 pessoas (17%), divorciadas – 1 pessoa

(8,5%) e viúvas – 1 pessoa (8,5%). Os setores de atuação também foram diversos: Biblioteca, docência, Coordenação de Assuntos Estudantis, setor de saúde, dentre outros.

Embora todas/os as/os entrevistadas/os residam em Curvelo (10 pessoas – 83%) ou Inimutaba (2 pessoas – 17%), as cidades de nascimento variaram bastante, mostrando um êxodo destas pessoas. Suas cidades natais foram: Araçuaí, Contagem, Curvelo (2 pessoas) Diamantina, Divinópolis, Joaquim Felício, Monjolos, Monte Carmelo, Vermelho Novo e duas pessoas não responderam.

Da amostra, 7 pessoas residem com esposo/a e filhos/familiares, 2 pessoas moram sozinhas, 1 pessoa mora com o esposo, 1 mora com os pais e 1 mora com os filhos. A renda individual variou de 2 salários mínimos a 12,85 salários mínimos, com média de 5,6 salários mínimos. A renda familiar variou de 3 salários mínimos a 12,85 salários mínimos, com média de 7,2, sendo que em metade da amostra, a renda do participante era a única renda da família.

Cinco pessoas (42%) da amostra já pensaram em suicídio e 7 (58%) pessoas nunca pensaram. Tais números são elevados se pensarmos que é uma população não clínica, ou seja, uma população que não foi escolhida por ter pensamentos de morte e/ou ideação suicida. Das pessoas que pensaram em suicídio, 33% contou com suporte social positivo (apoio, orientação, direcionamento) ao passo que 67% não teve este suporte. Praticamente todas/os na amostra conhecem alguém que já tentou suicídio – 11 pessoas (92%) e 92% (11 pessoas) acreditam que a escola pode ajudar a prevenir o comportamento suicida.

No momento de realização do primeiro grupo focal, enquanto se apresentavam, muitas pessoas sinalizaram o interesse pelo tema e desejo de aprender mais, como segue nas falas abaixo. As falas não aparecerão identificadas nesta tese, e raramente aparecerão nomes fictícios. Esta opção se deve a dois fatos principais: *i)* durante o grupo focal, algumas falas se sobrepuseram, dificultando a transcrição; e *ii)* o campus Curvelo é pequeno e a identificação de falas, mesmo que com nomes fictícios, permitiria o reconhecimento da pessoa, pelo jeito de falar, pela proximidade, etc. Vale ressaltar que nesta pesquisa, toda fala de participante aparecerá em itálico e entre aspas:

- *“...aceitei participar também porque o assunto interessa a gente que trabalha com educação”*
- *“...também estou estudando o tema de saúde mental. Acho esse tema superimportante. Tenho vivenciado muito com os alunos, os adolescentes...”*
- *“Meu interesse por esse tema se dá também pelo fato da minha família, eu tenho vários episódios de suicídio na minha família.”*

- “...esse tema pra mim sempre foi muito caro...”
- “meu objetivo é aprender também sobre o tema, que é um tema que eu acho que é pouco falado ainda, e é isso”.

Em uma fala de uma das participantes fica claro que falar sobre o suicídio, embora o tema seja instigante, ainda há dificuldades que marcam as emoções neste contexto:

- “É, eu perdi meu meu avô com essa..., ele deu um tiro na cabeça, e aí, é uma coisa que atormenta. Eu tinha 4 anos de idade, gente. E atormenta, tira a paz até os dias de hoje. Então é uma dor muito é uma dor muito grande. É um sofrimento que não passa, é uma dor, é um sofrimento que não passa, né? Então como eu disse a vocês que eu tenho um episódio de..., né? E não sei se vocês se lembram de uma professora de Curvelo, era minha prima, prima primeira.”

As reticências na fala acima mostram as situações em que a participante iria falar palavras relacionadas a suicídio, porém não conseguiu, vindo a falar sobre o tema somente mais tarde. As emoções se presentificam para além da nomeação, sendo vivenciadas e em alguns casos, como o citado acima, revividas no momento da fala, marcadas pelo discurso de dor e sofrimento que marcam o luto por suicídio. O corpo em atuação, o corpo falando, as emoções sendo apresentadas na fala e no corpo mediante silêncios, choros, retraimento, dificuldade de falar. Sobre a experiência de dor e sofrimento, trago os textos de Victora (2008), Pussetti e Brazzabeni (2011) e Das (2008) na primeira categoria, a seguir.

Por ora, faço coro à Victora (2008, s.p.) que afirma que “o sofrimento social é social não somente porque é gerado por condições sociais, mas porque é, como um todo, um processo social corporificado nos sujeitos históricos”. Passo à apresentação e análise das categorias.

3.2) A dor presente no comportamento suicida

Uma categoria que se destacou ao longo do grupo focal foi a presença de dor ao falar do suicídio. Dor subjetiva. Por vezes, semelhante à dor física. Esta dor aparece em diversos momentos e em diversas falas, diversos contextos, mostrando que ao falar de suicídio, a dor aparece como extremamente relevante. As pessoas se retraíam, se emocionaram, ao falar sobre a dor, mostrando que ela se fazia presente no momento presente da fala, mesmo nos casos em

que o evento suicida já tivesse ocorrido há muitos anos. Junto à dor, foi associado o significante “peso/pesado” em algumas ocasiões:

- *“Me dói de ter escutado ‘ah, mas ele não era nosso aluno mais’. Ainda que ele nunca tivesse sido nosso aluno, né? É, me dói. Até pra falar disso eu sinto tremor dentro de mim pra falar dele. Foi muito, muito pesado”.*
- *“Então o que eu estou querendo dizer, você pode pensar assim ‘mas escreveu, mas não fez, tudo bem’. Não está tudo bem, porque escrever e falar e pensar é muito doloroso. É muito doloroso.”*
- *“Que, que suicidou também, que foi muito, muito pesado também para mim, até hoje isso me dói profundamente, não é?”*
- *“Uma pessoa pode pensar assim “você não tem mesmo direito de tirar sua vida”. Mas quando a vida é insuportável, quando acordar é insuportável, quando a dor é muito forte e respirar é difícil, é um direito que você quer ter.”*

A dor aparece como um ponto importante tanto no caso da pessoa com ideação suicida quanto no caso do sobrevivente²⁶ do suicídio ou mesmo no caso da pessoa que está na condição de tentar ajudar a prevenir o suicídio. A dor foi uma das categorias que mais mobilizou as/os participantes nestes grupos focais, sendo repetida em diversas ocasiões ao longo dos três dias. Dias da Silva, em seu trabalho na Antropologia da Saúde com populações indígenas, traz uma citação interessante para pensar a dor aqui nesta categoria. A autora afirma que:

...a experiência da dor do outro destacaria os aspectos críticos de uma escuta participante, sendo tributária de uma postura política – estar no corpo do outro ou estar na pele do outro, enfim, conectar-se intelectualmente no processo da escrita a um corpo político e coletivo, jamais a um corpo biológico, mas antes a um *corpus* (DIAS DA SILVA, 2020, p.15).

A dor aparece vinculada a uma interação social, na qual o aspecto político assinala sua importância. Este trabalho não se faz na esfera puramente individual, se não na sociedade e cultura daquele grupo. A biologia como aspecto “prioritário” não é do que se trata aqui, uma

²⁶ Kreuz e Antoniassi (2020) assinalam que não há consenso sobre o termo sobrevivente, sendo que na literatura internacional vários são os termos utilizados. Utilizo nesta tese a nomenclatura “sobrevivente” para dizer das “pessoas enlutadas ou fortemente impactadas pelo suicídio e cuja vida é fortemente alterada por causa da perda” (*Ibidem*, p.6). Assim, podem ser sobreviventes de suicídio, familiares, amigos, outras pessoas etc, que perderam alguém por suicídio. Estes que ficam e são fortemente impactados são chamados de sobreviventes.

vez que são significantes tais como “eu – outro”, “coletivo”, “político” que estão em primeiro plano.

Victora (2008), discutindo o “sofrimento social e a corporificação do mundo” mostra que seu trabalho visa “apresentar um enfoque que valorize fundamentalmente as dimensões sócio culturais do sofrimento, sugerindo, inclusive, que o sofrimento seja uma daquelas condições que resistem à separação entre as dimensões física, psicológica, mental e espiritual.” (s.p.). Ou ainda que:

o olhar antropológico para esse fenômeno se volta fundamentalmente para os processos sociais, políticos, culturais e econômicos que, combinados, engendram formas corporificadas de sofrimento e para como essas formas corporificadas de sofrimento também contribuem para a especificidade da vida social. A dualidade sociedade-indivíduo aparece, assim, sempre um pouco tensionada nessa abordagem antropológica, na medida em que se percebe que no sofrimento estão implicadas múltiplas causas e múltiplas consequências, difíceis de serem identificadas como se pertencentes ao domínio do indivíduo ou da sociedade.

O olhar antropológico sobre a categoria de sofrimento social foca nas “políticas e economias de vida” (Victora, 2008, s.p.), nos aspectos econômicos, políticos e institucionais, tidos como poderes que influenciam na vida das pessoas. Pussetti e Brazzabeni (2011), estudando o mesmo tema, apresentam que o sofrimento social pode ser tido como fato social total, articulando e interligando diversas áreas da vida: trabalho, saúde, *welfare*, moral, ética, política, dentre outras.

Assim é que, como estas autoras, apresento as categorias a seguir pensando neste sofrimento social, que não é somente individual, mas também coletivo e sociocultural. Imbuído de “uma leitura antropológicamente sensível do sofrimento” (Pussetti; Brazzabeni, 2011, p.472), situado politicamente e em prol de atores silenciados, como é o caso suicídio, que escrevi este presente texto. No texto, Pussetti e Brazzabeni (2011) não falam propriamente de suicídio, mas de “atores sociais, tantas vezes silenciados, e que consideramos, antes de tudo, como sujeitos políticos e morais que, muitas vezes, manifestam sintomas produzidos pela estrutura social, pelas suas desigualdades ou pelas profundas feridas da história” (*Ibidem*, 2011, p.472), o que podemos ler também como sujeitos com a dor presente no suicídio, sobretudo, aqueles que pensam ou tentam.

Das (2008), por sua vez, também apresenta uma versão da dor, que também é social, porém sem usar este significante “sofrimento social”. Para ela “es fundamental el problema acerca de si el dolor destruye la capacidad de comunicar, como muchos han argumentado, o si crea una comunidad moral a partir de quienes han padecido el sufrimiento.” (*Ibidem*, 2008,

p.410²⁷). As enfermidades reproduzem uma esfera moral, presentificadas numa comunidade moral ou/numa comunidade de fala, criada a partir da experiência social do sofrimento. A autora afirma ainda que: “podemos terminar considerando el dolor no como una forma somatizada de crítica social, sino como el medio a través del cual la sociedad integra a sus miembros en una única comunidad moral” (*Ibidem*, 2008, p.413²⁸). Podemos pensar aqui numa comunidade moral daqueles que padecem da dor de ter perdido alguém por suicídio, como é o caso da Associação Brasileira de Apoio aos Sobreviventes Enlutados por Suicídio – ABRASES.

3.3) A necessidade de falar

Vários/as participantes trouxeram à tona a necessidade de falar como algo importante para a prevenção do comportamento suicida. E falar aqui se refere tanto a elas/es próprias/os falarem sobre o tema quanto falar no sentido de trabalha-lo publicamente em esferas ampliadas. Estes posicionamentos vão na contramão do discurso/tabu presente no senso comum de que falar sobre suicídio aumenta as probabilidades de isso acontecer.

- *“Então assim, eu acho que nós temos algumas, alguns mitos em relação ao suicídio, que é ‘a gente falar de suicídio é incentivar’. Eu acho que muito pelo contrário. Assim, quando você fala, você libera um canal de comunicação.”*
- *“Então, assim, é preciso que nós, adultos, nós, professores, que a gente esteja preparado para falar, para não ter medo de falar não é.”*
- *“A gente tem que falar para abrir um canal de comunicação com os nossos alunos, com os nossos filhos, com o sei lá, sobrinho, conhecidos, parentes, não parentes, pessoas que a gente está em volta e que precisam de ter algum tipo de meio de falar sobre isso. É isso, por isso que eu tô aqui.”*

Esta fala aparece também na escrita dos alunos, realizada por uma professora:

- *“Às vezes os alunos falam muito disso. Eu tenho algumas experiências de escrita, porque eu sempre faço para eles escreverem, dou total liberdade, para minha aula eu*

²⁷ “É fundamental o problema acerca de se a dor destrói a capacidade de comunicar, como muitos tem argumentado, ou se cria uma comunidade moral a partir daqueles que já passaram pelo sofrimento” (Tradução do autor, 2025).

²⁸ “...podemos acabar considerando a dor não como uma forma somatizada de crítica social, mas como o meio pelo qual a sociedade integra seus membros em uma única comunidade moral.” (Tradução do autor, 2025)

não tenho nenhuma censura, né? Pode falar de qualquer coisa. E eles escrevem muito sobre suicídio.”

Esta fala, verbalizada ou escrita, é importante para romper o tabu do suicídio. O tabu de falar sobre a temática. Bispo (2016, p.252) apoiando-se em Das (2007) assinala que

Remeto inicialmente neste artigo a tais reflexões de Das porque, durante minha pesquisa de campo junto a um segmento específico de mulheres que compuseram um importante setor do mercado do entretenimento e erótico durante os anos 70 no Brasil, o silêncio, o não narrar, a dificuldade em elaborar discursivamente o vivido era justamente uma de suas principais maneiras de expressar cotidianamente seus desconfortos sentimentais na atualidade, particularmente aqueles relacionados à solidão. Tais sensações de estarem sós no mundo, por vezes de grande dimensão e influência no cotidiano delas, sempre ocupavam as periferias do dizível e os cantos mais obscuros daquilo que é dignamente apresentável ao outro. As experiências de solidão não me pareciam assim algo idiossincrático, uma mera vontade pessoal, mas escondiam, na verdade, tramas e conflitos provocados pela convivência dessas mulheres com outras pessoas ao longo de suas existências.

Ou ainda segundo o autor, falando sobre uma de suas interlocutoras de pesquisa:

O fato é que Marina não se dedicou a me contar “seu passado” de imediato ou por inteiro, mas foi contando aqui e ali, quando surgia a ocasião, algo permitido pela experiência prolongada garantida pela pesquisa de campo. Isso não era uma questão de mera intimidade, mas de gestão do passado. Essa fragmentação dos dizeres só corrobora a ideia de que o esquecimento sobre eventos traumáticos, o silêncio em torno da solidão, não é aleatório mas, sim, parte importante do que é dito, responde a demandas sociais. O dizer não se opõe ao esquecer, eles são extensões um do outro. Ao esquecer está se dizendo algo também (Bispo, 2016, p.269).

“Falar” ou “não falar” remete a uma lógica muito presente no suicídio e responde à uma demanda social, conforme assinalado acima. Tanto no que se refere às pessoas que têm comportamento suicida, que podem não compartilhar suas emoções, sentimentos e pensamentos com as outras pessoas, quanto no que se refere a pessoas sem comportamento suicida, que ficam receosas de falar sobre o tema e incentivar o ato. Consoante a Bispo (2016), não falar tem a ver com a logística das emoções, com a gestão das emoções e este não falar tem a ver com uma tração social, um empuxo a isso. E isso fica explícito em ambas as citações. Não entro aqui na lógica do “esquecer”, também trabalhada por Bispo (2016) mas somente na lógica do falar/dizer, mostrando o senso social presente neste ato. Falar sobre suicídio, próprio ou de outrem, demanda um ambiente social propício a isso, que permite que esta fala seja dita, escutada, acolhida.

Rodrigues (2009, p.153) assinala que “em primeiro lugar, é importante destacar que paira sobre o tema um silêncio que deve ser lido como sintoma social da nossa civilização. É

fundamental, portanto, encontrar formas plurais de problematizar e pensar o suicídio”. Chamo a atenção para a palavra que dá título ao artigo de Rodrigues (2009) e aqui é apresentada novamente: “silêncio”. A autora prossegue afirmando que: “a despeito do suicídio ser um tema tabu e causar mal-estar, é preciso situá-lo historicamente para que possamos entender sua complexidade no passado e no momento atual.” (*Ibidem*, 2009, p.154). E aqui chamo a atenção para a segunda palavra: “tabu”.

Estas duas palavras engendram por um lado o sofrimento social e por outro, a necessidade de falar, como apresentado nesta categoria. Peres *et al* (2016) reforçam esta ideia ao mostrar que comportamento suicida “é um assunto socialmente ocultado, que enfrenta preconceito e se torna ainda hoje uma morte silenciada” (p.110). Para os autores,

Ainda hoje encontramos grandes dificuldades em falar sobre o suicídio, uma vez que o mesmo ainda se apresenta como um tabu seja pelo aspecto religioso, cultural e social. É importante ressaltar que o suicídio enquanto tabu não aflige apenas as classes menos favorecidas ou com menos entendimento científico, esse interdito atinge a sociedade como todo, onde podemos citar a falta de preparo dos profissionais da saúde para lidar com esse fato (Peres *et al*, 2016, p.114).

Isso implica em dizer que o silêncio e o tabu afetam as pessoas com comportamento suicida, mas também os profissionais que cuidam (ou deveriam) deste sujeito. No campo simbólico e material estão gravadas estas visões múltiplas, porém, em sua maioria estigmatizadoras acerca do suicídio. Peres *et al* (2016) mostram ainda que falar sobre sentimentos, deixá-los vir à tona, expressá-los, pode ajudar no enfrentamento do comportamento suicida. Esta é uma das dificuldades, haja vista falar de suicídio ser visto como tabu, como promoção do ato e como gerador de azar. Barbosa, Macedo e Silveira (2011) informam que o silêncio não ajuda, no entanto, falar sobre o tema de forma realística e responsável pode ser um auxílio na prevenção.

Na vertente do tabu, apresento o texto de Freud, de 1913, “*Totem e tabu*”, no qual o autor apresenta uma grande discussão sobre um debate corriqueiro na Antropologia, qual seja a dicotomia (ou falsa dicotomia, a depender do ponto de vista) entre natureza e cultura. Neste texto, Freud mostra que o horror ao incesto, com suas regras e derivações é o que faz a entrada do homem na cultura. O tabu, por sua vez, deriva das relações estabelecidas por cada clã com seu totem, obtendo assim uma série de proibições, restrições e normas de comportamento. Rodrigues (2013, p.310) mostra que “o principal tabu totêmico continua sendo o chamado horror ao incesto que, segundo Freud, é análogo ao complexo edípico vivenciado por todas as crianças”.

Na interface com a Sociologia/Antropologia, o texto de Freud (1913/2012), é tido como uma incursão dele nestas áreas citadas. Monzani (2011, p.249/250) apresenta outra versão ao dizer que

...não se trata de Freud, como psicólogo, tender a fazer mal o que a Sociologia faz bem. Não se trata de tentar uma “psicologia aplicada” e invadir inadequadamente o campo da Sociologia. O que Freud faz é responder à simples pergunta: deve-se incluir o sujeito no processo coletivo? A que ele responde que sim. Daí o recurso ao passado no subjetivo.

É sabido acerca da importância do passado e das vivências que lá aconteceram para a vida dos sujeitos individuais. Aqui se apresenta a importância do passado para a coletividade. Matar o pai da horda primitiva foi o que fez com que se criassem emoções e sentimentos coletivos para a Psicanálise (Freud, 1913) e que permitiu estabelecer concordâncias entre a vida coletiva e a vida individual dos neuróticos. Vale ressaltar que, Freud ao criar sua teoria/mito, dialogou com Charles Darwin, George Frazer, Willian Robertson Smith e James J. Atkinson (Fuks; Basualdo; Braunstein, 2013), portanto fazendo a Psicanálise dialogar com a Medicina, a Biologia, a Antropologia/Etnologia, a Teologia, dentre outros.

Na Antropologia é interessante que alguns temas são trabalhados sob o viés do tabu. É o caso, por exemplo, do tabu do incesto, trabalhado por Pisani (2009) no qual ela se embasa em Malinowski para discutir o referido tema. Para este autor, nas ilhas Trobriand, há uma rigorosa observância de tabus, indo desde vestimentas até o acordo para casamentos. Um exemplo de transgressão ao tabu é apresentado pela autora no qual “no final do livro Malinowski relata alguns casos de transgressão ao tabu, onde o irmão, sentindo-se fortemente envergonhado, comete *lo’u* (suicidar-se atirando-se do alto de um coqueiro); mas também há casos em que a morte não ocorre (...)” (*Ibidem*, 2009, p.11).

Outro exemplo é o tabu da subjetividade erótica (Reartes; Castañeda, 2001; Rojo, 2004), a ideia de que o/a pesquisador/a não pode se envolver afetivosexualmente com as/os interlocutoras/es. Reartes e Castañeda (2001) em resenha ao livro “*Tabú. Sexo, identidade y subjetividad erótica en la antropología*” mostra que a Antropologia, como ciência objetiva, sempre tratou da análise dos costumes alheios ao passo que sua própria biografia e sua posição na investigação não se constituíram enquanto objetos de análise. As autoras afirmam que:

en el trabajo de campo como en toda nuestra vida, las sensaciones, las emociones y el intelecto operan simultáneamente en la estructuración e interpretación de nuestra experiencia de mundo, por lo que es indispensable transformar el modelo de

observador participante desapasionado en un actor comprometido emocionalmente con los sujetos con los que trabaja (Reartes; Castañeda, 2001, p.201²⁹).

Rojo (2004), por sua vez, faz um relato de sua pesquisa etnográfica na Colina do Sol, uma comunidade naturista, na qual conheceu Miriam e com ela manteve um relacionamento por um tempo. O autor afirma que há um tabu acerca do envolvimento afetivossexual de pesquisadores/as com interlocutores/as, derivando de Kulick (1995) uma regra: Não faça! Há tabus e silêncios impostos sobre o tema que engendram comportamentos e emoções possíveis ao/à pesquisador/a. Rojo (2004, p.48) assinala que “incorporar a sexualidade como uma dimensão da construção de nossa identidade em campo não implica, obviamente, transformar o tabu em prescrição”. Implica, ao contrário, em considerar a sexualidade, os envolvimento na lógica *insiders/outsideers*, em considerar também como são percebidos pelo grupo, indo na contramão do tabu do silêncio.

Mary Douglas, autora de “*Pureza e perigo*” explica neste livro sobre a poluição ritual: ao analisar povos e cultura diversos, tendo a pureza e a sujeira como conceitos-chaves, encontra informações da ordem de que tais povos e culturas têm em comum a pureza e o perigo como uma ordem social. “Na obra em questão a autora aborda as antinomias pureza/impureza, limpeza/sujeira, contágio/purificação, ordem/desordem que são as constantes de uma temática que abrange desde alimentação e higiene até religião e tabus sexuais.” (Oliveira; Casagrande; Jardim, 2012, s.p.). O risco atinge às sociedades ameaçando a ordem social e a ordem do corpo: sociedade em perigo, corpo em perigo. “‘Sujo’ e ‘poluído’ são coisas de fora, que transcendem as fronteiras e as classificações aceites socialmente no corpo e no mundo” (*Ibidem*, 2012, s.p.).

Douglas (1966/1991) apoiando-se em Smith e Frazer, assinala que o tabu coaduna com a impureza porque para o selvagem sagrado e impuro não se distinguem. A pessoa assujeitada a um tabu é considerada impura, com seus atos associados a perigos sobrenaturais, devendo se manter afastada de outros contatos humanos e do santuário. Distinguem-se “regras relativas ao sagrado” e “tabus primitivos” pela “distinção entre deuses malévolos e benévolos” (*Ibidem*, 1991, p.12).

Estes comentários a esta categoria, um pouco extensos, mostram as articulações que podemos fazer entre silêncio, tabu, suicídio e necessidade de falar. O tabu, na medida em que instala um silêncio sobre o tema, uma proibição de sobre ele falar, vai na contramão da lógica

²⁹ “...no trabalho de pesquisa de campo, assim como em toda a nossa vida, as sensações, as emoções e o intelecto atuam simultaneamente na estruturação e interpretação da nossa experiência do mundo, pelo que é indispensável transformar o modelo do observador participante desapasionado num ator emocionalmente comprometido com os sujeitos com quem trabalha”. (Tradução do autor, 2025)

da Saúde que visa a prevenção do comportamento suicida através de ações e campanhas como o Setembro Amarelo e o Janeiro Branco³⁰, numa lógica muito focada na prevenção. Vai também na contramão da Antropologia das Emoções, para a qual as emoções devem ser escutadas, estudadas, contextualizadas. Os tabus não são recentes, marcando a história do suicídio, dos primórdios aos dias atuais e as/os interlocutoras/es da minha pesquisa desvelam isso em suas falas vistas acima. Tendo dito isso, passemos agora à categoria seguinte.

3.4) Comportamento suicida na família

O comportamento suicida vai aparecendo na fala dos participantes como algo que lhes é próximo. Ou a própria pessoa o apresenta ou algum familiar. E nisso se desvelam camadas subjetivas que mostram que o comportamento suicida é mais familiar do que estranho, mais íntimo do que estrangeiro, como mostra Freud (1919) em seu texto sobre “*O Estranho*”. Conforme apresentei mais acima, no início do capítulo 1, esta mesma lógica sobre o estranho e o familiar também aparecem em Da Matta (1978), Velho (1978) e Redon (2008). Todos tratam do tema, a partir de pesquisas de campo, de teorizações que surgem no concreto da existência.

- *“Meu nome é Bruna, sou professora, esse tema pra mim sempre foi muito caro, já tentei quando eu tinha uns 15 anos, uma fase bem difícil essa idade.”*
- *“Meu interesse por esse tema se dá também pelo fato da minha família, eu tenho vários episódios de suicídio na minha família, e também pelo fato de compreender melhor e poder agregar na minha profissão e poder ajudar, principalmente aqui dentro do CEFET, que é o local onde inclusive eu já tive aluno que tentou isso aqui dentro. Tentou isso que eu falo é o suicídio, né? Aqui dentro do CEFET.”*
- *“Assim, eu nunca tentei me matar. Mas eu já pensei muito, muito, muito, muito. Não sei se vocês sabem, mas tem na internet coisas que te ensinam você a se matar de forma indolor, de forma rápida, de forma barata.”*
- *“Durante um tempo pesquisava, muito. Tem formas muito baratas de você se matar, formas fáceis, formas práticas, isso é terrível assim. A minha filha tentou se matar 2 vezes.”*

³⁰ Esta é um movimento para que as pessoas cuidem mais de sua saúde mental e emocional. É uma estratégia adotada por diversos países sendo adotada pelo Brasil em 2014.

- *“Esses dias a minha irmã, ela bebeu um pouco mais, ela separou recente, e assim, ela é muito animada, muito assim. E quando ela bebeu, ela chegou para mim e começou a conversar meio tonta e falou que ela estava cheia de problema, que ninguém sabia e que ela queria acabar com a vida dela.”*
- *“Eu tenho uma amiga que da adolescência que a gente estudou junto durante 4 anos, a gente ia e voltava junto. E de um tempo para cá, ela tenta suicídio a cada 2, 3 meses.”*

A dimensão temporal no suicídio é discutida por Carbonell Camós (2007, p.1) ao afirmar que o suicídio engloba um tempo individual e um tempo social, demarcados por “ritmos temporales cosmo-biológicos³¹” e “ritmos temporales político-sociales³²”. Assim,

El suicidio es una acción humana destinada a la clausura voluntaria del tiempo individual. Pero además, el acto del suicidio se inscribe en el tiempo social y es por lo tanto un acto comunicativo. Por ello, para intentar comprender su mensaje, puede ser útil observar el suicidio bajo el prisma de sus dimensiones temporales (Carbonell Camós, 2007, p.1).³³

Carbonell Camós (2007, p.1) se embasa nos livros “Las desventuras del joven Werther de Goethe, que analiza el suicidio durante la juventud; Anna Karenina de Tolstoi que trata el suicidio durante la madurez; o Narayama de Fukazawa que aborda el suicidio en la vejez³⁴” e tece suas considerações a partir daí. Prossegue o autor

Otro elemento a tomar en cuenta como ejemplo de la relación entre el tiempo y el suicidio son los ritmos biológicos, cosmológicos y sociales. La influencia de los ritmos biológicos (ritmos circadianos) y cosmológicos (ritmos estacionales o circanuales) sobre el suicidio ha sido, desde Morselli (1881), un sujeto examinado detenidamente. La variación circadiana y estacional del suicidio ha sido estudiada desde un punto de vista psiquiátrico (Preti 2000), psicológico (Petridou 2002), estadístico (Hakko 2000) y sociológico (Gabennesch 1998). Incluso Durkheim (1982) se dio cuenta de que los suicidios alcanzaban su punto álgido los lunes, para ir descendiendo el resto de la semana; mientras que Mauss (1979b) establecía un ritmo opuesto entre el campo y la ciudad, siendo en el campo el suicidio un fenómeno de invierno y el homicidio de verano, mientras que en la ciudad pasaría a la inversa. Por otro lado, existe un tipo de suicidio colectivo relacionado con una visión milenarista

³¹ Ritmos temporais cosmo-biológicos (Tradução do autor, 2025).

³² Ritmos temporais político-sociais (Tradução do autor, 2025).

³³ O suicídio é uma ação humana destinada ao fim voluntário do tempo individual. Mas, além disso, o ato do suicídio inscreve-se no tempo social e é, portanto, um ato comunicativo. Por isso, para tentar compreender sua mensagem, pode ser útil observar o suicídio sob a ótica de suas dimensões temporais (Tradução do autor, 2025).

³⁴ As desventuras do jovem Werther, de Goethe, que analisa o suicídio na juventude; Anna Karenina, de Tolstói, que trata do suicídio na fase adulta; ou Narayama, de Fukazawa, que aborda o suicídio na velhice (Tradução do autor, 2025).

o apocalíptica del tiempo: el suicidio como anticipación del fin de la historia -la imagen del fin de siècle remite al final de un período histórico - a que se refieren los martirios colectivos acordados por sectas religiosas o el fenómeno más nuevo de los suicidio pactados por Internet.³⁵

Outro aspecto demonstrado nas falas das/dos participantes é que o comportamento suicida é mais próximo do que se imagina e as estatísticas sobre o tema confirmam isso: no mundo acontece um suicídio a cada 40 segundos (Brasil, 2024a) e as tentativas acontecem uma a cada 3 segundos (Staples; Widger, 2012), sendo muito maior o número de pessoas impactadas por tais atos. Acreditar que o suicídio é próximo é também uma variável social, fruto das construções imaginárias sobre o tema: há múltiplos olhares sobre o tema como visto aqui nesta tese³⁶.

O suicídio como problema “familiar” é referido por Staples e Widger (2012, p.184) ao discutirem Camus, que aponta o suicídio como único problema filosófico a ser considerado. Estes autores afirmam que: “Although some people, and perhaps a great many, would disagree with his sentiment, it remains the case that suicide, in one way or another, is a subject that affects us all, and about which we all have something to say”³⁷. Tal citação reflete bem a situação apresentada nesta pesquisa na qual todos/as os/as participantes tiveram algo a dizer, ainda que pudesse haver discordâncias pessoais com relação a uma ou outra fala, mostrando que é um assunto que realmente toca a todos/as, sendo que nos grupos focais apareceram também relatos de parassuicídio:

³⁵ “Outro elemento a ser considerado como exemplo da relação entre o tempo e o suicídio são os ritmos biológicos, cosmológicos e sociais. A influência dos ritmos biológicos (ritmos circadianos) e cosmológicos (ritmos sazonais ou cerca-aneais) sobre o suicídio tem sido, desde Morselli (1881), um assunto examinado minuciosamente. A variação circadiana e sazonal do suicídio tem sido estudada do ponto de vista psiquiátrico (Preti 2000), psicológico (Petriou 2002), estatístico (Hakko 2000) e sociológico (Gabennesch 1998). Até mesmo Durkheim (1982) percebeu que os suicídios atingiam seu pico às segundas-feiras, diminuindo ao longo do resto da semana; enquanto Mauss (1979) estabeleceu um ritmo oposto entre o campo e a cidade, sendo o suicídio no campo um fenômeno do inverno e o homicídio do verão, enquanto na cidade acontecia o contrário. Por outro lado, existe um tipo de suicídio coletivo relacionado a uma visão milenarista ou apocalíptica do tempo: o suicídio como antecipação do fim da história — a imagem do fim de siècle remete ao fim de um período histórico — a que se referem os martírios coletivos acordados por seitas religiosas ou o fenômeno mais recente dos suicídios pactuados pela Internet” (Tradução do autor, 2025)

³⁶ Num evento em que participei com apresentação de trabalho, Oswaldo Zampiroli, colega do FEGS, chamou a atenção para os muitos suicídios que há na palavra suicídio, numa alusão ao que trato aqui nesta tese nas categorias do comportamento suicida como familiar e na categoria de imaginários sobre o suicídio. Há muitos suicídios na palavra suicídio, há muitos olhares sobre o suicídio e também muitos vieses. Para maiores informações, conferir Berencheim Netto, Carvalho e Antunes (2022, p.38), que mostram os múltiplos significados que há na palavra suicídio, variando de acordo com cada cultura, sociedade e época histórica.

³⁷ “Embora algumas pessoas, e talvez uma grande maioria, discordem de sua opinião, o fato é que o suicídio, de uma forma ou de outra, é um assunto que afeta a todos nós e sobre o qual todos temos algo a dizer” (Tradução do autor, 2025)

- *“...e parece que a situação da morte dela foi assim, ela foi deixando acontecer, então assim, aquela questão de ‘será que ela permitiu?’. Ela parou de tomar medicamento, ela não queria cuidar e tal. Então isso para eles é como um suicídio, tipo, e aí eles não aceitam, isso aflige a família inteira, porque ela tinha muita vida, ‘por que que isso aconteceu?’.”*
- *“Assim, e ela está fazendo mal para os filhos dela. Você entendeu? E assim vai repetindo o ciclo. Então assim, a minha irmã e minha sobrinha estão tomando remédio, por conta de depressão e tal. Teve um dia que ela tomou mais remédio do que que deveria. Por exemplo, o remédio que ela toma, ela nem pode ficar com o remédio, essa mãe doida que tem que ficar com o remédio (risos).”*

O parassuicídio ocorre quando a pessoa apresenta um comportamento não fatal ou um ato, normalmente não corriqueiros na vida da pessoa, sendo conduzidos pela própria pessoa, sem intenção de morrer, “mas que se arrisca a causar danos a si mesmo (mais ou menos graves), caso não exista a intervenção de outrem” (Santos, 2014, p.8/9). Nesse sentido, os casos relatados imediatamente acima se configuram como comportamentos parassuicidas e mostram uma tendência das pessoas a apresentarem comportamentos de risco, quais sejam: deixar de cuidar da própria saúde em situação que demandava atenção e também no caso de ingestão de remédios em excesso ainda que sem o fim de consumir a própria morte.

Não são relatos de suicídio mas são atos que flertam com a morte, positiva ou negativamente, e podem sim, ocasionar óbito. O “descuido” pode gerar uma morte cuja decifração gerará dúvidas: “Foi um suicídio?”, “Tomou medicação a mais sem querer?”. O parassuicídio, portanto, “disfarça” o desejo de morte.

3.5) Imaginário sobre o suicídio

As visões dos participantes mostram uma diversidade de explicações para o comportamento suicida, vindo desde a visão de pecado às visões que o associam a transtornos mentais, tais como a depressão. Apresento nesta categoria os diagnósticos de suicídio, as visões morais que os participantes trouxeram e suas explicações para o mesmo.

- *“Eu acho que tem a ver assim, a gente não pode falar de suicídio se não falar de depressão. Acho que o suicídio está muito ligado a depressão. Eu realmente na minha*

experiência, não tem uma pessoa que está bem de manhã e chega de tarde ou à noite e dá um tiro no ouvido. Não. Eu acho que tinha alguma coisa ali já.”

- *“É, mas olha, eu não sei eu tô falando uma bobagem, mas eu acho que o suicídio não é só por depressão. Eu acho que, eu fico vendo pelo que eu já passei, eu acho que tem coisas que, assim, você tem uma tristeza muito grande, você tem uma decepção muito grande, você tem algo muito grande. E às vezes a pessoa não quer, não é? Igual uma parente minha ela falou ‘[nome da pessoa] eu não quero falar com você pelo que eu fiz. Eu não queria me matar, eu queria ficar livre dessa dor. Eu não queria me matar, eu queria tirar essa dor de mim’. Não é? Então, por essa fala dela, eu acho, é um achismo absoluto, de uma pessoa sem estudo e sem aprofundamento nenhum, mas eu acho que de novo não é por depressão.”*
- *“Vou falar só minha experiência, assim, o que eu sei sobre suicídio, e experiências. Nunca tive ninguém próximo, nenhum familiar, amigo que tenha se suicidado até hoje. Falo até hoje porque suicídio é um problema social.”*
- *“Em relação à formação, acredito que eu tive assim, um senso muito comum, que é o que a gente encontra muito. A minha família era muito católica, então aquela questão do suicídio sempre estar ligada a questão do pecado. A gente não conversava muito em relação ao suicídio, nem se falava nisso. Então é, cresci com aquela mentalidade mesmo de que é uma coisa horrorosa, né? E culpando a pessoa também que fez suicídio, né? Então assim, principalmente se a pessoa tivesse condição financeira muito boa, tivesse os pais, nenhum problema que você visse aparente assim, então. Você pensava ‘ah por que que aquela pessoa é se matou, sabe?’ Achava que era também para chamar atenção. Durante um bom tempo fiquei com essa ideia assim, totalmente errada em relação ao suicídio.”*
- *“Eu acho que a gente encontra de tudo. Eu acho que a gente pode encontrar a pessoa que está com depressão, a gente pode encontrar uma pessoa durante muito tempo está pensando, acho que você pode encontrar uma pessoa que não, acho que você pode encontrar pessoas com traumas. A pessoa às vezes sofreu algum trauma, alguma coisa aconteceu com ela. Eu acho que assim, existe absolutamente de tudo.”*
- *“Ela queria ter o direito, porque o suicídio não é um direito, né? Suicídio não é um direito. Você não tem o direito de se matar. O que é uma coisa muito estranha, né? Porque eu acho que a gente deveria ter o direito de tirar a própria vida. Você não tem direito de fazer isso.”*

- *“Se a gente parar para pensar, em relação a qualquer outra doença física e tal, você ir só no médico e tomar um remédio não vai resolver, se você está num ambiente que não te ajuda. Eu acho que por isso é complexo, porque você fala assim ‘ah, vamos fazer o tratamento’, eu falo porque essa amiga minha faz terapia ela já procurou e tal, só que tem um monte de outras questões, tem o ambiente familiar, tem as questões sociais, conflitos.”*

O comportamento suicida apareceu sob a ótica da culpabilização da pessoa que tenta suicídio, sob a ótica do pecado, da depressão, do trauma e de algum evento “grande” que acontece na vida da pessoa, da dor subjetiva; entendido também como problema social e como direito (ou ausência de um direito que deveria existir), o que mostra que o grupo não é coeso quanto à visão do suicídio, tendo aparecido várias versões explicativas. Pelas falas, percebe-se que permanecem visões que associam os atos suicidas a questões de saúde mental (depressão, trauma), ao crime e ao direito. Há uma vertente biologicista presente também. No entanto, as explicações mostram que há uma vertente psicologicista forte, na tentativa de explicar o suicídio por vias individuais e psicopatológicas havendo ainda uma permeabilidade em se pensar o evento suicida sob a ótica social, de fatores macrossociais e de explicações que vão além do indivíduo.

Estas múltiplas visões coadunam com o apresentado por Minois (2018) no seu livro *“História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária”* no qual mostra as explicações que foram sendo dadas ao longo do tempo para o suicídio, sendo que ele utiliza com frequência o termo morte voluntária. Dentre estas visões estão a reprovação social e também religiosa, o pecado e o crime, como aparecem acima nas citações. Assinala ainda o tabu que é a morte voluntária, embora em alguns momentos da História tenha sido tido como ato de coragem e/ou heroísmo. Fato é que nunca este tipo de morte foi visto com indiferença. Sobre este ponto, o do tabu, Nagafuchi (2019b) corrobora tal ideia ao mostrar que no meio acadêmico-científico e na sociedade o tema ainda permanece sob o véu do tabu.

Das (2008), no seu texto sobre Antropologia da dor, mostra casos de suicídio que aconteceram na Partição do Paquistão, no qual as mulheres na iminência do ataque de inimigos, se matavam, por suas próprias mãos ou pelas mãos de familiares. Tais suicídios aconteciam por defesa da honra familiar, sobretudo dos homens, portando uma enorme faceta de gênero.

É interessante que Staples e Widger (2012) falam que a significação da morte voluntária é dada por contextos de posição social, classe e gênero, sendo que em muitas mortes por suicídio os parentes da pessoa morta optam por determinar a causa da morte como sendo outras coisas

e não suicídio. Ou seja, é a própria natureza da morte por suicídio que é questionada e modificada. No caso brasileiro, que conta com o Sistema de Informação de Mortalidade – SIM, isso gera subnotificação de mortes, fazendo com que os dados sejam subestimados. Várias mortes passam “despercebidas” como aquilo que de fato são: “suicídios” (Botega, 2014).

Vale ressaltar “the anthropological interest in suicide as a kind of social action, communication and protest³⁸” (Staples; Widger, 2012, p.194) mostrando visões para além da doença, do discurso do sofrimento. Ainda de acordo com estes autores, “stories of suicides, then, also tell stories about social groups in flux, while providing a means by which social groups can, in turn, tell stories about themselves living through a time of flux³⁹” (p.195), o que mostra a visão sociocultural do suicídio para além das vertentes individualizantes.

Berenchtein Netto, Carvalho e Antunes (2022) discutindo a passagem do conceito de morte voluntária para o conceito de suicídio em diversas línguas, mostra que esta palavra não possui significado único ao longo da história, devendo ser analisada em cada contexto no qual ela aparece. Embasando-se em Vigotski, Luria e Bakhtin, mostra a importância da linguagem e das formações sociais para a conformação de conceitos. Neste sentido, mostra que a morte voluntária era assim nomeada pela inexistência de outras palavras que melhor coubessem no contexto. Os suicídios, enquanto prática, ocorriam o tempo todo em diversas culturas e períodos históricos: no período da alta filosofia grega, na Bíblia, entre os egípcios, no período homérico, na Era Cristã, dentre outros. Afirmam que “em síntese, durante a Antiguidade, entre gregos, romanos, hebreus ou egípcios, não se viu uma só palavra a significar exclusiva e univocamente a morte em si” (*Ibidem*, 2022, p.28).

Entre os conceitos associados ao de suicídio, estão “conceitos relativos à destruição e ao desaparecimento” (Berenchtein Netto; Carvalho; Antunes, 2022, p.31) e associada também estava a ideia de iberdade, sendo o suicídio exercido fora das plenas capacidades de liberdade do indivíduo. Em muitas ocasiões suicídio é associado a homicídio, em sentido pejorativo em maior parte das vezes; relação esta estabelecida pela Igreja, para a qual o suicídio passou de “pecado” para “pior dos pecados”, sendo esta conformação presente até hoje em alguns discursos sobre o tema. Berenchtein Netto, Carvalho e Antunes (2022, p.42) mostram que

No século XII, por volta de 1178, no livro *Le Contra quatuor labyrinthos Franciae*, do canône agostiniano Walter de Saint-Victor, vem à luz, pela primeira vez,

³⁸ “O interesse antropológico no suicídio como um tipo de ação social, comunicação e protesto”. (Tradução do autor, 2025).

³⁹ “As histórias de suicídios, portanto, também contam histórias sobre grupos sociais em transformação, ao mesmo tempo em que fornecem um meio pelo qual os grupos sociais podem, por sua vez, contar histórias sobre si mesmos vivendo em uma época de transformação.” (Tradução do autor, 2025).

a palavra *suicidium*, em suas variações *suicida* e *suicidis*, respectivamente. Em ambas as menções, Walter de Saint-Victor refere-se aos próprios sujeitos que tiram sua vida e não ao ato em si, e como seu “mestre” Agostinho, associa o ato de tirar a própria vida com palavras já cunhadas em latim, tal como *fratricida* (Murray, 1998).

Com o surgimento da palavra suicídio houve uma ampliação de seu campo semântico, “passando a incorporar a covardia, própria da fragilidade que era atribuída ao feminino e ao infantil, além dos já citados juízos morais que orbitavam a significação da morte voluntária” (Berenchtein Netto; Carvalho; Antunes, 2022, p.43). Na contramão do moralismo presente nas definições, há uma visão não moralizante, presente no texto “*The Ephesian matron*”, de Walter Charleton, de 1651.

Como se percebe, “suicídio” evoca uma miríade de significações, de pactos sociais, religiosos, históricos e para analisá-lo deve-se retirar a ótica do preconceito e se abrir para o estudo adequado do termo, como mostram as/os autoras/es apresentados nesta tese.

3.6) O imperativo em ajudar – um dever moral que se impõe

No meio desta lógica do comportamento suicida e perpassando as diversas concepções acima apresentadas, aparece o imperativo de ajudar. Os discursos sobre ajuda foram recorrentes na fala dos participantes do início ao final dos grupos. Sempre aparecia alguém que retomava o discurso da ajuda dizendo de seu afã em ajudar. É um dever moral que se impõe e organiza a lógica de funcionamento do grupo e molda as concepções individuais de cada um/a dos/as participantes. Inclusive, a ajuda aparece sendo ofertada no próprio grupo, a uma participante que referiu ter ideação suicida e aparece de maneira generalizada, ofertada a outros que porventura dela precisarem.

- “[nome da pessoa], você pode achar que... Como eu posso dizer? Eu tenho muito afeto, muito amor por você. Eu quero falar com você que a hora e a vez, qualquer horário do dia, que você ver em mim qualquer possibilidade de te ajudar nessa dor, para conversar, para sair, tomar cerveja eu não bebo, mas tomar um sorvete eu tomo, né? É, sei lá sobre um livro, eu me coloco à sua disposição para eu poder te ajudar e também me ajudar com você, viu?”
- “Então, assim, e depressão? É preciso falar mais da depressão. É preciso incentivar mais as pessoas a procurarem ajuda, procurarem ajuda especializada, né? Remédio, no meu caso, os remédios eles salvaram, assim. Fizeram toda a diferença na minha

vida, com e sem remédio é muito diferente assim. Então é preciso não ter vergonha de falar isso, né?”

- *“Então é uma coisa que a gente podia refletir mais acerca do eu comigo e não eu para o outro, entendeu? Até mesmo porque, se eu quiser ajudar alguém, isso aqui, em primeiro lugar tem que estar bem aqui, não é? Pra depois eu tentar ajudar alguém.”*

A ajuda aparece como potencial, hipotética, mas também real, concreta, em situações que os participantes tiveram que recorrer à alguma ajuda possível ou ajudar alguém em uma situação de vulnerabilidade e crise. No que se refere a tratamento, uma participante pontuou que o tratamento hoje ainda é inacessível a muita gente, tanto financeiramente quanto com relação aos tabus em buscar ajuda, conforme relato a seguir:

- *“Mas o tratamento ainda é tão, tão distante né gente? Economicamente... (...) Então assim, eu acho que o sentimento, exceto o caso do tratamento que você vai pagar a pessoa pra te escutar e ser acolhida, mas a palavra acolhida, ela tem que estar o tempo inteiro, porque é muito distante essa questão do tratamento. Tem muito tabu, né? Acho que pandemia ela teve vários, nós tivemos perdas assim irreparáveis, mas uma das coisas que a pandemia trouxe é a possibilidade do tratamento de você fazer a terapia, que ficou muito falado, todo mundo falou disso. Mas até hoje você escuta falar ‘você vai pro psicólogo? Nossa, psicólogo é tudo doido’, ‘você vai pro psicólogo? Você é doida, né?’, ‘Você está precisando disso? Nossa senhora, tem psicólogo que põe você mais doida do que você já é’. A gente escuta isso ainda hoje. Psiquiatra? ‘Nossa senhora, se psicólogo tá, psiquiatra já está no inferno há muito tempo, porque é só pra doido’. Então, assim, é muito complexo.”*

O tratamento com psicólogo e/ou psiquiatra é visto como condição *sine qua non* para a melhora do comportamento suicida. Neste contexto, uma participante traz também as visões que se tem acerca da Psicologia e Psiquiatria como “coisa de doido”, o que distancia pessoas da ajuda necessária. Nesta mesma conversa, um participante assinala que

- *“Acho que é complexo mesmo, mas o tratamento? Não vejo outra opção para as pessoas que precisam de ajuda do que um tratamento, seja em qual grau que ela está, mas o tratamento não pode ser... Se a pessoa não tem condição, tudo bem, mas o tratamento é a saída. Bom, não tem dado estatístico, mas imagino que raríssimas*

“pessoas saem desse lugar sozinhos. Nós não podemos minimizar o tratamento, mas tem que ser sim uma opção assim, viável, talvez até mesmo a primeira.”

Por tratamento, o grupo entende a busca de consulta/acompanhamento psicológico/psiquiátrico, focando ainda em questões individuais. Porém, finalizando este momento da conversa, Cristina chama a atenção para os fatores que estão para além de um tratamento *psi* e que complexificam a situação: os fatores sociais.

- *“Mas eu fico pensando assim, porque realmente é complexo, porque não é só isso. Se a gente parar para pensar, em relação a qualquer outra doença física e tal, você ir só no médico e tomar um remédio não vai resolver, se você está num ambiente que não te ajuda. Eu acho que por isso é complexo, porque você fala assim ‘ah, vamos fazer o tratamento’, eu falo porque essa amiga minha faz terapia ela já procurou e tal, só que tem um monte de outras questões, tem o ambiente familiar, tem as questões sociais, conflitos. Claro que ajuda, sozinha ela não vai sair disso, mas é muito mais complexo como qualquer outra questão, como qualquer outra doença, né? Não é só tomar uma pílula. Então acho que isso se torna a coisa mais complexa, né?”*

Esta lógica da ajuda é apresentada por Guimarães, Hirata e Sugita (2011) na análise de três contextos: Brasil, França e Japão. Referem-se ao *care* com relação aos idosos, mas afirmam a realidade de outras situações que também necessitam dele, tais como crianças e pessoas com deficiência. O primeiro ponto observado logo de início é que as figuras responsáveis pelo cuidado são, sobretudo, do sexo feminino. Isso coaduna com os dados desta pesquisa, na qual a amostra foi composta por 10 mulheres, embora os discursos sobre cuidado, sobre ajudar, foram compartilhados por 100% da amostra, o que engendrou esta categoria. Afirmam as autoras que (*Ibidem*, 2011, p.152/153)

observa-se também, nos três casos, uma tendência ao aumento nas atividades relacionadas com o *care*, em particular no que respeita ao cuidado domiciliar. Chamadas de "auxiliares de vida", *homehelpers* ou "cuidadoras", são principalmente as mulheres que desempenham essas profissões.

Assim, as autoras passam a definir o que é cuidado no Brasil e em países de língua espanhola, assinalando que

a palavra "cuidado" é usada para designar a atitude; mas é o verbo "cuidar", designando a ação, que parece traduzir melhor a palavra *care*. Assim, se é certo que "cuidado", ou "atividade do cuidado", ou mesmo "ocupações relacionadas ao cuidado", como substantivos, foram introduzidos mais recentemente na língua corrente, as noções de "cuidar" ou de "tomar conta" têm vários significados, sendo expressões de uso cotidiano. Elas designam, no Brasil, um espectro de ações plenas de significado nativo, longa e amplamente difundidas, muito embora difusas no seu significado prático. O "cuidar da casa" (ou "tomar conta da casa"), assim como o "cuidar das crianças" (ou "tomar conta das crianças") ou até mesmo o "cuidar do marido", ou "dos pais", têm sido tarefas exercidas por agentes subalternos e femininos, os quais (talvez por isso mesmo) no léxico brasileiro têm estado associados com a submissão, seja dos escravos (inicialmente), seja das mulheres, brancas ou negras (posteriormente) (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011, p.154).

As pessoas responsáveis por este cuidado nem sempre contam com formação especializada, disputando o campo com profissionais da Enfermagem, embora tenham surgido cursos de formação voltados para o *care*, tendo em vista um processo de mercantilização que marca esta área. Em se tratando dos três países pesquisados, a lógica ampliada ("fragmentação, a especialização e a organização do trabalho (p.168)") é bastante semelhante, mas há diferenças nos contextos locais (a execução do *care*).

Neste sentido, o cuidado, além de ser feminino, vem demandando formação especializada e tem um contexto local de execução. Os dados desta pesquisa mostram situação similar: o imperativo em ajudar parte sobretudo de mulheres; o atendimento em casos de comportamento suicida deve ser prestado por profissionais *psis* ou com formação especializada e a execução do cuidado pode ser feita na escola, por diversos atores.

3.7) Repensando o Setembro Amarelo

Duas participantes refletiram sobre o Setembro Amarelo, sobre a necessidade de ter ações ao longo do ano para que não se acumulem em um único mês ou profissional, no caso, o psicólogo. Lima e Brandão (2021, p.2), definem a Campanha da seguinte forma:

No Brasil, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), lançou, a partir de 2014, a Campanha Setembro Amarelo (CSA), que tem por objetivo conscientizar a população sobre a importância de prevenir o suicídio. Para tanto, são propostas diversas ações informativas programadas para setembro, mês no qual se instituiu o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio pela OMS.

Seguem as falas das participantes:

- *“Eu acho que eu fico pensando assim, por que é que isso é uma coisa tão comum e sempre vem um mês específico no ano, a gente faz alguma ação, mas o que de fato é a gente pode fazer pra evitar isso? E assim, eu não sou da área, mas na minha cabeça eu penso que é porque é muito mais profundo. Eu não consigo evitar que ele faça isso hoje. Eu consigo evitar isso ao longo da vida com todas as atitudes e às vezes a gente não percebe isso. Então ela falou para ela ali ‘ah, se você tiver precisando, eu tô aqui’.”*
- *“Acho que poderia ser uma saída também, invés da gente falar de setembro amarelo e ficar tudo nas ideias. Como se isso fosse específico da coordenação, de desenvolvimento estudantil, e mais pesado ainda em cima do Arnaldo⁴⁰, não é? Então, o que que a gente vai fazer durante o ano? O que a gente traz da gente para ajudar as pessoas para que elas não tirem aquilo que é a maior beleza dele, que é a vida, aquilo que é mais caro a ele, que é a vida, né?”*

Ambas propõem como alternativa pensar em ações o ano inteiro, oxalá uma vida inteira, em ações cotidianas que possam evitar que o suicídio aconteça, que possam de fato prevenir o comportamento suicida. Sobre esta campanha, estudos recentes (Oliveira *et al*, 2020, Lima e Brandão, 2021) têm se dedicado a investigar os benefícios (ou não) apresentados num recorte temporal determinado. Oliveira *et al* (2020) apresentam o início da campanha no ano de 2015 e desde então os números notificados e óbitos por suicídio aumentaram. Questiona-se se o número aumentou por um melhor mecanismo de identificação dos casos ou se realmente ampliaram as taxas de incidência. Apresentam como alternativa a ampliação da pesquisa por um tempo maior. Lima e Brandão (2021), estudando o Ceará, encontraram que os números ampliaram entre jovens de 15 a 29 anos e uma estabilização entre 60 a 79 anos e questionam a publicização inadequada que acontece no mês de setembro, devendo ser implementadas mais pesquisas para verificar tal hipótese.

Estas pesquisas mostram a eficácia da Campanha sendo questionada ao passo que as participantes da pesquisa têm uma visão ambígua sobre ela. Ao mesmo tempo em que confiam nela, acreditam que as ações devem ser revistas e ampliadas para o ano todo. Ou seja, pensam em ações não localizadas em um momento específico do ano. Além disso, pensam em intervenções descentralizadas da figura do psicólogo, profissional notadamente tido como central para o desenvolvimento da Campanha do Setembro Amarelo. Estas reflexões coadunam

⁴⁰ Este Arnaldo aí citado é o próprio pesquisador. Não sendo usando nome fictício nesta citação.

com o que foi discutido no V Congresso de Prevenção do Suicídio⁴¹, evento organizado pela Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio – ABEPS, com o título “*Suicídio: Complexidade e Urgências na Cena Contemporânea*”, realizado em Brasília – DF, em agosto de 2024, o qual participei apresentando resultados parciais desta pesquisa. Neste evento, discutiu-se a realização de Boas práticas de Saúde Mental a serem implementadas no Setembro Amarelo, não como um manual ou orientações rígidas e fixas, mas sim como formas de sair da mercantilização e medicalização que assolam a data.

3.8) Interpelações ao moderador – “na sexta, você responde”

O moderador foi interpelado em diversos momentos dos grupos focais; à medida que o assunto fluía e surgiam questionamentos, dúvidas, curiosidades, os participantes convocavam o moderador a interagir e responder aos questionamentos:

- *“A gente pode fazer pergunta?”*
- *“Essa é minha dúvida também. Se falar, teoricamente, incentiva ou não. Isso eu quero saber também.”*
- *“Não sei se querem esquecer o assunto, seguir, dar uma normalidade também, porque aí fica com a pergunta da [nome da pessoa] pra sexta feira mesmo, até que ponto também você precisa tocar a vida mesmo pra frente, pra não ficar aquele luto também longo.”*
- *“Isso levanta uma coisa interessante também, uma pesquisei que eu já li em um lugar, não lembro onde, fica pra pergunta de sexta. Li que há mais tentativas de suicídio feminino, e mais suicídio efetivo masculino, porque os meios são mais violentos, né?”.*
- *“E aí é uma coisa que também me preocupe, não é? Eu preciso também carregar comigo esta responsabilidade daquela pessoa? Você me responde amanhã (risos).”*

As referências à “sexta-feira” ou à “amanhã” se devem ao fato de que, diante das interpelações do grupo, propus a realização de um grupo focal extra, além dos constantes na metodologia inicial da pesquisa e que funcionaria como um momento de devolutiva e de tirar

⁴¹ <https://abeps.org.br/v-congresso-brasileiro-de-prevencao-do-suicidio-tambem-podera-ser-acompanhado-online/>
<https://abeps.org.br/abertura-do-v-congresso-brasileiro-de-prevencao-do-suicidio-reune-presencialmente-cerca-de-600-pessoas-em-brasilia-df/>

dúvidas, de mostrar aos participantes em que ponto estava a pesquisa e apresentar aspectos teóricos do comportamento suicida que porventura eles não discutissem entre si nos dias dos grupos focais previstos.

O quarto grupo focal foi realizado ao final dos demais e as/os participantes puderam externar suas dúvidas e eu pude tentar desfazer mitos e apresentar alguns conhecimentos sobre o tema. Como exemplo, tomando as falas acima, falar sobre suicídio não aumenta as chances de alguém suicidar, ou ainda, é verdade que as mulheres tentam mais vezes, mas os homens se suicidam mais. Como se vê, uma das dimensões destes grupos focais foi a dimensão formativa, uma vez que os aspectos teóricos da pesquisa foram apresentados neste último dia.

As/Os interlocutoras/es da pesquisa me viam então como uma referência teórica e tendo em vista minha prática profissional, como uma pessoa que podia ajudar. Em diversos momentos nos grupos focais e entrevistas se referiam ao meu trabalho, à minha atuação, trazendo exemplos, avanços, melhorias, críticas... Porém, o principal foi o meu lugar de referência no estudo do suicídio, tanto que buscaram em mim as respostas para as dúvidas que as/os estavam angustiando.

3.9) Religião/espiritualidade em tela no comportamento suicida

A religião e espiritualidade são apresentadas pelos participantes tanto como fator protetivo ao comportamento suicida como forjando visões de pecado, culpa e julgamento daqueles que o apresentam. Aparecem também como um fator de resiliência para a pessoa que escuta pessoas que apresentem comportamento suicida.

- *“Eu eu tenho uma amiga psicóloga, inclusive, que ela fala assim: ‘Você tinha tudo pra dar errado, mas não deu errado’. Na verdade, ela não sabe porque que deu errado, ela fala assim ‘Podia até ter dado errado, mas não deu.’. Então, recentemente eu cheguei a conclusão que foi pela fé que não deu errado. Nem todo mundo às vezes tem a fé, usa a fé como um suporte. Então eu escrevi que eu não tive vontade, mas eu, por exemplo, em algum momento da vida eu sinto uma saudade, como se fosse uma saudade de não estar mais aqui sabe, então eu falo ‘Estou com saudade de estar no plano espiritual’, por exemplo.”*
- *“Eu queria começar. Ontem a [nome da pessoa] falou sobre a questão de a gente ver um comportamento suicida sob o óculos religioso. E eu compartilhei muito a ideia dessa fala dela, porque eu também venho da igreja católica, e quando a gente tinha*

notícias que alguém tinha suicidado, o primeiro pensamento era o julgamento, né? E hoje, como a gente já tem mais um pouco de conhecimento e o assunto tá super em voga, aí a gente já tem um olhar mais de que a pessoa precisa de um acompanhamento e de ajuda ao invés do julgamento. Então vejo que mudou bastante essa questão aí com relação ao que a gente pensa sobre o suicídio.”

- *“Relato de suicídio eles nunca me relataram. Ela já me relatou desses cortes dela, mas eu fico olhando assim, se eles me relatarem, a força que eu tenho é uma força pessoal, é muito da religião, né? Eu acordo todo o dia, consigo ver alguma coisa feliz, né? Eu perdi a minha sogra também há 1 ano, vai fazer um ano agora, eu estou ajudando o meu marido e eu acho que ele foi para terapia antes dela morrer, porque Deus fez ele ir. A minha experiência é com Deus, só que eu não posso falar nem de Deus para eles, porque esse Deus é meu, né? E não é legal eu chegar e falar de uma coisa que eles não vivenciam.”*

Como se percebe, a religião e a espiritualidade estão intrinsecamente ligadas à vida das pessoas, engendrando posicionamentos de vida, escolhas para si e moldando a visão que se tem do outro. A religião aparece como favorecedora de enquadres, visões de mundo que ditam se o comportamento suicida merece culpa ou acolhimento. Aparece ainda como suporte positivo para que a pessoa lide com as questões da vida e com a relação com o outro. A fé ajudando a ajudar. Mas aparece também moldando visões preconceituosas e engendrando comportamentos contrários ao suicídio, proibitivos à tal prática: a visão do pecado, de *“como que é do outro lado”*, de julgamento.

É importante se atentar para o que apresenta Caribé, Casqueiro e Miranda-Scippa (2018) que após realizarem revisão de literatura com base nas duas últimas décadas encontraram a religião/espiritualidade como fator protetivo numa relação inversamente proporcional. Porém encontraram também algumas pesquisas que mostram que estes fatores podem influenciar o suicídio, conforme discutidos acima no capítulo 1.

3.10) A gramática das emoções no comportamento suicida

Emoções e pensamentos aparecem intrincados na fala dos participantes. Começam a falar sobre pensamentos e se emocionam... ou começam a pensar e se emocionam... ou ainda se emocionam e começam a pensar sobre o assunto. Isso visto nas próprias falas e gestos corporais de recolhimento/retraimento, expansão, direcionamento, tremores, dentre outros.

Emoção e pensamento aqui só se separam didaticamente, uma vez que nos grupos focais e entrevistas ambos apareceram interligados.

A gramática, que pode ser definida como um conjunto de prescrições ou regras para direcionar o uso correto da língua, é apresentada aqui como o conjunto de emoções em jogo no comportamento suicida, sendo verificado livre acesso às emoções pelos participantes. Alegria, risos, tristeza, silêncio, dor, choro, tudo pode ser apresentado e acolhido nos grupos focais e entrevistas. Os ritos para apresentação das emoções não seguiram nenhum protocolo específico ditado pelo moderador/entrevistador e fluiu de acordo com a própria organização autônoma dada pelo grupo. Há emoções/sentimentos prevalentes, como é o caso da dor, da tristeza, preocupação, como já visto aqui. Abaixo, seguem alguns exemplos de falas sobre as emoções:

- *“A gente já teve aqui, casos de alunos que a mãe, vários episódios, além deles mesmo, como eu já falei, já teve de fato aqui dentro. Tem situações familiares de suicídio e de familiar que fez isso, que tentou, e quando falam o sentimento deles é nessa linha, da impotência, do que podiam fazer, que forma ajuda. Mas eu já recebi vários, muitos relatos.”*
- *“Eu vou compartilhar a sensação que a [nome da pessoa] traz, da impotência, porque às vezes a gente manda pra psicóloga, pedagoga, não é por maldade, mas é porque a gente se sente incapaz de lidar com a situação por não ter ferramentas. A gente acha que alguém que estudou possa ter mais ferramentas do que eu, que tenho uma formação totalmente adversa dessa, posso conseguir. Então eu sinto isso, assim.”*

Quando questionados sobre quais emoções o comportamento suicida mobiliza em cada um/a, as respostas foram bastante coesas no grupo. Abaixo as falas representativas do grupo:

- *“Impotência?”*
- *“Desespero também, né?”*
- *“Tristeza...”*
- *“Dor.”*
- *“Nossa, dor, tristeza, angústia, solidariedade...”*
- *“Eu estou tentando te achar um nome pra emoção que realmente...”*
- *“Eu acho que também tem a questão do medo. Bastante medo assim de se ver nessa situação ou de perder alguém próximo nessa situação. A gente também fica com muito medo disso acontecer.”*

- *“Não dá para traduzir bem assim. Eu acho que não é um sentimento, mas é uma sensação de vazio assim. Parece que uma parte da gente foi junto, sabe? Parece que abre um buraco assim.”*
- *“Eu lembro que no início, eu não sei se esse sentimento eu consigo definir assim, mas eu tinha meio que uma vergonha.”*

Os sentimentos e emoções mostrados ora parecem nítidos e precisos, ora aparecem confusos e indefinidos, tendo alguns/mas participantes dificuldade em nomeá-los, defini-los. A lógica que é própria das emoções, que por vezes foge ao pensamento organizado é mostrada na fala de uma participante ao responder a outra que estava angustiada com o fato de sentir culpa pelo comportamento suicida alheio, mesmo se sabendo não culpada daquilo: *“Mas sentimento não é matemática, né, gente?”* ao que outra participante responde: *“Isso que eu ia falar, racionalmente, a gente sabe que não deve ter culpa, né? Racionalmente todo mundo entende que a mãe não tem culpa, o pai não tem culpa, eu não tenho culpa, todo mundo sabe. Mas emocionalmente, né? É outra conversa né?”*.

Esta conversa entre as participantes mostra uma separação entre razão e emoção, uma cisão. Na Antropologia das Emoções, por outra via, esta dicotomia não existe. Rezende e Coelho (2010) mostram que a emergência dos afetos também se dá com base no “ambiente sociocultural” (p.10): “os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem” (p.11). É por isso que falamos de uma gramática e micropolítica emocionais específicas para este grupo, sendo que a gramática apresentada por este grupo pode ser desdobrada na micropolítica específica: coesão e ausência de hierarquia, ou presença de relação igualitária na concordância com o que estava sendo falado, sentido, apresentado. Houve um profundo respeito às falas de cada um/a e não houve atropelos ou julgamentos sobre o que era trazido.

Ainda em acordo com Rezende e Coelho (2010) que, por sua vez se embasam em Abu-Lughod e Lutz (1990), a abordagem contextualista busca ir além das relativizações e analisar as emoções e sentimentos nos contextos nos quais são expressos, sendo o elemento contexto enfatizado. Localizo esta pesquisa temporal e espacialmente em diversos momentos desta tese justamente neste sentido atribuído pelas autoras: para mostrar que os resultados aqui encontrados fazem sentido neste contexto, nesta realidade social, para estes atores, neste conjunto de interações propostos/acontecidos.

3.11) Atuações da escola frente ao comportamento suicida

As ações que as/os servidoras/es já fazem ou acreditam serem possíveis de serem efetuadas pela escola marcam esta categoria de análise. Nesta categoria apresento primeiro a ação e na sequência a fala da/o participante, referente à ação realizada ou possível de ser implementada.

- Identificar o comportamento suicida: *“[A ação] É mais difícil que identificar o comportamento... Talvez seria tentar puxar mais da pessoa, querer saber de onde veio aquilo, porque o potinho vai enchendo devagar, mas tem uma gota que é maior. Então que gota é essa que é maior e por que ficou assim”.*
- Se colocar à disposição: *“...mas na maioria das vezes, o aluno vai lá e fala ‘Estou com dor de cabeça’. Quando você pergunta o que aconteceu, não é dor de cabeça, é outra coisa, não é? E, eu acho que é você reparar mais e ouvir. Às vezes a pessoa nem vai falar nada mas você fala ‘No dia que você quiser, estou aqui.’ E um outro lado, ‘tem hora que dá vontade de sumir, dá vontade de morrer’.”*
- Mostrar que a situação não está tão ruim: *“Não sei se é o certo, acho que até não é não, mas assim, tentar mostrar pra pessoa, né? Porque de repente ela tá só assim, vendo só o problema e a vida dela não tá tão ruim, né? Não precisa chegar nesse ponto, você mostra as coisas boas que tem na vida dela. Tem hora que ajuda, tem hora que atrapalha ainda mais, né?”* Nesta fala a participante tem clareza de que tal atitude não é a mais acertada para se tomar diante do comportamento suicida e faz uma reflexão sobre o tema e conclui dizendo que: *“Mas eu acho que é isso aí, observar a pessoa, ouvir se ela quiser falar alguma coisa e tentar mostrar ela as coisas boas ao redor.”*
- Ficar com a pessoa e acolher: *“Eu acho que eu ficaria do lado da pessoa ali, até alguém chegar perto e deixar ela em segurança. Falar ‘Você não pode ficar sozinha não, vai ficar comigo aqui’, enquanto isso ligar para alguém, até chegar alguém que ela confia, alguém que consegue dar um suporte melhor assim que eu, mais capacitado. Mas não deixaria sozinha não, ficaria do meu lado ali.”*
- Abordagem direta à pessoa: *“Então assim, se alguém me der qualquer sinal sinalzinho, qualquer sinalzinho, eu pergunto a pessoa, ‘Nossa, isso que você está passando, você está falando que quer sumir, você está pensando em se matar?’.* Tem hora que a pessoa até assusta né, e fala ‘Não estou pensando não’. ‘Que ótimo, se você não está

pensando, tá ótimo.’ Eu uso assim, porque você não sabe se a pessoa está falando ali entrelinhas, né?”

- Ouvir e compreender: *“Para mim seria primeiro ouvir, e na audição tentar não fazer nada nem falar nada que vai colocar aquela gotinha no copo. Eu vou estar metade ouvindo, metade como é que eu posso não piorar? Não posso levantar, não posso sair daqui. Preciso ficar presente para poder não pôr a gotinha no copo da pessoa, né? Depois, eu acho que a reação seguinte minha é de tentar compreender. É um pouco racional também, porque a gente tem todas aquelas coisas de resolver problemas, então eu vou compreender o problema primeiro, pra tentar ver se eu consigo protelar alguma solução e geralmente não tem solução para se fazer.”*
- Cuidar de sua própria saúde mental: *“Então, tem esse negócio também de ‘Não vou encher o copo do outro’, mas o que é que você está fazendo para não encher o seu copo? Tem que olhar pra isso também, não é?”*
- Humanização: *“Eu acredito que a questão da humanização ela é um caminho muito bacana pra gente contribuir para essa gota não se avolumar. Vai evitar, tirar tudo? Não (...).”*
- Grupo de terapia: *“Podia ter um grupo desse como um trabalho da escola que a gente se reunisse durante um tempo só pra falar mesmo, fazer uma terapia coletiva. Acho que dá pra fazer tanto pra servidor quanto pra aluno.”* E em outro momento reitera: *“Eu já falei dos grupos. Eu quero um grupo para os servidores e um para os alunos. Porque foi muito bom esse grupo.”*
- Biblioterapia: *“Outra coisa assim, eu tenho um sonho de fazer, que existe dentro da nossa área a biblioterapia, que é feita em várias áreas. Eu já tive este plano, só que eu tô meio decepcionada com o CEFET, isso é fato. Eu acho que todo mudo já percebeu. Eu até pensei em fazer, acho que daria pra trabalhar. Esses livros que eu citei⁴² seriam perfeitos pra trabalhar.”*
- Formação docente: *“Então seria uma formação para os professores, né? Mas em se tratando de CEFET, a gente sabe que os professores que iriam são os que não estão precisando fazer a formação.”* Outra fala reforça o lugar da formação de professores: *“Então, por exemplo, a prova é um elemento desafiador. E o CEFET é uma instituição que preza pelo conhecimento acumulado. E aí, por exemplo, no campo da matemática, se você não conhecer o conteúdo básico, você não vai pra frente. Então, talvez, é até*

⁴² Livros citados: “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo e “A biblioteca da meia noite”, de Matt Haig.

utópico, mas seria todos nós passar por um processo de formação para aprender técnicas de ensino, diferentes do que é essa prova.”

Além destes elementos acima citados, apareceram outras várias sugestões, tais como: Rodas de Conversa; cada um trabalhar no seu próprio equilíbrio para, a partir daí, acolher; desenvolver práticas de acolhimento, como chamar cada um pelo nome; convencer mais gente a participar dos grupos, inclusive com possibilidade de convocação. Neste sentido, Garcia *et al* (2022) apresentam que as escolas podem ser pontos de apoio fundamentais para as intervenções em Saúde Mental, principalmente nas ações de combate ao *bullying*, *ciberbullying*, discriminação, LGBTfobia e desigualdades de gênero. Para os autores, é importante trazer à escola a agenda dos movimentos sociais para, assim, promover e melhorar os cuidados na saúde mental de estudantes.

Estas estratégias pensadas fazem parte de um *continuum* de ações, indo desde as mais individuais até as mais globais, mais amplas, que atendam a uma população maior. Ações tais como ouvir e compreender, abordagem direta à pessoa, fazem parte de uma estratégia focada no indivíduo, em ações que são mais diretivas e imediatas. Por outro lado, a formação docente e realização de palestras e rodas de conversa são ações também centradas no cotidiano escolar, porém numa perspectiva grupal, maior, interativa, coletiva. E há ainda as ações mais ampliadas como o combate ao *bullying* e ao *ciberbullying* que envolvem o coletivo escolar, mas também instâncias outras como família, Conselho Tutelar, etc. A própria dinâmica do *bullying* é uma tríade como mostrado por Coelho e Pardo (2018).

3.12) Última categoria, mas não menos importante: O amor

O amor foi evocado como importante para o enfrentamento do comportamento suicida. O amor como potência de vida, como forma de enfrentamento ao mal-estar, como forma de lutar contra a morte. Diante de uma participante que relatou ideação suicida, outra participante se coloca à disposição, falando do amor:

- *“Como eu posso dizer? Eu tenho muito afeto, muito amor por você. Eu quero falar com você que a hora e a vez, qualquer horário do dia, que você ver em mim qualquer possibilidade de te ajudar nessa dor, para conversar, para sair, tomar cerveja eu não bebo, mas tomar um sorvete eu tomo, né? É, sei lá sobre um livro, eu me coloco à sua disposição para eu poder te ajudar e também me ajudar com você, viu?”.*

Outra participante, fala do seu amor à vida, que a ajuda a sustentar a própria vida:

- *“Quando você foi falando desse jeito assim, eu pensei nisso que a [nome da pessoa] falou que eu achei até engraçado, porque assim quando eu respondo isso, eu tenho um monte de problema, um monte de coisa igual todo mundo. Mas eu amo viver, eu amo, eu amo acordar, eu amo, eu amo poder fazer as coisas, eu amo poder andar, eu amo poder fazer tudo. Então assim mesmo quando eu tenho muita coisa que eu falo ‘Meu Deus’, e eu choro e eu fico louca e tal, mas eu amo viver. Então assim eu falo que eu não quero morrer agora, eu acho que um dos maiores, o meu maior medo da vida é morrer, porque eu amo viver. E eu falo isso com todo mundo (risos).”*

E, por fim, uma participante fala do amor interno, se amar, e do amor comunitário, amar ao próximo:

- *“Acho que quem tem depressão, deve sentir isso constantemente assim, né? Mas ao longo da vida, as coisas vão mudando, né? É ‘por que que eu não me mato’, né? A gente acaba descobrindo esse amor, né? Que eu acho que vocês falaram ontem de forma tão apropriada. Antes de a gente trazer esse amor que a [nome da pessoa] falou lá no começo, né, da necessidade que a comunidade tem de se amar, de se ajudar. Mas a gente para fazer isso, para a gente ser amor em comunidade, a gente precisa passar por esse amor interno, né? Que se a gente não se curar, se cuidar, se amar, não vai passar pros outros de jeito nenhum.”*

O amor enquanto potência humana, “salvadora”, construtora do social é mostrado por Freud ao afirmar que a saúde mental de uma pessoa, medida no final da análise, é dada pela capacidade desta pessoa de amar e trabalhar. O amor funcionando como liga libidinal, investimento este necessário para manter a vida em funcionamento, em movimento e o trabalho funcionando como liga social, como fator para o funcionamento social, conforme assinala Salles (2010, p.93):

Freud sempre enfatizou que a saúde mental dos indivíduos e consequentemente das sociedades está na capacidade de amar e trabalhar.

Amor, obra de Eros, é responsável tanto pelos laços afetivos que sustentam o processo civilizatório quanto pelo erotismo.

Dizia Freud em 1914 na Introdução ao Narcisismo: "Em última análise, precisamos amar para não adoecer".

O trabalho, resultado dos processos sublimatórios e importante fator para a manutenção do equilíbrio psíquico, garante outros destinos pulsionais tais como a criação e, sobretudo, a inserção social do sujeito.

Com essas duas palavras "Lieben und arbeiten" – Freud resume a existência humana: o amor nos mantém investidos libidinalmente, o trabalho nos dá um lugar no tecido social, pois transcende a necessidade de sobrevivência fazendo de nós agentes transformadores da sociedade na qual estamos inseridos.

bell hooks também apresenta o amor como libertador e como ação comprometida: “Um comprometimento individual e coletivo, o qual permite às pessoas se enxergarem como interconectadas e interdependentes” (Leal, 2022, p.3). O amor como ferramenta para mudança social, para transformação das condições de injustiça e como força ético-política que transforma a vida das pessoas no âmbito individual, social e político, sendo a coletividade fator essencial. Este amor foi visto na citação acima em que as/os participantes falaram das diversas dimensões do amor: a si, ao outro, enquanto amor coletivo...

3.13) As entrevistas – Parte I

Nas entrevistas houve uma repetição dos temas trabalhados, ratificando as categorias trabalhadas e aprofundando as discussões realizadas nos Grupos Focais. Estes aprofundamentos valem ser ressaltados haja vista sua importância. Assim, o pessoal começou a entrevista dizendo que aceitaram participar desta etapa da pesquisa por considerá-la “*importante*”, o “*tema relevante*”, por “*interesse no tema*”, ou ainda por “*gostar de estudar*”. Também foi dito que trabalhar “*diretamente com os estudantes*”, “*ser importante trabalhar o tema na escola*”, “*para contribuir com o meu trabalho e aprender mais*” e “*vivenciar a temática*”, incentivaram a participar da entrevista.

Este motivo, “*contribuir com o meu trabalho e aprender mais*” dá pistas do meu lugar nesta pesquisa. Eu um trabalhador da Educação, colega destas pessoas que participaram da pesquisa. Sou psicólogo no mesmo CEFET em que as/os servidoras/es, portanto, já conhecem o meu trabalho e, acredito, parte destas pessoas veio para a pesquisa já por transferência (Freud, 1912) comigo ou com o tema. O mesmo se repetiu com as/os estudantes: já conhecerem o meu trabalho e terem interesse no tema. Além disso, o “*aprender mais*” me coloca num lugar de um suposto saber, disponível a compartilhá-lo com eles/as. É interessante esta repetição nas entrevistas, pois no grupo focal ficou bem marcado este lugar de saber (“*Na sexta você responde...*”).

Várias/os pontuaram sobre a importância do estudo e da vontade de ler o trabalho final. Isso colocado como um fator que as/os ajudará a se instrumentalizar para a realização de melhores acolhimentos aos/às jovens, estudantes do CEFET e/ou de suas vivências pessoais (filhos/as sobrinhos/as):

- *“É, eu acho que é importante é ter estudo sobre isso, porque por mais que as pessoas falem, fica muito superficial, ninguém sabe o que fazer, como fazer. Então, quanto mais estudo, mais conversas sobre isso, eu acho que é importante e ajuda todo mundo.”*
- *“É, eu acho que é um assunto que diz respeito, né, ainda mais a gente está na educação, diz respeito todo mundo para aprender. Até para quem tem filho aqui também, né? (...) E é um aprimoramento, né? Um aprimoramento mesmo.”*

A questão familiar *versus* estranho no comportamento suicida apareceu novamente, mostrando mais casos, que até então não haviam aparecido. Mais pessoas se sentiram à vontade para falar da sua própria ideação suicida e/ou de familiar próximo, sendo que, no grupo, não se sentiram confortáveis para tratar de forma livre a questão do suicídio no ambiente familiar, por questões de sigilo e exposição perante o grupo de colegas. Esta ampliação do número de pessoas mostra quão grave e recorrente é o evento suicida na Educação:

- *“No grupo focal, a única coisa que eu não falei foi em questão a minha relação pessoal com o suicídio, que foi. Eu não relatei quem era a pessoa. Eu só falei que tinha pessoas que eu tive um contato próximo, né, com a ideação suicida. Mas eu não falei quem era a pessoa. Isso daí eu não quis especificar no grupo focal por estar com colegas de trabalho, que agora na entrevista eu coloco, né?”*

Isso é importante pois mostra que ainda há uma cautela em se tratar do suicídio, não se expor a pessoa com comportamento suicida, até mesmo por medo de preconceito e do tabu em se tratar do tema. Por outro lado, meu trabalho foi reforçado, valorizado e marcado como importante dentro da instituição. Uma entrevistada, apresenta situação de evasão escolar que estava acontecendo devido a um professor que reprovou uma turma inteira numa disciplina, prossegue expondo os casos de *“assédio sexual e abusos morais”* que estavam acontecendo na instituição e, por fim, assinala que:

- *“Agora, outra questão importante que eu acho que aí já é um problema externo mesmo. Acho que eles sofrem muito problema dentro da casa deles, né? Muitos, muitos problemas. Então, é problema financeiro, às vezes a gente já teve alunos relatar que não tinha condição de ter o que comer direito. A gente tem aluno também que sofre abuso sexual, e outros tipos de abuso em casa. Aí, para esse tipo de abuso, eu acho que a contratação do psicólogo na instituição foi muito importante, entendeu? Eu acho que isso ajuda muito os alunos nesse sentido, até de ajudar eles a tomar as providências, sabe? E eu acho também que as palestras que a gente teve sobre a questão do suicídio foram muito importantes, a cartilha⁴³ que a gente teve sobre. Eu acho que essa pesquisa é muito importante, porque permite a gente debater sobre o suicídio. E eu acho que outras coisas que a gente vier a fazer, talvez formação de grupos na instituição para tratar desse tema, e a troca de experiências que a gente tem um com outro, eu acho que tudo isso ajuda bastante.”*

Esta fala mostra meu trabalho indo para além-muros do CEFET e isso reflete a importância de termos psicólogos/as e assistentes sociais nas escolas, conforme a Lei nº 13.935/2019, que torna obrigatória a presença destes/as profissionais neste ambiente (Brasil, 2019a).

Questionados/as sobre como estavam no momento da entrevista em relação ao tema, uma servidora afirma: *“Mais preocupada que antes, né?”* e justifica: *“Porque assim, antes eu escutava uma vez a cada sei lá quanto tempo, ‘ah, já pensei em matar’ ‘quase que eu me mato não sei que dia’, e assim, a gente está escutando mais essas falas, né? Não sei é porque eu estou aqui, não sei se é pós pandemia. Então...”*. Tal fato combina com o dito do saber do senso comum que assinala que o aumento do conhecimento amplia também a responsabilidade sobre o fenômeno. Participar da pesquisa e adquirir mais conhecimento fez com que emoções e pensamentos das pessoas participantes se voltassem para o tema e passassem a enxergá-lo sob outra ótica: a da preocupação. Isso os/as deixa mais “alertas”, “receosos”, sendo estes significantes acrescentados à gramática emocional das/os servidores perante o suicídio:

- *“...eu ainda tenho bastante medo, receio, sei lá, de quando acontecer comigo, de alguém procurar ajuda comigo, eu não ter ainda o conhecimento necessário para poder ajudar. Ou então eu tomar qualquer atitude que vá piorar a situação da pessoa no interior. Eu*

⁴³ <https://www.dae.cefetmg.br/assistencia-estudantil/acompanhamento-psicossocial/cartilha-de-saude-mental/>

sou muito receosa. Não sei como eu agiria se uma pessoa precisasse de mim, se eu ficaria atônita, não sei. Mas eu sinto que depois do grupo, eu tenho bastante elemento assim, mais conhecimentos e mais elementos para poder reconhecer uma pessoa que precisa de ajuda. Antes do grupo eu não tinha.”

Esta situação mostra a necessidade de mais conhecimento teórico para lidar com as situações de comportamento suicida na escola e as/os participantes assinalam que a pesquisa pode trazer conhecimento novo por ser uma pesquisa ampla: *“Para mim está completa, não sei se eu preciso saber mais. Nem sei se existe mais alguma informação, Arnaldo, sinceramente. Porque foi tão ampla, a pesquisa tratou de tantas questões que pra mim nem existiam. Não sei se ficou alguma coisa de fora.”* Neste aspecto de mais teoria, foi proposto também, o aumento do número de psicólogos e/ou profissionais com treinamento específico para lidar com o gesto suicida:

- *“Mais psicólogos, por exemplo, ou mais pessoas treinadas para que pudessem ouvir esses jovens, identificá-los e conversar com eles, estar aberto a uma comunicação. Então, um treinamento de relações interpessoais eu acho que seria algo muito importante para aqueles não profissionais, para que pudessem chegar até esses jovens e percebê-los, não é, sentar, conversar, ‘oi, tudo bem?’ e tal. E às vezes contactar de maneira até inesperada a pessoa.”*

Uma entrevistada diz da diferença entre teoria e prática e fala da necessidade de projetos efetivos:

- *“Acho que a necessidade mesmo de realmente ter projetos efetivos, sabe assim? Que possa ajudar a escola a lidar com os problemas sabe? Essa questão do suicídio, porque é muito complexo, o que gente está vendo hoje, né? E acho que na prática mesmo, tem muita teoria, né? As teorias até têm muita sobre o tema. Mas quando você chega na prática eu acho que falta assim, não basta ter a teoria.”*

E afirma, na sequência, reiterando que tais ações devem ser efetivas e ser realizadas pela escola, pais e sociedade. Para ela, a questão da falta de resiliência é um problema enfrentado

pelas/os jovens e tal fato deve ser enfrentado pela escola mediante a realização de rodas de problemas⁴⁴, por exemplo:

- *“Uma coisa que eu percebo hoje, os nossos adolescentes eles não têm um negócio que chama resiliência, sabe? Assim, quando eles têm um problema, isso aí é um achômetro, eles não procuram solução do problema. Eles já entram em desespero.”*

Sobre a participação docente, uma participante foi bem incisiva ao dizer da importância de que docentes se envolvam mais em ações como esta e em ações voltadas especificamente para as/os discentes:

- *“Pra mim o que ficou bem claro no seu grupo, é que eu acho que, como os professores estão em contato direto com o aluno, eles poderiam participar mais, se envolverem mais, para eles também terem esse olhar de cuidado com os alunos, porque às vezes, igual falei, às vezes, a gente que está dentro da instituição, mas não está diretamente ligado ao aluno, talvez o professor consiga mais... Não sei, eu acho que tinha que ter uma coisa para envolver mais os professores, para eles se interessarem, se envolverem e ver que eles estão diretamente ligados aí a esse adoecimento, que na verdade não é só do aluno, na verdade é da sociedade, né? É a instituição, é tudo, enfim, o fato pode ser com um ou com outro, mas, enfim, eu acho que se todo mundo se envolver e puder contribuir, facilita a vida do aluno. E da gente também, né, que as vezes a gente vem trabalhar e nem percebe o colega, as pessoas que estão ao nosso lado, e esse cuidado aí tem que ser com todos. Eu noto que não são todos os professores que se envolvem com essa temática.”*

Esta participante, ao mesmo tempo em que assinala que a docência tem papel fundamental no enfrentamento ao evento suicida, enquanto grupo, mostra também a relevância da instituição toda se envolver com a temática e buscar, cada um/a à sua maneira, ajudar e acolher sem julgamentos. Neste sentido, outra participante mostra a escola como local de formação:

⁴⁴ As rodas de problemas, segundo a servidora, seriam momentos em que jovens se reuniriam e fariam os problemas que estavam passando e, juntas/os, encontrariam soluções para eles.

- *“Eu acho que ela não pode ter medo de falar do assunto. Não pode se negar, se furtar desse papel, de formador, né? A escola, ela é um local onde passam todas as questões. E essa é uma questão que precisa de ser trabalhada, né? Conversar, não perder tempo e não deixar só para o setembro amarelo, não é? Fica parecendo como se aquilo fosse só daquele mês.”*

Esta entrevistada mostra a pertinência da escola ser um lugar formador, aberta ao diálogo, devendo falar mais sobre o tema e cuja formação deve ter um caráter progressivo, continuado e não apenas em setembro. Uma estratégia diferente foi pensada por um dos entrevistados, que propôs que o debate sobre suicídio fosse feito por gêneros:

- *“Assim, eu acho que o tema suicídio ele deve ser debatido, discutido. E pode ser discutido por gênero, eu acho que os homens podem discutir isso entre si, porque os homens falam um pouco sobre isso. E as mulheres discutirem entre as mulheres, e depois coletivamente todo mundo junto. Ou todo mundo junto de uma vez e depois separado. Acho que a experiência masculina entre os homens é importante esse desabafo sobre o tema suicídio.”*

Esta proposta pode ser uma estratégia interessante a ser adotada pela escola, uma vez que os estudos sobre o suicídio mostram diferenças no que se refere ao gênero. Temos o paradoxo do suicídio, por exemplo, que mostra que mais homens se suicidam ao passo que mais mulheres tentam. (Her *et al*, 2025; Guimarães *et al*, 2024). Outro aspecto pensado foi o da espiritualidade:

- *“É dessa forma que eu vejo, né? E tem o outro lado dessa questão, que é uma questão espiritual, né? Por exemplo, falar de suicídio significa você atrair uma vibração negativa, porque aqueles espíritos suicidas estão sempre do lado das pessoas que tentam suicídio. Então, o próprio tema suicídio, relacionado à espiritualidade, é uma coisa que entra em conflito. Então falar de suicídio todo o tempo é como se também tivesse atraindo vibrações negativas que se afeiçoam a esse tipo de mentalidade suicida.”*

E como antídoto, sugere a prática da oração, que pode ajudar a resolver os problemas: *“Praticar a oração é importante, é como se tivesse pedindo forças e energias para evitar esse*

tipo de coisa. Hoje eu não penso mais, por exemplo. Estou há muito tempo sem pensar sobre isso. Assim, estou conseguindo resolver meus problemas, né?”. Outra entrevistada sugere a realização de campanhas e apoio psicológico:

- *“Eu acho que falar mais no assunto seria bom, né? Fazer campanhas, mas de forma não moralista assim, né? Não é assim ‘pensa no que você tem de bom’. A pessoa que quer se matar não consegue encontrar nada de bom, ela não vê nada bom, vê tudo escuro, nublado, tem uma percepção de um mundo distorcida, não é? Campanhas, abrir portas de apoio psicológico. Mas sempre uma postura mais acolhedora e menos de ditar comportamentos, menos moralista. ‘Ah, pensa em Deus’, ‘pensa nos seus pais’.”*

Uma das categorias a ser discutida no capítulo 4, a seguir, sobre a pesquisa com as/os estudantes é a da perda do futuro imaginado. No entanto, nas entrevistas com as/os adultas/os, um dos entrevistados falou sobre isso, sobre a capacidade de planejar o futuro e da importância de se fazer isso com as/os jovens. Afirma que:

- *“...acho que é bom frisar, conversar de planos de futuro, sabe? Eu acho que isso nos mantém assim, motivados, e depois que eu falei aquilo, que eu sempre fazia, mas nunca observei como era importante com as meninas, aí eu passei a reforçar mesmo com elas. ‘Gente, vamos fazer isso daqui um tempo’.”*

Uma reflexão sócioantropológica foi estabelecida no diálogo com uma das entrevistadas ao dizer do porquê do incômodo que o suicídio causa.

- *“Eu falei isso, eu acho, de forma talvez mais confuso assim, não tão claro, mas por que nós entendemos que o suicídio não é uma opção? Percebe que para mim é uma questão mesmo, uma questão filosófica até, assim. Por que o suicídio não pode ser uma opção? Por que é uma coisa que nos incomoda tanto enquanto sociedade, né?”*

E prossegue:

- Entrevistada: *“Alguma coisa para se pensar, assim, enquanto reflexão, né, já que é uma tese, uma reflexão para você fazer, para a gente fazer enquanto sociedade. Por que nós nos recusamos a encarar o suicídio como opção? Eu tenho uma hipótese.”*

Arnaldo: “*Quer falar?*”

Entrevistada: “*Eu acho que é instinto de preservação, né? Eu acho que assim, o instinto de preservação é tão forte, que o suicídio do outro parece que vai romper com essa coisa tão poderosa que é a preservação, então incomoda, né? É como se quando uma pessoa se matasse, ela disse assim ‘Você também pode’. E a gente não quer poder, a gente não quer poder porque está rompendo com alguma coisa. Aí tudo é muito complexo, porque é ser humano, então não é só instinto, é cultura, é cultura misturado com instinto. Quer dizer, é mais cultura do que qualquer coisa. Mas ainda assim, eu acho que tem uma hipótese biologicista aí de fundo, poderia ser interessante investigar. Ao mesmo tempo, eu acho que raras pessoas que se matam, querem se matar mesmo, assim, eu acho que muita gente está no sofrimento, quer terminar o sofrimento, não é? Porque raramente o suicídio é uma decisão racional. Assim, eu conheço uma pessoa que se matou assim, conheço assim, era namorado de uma amiga.*”

Uma preocupação apresentada foi a de mostrar os dados pessoais na escrita da tese, conforme se vê no questionamento a seguir: “*Eu quero ver seu trabalho depois, quando tiver pronto. Como que vai ser? As entrevistas vão ser anônimas, não é?*”.

E, por fim, retomamos a categoria do sofrimento psíquico e social, no discurso de uma entrevistada:

- “*A ideação suicida, eu percebo muito que tem a ver com a tristeza mesmo. Quando você está triste, uma pessoa feliz não pensa em se matar. É uma máxima, talvez meio óbvia, mas eu acredito nela. Eu acho que uma pessoa feliz, uma pessoa alegre, felicidade é muito difícil de definir. Mas uma pessoa alegre e contente, assim, não pensa em se matar, geralmente é a tristeza que nos dá essa sensação de que a vida não vale a pena.*”

3.14) Entrelaçando emoções, pensamentos e comportamento suicida

Retomando os grupos focais, quatro pontos foram impactantes para o grupo, ou seja, marcaram as falas seguintes no grupo focal e nas entrevistas, podendo ser resumidos nas seguintes frases, que ainda não foram aprofundadas:

- A citação de Camus, retirada do livro “O mito de Sísifo”;

- A metáfora do copo cheio e a gota d'água;
- “Não fazer o dia de ninguém pior”, e
- A possibilidade de mudanças.

Cada um destes pontos foi apresentado por uma participante, exceto os dois últimos que foram apresentados pela mesma participante; foram discutidos pelos/as demais e citados com frequência ao longo dos três dias de grupos focais e mesmo nas entrevistas.

A citação de Camus (2019, s.p.) diz o seguinte: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”. Esta frase dita por uma participante logo no início do primeiro grupo focal reverberou entre os participantes imediatamente e eles passaram a analisar a si próprios com base nela, dando inclusive, respostas a este dilema filosófico. O impacto desta frase foi tão intenso que ela aparece em diversas das categorias analisadas acima.

Botega (2023) mostra que esta visão do suicídio contrasta com a visão durkheimiana. O suicídio filosófico ou racional, derivado de Camus é de ordem individual, íntima, pessoal. Toma como ponto de partida da reflexão, o homem absurdo, naquilo que o mundo tem de denso, de estranho: “o absurdo é o indecifrável, abre uma fenda insaciável, e a ciência não nos ajuda nessa busca de sentido” (*Ibidem*, p.76), vindo a figura de Sísifo personificar “o absurdo de uma vida sem sentido e sem esperança. Ele é o herói absurdo, ele é o homem, tanto por suas paixões, quanto por seu tormento.” (*Ibidem*, p.77). Questionando-se sobre o sentido da vida, ao homem resta apenas duas soluções filosóficas: ou se mata ou não.

Ao longo da leitura de O mito de Sísifo, vai se fortalecendo a ideia de que cada um de nós constrói um sentido enquanto vive, em uma constante oposição à realidade que nos cerca. Após rejeitar o suicídio, Camus nos convida a imaginar um Sísifo que pode encarar o absurdo da vida de uma maneira surpreendente, bem diferente do que inicialmente fomos levados a pensar (Botega, 2023, p.79).

Botega (2023) fecha a reflexão trazendo uma citação de Camus, que também reproduzo abaixo de forma ampliada:

Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma o homem absurdo, manda todos os ídolos se calarem quanto contempla seu tormento. No universo que repentinamente recuperou seu silêncio, erguem-se os milhares de vozes maravilhadas da terra. Chamamentos inconscientes e secretos, convites de todos os rostos são o reverso necessário e o preço da vitória. Não há sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz que sim e seu esforço não terá interrupção. Se há um destino pessoal, não há um destino superior ou, ao menos, só há um, que ele julga fatal e desprezível. De resto, sabe que é dono de seus dias. Num instante sutil em que o homem se volta para sua

vida, Sísifo, regressando para sua rocha, contempla essa sequência de ações desvinculadas que se tornou seu destino, criado por ele, unido sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem totalmente humana, de tudo o que é humano, cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre em marcha. A rocha ainda rola.

Deixo Sísifo no sopé da montanha! As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem dono não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão desta pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite, forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher um coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz (Camus, 2019, s.p.).

A metáfora do copo d'água, apresentada por Cristina, remete o suicídio e os demais elementos do comportamento suicida a uma lógica tal que os acontecimentos da vida da pessoa vão enchendo o copo de maneira que uma última gota faz o copo transbordar. Este transbordar remete a uma situação-limite, na qual o suicídio parece ser a única solução possível. Neste sentido, vale tomar como parâmetro os escritos de Carvalho (2014) que mostra que a clínica do suicídio é “uma clínica do limite, da urgência e do sofrimento psíquico extremo, com especificidades que nos colocam, em muitos momentos, diante de impasses técnicos e éticos, que nos levam a repensar, e por que não dizer, reinventar alguns conceitos” (p.11/12). Tais impasses são postos pela autora dentro do espaço psicológico (a articulação entre Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria) e já se apresentam como dificultadores da clínica psi. São mais desafiadores ainda dentro do espaço da Educação, que é o *locus* privilegiado desta pesquisa, conforme visto nas categorias acima, nas quais os participantes pedem a realização de trabalhos em grupo, grupos terapêuticos e formação docente para lidar com as situações apresentadas no cotidiano escolar.

“Não fazer o dia de ninguém pior” aparece no segundo dia de grupo focal e mostra a preocupação da servidora em fazer o melhor trabalho possível em termos de acolhimento para que o dia dos jovens não fique mais pesado ou difícil. Além disso, mostra a prática de tentar atender às demandas que os jovens apresentarem, como um dever pessoal dentro do serviço público. Estas ideias foram corroboradas pelas demais pessoas participantes que a ela se referenciaram em outros momentos da discussão. Mostra que, em muitos casos, o acolhimento pode se dar na rotina do serviço, no dia a dia mesmo, sendo necessário tratar bem aos jovens e exercer aquilo que é próprio de sua função/cargo e complementando a necessidade de implementação de protocolos que precisam ser bem construídos institucionalmente. O acolhimento é apresentado da seguinte forma:

A principal atitude de acolhimento é a escuta. Propondo um espaço para que ocorra o diálogo, expressão das emoções, tira-dúvidas e pedido de ajuda para lidar com as dificuldades, receios e medos, visando o empoderamento das ações

pedagógicas e a ressignificação dos papéis de cada ator da comunidade escolar. Além disso, proporciona o engajamento de todos na proposição, planejamento e desenvolvimento de novas estratégias (Secretaria de Educação, 2019, p.6).

Tal definição se correlaciona com a apresentação feita pela participante pois indica que o acolhimento é atitude ativa de fazer uma escuta que seja efetiva, compartilhando ações com os demais membros da comunidade escolar e cada um fazendo sua função, ressignificando-as e engajando-se nos giros e movimentos que a escola precisar fazer.

Outra frase dita sobre o evento suicida e que gerou reverberações foi a de “possibilidades de mudanças”, da vida mudar, das condições atuais da vida mudar e a pessoa não mais querer ir para o suicídio como solução final. Esta dimensão de mudança coloca o ser humano como sempre possível de evolução, de desconstrução e reconstrução.

- *“Acho que tem um momento que você fala assim ‘Nossa quero morrer’. Mas logo depois vem a pergunta que a [nome da pessoa] fez e pensa ‘Não, isso vai passar. Tem pessoas que dependem de mim. Essa situação vai mudar’. E aí, como se fosse assim, né? Num piscar de olhos você pensa ‘Nossa, queria morrer agora’, e aí depois você volta.”*
- *“Apesar de daquele problema que eu entendo assim, acho que a gente tem que ter empatia, pessoas próximas podem pensar, podem fazer, a gente também, todos nós podemos pensar e podemos fazer, isso daí é pra todo mundo. Mas será que não é uma situação que poderia mudar? Então, assim, é uma pena você perder uma pessoa, se ela ainda tinha bastante vida pela frente sabe?”*

Isso remete diretamente à ambivalência presente no comportamento suicida. Conforme assinala o Centro de Valorização da Vida (2019) os sentimentos de desamparo, perda de sensação de pertencimento a grupos sociais e família bem como a ambivalência são comuns na pessoa que pensa em suicidar ou que comete suicídio. Porém, há possibilidade de mudança, conforme assinalado nas falas das participantes acima.

Pensamentos e emoções apareceram ao longo dos três dias de grupos focais mostrando o que os/as teóricos/as da Antropologia das Emoções assinalam sobre as emoções como pensamentos incorporados (Rosaldo, 2019): ao dizer dos tremores, do medo, da dor, as/os participantes mostravam em seus corpos tais sentimentos; se retraíam, perdiam as palavras ou não conseguiam nomear a experiência com o evento suicida, olhos lacrimejavam e, sobretudo, os silêncios diziam muito acerca das emoções vivenciadas. Tais manifestações foram todas acolhidas pelos/as integrantes do grupo, sendo respeitadas cada uma das manifestações.

Na gramática das emoções presentes no comportamento suicida, as/os servidoras/es falam de dor, presente desde a imaginação da possibilidade de alguém cometer o ato até a dor da perda/luto por suicídio de algum familiar ou conhecido. Falam da tristeza e da vergonha. Do desamparo e da sensação de impotência. Não houve uma hierarquia entre os/as participantes, sendo lugar comum a manifestação de tais sentimentos.

É mister lembrar que emoções, enquanto situadas em contexto, no caso do comportamento suicida, mostraram vivências comuns, vivências semelhantes e uma coesão do grupo. A presença de comportamento suicida na família, redes de amizades e na própria escola fez com que o grupo se identificasse positivamente uns com os outros. É como se a dor originasse uma necessidade de falar e um imperativo em ajudar, engendrando uma moralidade que deve ser respeitada e seguida por todos. Às pessoas com comportamento suicida cabe falar e buscar ajuda. Aos ouvintes, depositários desta escuta ou àqueles que percebem/identificam a iminência de um ato suicida, cabe realizar escuta e ajudar, sendo que esta ajuda é definida ora como estar junto à/ao jovem, ora como encaminhar para um profissional da saúde e do campo *psi* (Martins, 2016, 2021).

Esta ajuda é referida principalmente em relação à categoria psicológica: é de uma ajuda profissional localizada em psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, que se trata aqui. É a estes profissionais que os/as servidores/as recorrem e podem recorrer para ajudá-los com as/os jovens com ideação suicida e/ou tentativas prévias de suicídio. Tal moralidade da ajuda é embasada grandemente pelo imaginário do suicídio presente no grupo: um deslizamento que vai de categorias mais punitivas (pecado, culpa, julgamento) para categorias psicologizantes (é depressão, algum transtorno mental), passando ocasionalmente por questões sociais (é um problema social, algo maior, algo grande). A lógica da Saúde, conforme referida no capítulo 1, é fortemente apresentada nos discursos de profissionais da Educação, nas falas sobre a busca de ajuda. Houve uma preocupação em identificar o que leva uma pessoa ao suicídio e como evitar que isso aconteça.

Este “algo grande” referido acima me remeteu ao livro “*Quarto de despejo – Diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus. No livro há diversas passagens que mostram falas de suicídio, desejo de morrer, sempre oriundo das questões sociais/de classe. A autora diz que: “como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (2014). Pra quê algo grande, maior do que a fome? A pobreza? A desigualdade social? Todos eles engendrando uma lógica suicidógena.

Percebemos uma micropolítica das emoções na qual o poder, ou mesmo sua a sensação de perda de poder – descrita como impotência, não poder ajudar, não poder atuar frente ao comportamento suicida – aparecem distribuídos de forma igualitária. Esta coesão do grupo na questão da dor e da igualdade de posicionamento nos remete a Mauss (1979a, p.153) com a expressão obrigatória dos sentimentos: “é mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros”.

Sobre a dor, Guerci e Consigliere (1999) e Sarti (2001) mostram que esta depende de cada sociedade, de cada cultura, da visão de mundo e das demais formas simbólicas existentes, não podendo ser tomada de forma universal e unívoca. Guerci e Consigliere (1999) mostram a complexidade do que é definir dor e mostram uma separação entre dor física e espiritual, tendo ambas uma dimensão expiatória. Atestam uma omissão da filosofia no estudo da dor, sendo este tomado por outras disciplinas, dentre elas a Antropologia. Neste sentido, uma afirmação relevante dos autores é a de que “a dor é decerto ‘natureza’ no sentido mais geral do termo (um sentido tão geral, a bem da verdade, que perde qualquer conotação explicativa); mas não há motivo para presumir que não seja também, ao menos em igual medida, ‘cultura’” (Guerci e Consigliere, 1999, p.65). Ou seja, a dor pode ser aprendida.

De forma semelhante, Sarti (2001) mostra que a dor remete a uma experiência subjetiva. No entanto, tal experiência é sociocultural, no sentido de ser produzida em cultura e sociedade. Para ela, “frente à dor do outro, há comoção, sofrimento (ou, mesmo, gozo), com maior ou menor distância e intensidade” (p.4) e afirma ainda que “a forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social” (p.6) se tornando uma linguagem.

Estes três autores (Guerci; Consigliere, 1999; Sarti, 2001) assinalam o caráter cultural da manifestação da dor e Mauss (1979a) apresenta o caráter cultural da manifestação de qualquer sentimento. Aqui retomamos a manifestação coesa que o grupo de servidores/as apresenta sobre o comportamento suicida dos jovens. É lícito e desejável que assim o grupo sinta dor, fale desta dor e assim foi feito nas falas, nas expressões e na interação nos três dias de grupos focais. A cada um/a foi permitido se manifestar e vários/as deles/as afirmaram a questão da dor, tendo sido acolhidos/as uns/umas pelos/as outros/as.

Para além da dor, as/os participantes falaram de sofrimento e podemos, com Werlang e Mendes (2013, p.744) ver outra dimensão para além da dor ao afirmarem que

Embora a questão do sofrimento, não raras vezes, apareça envolvendo elementos de dor física, a maioria dos autores que trata dessa temática enfatiza que seria muito mais do que isso. O sofrimento estaria presente nos sentimentos de isolamento social, de perda, de sentimentos aliados à depressão, ansiedade, culpa, humilhação e estresse. As pessoas sofrem quando há estados de privação material, com a perpetuação da injustiça social e com a perda da liberdade em todas as suas formas e expressões. Conquanto o sofrimento tenha sido estabelecido em contradição à dor, esta seria uma sensação fisiológica e o sofrimento, por sua vez, seria espécie de resposta psicológica, subjetiva à dor.

Afirmam que o sofrimento ainda era pouco estudado nas Ciências Sociais e fazem um levantamento teórico passando por Dejours, Castel, Freud e Furtos, dentre outros, falando da condição contemporânea do sofrimento, sobretudo, relacionado às questões do mundo do trabalho. Apresentam que a precarização do trabalho, o desemprego e a perda dos laços e objetos sociais, a síndrome de autoexclusão etc. fazem com que o indivíduo experimente um sofrimento sem limites que pode levá-lo ao suicídio. Assinalam que “a questão do sofrimento social se vincula, portanto, às várias dimensões da vida, como as relações familiares, o trabalho e a saúde, resultando de processo social” (Werlang; Mendes, 2013, p.764). Para as autoras, “o sofrimento social não é apenas ‘um sofrimento’, mas um sofrimento que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais” (*Ibidem*, p.766). Ou seja, o suicídio aparece numa situação-limite, da articulação individual-social, social-psíquico e o sofrimento de uma pessoa dependerá, de modo geral, dos vínculos e integração social, de sua participação nos grupos sociais. Tal situação se assemelha à perda do futuro imaginado, apresentada por Nagafuchi (2019a).

Podemos fazer aqui uma aproximação com o grupo estudado que referiu sofrimento tanto por parte das pessoas com atos suicidas quanto de si próprios no momento de pensar o suicídio das/dos jovens, numa lógica de empatia, de se colocar no lugar do outro, muito próximo ao que Martins (2016, 2021) apresenta na escuta realizada na relação de ajuda estabelecida nos serviços de apoio emocional. Embasando-se em Fassin (2010), Martins (2021, p.120) mostra que “a compaixão foi o sentimento moral que se tornou uma força política contemporânea”. Embora no grupo pesquisado, não haja esta força política organizada, a compaixão, a empatia, o se colocar na situação do outro foi lugar-comum. Prossegue a autora dizendo que:

Para as redes internacionais, os sofrimentos associados ao suicídio são universais, estão por toda parte e atravessam o ser humano igualmente, porque seriam características da contemporaneidade. As crenças de tais redes internacionais definem que o mundo atual é marcado pela dissolução de laços afetivos e sociais, resultando na fabricação de indivíduos solitários que se relacionam através de vínculos frágeis e inautênticos. Com a ruptura destes vínculos, interrompe-se, de acordo com a

perspectiva dos serviços de apoio emocional, a possibilidade da própria existência do sujeito. O suicídio é caracterizado, portanto, como resultado desse encadeamento de consequências perversas da vida contemporânea (*Ibidem*, p.120/121).

A gestão do sofrimento é operacionalizada pelos centros de apoio emocional de forma a ofertar uma relação de ajuda na qual estão envolvidas a confissão e o testemunho, mediadas pela empatia, por “um clima psicologicamente favorável”, pela aceitação incondicional etc. engendrando assim a arquitetura moral dos programas. Vemos aqui lógica semelhante presente no grupo que quer acolher, escutar, ficar junto da/do estudante, buscar ajuda especializada.

Finalizo esta análise dos grupos focais e das entrevistas, assinalando o suicídio como fenômeno múltiplo. São múltiplos olhares sobre ele, múltiplas visões e imaginários, múltiplos sentimentos. O grupo pesquisado em alguns pontos se distanciou e em outros se aproximou: se distanciou, por exemplo, na visão do suicídio e se aproximou nos sentimentos experienciados individual e socialmente e na sugestão de estratégias de intervenção junto aos jovens. No capítulo 4, na sequência, passo a apresentar os dados dos grupos focais com as/os estudantes bem como as entrevistas.

CAPÍTULO 4: PESQUISANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS COM ESTUDANTES

Moça, sai da sacada
 Você é muito nova pra brincar de morrer
 Me diz o que há
 O que que a vida aprontou dessa vez?
 Venha, desce daí
 Deixa eu te levar pra um café
 Pra conversar
 Te ouvir
 E tentar te convencer
 Que a vida é como mãe
 Que faz o jantar
 E obriga os filhos a comer os vegetais
 Pois sabe que faz bem
 E a morte é como um pai
 Que bate na mãe
 E rouba os filhos do prazer de brincar
 Como se não houvesse amanhã
 (Amianto, Supercombo, 2014)

Neste capítulo abordaremos a apresentação de dados coletados na pesquisa de campo junto a estudantes do CEFET – MG/Campus Curvelo, sendo apresentados resultados e discussão. Foram realizados dois blocos de aplicação de instrumentos de pesquisa: i) grupos focais + entrevistas, conforme se seguem. Primeiramente apresento o perfil das/os jovens que

participaram na pesquisa; em seguida, as categorias encontradas nos grupos focais e dados das entrevistas, finalizando com uma síntese do capítulo.

4.1) Quem são os/as jovens que participaram da pesquisa

O grupo da pesquisa foi formado por 4 pessoas do sexo masculino e 5 pessoas do sexo feminino, 44% e 56% respectivamente. A idade mínima foi de 15 anos, a máxima de 24 anos, média de 17,9 anos e moda 18. A escolaridade foi: 8 estudantes do ensino médio tecnológico (89%) e um estudante do ensino superior (11%). Todas/os solteiras/os. Todas/os nascidas/os na cidade de Curvelo – MG, exceto um/a, nascido/a em Turmalina – MG. Quanto ao local de residência, 8 residem em Curvelo (89%) e 1 reside em Corinto (11%). O núcleo com o qual convive é formado por colegas de apartamento (1 - 11%), um dos genitores (1 - 11%), tios (1 - 11%), ambos os pais (2 – 22%) ou com pais e irmãos (4 – 45%). Como ocupação, 100% se apresenta como estudante. A renda pessoal que mais se destacou foi a situação da pessoa sem renda (5 pessoas ou 55%); dentre os demais que possuem renda, a mínima foi de R\$ 380,00 (referente à Bolsa Permanência, disponibilizada pelo CEFET) e a máxima foi de R\$ 900,00. No que se refere à renda familiar, 2 pessoas (22%) não souberam especificar o valor, uma (11%) disse que a renda é oriunda da Bolsa Família. O restante de participantes especificou a renda familiar, sendo R\$ 1.400,00 a renda mínima e R\$20.000,00 a renda máxima e tendo R\$ 6.283,33 como renda média.

Sobre a questão de já ter pensado em suicídio e/ou tentado, 3 pessoas (33%) já pensaram e 6 pessoas não pensaram (67%). Perguntadas/os sobre como lidaram com a situação, apenas uma pessoa soube responder e disse que teve depressão, mas que Jesus a salvou, mostrando a importância da espiritualidade para ela. As/os demais não especificaram como lidaram com a situação. Todas/os tiveram suporte positivo, advindo de amigos (1 pessoa = 33,33%), mãe (1 pessoa = 33,33%) e psicóloga (1 pessoa = 33,34%). Sobre conhecer alguém com ideação suicida ou que já tenha tentado, 100% respondeu que sim, o que torna este comportamento “familiar” aos jovens também. Questionadas/os sobre a possibilidade de a escola ajudar a prevenir o evento suicida, 2 acreditam que a escola não pode ajudar (22%) e 7 acreditam que a escola pode contribuir sim (78%). Dentre as/os que acreditam que a escola pode ajudar, apareceram algumas sugestões, tais como: realização de palestras e eventos (30%), através das redes sociais/campanhas/reportagens (20%), conscientização (10%), combatendo o *bullying* (10%) e mediante suporte individual (30%). “O que a escola já fez?” foi a próxima pergunta, tendo

obtido como respostas: palestras (40%), acompanhamento psicológico (20%), nenhuma (nesta ou na outra escola de onde a/o estudante veio) (30%) e não respondeu (10%).

Neste texto, os relatos das/dos jovens estará grifado em itálico e entre aspas. Também, optou-se por não identificar as/os jovens por intermédio de nomes, idades etc. para preservar o sigilo ofertado na pesquisa⁴⁵. Assim como os dados dos/as servidores/as, os dados dos/as jovens são dados sensíveis e correm o risco de serem identificados pelos/as colegas. Afinal o local da pesquisa é um campus pequeno em que as interações fluem de forma livre entre os cursos, possibilitando aos/às jovens conhecerem muitos/as colegas para além daqueles/as de seu próprio curso.

4.2) A invisibilidade do ato suicida

O ato suicida aparece como “invisível”, “trivial” ou “banal” nas falas dos/as jovens, no sentido de que nem sempre é possível perceber a mostração da ideação suicida, os ditos e comportamentos e também no sentido de que a sociedade nem sempre os escuta ou os vê quando são demonstrados. Veena Das (2021, p.734), lembrando sua infância, apresenta um signifiante que pode ser assemelhado aos aqui apresentados “casual” para se referir às muitas mortes às quais presenciou:

Foram tantas mortes na minha infância... Meus amigos se dividiam segundo o modo como a morte os tocou. Na rua em Model Basti, falávamos sobre morrer em tons um tanto casuais. Aqueles ainda eram tempos em que as pessoas relutavam em ir para o hospital, sinal certo de que alguém iria morrer.

Seguem algumas falas das/os participantes:

- *“Eu sei que nem sempre, tipo, pessoas que têm tendência suicida, elas são tristes ou ficam quietas no canto. Às vezes, as pessoas, elas têm pensamento suicida e ações suicidas, como mutilação, mas elas não demonstram isso diretamente. Elas se comportam normalmente, sorriem, elas brincam, só que quando elas tão sozinhas vem tudo aquilo de uma vez. Então não é uma coisa que só porque a pessoa está quieta no canto que ela é depressiva ou que ela pensa em se matar. Ela pode ser feliz e também*

⁴⁵ O Campus CEFET Curvelo é pequeno, em que “todo mundo conhece todo mundo” e identificar as falas por nomes fictícios possibilitaria associar o jeito de falar de algum/a jovem, tornando mais fácil identificar as/os participantes da pesquisa. Para não correr este risco, optei por selecionar falas aleatórias, representativas de cada categoria, porém, sem um nome associado a elas.

ter pensamentos suicidas. Então não tem muito a ver ficar quieto e pensamentos assim...”

- *“Nem sempre é previsível. 90% das vezes, pelo que eu já vi, não é visível. Então é um negócio que você só vai perceber que a pessoa tem aquilo em uma ocasião muito extrema ou com um convívio muito próximo. Nem sempre, pelo que eu entendo e já vivi, tem a ver com coisas cotidianas. Pode ser uma coisa muito antiga, guardada ou algum problema que a pessoa tem e não faz nem ideia que tem. Um colega meu que estudou aqui, a gente conviveu muito tempo, dois anos eu estudei junto com ele. E logo que acabou a pandemia, ele suicidou e assim... um problema que ele carregava desde os 5 anos de idade, um trauma de 5 anos de idade que ele foi carregando, carregando, carregando, carregando. Piorou um pouco por questões de pandemia. Aí aconteceu isso.”*

O Boletim Epidemiológico “*Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021*”, do Ministério da Saúde reconhece o suicídio como questão de saúde pública global, e mostra que “a cada ano, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, e aproximadamente 80% dessas mortes ocorrem em países de média e baixa renda” (Brasil, 2024b, p.1). Mostra ainda que o Brasil, entre 214 países, ocupa a 155ª posição no ranking de suicídio.

Embora o Brasil não apresente taxas elevadas de suicídio em um contexto global, é preocupante a tendência crescente de mortalidade por essa causa no país. Um estudo sobre as tendências de mortalidade por doenças e agravos não transmissíveis de 2000 a 2018 revelou um crescimento médio anual de 1,4% nas taxas de suicídio. Entretanto, a partir de 2014 essa tendência de aumento se acentuou, registrando um incremento de 3,2% ao ano. Em 2019, o suicídio foi identificado como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos globalmente, suplantado apenas por lesões no trânsito, tuberculose e violências interpessoais. No contexto brasileiro, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) aponta o suicídio como a segunda principal causa de mortes de adolescentes de 15 a 19 anos e como a quarta principal entre jovens de 20 a 29 anos. (Brasil, 2024b, p.1)

Tais dados mostram a relevância do tema, apesar do Brasil não ser o país com as maiores taxas de suicídio. Porém quando se refere a adolescentes e jovens, as taxas são preocupantes e mostram uma temática que deveria ser mais visível, tendo em vista seu crescimento. Conforme dito nesta tese, poucos são os estudos das Ciências Sociais/Antropologia sobre a temática, devendo este problema ser mais visível também para estas ciências.

Vale ressaltar, nas Ciências Humanas e da Saúde, estudos que já antecipam e mostram esta invisibilidade do suicídio em suas diversas facetas, mormente no estudo de populações

vulnerabilizadas: 1) Máximo, Lima e Araújo (2012) discutem a invisibilidade do suicídio em sua relação com o trabalho, 2) Cruz (2020) discute a invisibilidade do suicídio de pessoas trans e sua relação com as políticas públicas, 3) Santos (2024) apresenta a questão do suicídio de jovens LGBTQIA+, relacionando família e religiosidade e a questão da invisibilidade, 4) Batista e Zanello (2016) tocam na invisibilidade do suicídio indígena ao discutirem a saúde mental desta população e 5) Tavares (2017) mostra a invisibilidade da população negra.

Tais debates, dentre outros que, certamente existem na sociedade e nas pesquisas, mostram a pertinência de ampliar os estudos sobre o suicídio para as populações vulnerabilizadas e demais populações, haja vista a escassez de pesquisas. No caso das populações vulnerabilizadas se faz mais urgente estas pesquisas e planejamento estratégico de intervenções como tentativa de mitigar as desigualdades sociais existentes.

As/os jovens estão sensíveis a esta invisibilidade e a denunciam nesta pesquisa mediante suas falas. Esta invisibilidade parece ser maior no caso de algumas populações conforme mostra a literatura, embora as/os estudantes não tratem disso especificamente. O ponto relevante é que o silêncio com relação às práticas suicidas os/as incomoda e isso vem à tona em suas falas. As pessoas com comportamento suicida, podem ao mesmo tempo querer ajuda, e, no entanto, esconder tal comportamento, principalmente no que se refere à autolesão suicida e a ideação ou planejamento. Tal ambivalência mostra ao mesmo tempo o pacto com a vida (querer ajuda) e o sofrimento/perturbação que acompanha as pessoas em seu gesto suicida, o que pode requerer a atenção especializada de equipes multiprofissionais.

O suicídio como “trivial” ou “banal” traz também a marca do silêncio, porém mostra ainda a falta de cuidado com o tema, a pouca importância que lhe é dada e sua secundarização diante de outros temas, tidos como mais relevantes e urgentes. Neste sentido, Honorato e Barreto (2021) trazem a questão da banalização do suicídio pelos órgãos públicos e pela sociedade, havendo assim uma negligência com relação ao mesmo. Os autores estudam suicídios online ou cibersuicídios e mostram que nestes casos há uma vulgarização da morte “no sentido de que ela tem sido, cada vez com mais frequência, motivo de apreciação por indivíduos que assistem e incentivam o suicídio de outrem” (Honorato; Barreto, 2021, p.19), articulando-se tal contexto ao que é apresentado por Hannah Arendt, ao dizer da banalização do mal.

Consoante a Honorato e Barreto (2021), a banalidade da morte é o que faz que com pessoas em comunidades virtuais, banalizem a vida e morte de outras pessoas, que torçam “freneticamente para a execução do suicídio no ambiente virtual, e que não demonstram qualquer sentimento de apreço e humanidade perante o seu par” (p.20). Nesta pesquisa não foi

propriamente este o sentido trazido pelas/os participantes. Todavia não deixa de com ele ter aproximação. Uma vida que ninguém se importa é uma vida banal, assim como um tema tabu, que é silenciado. As/os jovens protestam em seu discurso justamente contra esta banalização e silenciamento e mostram o que parece óbvio: é urgente falar sobre o tema.

4.3) O suicídio como algo “familiar”

As/os jovens, assim como as/os adultas/os discutiram sobre a presença de pessoas em seu círculo familiar, de conhecidos e/ou amigos que apresentaram comportamento suicida. Podemos fazer aqui uma aproximação do “familiar” ao “banal”, qual seja: ambos estão próximos às/aos jovens em suas vivências. O tema parece próximo, “caseiro”, sentido como familiar e, ao mesmo tempo, “banal”, “trivial”, como visto na categoria acima.

Estes dados das/os jovens são coerentes aos apresentados por elas/es no questionário pré-grupo focal e os relatos a seguir retratam esta situação:

- *“Eu conheço, meu tio, ele suicidou acho que 2021, não lembro ao certo. E ele tinha comportamentos suicidas desde de... (interrompida)... Ai gente desculpa (choro). Desde a morte do meu avô, só que daí todo mundo via como se fosse coisa besta, sabe? Aí ele foi ter comportamento suicida, ele tentou várias vezes, só que ele nunca conseguiu. Aí todo mundo pensava que ele fazia para chamar atenção⁴⁶. E aí ele conseguiu.”*
- *“Eu tive contato com pessoas sim, igual eu disse, eu convivi com esse amigo no ensino médio aqui por uns 3 anos. Colega meu, jogava pingue-pongue todo dia, brincava. Aí, logo que acabou o ensino médio, passado um ano, um belo dia, acordei de manhã cedo assim, pessoal me liga e fala ‘oh, colega nosso, que ontem estava do nosso lado aqui, tentou suicídio e infelizmente conseguiu’.”*

⁴⁶ Um aspecto que gostaria de trazer à tona aqui é o fato de que “chamar atenção” pode não ser algo necessariamente negativo. Pode representar um pedido de ajuda, um pedido de acompanhamento, de apoio/suporte social. Pode ser um apelo à coletividade, marcada pelas pessoas do entorno deste sujeito que “chama atenção”. Ademais, o fato de “chamar atenção” está presente em outras situações de sofrimento e adoecimento. Um exemplo simples é o caso de uma pessoa gripada, que demanda alguém (a/o namorada/o, um familiar) para cuidar dela. Outro exemplo, mais complexo, o de uma pessoa que passa por uma cirurgia e requer uma gama de cuidados, inerentes à convalescença daquele tipo de cirurgia. Uma última reflexão é o fato de que “chamar atenção” está muito próximo de estereótipos e preconceitos, o que inibe a ação de pedir ajuda, de buscar cuidado efetivo e de ser acolhido/a. No caso do suicídio, o “chamar atenção” é um sinal de algo não vai bem, de que é preciso algum apoio/suporte, alguma intervenção. De acordo com Peres *et al* (2016, p.118) “A falta de apoio e a incredulidade do ato suicida viabilizam esse contexto, pois o suicida geralmente apresenta sinais verbais e/ou atitudes de que vai cometer o ato da morte voluntária, mas as pessoas que os cercam não acreditam ou enxergam como ‘frescura’, ‘quer chamar a atenção’ ou simplesmente não ouve por achar algo inconcebível, inaceitável e maquiavélico.”

- *“É, eu tinha meu amigo, né? Ele era muito próximo a mim e, infelizmente o pai dele fez um ato, meio que, não perdoável pela sociedade. E assim, como minha cidade é pequena, querendo ou não, ele meio que foi taxado por aquilo também. Então, muitas vezes ele acabou sofrendo bullying e, tipo assim, era muito pesado. Enfiavam a cara dele na privada, esses trem. Ai eu acho que ele já não estava suportando mais. Ele conversava comigo, mas ele nunca expressava isso. Teve um dia que uns meninos pregaram a mochila dele na parede. Ai eu acho que ele não aguentou mais aquilo, ficou umas 2 semanas sem ir à escola. Ai eu fiquei sabendo através do rádio que, infelizmente, ele tinha vindo a óbito.”*
- *“Eu tenho um amigo que tentou se matar. Quando ele era pequeno, alguém na família dele invadiu a privacidade dele... Sabem o que eu quero dizer?”*

O suicídio como algo familiar, tem a ver com o que foi dito acima na análise de categoria similar com os/as servidores/as. DaMatta (1978, p.4) afirma que ao etnólogo é delegada a dupla tarefa de “(a) transformar o exótico em familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico.” Estes/as jovens estão às voltas com um tema que, ainda não sabem bem defini-lo, mas já o vivenciam no seu cotidiano, vindo desde o âmbito familiar até o escolar, no qual estão inseridos/as atualmente. O ato suicida é comum no dia-a-dia de tais jovens, ainda mais se pensarmos que eles/as o associam à depressão e à autolesão, como dito em outras categorias desta análise. No entanto, usam de eufemismos para dizer da morte por suicídio ou a caracterizam como uma outra morte qualquer, sendo esta uma forma para não falar diretamente do suicídio, o que, suponho, geraria uma dor maior.

As/Os jovens mostram com as falas acima, que conhecem em sua vida a questão do evento suicida e que estão sensíveis à temática, uma vez que seus amigos e/ou familiares (próximos ou mais distantes) a apresentam. Mostram que o suicídio é algo mais próximo do que se pensa. As “causas” são múltiplas: adoecimento mental, *bullying*, abuso sexual, dentre outros e eles/as vão as apresentando conforme vão falando. Na visão do grupo com frequência há uma causa para o suicídio para além do sujeito e que toca nas questões internas: um abuso que levou à depressão, uma pressão excessiva que leva à autolesão, dentre outros. Esta causalidade é da ordem de uma “marca” sobre o sujeito; uma marca que, *a posteriori*, gerará o suicídio. Estas causas embora possam ser pensadas num contexto mais individual, remetem necessariamente às interações, ao ambiente escolar, familiar, social.

Em Velho (1978) a ideia é similar à de DaMatta (1978), acrescida da informação de que observar o familiar implica em relativizar a objetividade. Tal fala nos remete, no nosso caso, a

entrar especificamente no caminho das emoções, uma vez que as/os jovens participantes da pesquisa não são eles/as mesmos/as pesquisadores/as. Estão ali pela via da emoção, da identificação com o tema e com seus percursos de vida. Certamente tiveram que fazer o exercício de tornar objetivas tais histórias de vida para compartilhá-las com o grupo, exercitando, assim, a objetividade. Porém, é uma objetividade que não se impõe, uma vez que a emoção estava ali junto, associada. Esta aparente tensão, se dilui ao vê-las mescladas nos relatos, nos rubores, no comportamento nos grupos focais, mostrando o que Rezende e Coelho (2010) afirmam sobre as emoções. Embasando-se em Abu-Lughod e Lutz (1990), as autoras assinalam que

recentemente, o estudo antropológico das emoções passou a enfatizar o elemento contexto em que se manifestam os conceitos emotivos, buscando ir além das relativizações para analisar sob um ponto de vista pragmático as situações sociais específicas em que eles são expressos.

Ou seja, o contexto social e as condições materiais e subjetivas deste grupo de jovens interfere na manifestação da emoção mostrando o caráter misto da emoção.

4.4) O comportamento suicida como sinônimo de autolesão

Nesta categoria estão os relatos das/os jovens que associam o comportamento suicida com a autolesão. Como visto anteriormente, a autolesão não necessariamente indica uma tendência à ideação suicida, sendo que há também a nomenclatura autolesão não suicida (ALNS) para designar os atos autolesivos nos quais não há presença de ideação ou tentativa de suicídio. Na fala das/os jovens houve uma associação direta entre estas duas situações, como fica explícito a seguir:

- *“Eu já, viu. Na minha escola eu já vi acho que uns 5 meninos com automutilação no braço e aqui no CEFET eu já vi bastante isso também.”*
- *“Eu também. É a mesma coisa. Tipo, às vezes você nem quer ficar reparando muito na pessoa, mas quando você vê, não consegue desver mais que ela tem marcas no braço ou na perna. E tipo assim, quando você vê essas marcas na pessoa, você começa a reparar mais no comportamento dela. Aí você vê que geralmente são pessoas mais quietas, ou então uma hora estão muito felizes, outra hora já somem.”*

Um fator interessante a se pensar é o que Carmo *et al* (2020) apresentam através da metáfora do iceberg, em que a ponta são os suicídios consumados, a parte intermediária são as/os jovens que praticam a autolesão e buscam ajuda e a parte mais profunda são as/os adolescentes que praticam a autolesão e não buscam ajuda. Como se percebe, os comportamentos autolesivos acontecem mais vezes do que o suicídio, sendo mais facilmente visualizados pelas/os jovens participantes da pesquisa em suas interações cotidianas no contexto escolar. Importante observar que as/os estudantes participantes da pesquisa “não ouviram falar” da autolesão, eles presenciaram mesmo, “testemunharam” o ocorrido, o que torna o fenômeno ainda mais real, mais concreto, físico e próximo.

Carmo *et al* (2020) mostram um *continuum* no qual aparecem os pensamentos de autolesão, gestos e ameaças de suicídios e por fim, a autolesão propriamente dita. Independente de ter ideação suicida ou não, os jovens que se cortam no CEFET e que foram vistos pelos/as participantes da pesquisa estão em sofrimento psíquico e social conforme trabalhado por Werlang e Mendes (2013.) As autoras falam de um sofrimento

que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais: saúde, trabalho, desejos, sonhos, vínculos sociais, ou seja, o todo da vida composto pelo concreto e pelo subjetivo que permite o viver (Werlang; Mendes, 2013, p.473).

Ou seja, tais jovens que se autolesionam estão passando por transformações e situações de precarização simbólica e material em suas vidas, impactando sonhos, desejos, projetos de vida e demais aspectos subjetivos que os circundam. É válido afirmar, com Werlang e Mendes (2013), que este sofrimento dos jovens se inicia no social, no contexto e condições sociais que precarizam suas condições de vida, tanto objetiva quanto subjetivamente.

Voltando mais especificamente à autolesão, esta pode estar associada a um adoecimento mental, com apresentação definida ou não de um transtorno mental. Há um sofrimento psicoemocional na infância e adolescência que pode ocasionar a autolesão, o que ratifica o argumento da causa traumática, psicologizada, apresentada pelas/os jovens. A faixa etária mais comum é a de 12 a 16 anos (Carmo *et al*, 2020), sendo que este período abrange parte das/os jovens estudantes do CEFET, que estão cursando o Ensino Médio Tecnológico, com idades acima de 14 anos. Neste aspecto, elas/es não estão distantes de achados teóricos da Psicologia, Psiquiatria, Saúde Pública...

Este sofrimento e adoecimento mental aparecem na fala das/os jovens quando dizem da quantidade de pessoas que já viram que se autolesionam “Na minha escola eu já vi acho que

uns 5 meninos com automutilação no braço e aqui no CEFET eu já vi bastante isso também.” Ou ainda quando falam do impacto emocional de “ver” as lesões: *“quando você vê, não consegue desver mais que ela tem marcas no braço ou na perna.”* Isso mostra o impacto que a autolesão tem nas/os jovens, para além daqueles/as que se autolesionam, o que complexifica a situação como um todo.

4.5) O suicídio e sua relação com a depressão

Na sequência, vemos aqui uma outra articulação feita pelas/os jovens, qual seja, a do suicídio com a depressão. Se anteriormente esta articulação foi feita com a autolesão, em ambas vemos a presença de fenômenos que remetem à dor, ao sofrimento, à angústia. No documentário *“De profundis”* (2014) é mostrada a relação da depressão com o suicídio, devido a mudança de uma cidade (a velha) para a outra (a nova), para a construção de uma barragem/represa. Daí as/os moradoras/es começaram a se desvitalizar, querendo morrer como a cidade antiga e tentando suicídio: as taxas de suicídio da cidade chegaram a ser 10x maiores que as taxas nacionais.

A depressão é uma doença grave e que, segundo França *et al* (2022) acomete sobretudo a faixa etária de 20 a 40 anos embora desde a década de 70 tenha atingido mais às/aos adolescentes. As meninas são as mais acometidas pela referida patologia. Cremasco e Baptista (2017) apresentam que a depressão tem projeções de ser “a principal causa de incapacidade mental no mundo em 2030” (p.23) de acordo com a OMS, sendo “altamente relacionado ao suicídio” (p.23). Dados similares aos apresentados por França *et al* (2022):

A depressão é uma doença mental grave e uma das principais causas de deficiência em todo o mundo, sendo caracterizada por alterações de humor e transtorno emocional com sinais e sintomas bem definidos. Possui como características mais comuns o humor triste, vazio ou irritável, acrescido de alterações cognitivas e somáticas que afetam o funcionamento do indivíduo (França *et al*, 2022, p.49)

Os relatos a seguir mostram a associação feita pelas/os jovens entre depressão e o gesto suicida:

- *“Levando por esse lado, eu vejo a depressão mais como uma doença emocional, já que ela pode causar falência do corpo de pouquinho em pouquinho. Tipo, a pessoa, por mais que ela... Não é um quadro que se agrava de uma vez. É algo que tem um processo.*

A pessoa vai morrendo mesmo com o passar dos dias em que ela se enquadra naquilo. Tipo, não é só um pensamento que vai matar ela. São muitos outros pensamentos. E isso o corpo também demonstra. O corpo mostra isso. Porque a pessoa, em alguns casos, os quais eu já vi, na questão disso do corpo demonstrar, a pessoa meio que para de se alimentar corretamente, para de praticar exercício, que é uma coisa que faz bem para o corpo também. Então, meio que o corpo sofre com isso também. Então, acredito que é uma doença, uma doença emocional.”

- *“Eu acho que é porque o comportamento suicida, ele tem partes também da depressão. Uma pessoa, quando ela tem mais comportamento suicida, ela tende a ficar mais na dela, às vezes. Ela começa a perder a vontade de fazer as coisas, não se alimenta direito.”*
- *“Quando a gente estava falando de depressão, tipo assim, voltando, pegando um link aqui, quando a gente falou, o que você linka normalmente os dois, é porque a gente tem, pelo menos o que eu vejo, muita gente que é depressiva acaba optando por essa saída. E eu não estou ligando um ao outro, estou falando das pessoas que eu já vi, que tem uma conversa, ou então as notícias que a gente vê mesmo é de muita gente que está no grau muito alto de depressão, no estágio muito avançado, e acaba indo para o suicídio como um método de encerrar aquilo. É um tema tão complicado e difícil, porque muita das vezes a pessoa não fala para os próximos.”*

A conversa fluía no grupo focal e em determinado momento percebi que as/os estudantes estavam fazendo um link direto entre depressão e suicídio e então eu as/os questionei sobre isso e responderam que não estavam fazendo um link direto e prosseguiram a falar, fazendo a associação. Isso mostra como é difícil dissociar os dois temas no nosso dia-a-dia, o que mostra também que a associação que as/os estudantes fizeram é parte da realidade social, é concreta em suas vidas, por verem pessoas com depressão e com comportamento suicida ao mesmo tempo. Peters (2021), apoiando-se no livro de Boltanski e Chiapello (2007⁴⁷, p.81), assinala que “a interpretação sociológica da depressão como avesso do ‘empreendedorismo de si’, como desistência e/ou colapso frente às exigências feitas aos indivíduos pelas condições sociais de vida na modernidade tardia, pode muito bem transbordar para uma avaliação política”.

Consoante a Peters (2021), percebe-se que o novo espírito do capitalismo requer uma “ética da autorrealização autêntica transformada em imperativo” (p.74). Esta realização é

⁴⁷ Boltanski, Luc; Chiapello, Ève. **The new spirit of capitalism**. London: Verso, 2007.

tomada como mérito individual, conferindo-lhe vantagens, o que deve ser cultivado. No entanto, “o novo espírito do capitalismo depende, nesse sentido, da produção histórica de uma certa *forma de subjetividade*, cujos custos psíquicos aparecem como que em imagem reversa na condição depressiva” (*Ibidem*, p,74, grifos do autor). Esta forma de subjetividade é a da ação e da aceleração, donde a depressão é vista como inação, letargia, anedonia. Para o autor, a depressão não é uma solução biográfica, senão uma “espécie de *subproduto coletivo* de um modo de vida que as sociedades contemporâneas impõem, em larga medida, aos seus membros individuais” (*Ibidem*, p,76, grifos do autor).

Os dados aqui apresentados na pesquisa junto às/aos estudantes repetem os dados coletados com as/os servidoras/es, que analisam o comportamento suicida sob uma ótica mais psicologizante e menos contextualista e social. Isto não vai contra o ideário do senso comum e nem contra as pesquisas feitas sobre o suicídio. Foi mostrado no item 1.2) “*Comportamento suicida: um olhar sobre o campo psi e a Saúde*” que a temática do suicídio interessa, e muito, à Saúde, que se preocupou em pesquisar o tema de forma ampliada, trazendo conceitos/definições para a área, tais como autolesão, autolesão não suicida, comportamento suicida, fatores de risco *versus* fatores de proteção, etc. E também não contraria os achados de Peters (2021) ao mostrar que o novo espírito do capitalismo “trabalha” para que as questões sejam vistas como pessoais, biográficas, individuais.

No caso específico das pesquisas, estas estão em maior número na área da Saúde (Psiquiatria, Epidemiologia e Psicologia) (Almeida *et al*, 2015), sendo poucos os estudos na área das Ciências Sociais. Dado este corroborado por Tavares, Pereira e Ribeiro (2020). Queiroz (2020), em seu artigo, encontrou poucos trabalhos falando sobre suicídio nas Ciências Sociais. Este panorama mostra que as/os jovens não estão tão destoantes da realidade e, principalmente, da realidade que as/os cerca. Se no âmbito acadêmico, produtor de conhecimento, o tema ainda é pouco pesquisado, tabu, na materialidade da vida cotidiana temos uma repetição da referida situação, precisando então de novos esforços (como o desta tese) de levar conhecimento a uma gama maior de pessoas e, ao mesmo tempo, torná-las/los participantes ativas/os da construção de conhecimentos para, assim, reduzir mitos sobre o comportamento suicida e ampliar saberes diversos e cuidados éticos para além da psicologização e também da medicalização. Talvez, com uma maior produção nas Ciências Sociais, tais conhecimentos se difundissem mais e fizessem frente à lógica individualizante do novo espírito do capitalismo.

Para além da psicologização que existe, reitero que os jovens associaram comportamento suicida e depressão e não estão equivocados, em acordo com a literatura da Saúde, Epidemiologia, Psiquiatria, Psicologia... Santos *et al*. (2017) citado por Almeida,

Benedito e Ferreira (2019) mostram que entre as pessoas com depressão o número de suicídio tende a ser maior:

As práticas do suicídio podem ser explicadas por inúmeros fatores apontados na literatura que estão associados com uma concepção depressiva, comprovando ser esse um fenômeno multifatorial ou multidimensional. Fatores mais subjetivos como impulsividade, agressividade, percepção do corpo, desesperança, dificuldades de comunicação e falta de pertencimento social vêm sendo abordados por desencadearem o processo da idealização suicida que estão acometendo milhões de vidas ao redor do mundo (Almeida, Benedito e Ferreira, 2019, p.650).

Inclusive a desesperança é elevada ao patamar de categoria específica em pesquisas realizadas o que corrobora os achados desta pesquisa em tela em que, tanto servidores quanto estudantes apontam a perda do prazer de viver, a perda da esperança e de referenciais como fatores significativos para a depressão e o suicídio. Na Antropologia, os achados são um pouco diferentes. Prats (1987), por exemplo, mostra a importância da cultura para a conformação do suicídio nas diversas sociedades. Traz situações em que o suicídio é permitido e situações em que é demonizado, concluindo que as ideias de honra/desonra/morte de cada sociedade engendrarão os suicídios que aquela sociedade conhecerá.

4.6) O ato suicida para “*chamar atenção*”, “*brincadeira*”

Esta categoria contou com uma quantidade significativa de relatos mostrando que o senso comum ainda trata a tentativa de suicídio e o suicídio como brincadeira, como algo pra chamar atenção. Ou ainda como piada, como dito jocoso, humor, sem implicações maiores. As falas apresentadas pelas/os estudantes foram ouvidas de amigos, familiares, de colegas do CEFET, nas redes sociais. As/os estudantes foram unânimes em afirmar seu posicionamento contrário a estas falas, marcando nelas desconhecimento e preconceito. Abaixo, relatos:

- *“Eu acho que, uma coisa que eu queria ter falado no início é que é muito visto também como piada, né? Pessoal gosta muito de brincar com esse tipo de coisa e é visto como humor. Tanto que, principalmente em redes sociais, pessoal brinca muito com isso. E aí acho que é uma coisa muito séria para brincar assim, sabe? O pessoal fala muito abertamente, mas não da maneira como deveria ser falado, e sim em tom de brincadeira.”*
- *“Quando a gente pega para falar de parente, eu considero muito complicado, que às vezes a gente tem um convívio com a pessoa e muitas vezes aquela frase que ela sempre*

diz é levada na brincadeira, porque você está em um convívio com a pessoa todo dia. E quando a pessoa repete várias vezes aquela mesma frase, às vezes para a gente passa a ser um negócio meio que cotidiano. Pode ser um sinal? Pode.”

- *“É, eu tinha comentado a questão do meu tio, que as coisas que ele passava o pessoal da minha família ignorava por achar que ele estava chamando atenção e eu acho que isso acontece muito com a gente também. O [nome da pessoa] citou da questão de ver e não saber o que fazer, não poder ajudar. E eu acho que em alguns momentos a gente vê, a gente pode ajudar e eu falo isso com a questão da minha família que, mesmo tendo essa questão que aconteceu há um tempo, acho que minha família tem tendência, não é suicida, é comportamentos suicidas.”*

O suicídio como brincadeira ou brincadeiras com o suicídio foi estudado por Widger (2016) em sua pesquisa no Sri Lanka. Estudando a capacidade de agência das crianças, descobriu que, na Divisão de Madampe, região oeste do Sri Lanka, o suicídio entra na lógica do *kamma* (carma), desta vida e de vidas passadas, também associado ao “desenvolvimento de um eu moral” (p.166), vindo o suicídio ser um método de regulação moral do eu e do outro (p.166), o que combina com a noção de pessoa em Mauss (2003). É preciso a formação de um eu, que reconheça a si e ao outro como diferentes, mas interdependentes, é preciso ter esta consciência e reconhecimento do padrão de comportamentos social e hierarquicamente bons.

As crianças e adolescentes do Sri Lanka detêm um conhecimento acerca do suicídio que advém da transmissão cultural e este processo de aprendizagem mostra o poder de agência delas, mostrando que elas não são apenas passivas na relação e sim adeptos desta comunidade de prática. Widger (2016, p. 167/168) mostra que as crianças utilizam jogos e brincadeiras para pensarem e se envolverem com o suicídio, conforme citação a seguir:

Through their own *participation* in suicide as peripheral actors—that is, as people considered not mature enough to understand suicide or to experience the kinds of problems that cause suicide, but nevertheless who perform a range of suicidal acts—children come to imbue suicide with meanings relevant to their own lives, and which exist apart from adults’ understandings. I argue that through such activities both “imagined” and “real,” children eventually master the *kamma* of suicide, learn when, how, and with what consequences suicidal acts may or may not be performed, and thus make a necessary step towards attaining adulthood: a stage of life that minimizes the “agency” of suicide and promotes the “structured” or “predestined” of suicide as an ascription of gendered hierarchies. From this perspective, in Madampe *how* people become suicidal is a developmental process that begins from early childhood, and exists alongside processes of moral and religious knowledge construction. Children start off believing that suicide is chosen and linked to a transcendental kin morality,

but as they grow older come to think of suicide more as something predestined and linked to a transcendental logic of *kamma*⁴⁸.

O que quero aqui mostrar é que as crianças e adolescentes aprendem, de forma afetiva e ativa, nas suas relações interpessoais cotidianas a se inserirem numa comunidade de prática do suicídio, saindo de sua posição de participantes periféricos. As brincadeiras, tais como relatadas pelas/os jovens do CEFET não são apenas brincadeiras e elas/es sabem disso. São práticas com implicações sobre a vida de sujeitos reais, sujeitos estes que podem perder suas vidas, naquilo que os outros acham que são frases para chamar atenção, humor ou ditos jocosos. Exemplo disso é o caso de uma participante que disse “*É, eu tinha comentado a questão do meu tio, que as coisas que ele passava o pessoal da minha família ignorava por achar que ele estava chamando atenção e eu acho que isso acontece muito com a gente também.*” O tio falava sobre o suicídio, não como brincadeira, mas como potencial prática futura, fato este que veio a se consumir.

Rossi e Medeiros (2020) mostra, acerca do suicídio infanto-juvenil, em especial o infantil, que é muito difícil aceitar o suicídio infantil, uma vez que se acredita que vivem em um espaço lúdico. Afirmam que o suicídio “é o desfecho final para uma série de acontecimentos da história do sujeito” (p.58) e que as crianças, mesmo as mais pequenas, por volta dos 8 anos, já entendem a ideia de morte e podem vir a tentar suicídio. Elencam uma série de transtornos, como a depressão e distúrbios do sono, que se articulam ao gesto suicida infanto-juvenil. Afirmam ainda que é importante observar os acidentes domésticos com crianças, pois podem mascarar tentativas de suicídio. Ou seja, brincadeiras podem estar escondendo tais atos:

Os dados recentes de fontes oficiais mostram que o suicídio não é uma situação isolada, está presente de forma ampla na sociedade, sendo assim faz parte do “universo lúdico” das crianças, as quais utilizam-se da auto agressão como “válvula de escape” para solução de suas angústias. São diversos os fatores que as motivam, bem como os meios que se utilizam para tal ato. (Rossi; Medeiros, 2020, p.65).

⁴⁸ “Através da sua própria participação no suicídio como atores periféricos — ou seja, como pessoas consideradas pouco maduras para compreender o suicídio ou para vivenciar os tipos de problemas que levam ao suicídio, mas que, mesmo assim, realizam uma série de atos suicidas —, as crianças passam a imbuir o suicídio de significados relevantes para as suas próprias vidas, que existem à margem da compreensão dos adultos. Argumento que, por meio dessas atividades tanto ‘imaginárias’ quanto ‘reais’, as crianças acabam por dominar o ‘kamma’ do suicídio, aprendendo quando, como e com quais consequências os atos suicidas podem ou não ser realizados e, assim, dando um passo necessário para alcançar a idade adulta: uma fase da vida que minimiza a ‘agência’ do suicídio e promove o ‘estruturado’ ou ‘predestinado’ do suicídio como uma atribuição de hierarquias de gênero. Nesta perspectiva, em Madampe, a forma como as pessoas se tornam suicidas é um processo de desenvolvimento que começa na primeira infância e existe a par dos processos de construção do conhecimento moral e religioso. As crianças começam por acreditar que o suicídio é escolhido e está ligado a uma moralidade transcendental, mas à medida que crescem passam a pensar no suicídio mais como algo predestinado e ligado a uma lógica transcendental do kamma”. (Tradução do autor, 2025).

4.7) As emoções em jogo no evento suicida

As/Os jovens foram tocadas/os pela temática do suicídio e se emocionaram nos três encontros. O grupo se mostrou coeso nos sentimentos, nos silêncios, no choro. Um fato a ser observado é que uma jovem começou a chorar e logo em seguida, outros jovens também o fizeram, mostrando o caráter coletivo das emoções. Nesta demonstração das emoções, o grupo de jovens se assemelha ao grupo de servidores, uma vez que ambos os grupos se incomodaram com o tema, foram por ele tocados/as e reagiram emocionalmente, no corpo, às discussões. Assim, com as/os jovens também houve choros, incômodos, remexer de cadeiras, silêncios, desconforto e a verbalização de emoções em jogo no evento suicida, como seguem abaixo, com grifos meus:

- *“Tanto que, quando se conversa disso, mesmo entre as famílias ou as pessoas que já tiveram contato com isso, a gente não conversa muito. Porque, primeiro, é um **tema doloroso**, né? Para estar aqui, já passou por isso, é um tema que remete a muita dor.”*
- *“Porque, como a gente disse, quando a pessoa pensa nisso, ou faz mesmo esse tipo de coisa, **afeta todo o ciclo dela, não afeta só ela**. Aí eu falo banal, porque justamente a gente não discute, a gente evita, a gente criou, no geral, não sei se tem comprovação ou não, essa certa ideia de que discutir esse tema leva, em certas partes, a esse tema. Então, **é até o medo mesmo** que a gente tem de discutir isso, por conta desse negócio...”*
- *“Quando a gente entra numa discussão desse ponto, a gente entra em tópicos que **não são tão felizes, alegres, são tópicos complexos de discutir, são tópicos que remetem à coisa triste, a problema**, entendeu? Ninguém é feliz discutindo sobre esse tópico, esse tema. É um tema controverso e que traz para muitos **a tristeza mesmo**.”*
- *“Eu me lembro que quando eu descobri o que a pessoa tava passando, eu chorei muito na hora, porque ela começou a chorar também, eu falei ‘o que eu vou fazer agora, né?’ E, tipo assim, **eu fiquei triste também com a situação**, eu falei ‘caramba, o que eu vou fazer pra ajudar essa pessoa? E por ser uma pessoa próxima a mim, que eu considero muito, eu meio que sofri junto’.”*

As emoções que mais se “repetiram”, foram: tristeza, medo, dor, sofrimento, consoante ao que foi apresentado no grupo de servidores, não havendo grandes diferenças entre os dois grupos. Estas emoções, em conjunto, formam um complexo de sofrimento relacionados ao comportamento suicida, tal qual visto com as/os servidoras/es, mostrando que o evento suicida tem rastros semelhantes nas subjetividades presentes neste nosso contexto social e histórico. Tanto adultas/os, trabalhadores/as da Educação, quanto estudantes/educandos se mostraram sensíveis à temática, mediante a demonstração de dor, tristeza, medo, sofrimento, angústia, mal-estar, dentre outros sentimentos que dizem desta esfera “pesada, densa”. Retomamos Sarti (2001) e Guerci e Consigliere (1999) que mostram os aspectos subjetivos e objetivos correlacionados na dor, mostrando o caráter cultural das emoções. Também fala desta significação cultural o Marcel Mauss (1979a) mostrando que os sentimentos e sua representação, sua demonstração depende da cultura na qual aquele sujeito e coletividade se inserem. Ou seja, as emoções apresentadas pelas/os jovens não estão distantes da Cultura, da História, do Social, em suas formas maiúsculas e contemporâneas.

Associando a isso o fato do comportamento suicida como algo familiar, retomamos também Rosaldo (2019) ao mostrar as emoções como pensamentos incorporados e o fato de que é diferente ouvir falar de suicídio no rádio/tv/mídias sociais do fato de ter um familiar ou amigo morto/a por suicídio. Neste caso, as emoções são bem mais intensas e avassaladoras, como discutido na categoria anterior “o suicídio como algo familiar”.

Sobre as emoções apresentadas, Morais *et al* (2022, p.902), citando Morais e Souza (2011) mostra que “compreender o seu significado [do suicídio] e entender os motivos pelos quais alguém age contra a própria vida é um desafio que pode ser perturbador, e carrega consigo uma série de reações, como medo, revolta, culpa, vergonha, entre outros”. Além disso, como a morte por suicídio não é socialmente “aprovada”, “o luto dos sobreviventes muitas vezes não é reconhecido e autorizado pela sociedade, sendo vivido de forma isolada, escondida e sem apoio social” (p.904).

Ávila *et al* (2021) em pesquisa sobre a percepção de adolescentes sobre o suicídio encontrou como dados que as/os jovens relacionam o suicídio ao ato de tirar a própria vida, à família, à escola e à solidão/isolamento. A depressão e as questões com a autoestima estão influenciando no gesto suicida, na visão das/dos adolescentes. Estas/es mostram ainda que a escola pode ser uma aliada e se tornar fator protetivo, uma vez que foi nela que tiveram contato pela primeira vez com o tema:

A escola é constituída por um espaço privilegiado para a identificação da ideia suicida em adolescentes e que o professor tem um papel fundamental na identificação dos fatores de risco. Especificamente por que eles (professor) pode prestar assistência ao adolescente a entender possibilidades no existir assim vencendo seus sofrimentos. O professor representa um grande suporte ao adolescente. Uma vez formado sobre a temática, ele será capaz de identificar sinais de alerta em jovens com riscos suicidas, alguns desses sinais muitas vezes passam despercebidas pelos familiares (Ávila *et al*, 2021, p.5).

Sobre os sofrimentos da/o jovem com ideação suicida é condição *sine qua non* o apoio das/os professoras/es para fomentar projetos de vida e auxiliar na regulação emocional, a ensinar as/os jovens como lidar/manejar emoções. Este papel formador, acolhedor, de direcionamento atribuído à escola é visto também em artigo recente: Marques *et al* (2024) apresenta que

abordar o suicídio na escola sem considerar o fenômeno do bullying significa negligenciar uma das raízes estruturais do problema. A escola, nesse cenário, emerge como um espaço estratégico de escuta, acolhimento e prevenção. Por sua **função social e formadora, e por estar inserida no cotidiano dos adolescentes**, ela ocupa posição privilegiada para a identificação precoce de sinais de risco. No entanto, pesquisas evidenciam que muitos professores não se sentem preparados para lidar com essa temática (*Ibidem*, p.90, grifos meus)

Ou seja, a escola é fundamental para lidar com o comportamento suicida em diversas fases: prevenção (identificação de fatores de risco, identificação de sujeitos com ideação suicida) e também na posvenção. A educação como um todo tem papel estratégico, humanizador; de cuidado, em sua noção ampliada, e ocupa lugar de proteção, vide ECA (Brasil, 1990). Ademais, “isso implica formar docentes para além do domínio técnico-conteudista, promovendo sua capacitação emocional e relacional para enfrentar situações complexas como o sofrimento psíquico e o risco suicida” (Marques *et al*, 2024, p.90), o que requer ações localizadas partindo do contexto de cada escola, mas também ações macrossociais, que envolvem a criação de políticas públicas.

4.8) A perda do futuro imaginado

A perda do futuro imaginado é um termo que vem do texto “*Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades*”, de Thiago Nagafuchi (2019a), mostrando que os sujeitos com comportamento suicida perdem sua vinculação com a coletividade, numa morte simbólica, de um sujeito que se vê sem saída. No caso desta pesquisa,

as/os estudantes mostram conhecer na prática, ainda que sem os elementos teóricos, o que vem a ser a perda do futuro imaginado. Apresentam isso nas falas abaixo, que mostram isso.

- *“Sim, e eu acho que, tipo, quando a pessoa olha para isso também, eu acho que isso também entra numa parte muito de crise existencial, que é um motivo para a vida, né? Todo mundo sempre, tipo, tentando procurar alguma coisa para poder continuar, tipo, planos futuros e tudo mais. E eu acho que quem tem pensamentos mais, assim, suicidas, eu acho que essas pessoas não conseguem achar um motivo na frente. Tipo, ‘o que eu vou estar fazendo daqui 5 anos?’ ‘Por que eu vou estar aqui daqui 5 anos?’ Elas não conseguem ter esse pensamento futuro. Então, para elas não importa se elas vão viver daqui 2 dias, 2 anos, é tudo igual, porque todos os dias vão ser iguais para elas e elas não querem que isso aconteça. Elas querem fugir, porque elas não querem que aquilo fique se repetindo dia após dia. Elas não veem um dia no futuro onde isso vai passar. Elas só veem que tudo vai ser igual e elas não querem aquilo, então...”*
- *“É aquela pessoa que perde o propósito de vida. É aquela frase, tipo assim, ‘para que eu estou aqui? O que eu vim fazer aqui? Por que eu continuo aqui?’ E a pessoa não encontrar as respostas por conta própria para essas perguntas, que são perguntas que a gente normalmente não se faz. A gente só vive sem se fazer essas perguntas, na realidade. Quando a pessoa chega ao ponto de fazer essas perguntas do meu ponto de vista, é que ela já está questionando o motivo dela estar aqui junto com a gente, ela já começou a ter aquela visão de ‘eu não faço parte de um grupo, eu não me enquadro num grupo, eu não tenho uma afinidade com ninguém’. Ou então, ‘não pertenço a essa família, ou coisa assim’...”*

As/os jovens apresentam relatos de pessoas que perdem este horizonte, este futuro, o vínculo com a coletividade, com as formas de vida corriqueiras e entram numa “ausência do devir” (Nagafuchi, 2019a, p.120). As falas acima representam esta situação. De modo geral “as pessoas constroem arranjos para percorrer os nós dos emaranhados nesses contextos de sofrimento, a fim de buscar formas de vida possíveis – ou seja, se projetar em algum horizonte ou futuro” (Nagafuchi, 2019b, p.247) e no caso das pessoas com comportamento suicida, este horizonte é perdido, não há devir possível e o suicídio aparece como única saída.

Nagafuchi (2019a) citado por Nagafuchi (2019b, p.240) assinala que “o suicídio se encontra em uma tensão entre o passado (a biografia), o presente (a experiência) e o futuro (o horizonte)”; ou seja, é o sujeito como um todo, íntegro, na sua totalidade, com sua história de

vida e enfrentamentos, com seus projetos e sonhos que vai (ou não) para o suicídio. Citando a questão do projeto, nos remetemos a Velho (1994) e Koury (2015). Koury (2015, p.22) afirma que “Gilberto Velho é considerado um precursor importante deste novo campo analítico que lida com as relações entre as emoções, a cultura e a sociedade no país” e que, influenciado por Goffman, Dumont e Schütz, dentre outros, tem em sua obra a noção de projeto, que fala da interface dos projetos individuais “com a ampliação do campo de autonomia dos indivíduos no interior de um contexto social específico” (p.23). A dupla de conceitos “projeto” e “campo de possibilidades” são

Noções estas que colocam em cena as relações entre os indivíduos e as formas de sociabilidade em uma cultura e em um social dados. Alocam também em cena as emoções, as escolhas e a formação de curvas de vida nas relações estabelecidas entre os indivíduos e a sociedade, trazendo a análise para o campo fenomenológico de Schütz, e para o interacionismo de Goffman e Becker, sempre à luz das análises simmelianas e weberianas (Koury, 2015, p.30).

Ou seja, a sociabilidade importa para o projeto, as interações indivíduo – sociedade importam, as emoções importam. Tudo isso se vinculando “a uma realidade objetiva e externa” (Koury, 2015, p.32), sem desconsiderar as noções subjetivas, as estratégias e caminhos para a realização dos projetos. Isto pode nos remeter diretamente à questão do suicídio, sobretudo, na forma que foi dita pelos/as jovens. Primeiro porque o suicídio articula emoções, sentimentos, pensamentos, social, subjetividade, realidade, etc. tal qual um projeto; no entanto, com fins bem diferentes. Segundo porque o suicídio é a ausência de projetos tal qual conceituados por Velho (1994), é a ausência desta perspectiva de vida e deste campo de possibilidades. O suicídio é, ou pelo menos aparenta ser na maioria das vezes, um descolamento do sujeito de dimensões outras da vida, tais quais a sociabilidade, os objetivos coletivos e a própria noção de singularidade. Ainda segundo Koury (2015, p.33)

A noção de *projeto* lida, assim, diretamente, com a dimensão do indivíduo enquanto sujeito emocional, que faz escolhas, que se organiza e traça caminhos, que consegue ou se frustra nesse caminhar projetado e vivido.

A noção de *projeto* serve desta maneira, como um instrumento privilegiado à análise de *trajetórias* coletivas ou individuais. Serve também às apreciações de processos de articulação de discursos identitários entre indivíduos, em uma cultura e sociedade delimitada tempo e espacialmente.

A noção de *campo de possibilidades*, por sua vez, corresponde ao espaço para a formulação e implementação dos *projetos individuais ou coletivos* elaborados. Satisfaz, portanto, às opções construídas no interior de um processo sócio-histórico dado e com um grande potencial interpretativo do *mundo simbólico da cultura* (grifos do autor).

É preciso, pois, fortalecer as/os jovens e orientá-los em direção à construção de projetos que as/os remetam a um campo de possibilidades factíveis. É preciso imaginar um futuro e que este seja desejado e, como diz a Psicanálise, tenha efeitos de pulsão de vida, sendo um dos destinos possíveis das pulsões, a sublimação⁴⁹ (Freud, 1915). Daí a importância da Educação para a construção de projetos, para a permanência do devir, do futuro imaginado e para a construção de saídas, tal qual proposto pela sublimação. Leccardi (2005) também fala sobre o futuro dos jovens na segunda modernidade, tido por vezes como incerto e demandante de um projeto de vida, também incerto no panorama das crises político-institucionais. Para a autora (*Ibidem*, p.50), “existe, com efeito, uma vertente diferente desses mesmos processos, uma faixa de luz que é preciso analisar com igual atenção. Sobre ela projetam-se as estratégias que os sujeitos constroem para enfrentar essas transformações e, sempre que possível, controlá-las”, mostrando a margem de manobra possível às/aos jovens para construírem seu futuro.

4.9) Estratégias de enfrentamento ao gesto suicida

As/os estudantes nos grupos focais falaram sobre possibilidades de intervenção a serem realizadas na escola e sobre estratégias já utilizadas e que não funcionam. Nesta categoria apresentam muitas estratégias, que seguem abaixo.

- Conversar/estar presente: *“Não só conversar, que às vezes a pessoa nem quer conversar. Então, é estar presente, só ficar ali do lado, pra pessoa saber que tem alguém.”*
- Tratamento especializado: *“Não tira a parte também de um tratamento, uma coisa assim, sabe? Uma ajuda profissional também, mas no âmbito pensando na gente, pessoas normais, né, acho que conversar, estar presente, demonstra valor. Mostrar o quanto você valoriza a pessoa, estar próximo, ou outras diversas ações, dar mais carinho, se aproximar mais, estar junto ali. Nem sempre estar junto é conversar direto, às vezes é só estar, para estar mesmo.”*

⁴⁹ “Sublimação al. Sublimierung; esp. sublimación; fr. sublimation; ing. Sublimation: Termo derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar), para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais-além da consciência. Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados” (Roudinesco; Plon, 1998, p.734).

- Impondo limites às agressões: *“Estou falando, porque na escola, geralmente coisas assim, tipo o bullying, altera muito. Então, geralmente os professores, a direção no caso, ela resolve isso com palestras e não conversando diretamente, dando uma suspensão ou uma punição mais direta. Ela só passa uma palestra, isso não adianta.”*
- Impondo limites às agressões/palestras não!: *“É. Então. Mas não tô falando que tem que bater na pessoa, mas ter uma mão mais firme assim, sabe, pra outra pessoa ver que tem pessoas que apoiam ela de verdade e que estão ali para defendê-la caso aconteça alguma coisa e ela pode contar com essas pessoas. E não que quando ela contar, vão colocar outra palestra que, para ser bem sincera, ninguém gosta de palestra quase... Então a pessoa vai sentir que aquilo que ela contou para a direção fez com que todo mundo ficasse chateado com aquilo, porque ninguém gosta de palestra, então está ocupando a escola à toa. Não que palestras não sejam importantes, mas acho que uma medida mais firme assim com a pessoa que praticou coisas ruins, daria a entender que a pessoa não está tão sozinha.”*
- Dinâmicas e rodas de conversa em lugar de palestras: *“Adesão de palestras é baixa demais, gente, isso é muito de complicado, geralmente o horário é ruim, não tem uma liberação também, tipo assim, se você está tendo aula, muitas vezes tem palestra e você não consegue ir porque está na aula. E também, assim, palestra é chato mesmo, eu prefiro muito mais, tipo assim, fazer aqueles encontros onde a gente faz uma dinâmica, a gente troca uma ideia, uma roda de conversa, um trem assim.”*
- Dinâmicas e rodas de conversa em lugar de palestras: *“Uma roda de conversa é muito mais eficiente do que colocar uma pessoa só falando e deixando as outras lá, por horas e horas, vai mexer no celular, isso é óbvio.”*
- Dinâmicas e rodas de conversa em lugar de palestras: *“Acho que na escola, além da palestra, não tem muitas atitudes que eles tomam com isso...”*
- Dar visibilidade ao meu trabalho, ao trabalho psicológico: *“Então assim, eu falei sobre visibilidade, mas é o tipo de mudança que tem que ser feita aqui, porque aqui não tem tanta visibilidade. Aqui a gente tem esse suporte, que no caso é você. Só que eu acho que tem gente que nem sabe que tem esse suporte, sabe? Então, eu acho que falta visibilidade.”*
- Dar visibilidade à temática em si: *“O [nome da pessoa] citou uma coisa e eu concordo plenamente. Eu só queria acrescentar que eu acho que o tema não é abordado justamente porque esse tema é visto como fosse... Não sei se tabu seria a palavra certa, mas é como se eles evitassem. É como se eles fingissem que isso não existe, como se*

esses problemas não existissem. Então, até as pessoas sofrem com isso mesmo, elas preferem ignorar, fingir que aquilo não existe e seguir normalmente. Eu acho que isso acontece aqui na escola também.”

- Visão negativa da escola: *“Quando coloca a escola no meio, só consigo pensar mais em coisas que a escola causa de negativo na pessoa todos os dias, porque, geralmente, quando alguma coisa acontece com a pessoa na escola e ela vai até a direção, muito pouca coisa é feito. O que eles falam é para fazer palestra, tá, mas o que isso adianta? Então eu não sei se consigo ver uma coisa positiva assim da escola, em relação a dar apoio.”*

Partindo dos conhecimentos e experiências que já têm, as estratégias pensadas pelas/os jovens englobam alternativas diversas de trabalho tais como conversar e estar presente, mesmo que em silêncio, estar junto, dando apoio; a estratégia clássica de ofertar tratamento e/ou buscar ajuda especializada; tratar o *bullying* e agir de forma mais firme, diretiva, impondo limites perceptíveis à comunidade escolar; trocar as palestras por ações mais dinâmicas tais como rodas de conversa, dinâmicas, oficinas de grupos, etc.; dar maior visibilidade ao meu trabalho para que mais jovens tenham acesso a mim e, por fim, dar maior visibilidade ao tema do suicídio de modo geral, uma vez que o mesmo aparece invisibilizado, conforme discutido na primeira categoria. Estas propostas têm um sentido social que é o de enfrentar o tabu de se falar do tema, enfrentar a invisibilidade presente no comportamento suicida, combater a banalização do tema e propor formas mais saudáveis de discuti-lo no ambiente escolar e nos demais nos quais ele se apresentar.

É visível nas falas uma ojeriza pelas palestras, dispositivos de comunicação e interação em que as/os ouvintes tendem a ficar longo tempo escutando sobre um tema para só depois ter a possibilidade de interagirem de fato, por intermédio de perguntas e comentários. A juventude cefetiana, ao contrário, prefere as rodas de conversa, dispositivos muito mais fluidos e abertos. A este respeito, Figueirêdo e Queiroz (2013, p.1) afirmam que:

De acordo com Mélo *et al.* (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Destarte, ao mesmo tempo em que as pessoas falam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da educação e seu fundamento metodológico se

alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves. Para auxiliá-las nesse processo de quebra dos entraves, bem como para facilitar a comunicação e a interação, se pode fazer uso de técnicas de dinamização de grupo, sendo utilizados recursos lúdicos ou não. Apesar de os coordenadores poderem escolher uma técnica visando um objetivo, é o grupo quem “dá a palavra final”, ou seja, é ele quem vivencia e direciona a técnica para seus objetivos.

Conforme ressaltam esses autores, as rodas de conversa se diferenciam de outras atividades grupais, como a terapia de grupo, pois, para o desenvolvimento das rodas, os sujeitos podem se expressar no grupo, mas não é necessário que sejam revelados seus segredos, muito menos é orientada a invasão de sua intimidade.

Ou seja, as rodas de conversa se mostram como instrumentais ricos para acolher a diversidade de opiniões, sem invadir a privacidade das pessoas participantes, de modo que as experiências pessoais sejam levadas em consideração, conforme a participação e desejo de cada um/a, permitindo uma interlocução e debate de assuntos contraditórios, tão comuns à juventude.

Além disso, a primeira estratégia apresentada, “conversar, estar junto, estar presente” se assemelha a outras categorias encontradas nos grupos focais com as/os servidores: “se colocar à disposição”, “ficar com a pessoa e acolher” e “ouvir e compreender”, mostrando uma similitude entre o pensamento e emoções das/dos adultas/os e das/dos jovens, podendo formar uma grande categoria na qual o acolhimento é o ponto principal. A Secretaria de Educação (2019) ratifica a posição de acolhimento como prática pedagógica a ser adotada pela comunidade escolar e utiliza os significantes “escuta”, “diálogo”, “expressão de emoções”, “empoderamento”, “engajamento”, dentre outros para falar de práticas educativas acolhedoras.

Sobre o *bullying*, as/os jovens fazem uma denúncia de que, na percepção deles, o tema só é tratado pela via das palestras, saída esta que eles não gostam, conforme dito acima. O *bullying* é tema abordado por Coelho e Pardo, em artigo de 2018, no qual se implicam em mostrar a gramática emocional por detrás do fenômeno, composta por compaixão, vergonha, raiva, constrangimento e humilhação. Afirmam que as pessoas tendem a tratar o *bullying* como “coisa de criança”, o que nos permite imaginar que não requer intervenção. É uma atenuação de uma situação grave, em que os espectadores tendem a ser passivos numa cena que requer, como afirmam as/os participantes desta pesquisa, limites nas agressões. Rossi e Medeiros (2020, p.63) embasando-se em Ferrara *et al* (2014) assinalam que “em pesquisa com crianças e adolescentes até 18 anos, constatou-se que a causa mais frequente de suicídio é o conflito em relacionamento seguido de *bullying*”, o que faz com que esta violência seja importante demais para ser negligenciada no ambiente escolar.

Outros aspectos relevantes nesta categoria são: 1) a questão da visibilidade do meu trabalho, que as/os estudantes acham necessário que seja mais divulgado, ainda que já façam uso do espaço da minha sala e dos meus atendimentos e intervenções para se sentirem acolhidos. Acreditam que mais pessoas possam me procurar a partir de uma maior divulgação; 2) a escassez de atividades na escola voltadas para a Saúde Mental, em especial, no que se refere ao comportamento suicida; 3) a ausência de falas das/os estudantes situando a sala de aula como um espaço seguro, acolhedor e onde acontecem ações significativas de cuidado. Esta ausência mostra o espaço extra-classe e, sobretudo, entre pares como o mais importante para o suporte de adolescentes e jovens cefetianos/as; 4) uma crítica à direção, mostrando que as/os participantes têm expectativas com relação a ela e não estão sendo atendidos em suas demandas e, por fim, 5) retomando a questão da invisibilidade da temática na escola, isso mostra o quanto o tema ainda é tabu hodiernamente (assim como outrora, em outras épocas históricas), o que requer reflexão, pensamento crítico e posicionamentos tanto de direção quanto de professores/as.

4.10) Fundamental é ter com quem contar...

Nesta categoria estão incluídos os relatos das/os jovens referentes ao suporte recebido e ou potencial para os casos de maior sensibilidade, principalmente aqueles envolvendo o comportamento suicida. As/os jovens partem de sua realidade material, concreta, cotidiana e vão apresentando as possibilidades de ajuda que conhecem e que tiveram/têm ao seu entorno.

- *“Inclusive, (inaudível) que minha família, em si, não tem noção dos acontecimentos. Quem tem noção dos acontecimentos são as três pessoas que já estão mais próximas de mim. São **amigos de escola**, sim. Alguns tem muito tempo, tem nove anos de convívio, a gente é amigo há muito tempo. Outros são mais novos, mas eu tenho uma tranquilidade com essa amizade mais... Amizade mesmo, não é colega, é amigo mesmo. Mas é difícil, eu não tive muito apoio daqui, não. Porque também não teve, vou te falar, não tinha um ambiente físico. E pra mim, não consigo soltar esse tipo de coisa, conversar online, assim, não tenho segurança.”*
- *“E também acho que no primeiro ano, o senhor falou que, na palestra que teve, na volta da aula, **você falou que podia te procurar, se precisasse de alguma coisa**. Então, eu acho que também na sua sala. Eu já até escutei alguns amigos meus falando que foram*

na sua sala procurar ajuda e tudo, mas porque a escola estava colocando muita pressão, isso não estava fazendo bem.”

- *“É, acho que é isso. E também com **alguns professores**, que tem professores que são mais próximos, querendo ou não da sala. E aí, eles são mais abertos pra poder conversar sobre certos assuntos. Então, acho que a gente vai passando por alguma coisa mais difícil e alguns professores eles vão entender e vão sentar com você pra conversar e te dar apoio naquilo.”*
- *“Então, eu tento **lidar sozinha** com aquilo o máximo possível e se eu não conseguir, a única pessoa que eu me abro assim de primeira, de início, **é Jesus e meus pais**.”*

As falas acima mostram uma gama limitada de suporte social para as/os jovens. É fundamental ter com quem contar, mas as opções destas/es ainda são restritas. Focam geralmente em si mesmas/os, na família, amigos e/ou escola, descartando ou desconhecendo a RAPS (Brasil, 2011) ou o CVV (188), conforme apresentado nesta tese nos trabalhos de Martins (2016; 2021). Por outro lado, tais dados mostram a importância de que se tenha ambientes seguros para a expressão de sentimentos, pensamentos, projetos de vida ou mesmo mal-estares.

Na escola, meu trabalho foi citado como um suporte positivo, o que reforça o papel da Psicologia Escolar e Educacional, da Psicologia nos Assuntos Estudantis ou na Assistência Estudantil. Também foi citado o trabalho de alguns professores, o que me permite retomar as ideias de Garcia *et al* (2022) para os quais a escola pode ser promotora de Saúde Mental, ao desenvolver ações em prol dos estudantes tais como o combate a preconceitos, discriminações e *bullying*.

A espiritualidade já foi analisada nesta tese como um fator ambivalente, ora positivo, ora negativo. No relato acima, a jovem mostra a importância que a espiritualidade teve para a manutenção de sua saúde mental e como isso a ajudou a lidar com a ideação suicida em momentos de crise. Almeida, Benedito e Ferreira (2019, p.651) afirmam que

um outro ponto importante determinado por Santos *et al.* (2017) foi que o exercício da prática religiosa como por exemplo, orar, meditar e outras manifestações de crença, ajudam a estabelecer o equilíbrio de sentimentos e emoções.

Como se percebe, a espiritualidade vivenciada de forma positiva, pode ser fator protetivo contra o suicídio, auxiliando as/os adolescentes a fazerem pactos com a vida e buscando razões para se manterem vivas/os. Vale ressaltar, com Santos *et al.* (2017), que

espiritualidade é mais amplo que religiosidade, incluindo práticas diferenciadas, tais como meditação e outras manifestações de crenças.

4.11) As entrevistas

Nas entrevistas não houve apresentação de conteúdo novo, o que engendraria novas categorias. O que aconteceu foi a repetição de temas já trabalhados nos grupos focais. Alguns foram aprofundados, outros repetiram o que já havia sido dito. Seguem abaixo alguns dos dados coletados. Todas/os as/os jovens escolheram participar da entrevista por achar o tema interessante, atual, por ter aumentado número de casos de suicídio na sociedade e/ou para obter conhecimentos sobre prevenção.

- *“Eu quis participar, eu achei interessante o tema, eu gosto de muitas coisas relacionadas a entender os pensamentos humanos, psicologia... Eu já pensei em ser psiquiatra, eu acho bastante interessante essa parte das pessoas que conseguem entender as emoções, sentimentos, os comportamentos das pessoas, entendeu? E isso cria em mim uma vontade de querer aprender mais, eu queria muito investir numa área relacionada a mente humana. Só que acho que eu não vou seguir nessa carreira. E quando teve essa oportunidade da entrevista, eu falei assim, talvez meio que relacione isso que eu gosto com o conteúdo que você abordou com a gente.”*
- *“Eu acho um assunto muito interessante. Também acho que ele é muito pouco falado nos dias normais, sem ser em setembro. E eu acho importante ter isso, principalmente dentro da escola, que é um ambiente onde a gente fica muito ansioso e passa por muitas coisas. Então, eu achei muito interessante.”*
- *“Eu quis participar da entrevista porque, além de ser um assunto muito abordado hoje em dia, infelizmente está acontecendo muito e eu queria saber mais sobre o assunto para prevenir também.”*

Todas/os também retomaram a questão do suicídio como algo próximo, como algo que aconteceu com conhecidos, familiares e/ou amigos. Outro aspecto retomado foi o da interrelação entre depressão/autolesão e comportamento suicida. Vejamos as falas a seguir:

- *“Ela [a mãe] comenta coisas no sentido de, por exemplo, daqui um tempo eu já não vou mais estar aqui, no sentido de tipo... Como é que eu posso falar? Não é aquelas frases*

clássicas que mães falam, no sentido que todo mundo entende. Mas do jeito que ela fala, parece que realmente, qualquer hora, eu não vou chegar em casa e encontrar ela mais viva, entendeu? Isso eu tenho bastante medo, inclusive. Tanto que a gente comenta, assim, bem corriqueiramente, só que é um problema, né?”

- *“Já tive contato com gente que comentou comigo que já teve pensamentos suicidas. Isso foi um baque. Eu nunca pensei que aquela pessoa realmente tivesse esse pensamento, porque a gente era muito feliz, né? A gente nunca pensava esse tipo de coisa. Toda hora que eu andava com essa pessoa, a gente estava sempre rindo e tal. Aí essa pessoa comentou comigo que já teve pensamentos suicidas. Não sei se ainda tem, vou até perguntar de novo, mas na época foi muito estranho. Eu realmente não esperava aquilo.”*
- *“Já, já tive contato. Eu não lembro se na época eu falei que sim, mas eu já tive contato sim com uma pessoa que já tentou suicídio. (...). Ela estava muito depressiva na época e ela tomou muitos remédios e aí, foi a avó dela que achou ela e levou ela pro hospital.*

Como se percebe, aquelas/es jovens que não haviam falado sobre a experiência familiar com o suicídio, na entrevista tiveram a oportunidade de trazer o assunto à tona, de se abrirem, uma vez que era um ambiente mais tranquilo, e só estavam presentes a/o entrevistada/o e eu. Os relatos datam a ocorrência do comportamento suicida como algo recente (1 ano, 1 ano e meio), vindo a ocorrer inclusive dentro do CEFET, mas também datam de um passado não tão recente remontando às escolas anteriores onde haviam estudado ou a situações familiares ocorridas na infância.

Foi perguntado às/aos jovens sobre como estavam suas emoções, sentimentos e pensamentos sobre o tema, no momento da entrevista. As respostas foram todas de uma mesma ordem: tranquilos, bem, aliviados/as (por causa da aproximação das férias e redução de atividades escolares).

- *“Meus pensamentos são bem tranquilos, sabe? Não sei te falar sobre minhas emoções, sobre... eu não consigo descrever, sabe?”*
- *“Bem tranquilos com relação a isso. Férias dá uma aliviada.”*
- *“Acho que mais evoluídos do que na época, porque eu acabei aprendendo mais, né? Eu acabei vendo mais vídeos sobre isso, que acabaram aparecendo na internet. Aproveitava e dava uma lida, assistia. Eu acho que eu tenho mais consciência das coisas. E sei um pouco mais também.”*

Interessante observar aqui que, embora emoções e pensamentos estejam intimamente ligados, as/os jovens focaram mais na questão intelectual, racional, mas apenas um disse não saber como descrever sua situação emocional.

Outra categoria que reapareceu foi a das intervenções da escola, da possibilidade de atuação da escola frente ao comportamento suicida e as respostas em sua maioria foram semelhantes às apresentadas no grupo focal, reafirmando uma coerência entre ambas etapas da pesquisa. Seguem alguns relatos, grandes, mas que valem a pena serem lidos:

- *“Eu acho que, de verdade, não tem muito que a escola pode fazer. De verdade, para a escola conseguir impactar os pensamentos das pessoas, eu acho que não é nada de projetos, não é nada de campanhas, não é nada de coisas para conscientizar a pessoa. O que eu acho que poderia dar o mínimo de assistência seria realmente uma consulta com psicólogo... Para o psicólogo realmente falar... Não estou falando no seu caso, entendeu? Eu falo no geral. Mas, de verdade, eu não penso muita coisa que a escola pode fazer, não. É um tema muito delicado. Para uma escola, que tem muitos problemas, pensar em tomar conta...”*
- *“Pensando no CEFET em si, eu acho que, tipo... Se fizesse, tipo, alguns... Tinha vezes, alguns meses, eles faziam questionários sobre matérias, essas coisas. Eu não sei se você já chegou a saber disso. (...) Que tinham uns questionários nas salas e a gente dava opinião. Eu acho isso interessante, só que, tipo assim, era privado, sabe? Não saía informação do nome da pessoa, essas coisas.”*
- *“Eu acho que a escola tem que falar mais sobre esse assunto, porque eu não vejo ele sendo muito abordado.”*
- *“Acredito que sim. Como eu falei, acho que na época da entrevista, nas reuniões, a escola tem que ter um papel mais ativo. Não só falar em setembro. Ah, a escola tem outros assuntos pra tratar também. Só falar em setembro, uma vez ou outra, querendo ou não acaba dando menos importância pra esse assunto durante os outros dias do ano. As pessoas são críticas, elas são grosseiras, elas são... Enfim, elas são assim todo o ano. Aí chega em setembro e elas são amores de pessoas. Chega o setembro é amarelo e tem todo aquele assunto. E eu acho que tem que ser assim sempre, né? Uma vez ou outra, pelo menos, aparecer em palestras sobre o assunto. Fazer convites pras pessoas se sentarem em roda e conversarem sobre o que estão se sentindo. Acho que já até acontecia isso com alguma professora. Não lembro quem. Ela tinha uma dinâmica de*

fazer... era pros calouros, em acolhimento de sala, aquela coisa que cada um ia falando um pouco sobre como se sentia. Eu não lembro quem é ela, mas eu acho que tinha acontecido isso em algumas salas. E eu acho que isso era muito importante. Porque as pessoas daquela aula se sentiam mais acolhidas, né? Mais conectadas um com o outro. Mesmo que elas estivessem se sentindo mais tristes... E eu acho isso muito importante, porque são pessoas que a gente convive todo dia, né? Então, acaba dando um certo...criando um conforto, pra quando tiver acontecido alguma coisa, tiver triste... Se sentir à vontade pra conversar. Eu acho que a escola poderia fazer mais isso. Mais dinâmicas acolhedoras com os sentimentos dos alunos. Não só aquela de uma pessoa que fica em cima do palco, falando sobre saúde mental, e não dá abertura pros alunos se expressarem.”

- *“Muitas coisas! Professor se colocar no lugar do aluno, o ambiente é complicado, o ambiente escolar é muito estressante. A gente passa muito tempo na faculdade. Ter semana do saco cheio⁵⁰ no meio de cada semestre. Tornar nossa participação maior, dar mais voz aos alunos. Tornar o ambiente mais acolhedor, dar um descanso, um pause ali, ter espaços para descontrair. A escola pensa mais no bem-estar da instituição do que no aluno. Ajudaria tornar o ambiente mais agradável, mais feliz. Aliviaria o estresse do ambiente escolar.” (fala do estudante a partir das minhas anotações/diário de campo).*

Dois dos estudantes afirmam que a escola não tem contribuição a oferecer no enfrentamento ao comportamento suicida, sendo esta uma questão eminentemente psicológica, cabendo encaminhamento a mim (dentro do CEFET) ou a profissional externo para atendimento. As/os demais estudantes acreditam que a escola pode contribuir sim e apresentam suas ideias/sugestões do que pode ser feito: as palestras permanecem sendo citadas, ora como atividade possível, ora como atividade criticada e que deve ser evitada; rodas de conversa; rever a questão do setembro amarelo (tal qual apareceu em categoria junto às/aos servidoras/es); necessidade de uma atuação mais ativa de professoras/es; ações diversas que tornam a escola um lugar mais acolhedor (espaço para descanso, tornar o ambiente mais agradável/feliz); questionário sobre saúde mental/bem-estar/comportamento suicida; e duas atuações que me chamaram a atenção, quais sejam, 1) ter “semana do saco cheio” em cada semestre, o que

⁵⁰ Semana do saco cheio se refere a uma semana de descanso que algumas das escolas da rede pública e privada fazem no mês de outubro, ajuntando feriados e recessos. Emendam-se os feriados de Nossa Senhora Aparecida (12/10) e o Dia do/a Professor/a (15/10), resultando em descanso prolongado nestes dias.

necessitaria de uma reorganização do calendário acadêmico e 2) falar mais sobre o assunto uma vez que ele é banalizado e tema de brincadeiras, o que me remete a pensar na cultura dos memes e da Inteligência Artificial, que tem, cada vez mais, reproduzido conteúdos de suicídio, por vezes incentivando as/os jovens para o ato⁵¹.

De acordo com Garcia *et al* (2022), a promoção da saúde mental deve considerar os “determinantes sociopolíticos da saúde” (p.14), reduzir as desigualdades/discriminações/estigmas, promover informação qualificada sobre saúde mental, e promover um ambiente acolhedor, inclusive online. A interseccionalidade se faz importante e a ação de movimentos sociais também. Estes dados teórico-práticos coadunam com os apresentados pelas/os adolescentes nas falas acima. As/os jovens têm um saber sobre o tema e o compartilharam comigo nesta pesquisa.

Vale trazer aqui um outro dado teórico, apresentado por Bezerra *et al* (2022) que falam de um despreparo e desconforto de educadores/as, falta de habilidades, medo de abordarem o tema e ampliar o comportamento suicida e para não se haver com suas próprias questões emocionais. No texto, os autores propõem uma alfabetização em saúde mental, termo advindo de Jorm (2000) ou uma alfabetização sobre o suicídio, capacitando as pessoas a lidarem com a temática. Outro aspecto citado é a promoção da empatia, para o desenvolvimento de “respostas pró-sociais”, uma vez que a empatia pode ajudar na prevenção do suicídio. E, por fim, apresentam que a discussão de temas transversais ajuda na prevenção uma vez que podem se relacionar com os fatores de proteção e sua ampliação.

Suave (2023, p.11) mostra, em pesquisa com revisão integrativa, que:

Nota-se nos trabalhos analisados que, embora o suicídio seja reconhecido como um fenômeno de causas múltiplas, a ênfase das pesquisas tem recaído sobre questões pessoais dos indivíduos com ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídio consumado. A sociedade e a escola, de maneira geral, são apresentadas como palco do comportamento suicida e não como participantes de sua produção. Sendo assim, vale refletir sobre o suicídio como não apenas um problema individual/psicológico da pessoa suicida, mas como produto social das circunstâncias e configurações das sociedades o longo da história.

O que implica em uma atuação também da escola para que o suicídio ocorra em menor frequência, cabendo também uma reflexão sobre o lugar da escola na produção do suicídio, lugar este esquecido pelos/as teóricos/as, estudiosos/as do ato suicida, porém bem sinalizado pelas/os estudantes nesta pesquisa.

⁵¹ Para uma introdução ao tema, sugiro a leitura de reportagem recente, de 11.nov.2025, publicada na BBC: https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce8z4x2060lo?at_campaign=ws_whatsapp

Por fim, trago recortes de falas em que as/os estudantes fizeram uma avaliação da pesquisa

- *“Parabéns pela pesquisa. Por ir na contramão da instituição. Do ensino pesado.” (fala do estudante a partir das minhas anotações/diário de campo).*
- *“Pelo que eu me lembro acho que a gente já conversou sobre todos os tópicos possíveis. Desde escola até suicídio de pessoas mais velhas... Depressão em pessoas mais velhas que não é muito comentado. Acho que a pesquisa foi muito abrangente... Tantos tópicos... A gente até acabou se desviando um pouquinho do assunto. Mas acho que conversamos sobre tudo.”*
- *“Perfeito, perfeito. Muitas das vezes, as pessoas talvez não comentem, por estarem em um grupo, mas tendo essa oportunidade de conversar individualmente com você, a gente pode expressar o que a gente realmente pensa sem, como se fala? Julgamento alheio.”*
- *“Eu: E aí eu fiz um artigo falando sobre os professores, apresentei, e agora eu vou fazer um artigo falando sobre os estudantes, vou apresentar, e aí, assim que tiver pronto, eu mando para vocês, o trabalho dos estudantes, e depois, quando tiver pronta a tese, eu mando a tese também.*

Matheus: Bacana. Pode ter certeza de que eu vou ler tudo.”

4.12) Entrelaçando emoções, pensamentos e comportamento suicida – Parte II

Coelho e Durão (2017, p.46/47), falando sobre as emoções nos movimentos sociais, afirmam que

as ciências sociais precisariam “transcender” as representações nativas ocidentais das emoções, pelas quais estariam sendo “contaminadas”, em particular sob dois aspectos. O primeiro seria a atribuição às emoções de uma natureza disruptiva, o que obscureceria sua importância para a estabilidade das instituições; o segundo seria a alocação das emoções no interior dos indivíduos, o que dificultaria a percepção do trabalho das relações emocionais nas organizações e outros “campos de relacionamento” (os movimentos sociais).

Isso implica em pensar as emoções para além da visão ocidental tradicional e para além do subjetivismo que interioriza as emoções. Esta foi a tentativa desta tese, em consonância com a ideia de identificar as categorias nativas nos dois grupos estudados, a saber: as/os

servidoras/es e as/os estudantes. No caso das/os jovens, obtive 9 categorias a partir dos grupos focais e uma repetição dos temas destas categorias nas entrevistas. Prosseguem as autoras:

As emoções, assim, parecem fazer coisas. Agimos ao sentir, bem como ao não sentir, ou ao controlar as demonstrações do que sentimos, ou até a natureza mesma daquilo que sentimos. E esses sentires são regidos, como de há muito a antropologia das emoções advoga, não pelas flutuações do íntimo, não de maneira idiossincrática, mas por formas codificadas e perpassadas por códigos morais e convicções ético-políticas, que prescrevem, avaliam, condenam, exigem e até mesmo proscovem reações emocionais (Coelho; Durão, 2017, p.59).

Emoções se interligam a pensamentos, mas também à ação, ao “fazer as coisas”, gerenciadas por códigos morais, por convicções ético-políticas e as/os jovens mostraram isso em suas falas, em seus posicionamentos, no seu sentir. As palavras e sentimentos engendraram categorias, algumas similares às das/os adultas/os. As/os jovens mostraram ser frutos de seu tempo, atentas/os ao que está acontecendo na realidade social e na nossa cultura, que cada vez mais impulsiona a juventude ao suicídio. A discussão feita por elas/es sobre a invisibilidade do comportamento suicida, por exemplo, não aparece na fala das/os adultos. A depressão, abordada tangencialmente pelas/os servidoras, ganha o patamar de categoria para as/os jovens participantes.

Vale abordar aqui a noção de pessoa, de Mauss em texto de 1938, conforma as dimensões atuais do suicídio. É preciso pensar numa noção de pessoa, de eu, para pensar num sujeito que morre por suicídio. Esta noção não é inata, ela “surgiu e cresceu ao longo dos séculos e através de inúmeras vicissitudes, de tal modo que ela é, mesmo hoje, flutuante, delicada, preciosa, e passível de maior elaboração” (Mauss, 2003a, p.369). Por intermédio da análise de diversos povos/culturas, Mauss mostra que esta noção foi sendo construída ao longo do tempo, inclusive com contribuições da Psicologia. É este sujeito, imbuído de uma consciência individual, de um nome, uma *persona*, propriamente uma pessoa moral, de uma liberdade individual, que suicida. Mauss (2003a, p.393) afirma que “a pessoa é uma substância racional indivisível, individual”, o que combina com os achados desta pesquisa.

Em outro texto, Mauss (1926/2003b, p.349) aborda a questão do suicídio e afirma que

O suicídio é com frequência, nas A influência do social sobre o físico conta com uma mediação psíquica evidente; é a própria pessoa que se destrói, e o ato é inconsciente. A ordem dos fatos de que irei vos falar é, de nosso ponto de vista, e para a nossa demonstração, muito mais impressionante. Trata-se de casos de morte causada brutalmente, de forma elementar, em numerosos indivíduos, mas simplesmente porque eles sabem ou creem (o que é a mesma coisa) que vão morrer. Entre esses últimos fatos, porém, é conveniente separar aqueles em que essa crença e esse saber são - ou podem ser - de origem individual.

Embora a “noção de pessoa” tenha sido escrito após este texto acima, vemos aqui já uma discussão inicial sobre ela. O suicídio vem a ocorrer por enfeitiçamento, impulsos violentos contra si (e aqui Mauss combina com algumas ideias da Psicanálise), magia, obsessões, sugestão coletiva, por distúrbio ou doença, etc. e reitera o suicídio como fato social total (Mauss, 2003b).

Sobre este tópico, Duarte (1998a) mostra a existência das categorias de “doenças”, “sofrimento” e “perturbações” e aqui afirmo que todas elas podem ser relacionadas ao suicídio, a depender do referencial adotado. Como discutido no capítulo 3 e nas entrelinhas deste capítulo 4, a categoria de sofrimento e a de doença são as principais ao se pensar o gesto suicida. As/os jovens mostram em suas falas uma relação direta entre autolesão e/ou depressão com o comportamento suicida. Consoante a Duarte (1998a, 1998b) há que se pensar em um relativismo e holismo metodológico, conforme se vê a seguir

uma visão dos investimentos antropológicos a respeito dos fenômenos ditos da “doença” e “saúde” baseada no pressuposto de um “holismo” metodológico, na presunção de um entranhamento simbólico radical de todas as experiências humanas e de sua inseparabilidade do horizonte integrado de cada cultura, implicando, portanto, o permanente desafio do “relativismo”. (Duarte, 1998a, p.15).

Isto porque a noção de pessoa se entrelaça aqui ao corpo e implica na necessidade de superar dicotomias: razão/emoção e corpo/espírito. O individualismo, “transformado em experiência crucial” (Duarte, 1998a, p.18) marca modelos de cultura diferenciados e noções de pessoas diferentes em cada uma. Assim o é com o suicídio enquanto prática existente nas diversas culturas. Parece haver uma interiorização do suicídio e responsabilização íntima da pessoa.

Gostaria de trazer neste momento alguns exemplos disso que temos discutido até então. O primeiro é apresentado por Prats (1987) que diz que o suicídio não cabe na Psiquiatria, nem na sua vertente psicológica nem na vertente biológica, sendo necessária a compreensão antropológica. Neste sentido, afirma que, a partir dos estudos da Antropologia, é possível verificar que não há nenhuma sociedade em que não há suicídio, que não há uma mentalidade/ideologia sobre a morte e a vida e sobre os significados do pós morte. Assinala que “em todas as culturas o suicídio surge com suas normas impeditivas, permissivas e até facilitadoras” (p.182), sendo o mais normal que o suicídio seja considerado demoníaco, tabu, havendo nestas culturas fortes mecanismos impeditivos do ato. Em outras culturas, por outro lado, como em Tikopia, ilha do Pacífico Ocidental, o suicídio é permitido e em alguns casos

até facilitado. Há ainda os rituais suicidas, como por exemplo o sáti, no qual as viúvas hindus se jogam e são cremadas junto ao corpo do marido. Caso permanecessem vivas, seriam sinal de mau agouro, sendo excluídas da sociedade.

O segundo exemplo que quero trazer é apresentado por Bustamante (2016), no qual as/os jovens se suicidam em resposta às situações de precariedade social, principalmente com relação à frustração educacional. Na pesquisa dela, assim como creem as/os jovens participantes desta pesquisa, “muchos jóvenes, especialmente los que se encuentran en edad escolar, comentan haber visto que algunos de sus compañeros se cortan el brazo para botar el estrés o el dolor. Esto lo relacionan con comportamiento suicida⁵²” (p.79). No Peru, vão se mesclando suicídios em cadeia e suicídios isolados, porém, “todos los jóvenes que se suicidaron tenían un problema de metas⁵³” (p.80): não conseguiam ascender ao ensino superior, a uma profissionalização. Isso mostra como o sentimento de frustração foi precipitante para o suicídio. Há também os casos em que o suicídio foi motivado pelo jogo de Ouija, no qual as/os jovens lidam com espíritos, que tendem a ser malignos. Porém, este jogo é o último recurso destas/es jovens após se verem fracassando com relação a suas metas de profissionalização, donde se vê a importância desta, no enfrentamento da vergonha, da discriminação, no desejo de ser útil à sociedade e ser alguém na vida. A gramática emocional presente no artigo mostra a realidade do Peru em que as desigualdades geram sentimentos e emoções contraditórios que, por sua vez, impulsionam a juventude ao suicídio.

O terceiro exemplo é a teoria do comportamento estratégico, de Orlove (1981) para o qual o suicídio ocorre após uma avaliação dos seguintes aspectos: recursos; alternativas ou estratégias; limitantes e metas. O autor traz à discussão uma etnografia da vida de Juanita e explica as variáveis que a levaram ao suicídio, partindo da teoria da tomada de decisões e do comportamento estratégico. No caso dela havia um contexto familiar e emocional complicado, vivendo numa cidade cujas possibilidades de mobilidade social eram escassas e o sistema social era muito rígido e estático, o que limitava suas opções de vida. Optou por uma parceria amorosa, que veio a abandoná-la grávida. Orlove (1981, p.49) afirma que “no pudo reconstruir el estado emocional de Juanita de esos momentos, es posible que se haya sentido desesperada, humillada

⁵² “Muitos jovens, especialmente aqueles em idade escolar, comentam ter visto alguns dos seus colegas cortarem os braços para aliviar o stress ou a dor. Eles associam isso ao comportamento suicida”. (Tradução do autor, 2025).

⁵³ “Todos os jovens que se suicidaram tinham um problema com metas”. (Tradução do autor, 2025).

y aterrorizada⁵⁴” e, na situação de crise, optou pelo suicídio. Para o autor, “la elección consciente no cede todo el terreno a conductas impuestas por la emoción o la cultura⁵⁵” (p.50).

O quarto exemplo é a pesquisa de Bispo (2021) com jovens no Rio de Janeiro. O autor questionava às/aos jovens sobre os sentimentos delas/es acerca de cenas de violência cotidianas na cidade, chegando a emoções como indiferença e constrangimento. A intensa exposição a cenas de violência, o contato direto com o horror, mobilizou a falta da capacidade de se comover com o que era visto. Indiferença, incapacidade de se sensibilizar, falta de empatia, não se chocar fazem parte da gramática emocional destas/es jovens. Todavia, há que se notar que estas respostas emocionais refletem na verdade a capacidade de se sensibilizar sim e reagiam por meio da intelectualidade ao invés da emotividade. Cabe aqui uma comparação com as/os estudantes desta pesquisa: estas/es foram sobretudo pela via da emotividade, como já discutido nesta tese. Estes ficaram mais “confortáveis” nos grupos focais do que nas entrevistas e expressaram de forma mais livre suas emoções. A intelectualização apareceu em menor quantidade nos relatos, uma vez que a emoção fluiu mais livremente com seus (des)confortos, choros, risos, gaguejar, recolhimento, remexer nas cadeiras, silêncios, sair da sala, dentre outros.

Por fim, trago a reflexão apresentada por Guigou (2020) sobre as inscrições do suicídio no Uruguai. Segundo o autor, a situação suicida, como nomeada no texto, nos remete a várias dimensões, tais como “biológicas, psíquicas, socioculturais e cosmológicas” (p.33), vindo o suicídio não ser fruto nem de variáveis psíquicas nem socioculturais isoladamente. Afirma que

La percepción social de este carácter individual y privado - “se suicidó o se mató fulano o fulana” -, que a veces escuchamos, no afecta el eventual reconocimiento de determinantes psicobiológicos, socioculturales, ambientales, cosmológicas, económicas y un largo etcétera promovido por nuestra razón simbólica, que ama el clasificar y el dividir (Sahlins, 1988). Al referimos a la situación suicida, estamos tratando, en primer lugar, de dar cuenta de un fenómeno sobre el que es necesario reflexionar más allá de la dicotomía individuo/sociedad, con la consideración de los elementos humanos y no humanos y las afectaciones sociales y extrasociales que lo conforman⁵⁶.

⁵⁴ “Não posso reconstruir o estado emocional de Juanita naquele momento; é possível que ela se sentisse desesperada, humilhada e aterrorizada”. (Tradução do autor, 2025)

⁵⁵ “A escolha consciente não cede totalmente espaço a comportamentos impostos pela emoção ou pela cultura”. (Tradução do autor, 2025)

⁵⁶ “A percepção social dessa natureza individual e privada – ‘fulano ou fulana se suicidou ou se matou’ – que às vezes ouvimos, não afeta o reconhecimento posterior dos determinantes psicobiológicos, socioculturais, ambientais, cosmológicos, econômicos e de uma longa lista de outros fatores promovidos pela nossa razão simbólica, que adora classificar e dividir (Sahlins, 1988). Quando nos referimos ao suicídio, estamos tentando, antes de tudo, dar conta de um fenômeno que exige reflexão para além da dicotomia indivíduo/sociedade, considerando os elementos humanos e não humanos e os impactos sociais e extrassociais que o moldam”. (Tradução do autor, 2025)

O suicídio é condenado principalmente pelas três religiões que conformam o Ocidente, o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo. É uma avaliação sobre a vida que vale a pena ser vivida (e aqui retomamos Camus, 2019 e Nagafuchi, 2019a) o que remete à uma individualidade, como já discutido acima. Isso implica em “comprender el suicidio en tanto máxima expresión de la libertad individual, como acto decisonal que compromete la vida en su propia resolución” (Guigou, 2020, p.34). Na situação suicida, os sobreviventes sofrem estigmatização, ocultamento, vergonha. Por outro lado, para as pessoas que se suicidam

El aislamiento, el páramo del que emergen tentativas varias de suicidio, algunas evidentes, otras fraguadas o generadas sin que la pátina de la conciencia⁵⁷ intervenga, así como los suicidios concretados y llevados a cabo, muestra esta desimbolización de la vida social, inscrita en los sujetos como ausencia y vacío. Si acaso lacanianamente la muerte no posee inscripción y como significante vacío por antonomasia se le puede inscribir cualquier elemento, signo, símbolo o imagen, para establecer tal impronta es necesario recrear una otredad en la ella se sitúa. Aquí nuestra cultura local posee varios déficits simbólicos que colaboran, en parte, a promover la situación suicida. (Guigou, 2020, p.38⁵⁸).

Uma sociedade que produz a negação do outro e seu isolamento, bem como a impossibilidade de reconhecer a alteridade é uma sociedade cuja cultura é altamente tanática. A morte e a vida se tornam “banais”, como dito por um dos jovens nesta pesquisa. Concordo com Guigou (2020, p.39) ao dizer que

Requerimos urgentemente de nuevas imágenes, moralidades y sacralidades para darle lugar a ese diferente, a ese otro, que en su razón especular logra erradicarnos del aislamiento, devolvernos a nuestro lugar vital y obliterar la situación suicida en tanto posible salida⁵⁹.

⁵⁷ A palavra “patina”, tanto em seu sentido concreto quanto figurado, remete a um sentido de envelhecimento de algo - um objeto, uma pintura. Esse envelhecimento pode ser intencional, ou não, mas localiza ali uma marca. Quando utilizamos a expressão “patina da consciência” nos referimos às camadas experienciais que a consciência de um sujeito constrói ao longo de sua experiência de vida - ou de seu envelhecimento. Na citação, quando o sujeito tem a seu dispor um arcabouço precário acerca da patina de sua consciência, ele fica sem recursos para conseguir lidar com situações, pensamentos, ou sensações, que podem levá-lo ao suicídio

⁵⁸ “O isolamento, o terreno ermo do qual emergem várias tentativas de suicídio, algumas evidentes, outras forjadas ou geradas sem a intervenção da pátina da consciência, assim como os suicídios concretizados e levados a cabo, mostram essa dessimbolização da vida social, inscrita nos sujeitos como ausência e vazio. Se, lacanianamente, a morte não possui inscrição e, como significante vazio por antonomásia, pode-se inscrever nela qualquer elemento, sinal, símbolo ou imagem, para estabelecer tal impressão é necessário recriar uma alteridade na qual ela se situa. Aqui, a nossa cultura local possui vários déficits simbólicos que colaboram, em parte, para promover a situação suicida” (Tradução do autor, 2025)

⁵⁹ “Precisamos urgentemente de novas imagens, moralidades e sacralidades para dar lugar a esse diferente, esse outro, que em sua razão especular consegue nos erradicar do isolamento, nos restituir ao nosso lugar vital e obliterar a situação suicida como uma possível saída”. (Tradução do autor, 2025).

Todos os exemplos são relacionados à Antropologia, permitindo visões outras do suicídio. São visões diferentes, em locais diferentes e partindo de lugares teóricos também diferentes. É essencial ver a articulação cultura/sociedade/indivíduo na contramão de uma psicologização e medicalização crescentes. As/os jovens participantes da pesquisa oscilam entre estas duas visões, mostrando bem como são frutos de nosso tempo, atentas/os ao que ocorre à sua volta. Precisam, no entanto, de direcionamentos/orientações para que o suicídio não seja a única opção e ao invés dele, tenham mais projetos e futuros imaginados.

CONCLUSÃO

Então me abraça forte
 Me diz mais uma vez que já estamos
 Distantes de tudo
 Temos nosso próprio tempo
 Temos nosso próprio tempo
 Temos nosso próprio tempo
 (...)

 Somos tão jovens
 Tão jovens
 Tão jovens
 (Tempo perdido, Legião Urbana, 1986)

Ao longo desta tese foram colocados vários trechos de músicas que retratavam o sentimento suicida e, em alguns pontos foram citadas também algumas obras literárias. Tal movimento foi feito no sentido de reiterar a importância de se discutir o tema do suicídio, sendo o mesmo também abarcado pela Literatura, pela Música e, podemos afirmar, pelas Artes de maneira geral. Tais áreas não ficaram imunes à temática ao longo do tempo e os exemplos redundam para além das citações apresentadas. Em diversos estilos musicais e literários aparecem referências diretas ou indiretas ao tema e em diversos momentos históricos também, mostrando que a preocupação não é recente. Outro fator é que parte destas referências, acrescidas de algumas outras, marcaram minha adolescência e juventude que, como vimos no “*Memorial...*” perpassou por pensamentos de morte e ideação suicida.

Além disso, destes percursos que aconteceram, houve também os atravessamentos no trabalho de campo e que compuseram as reflexões desta tese. Diversas pessoas, sobretudo, servidoras, participantes ou não da pesquisa, me procuraram para contar sobre suicídios e tentativas que aconteceram na cidade ao longo da pesquisa. Algumas pessoas me questionavam sobre referências teóricas, me indicando textos e/ou pedindo indicações de leituras. Era como

se eu tivesse me tornado na instituição uma referência sobre o tema e, imbuído deste lugar, participei de diversos eventos como palestrante, compondo mesas redondas ou apresentando trabalhos, tanto em Curvelo quanto em outras cidades, presencial ou online.

Ademais, como foi mostrado houve o meu duplo pertencimento durante a pesquisa (psicólogo e pesquisador), o trouxe informações importantes para a construção desta tese, tais como curiosidades/dúvidas que as pessoas tinham e que me levaram a estudar melhor certos temas, para depois desenvolvê-los aqui nesta tese. Vale ressaltar que, minha própria relação com o comportamento suicida não foi explicitada às/aos participantes da pesquisa, me mantendo apenas nos papéis já conhecidos por eles: psicólogo e pesquisador, e não como uma pessoa que convive(u) com comportamento suicida.

Ainda sobre meu lugar de psicólogo, as/os participantes tomaram o grupo focal como grupo terapêutico, numa mescla de psicólogo clínico e psicólogo escolar. Isso foi visto nas entrevistas, nas falas de participantes que desejavam que este grupo permanecesse e eles pudessem apresentar suas questões, suas dúvidas, suas angústias. Porém, esta “confusão” remete à outra: a que se faz entre Psicologia Clínica e Psicologia Escolar e Educacional, como já visto nesta tese. Há práticas que não são adequadas ao contexto educacional, ao passo que há outras que devem ser implementadas e reforçadas, como as rodas de conversa, também citadas por estudantes nesta pesquisa.

Reconhecendo, pois, o lugar de importância pessoal, contextual e histórica do estudo do comportamento suicida, nesta tese o exercício foi de, articulando esta trajetória pessoal e de pesquisa, tentar alcançar, da melhor forma possível, o objetivo proposto, qual seja: “Identificar e compreender qual a gramática emocional e a micropolítica das emoções em jogo perante o comportamento suicida e estratégias de intervenção junto ao mesmo por parte da instituição”, desdobrado em cinco objetivos específicos:

- Identificar o nível de conhecimento e experiências prévios das/os servidoras/es e estudantes acerca do comportamento suicida;
- Conhecer as histórias, lembranças, as vivências das/os funcionárias/os e estudantes sobre o tema;
- Identificar situações em que o comportamento suicida aparece no cotidiano escolar;
- Identificar emoções e pensamentos das/os servidoras/es e estudantes frente ao comportamento suicida apresentado no ambiente escolar;
- Identificar as estratégias de intervenção efetuadas pelas/os servidoras/es;
- Possibilitar a reflexão acerca da temática em tela.

Considero que estes objetivos foram plenamente atingidos e até ampliados, o que não isenta esta pesquisa de ter também suas limitações, a serem discutidas mais à frente. No que se refere ao objetivo geral, obtive como principal resultado que os sentimentos de “medo”, “receio”, “alerta”, “preocupação”, foram os principais entre as/os adultas/os, gerando um “imperativo em ajudar”. Isso implica em dizer de uma gramática emocional da “dor” e do “sofrimento”, haja vista o complexo emocional deste grupo ser formado por sentimentos “pesados, densos”. A micropolítica emocional deste grupo pode ser resumida no “imperativo em ajudar”, havendo assim, uma horizontalização dos posicionamentos do grupo e uma verticalização do cuidado. As/os servidoras/es estão em posição “acima”, a daquele/a que oferta a “ajuda” a alguém que, “abaixo”, precisa e/ou demanda. Esta posição não necessariamente se mostra negativa e/ou retira autonomia das/os jovens, como se pode pensar num primeiro momento. Ao contrário, tal posição coaduna com os estudos da Psicologia que sinalizam a juventude como o de “pessoas em desenvolvimento”, requerendo orientações e direcionamentos para que este desenvolvimento se processe de forma saudável. Coaduna também com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) que as/os apresenta como pessoas que devem ser protegidas pela família, sociedade e estado, conforme dito no artigo abaixo:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990, s.p.).

Entre as/os jovens, a gramática emocional também foi de “dor” e de “sofrimento”, porém sem um “imperativo em ajudar”. No complexo emocional das/os jovens, estas/es relacionam o comportamento suicida à autolesão e à depressão, complexificando a definição mesma de comportamento suicida. Falando sobre as estratégias possíveis à escola, mostram ojeriza às palestras e afeição às rodas de conversa, apesar de saberem a importância de ambas. Nisto se vê a micropolítica emocional da juventude: uma dinâmica horizontalizada em que todos/as têm acesso à fala, ao diálogo aberto, ao poder de participação e por que não, de decisão, reafirmando a independência e autonomia que as/os jovens tanto almejam. A horizontalidade mostra mais ser a característica principal deste grupo.

Há uma moralidade em jogo, articulada a micropolítica das emoções, sobretudo do grupo das/os servidoras/es, que é a presença do pensamento judaico-cristão, visto em termos como “culpa”, “pecado”, “ajuda”. Esta moralidade é questionada na pesquisa por outras visões de suicídio: a lógica da saúde, do acompanhamento psicológico em especial, a das questões sociais e inclusive do direito ao suicídio. Como se percebe não há uma visão única de suicídio nos grupos estudados, e as visões são tão díspares, que impediu de colocá-las num mesmo viés analítico.

O acolhimento parece ser o significante principal desta pesquisa, marcando tanto as falas de estudantes quanto de servidores/as. É algo que a instituição faz, mas de maneira precária, havendo necessidade de ampliar, aprofundar e renovar as dinâmicas de cuidado. Na apresentação dos sentimentos os dois grupos não se diferenciaram. O choque atinge a ambos de forma bem semelhante: choros, desconfortos, silêncios, saídas da sala, uso do lanche para (des)(re)carga emocional, dentre outros, mostrando que esta pode ser uma forma destes grupos, localizados temporal e espacialmente, expressarem suas emoções. Seria esta forma obrigatória? A única possível nestes recortes etários e sociais?

No que se refere aos objetivos específicos, os mesmos também foram alcançados. O nível de conhecimentos e experiências de servidoras/es e estudantes foi avaliado qualitativamente no início da pesquisa de campo e durante a pesquisa. As histórias, vivências e lembranças de servidores/as e estudantes foram discutidas tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas e podem ser vistas em diversas categorias sobretudo naquelas que discutem o comportamento suicida como familiar. As situações em que o comportamento suicida aparece na escola foram trazidas nas falas sobre observar as/os jovens, sobre os casos de evento suicida que a escola já teve e nas falas de jovens sobre a autolesão e a depressão. Pensamentos e sentimentos foram discutidos e apresentados/mostrados tanto nas entrevistas quanto nos grupos focais com jovens e servidores/as. Em um grupo e outro, pensamentos e sentimentos se misturaram com sensibilidade, ética e cuidado na discussão dos temas propostos. As estratégias de intervenção efetuadas pelas/os servidoras/es foram apresentadas, bem como aquelas que devem ser implementadas, com a máxima de que “a escola precisa ser mais acolhedora”. Diversas sugestões foram feitas, desde ações concretas, práticas, tais como a biblioterapia, a roda de problemas, a “punição” do *bullying*, até ações mais subjetivas, atitudinais, tais como ficar com a pessoa e acolher, ouvir e compreender, se colocar à disposição, dentre outros. E, por fim, o último objetivo, que era o de possibilitar a reflexão sobre a temática, também foi atingido haja vista os relatos das/os participantes colocados nesta tese, inclusive com *feedback* delas/es sobre a pesquisa.

Alguns outros achados desta pesquisa mostram: *i)* a permanência de visões diversas sobre o suicídio (tabu, pecado, trauma, culpabilização da pessoa); *ii)* a necessidade de se falar sobre o tema para vencer o tabu e possibilitar caminhos, saídas, estratégias para lidar com o comportamento suicida; *iii)* a centralidade na figura do/a psicólogo/a, sendo que tais profissionais aparecem como organizadores/as da intervenção e responsáveis pela prevenção, por vezes tidos/as como únicas pessoas capazes de evitar o gesto suicida; *iv)* as emoções e sentimentos precisam fazer parte do currículo e sobre isso temos as contribuições de hooks (2017; 2021), Freire (2019) e da própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018b), que mostra a articulação da linguagem com a emoção e a necessidade da escola trabalhá-los nos seus conteúdos, superando a dicotomia razão/emoção; *v)* a necessidade da formação docente e de outras/os profissionais da Educação para lidar com o comportamento suicida outros temas referentes à Saúde Mental; e por fim, *vi)* o ensino precisa também ser acolhedor, a escola precisa ser acolhedora, a comunidade escolar precisa ser acolhedora, sendo este, “acolhimento”, um dos significantes suleadores dos resultados da pesquisa, indo na contramão do tecnicismo na Educação. Reconheço, com o público pesquisado e com Freud (1910, p.389/390) que a escola tem um importante papel junto à juventude:

Mas a escola secundária deve fazer mais do que deixar de impelir os jovens para o suicídio; deve lhes dar vontade de viver e lhes proporcionar apoio e esteio numa fase da vida em que, pelas próprias condições de seu desenvolvimento, veem-se obrigados a afrouxar os vínculos com a casa paterna e a família.

Os avanços que esta pesquisa apresenta se referem primeiramente à uma contribuição localizada: apresentar ao CEFET Curvelo sua própria realidade, por vezes não percebida pela complexidade do tema de estudo ou pelo tabu em se falar do tema, fora do Setembro Amarelo. Foi possível às/aos participantes “juntarem” informações, costuradas agora nesta tese, e assim, enxergarem melhor sua realidade social. Em segundo lugar, referem-se à ampliação do repertório de estudos sobre o suicídio nas Ciências Sociais, vindo este trabalho agregar mais conhecimento a esta área. Em terceiro lugar, adensar a discussão proposta na Antropologia das Emoções, desta vez com um tema não tão estudado por esta área. Por fim, os estudos aqui propostos se direcionam à um público ampliado e que dele podem se servir: psicólogas/os, enfermeiras/os e demais profissionais da Saúde, professoras/es, técnicas/os administrativas/os e demais profissionais da Educação e também o pessoal das Ciências Sociais (antropólogas/os, sociólogas/os...).

Amado (1995) fala da força da narrativa mesclada a eventos históricos. Nesta pesquisa temos a seguinte situação: “toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista, sobre algo” (*Ibidem*, 1995, p.133), englobando história, memória, narrativa, tradição, social... As/Os participantes auxiliaram nos avanços que esta tese apresenta, sendo corresponsáveis por eles, na medida em que participaram ativamente, reviveram/rememoraram de fatos do passado, trouxeram suas opiniões e mostraram seus discursos, articulados ao social, tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas. O relato das/os participantes, alinhado ao referencial teórico e às metodologias de análises, contribuíram para ajudar a pensar sobre o suicídio enquanto fato social e suas especificidades na área educacional com as juventudes

Sobre as limitações da pesquisa, uma delas, a primordial, é que não foi possível englobar a comunidade escolar para esta pesquisa. Tão importantes quanto servidores/as e estudantes são as/os funcionárias/os terceirizadas/os e as famílias, que não foram incluídas/os nesta pesquisa. Outra limitação foi que a discussão não se deu com base na interseccionalidade, o que poderia ter sido tentado com a identificação das/os participantes. Todavia, optei por perder esta chave de análise para assegurar o anonimato daqueles/as que participaram da pesquisa, haja vista o campus ser pequeno e a identificação facilitada, como já foi dito nesta tese. Fica como recomendação para pesquisas futuras estas duas dicas: ampliar a pesquisa para toda a comunidade escolar, em especial para estes dois grupos supracitados e realizar pesquisas com o recorte da interseccionalidade. Mais uma limitação: esta tese não se aprofunda em temas importantes para conformar o evento suicida, tais como as gramáticas do *bullying*, o avanço da Inteligência Artificial, posvenção, dentre outros.

Forsey (2010, p.567) afirma que

The aim of the ethnographer is to listen deeply to and/or to observe as closely as possible the beliefs, the values, the material conditions and structural forces that underwrite the socially patterned behaviours of all human beings and the meanings people attach to these conditions and forces. When we conduct research with an ethnographic imaginary these are some of the aspects of human existence that we aim to uncover.⁶⁰

Assim é que neste trabalho de campo busquei escutar servidores/as e estudantes da Educação Tecnológica com vistas a elucidar suas emoções e pensamentos, organizados numa

⁶⁰ “O objetivo do etnógrafo é ouvir atentamente e/ou observar o mais de perto possível as crenças, os valores, as condições materiais e as forças estruturais que sustentam os comportamentos socialmente padronizados de todos os seres humanos e os significados que as pessoas atribuem a essas condições e forças. Quando conduzimos pesquisas com um imaginário etnográfico, esses são alguns dos aspectos da existência humana que pretendemos revelar.” (Tradução minha).

gramática emocional. Busquei entender suas visões de suicídio bem como estratégias que a escola usa ou pode adotar para minimizá-lo nestes tempos tão sombrios que em que o suicídio tem se mostrado como saída a tantos/as jovens. A última etapa agora é a devolutiva, que já está sendo realizada no momento mesmo em que esta pesquisa é encerrada: publicação de trabalhos em anais de eventos, publicação de artigos e realização de rodas de conversas, sendo que todas/os as/os participantes tem a possibilidade de ler os trabalhos (enviados no e-mail cadastrado na pesquisa) quanto a possibilidade de assistir às palestras e rodas de conversa.

Finalizando, conforme apreciado nesta tese, o suicídio é importante tema de estudo e objeto de intervenções de diversas áreas do conhecimento. Aqui, com a Antropologia das Emoções, investiguei os sentimentos, pensamentos e emoções envolvidos nesta temática no ambiente escolar, mostrando a complexidade que é compreender o tema ainda hoje, no contemporâneo. E, com base nestas percepções e estudos, afirmo que falar de forma adequada e ética, tal qual orienta manuais especializados (OMS 2000a; OMS, 2000b; OMS, 2000c) sobre comportamento suicida não estimula o ato, não agrava a realidade do suicídio; ao contrário, falar abre possibilidades de acolhimento e acompanhamento. É uma forma de buscar ajuda, de expor a verdade de cada sujeito, de dizer de si, do seu sofrimento. Ficam questionamentos de diversas ordens: suicídio é um direito? É possível pensar uma realidade social sem suicídios? Há enfrentamentos possíveis a ele? Como as Ciências Sociais podem trabalhar na intervenção junto ao suicídio? As escolas tem acesso a estes documentos especializados?

O CEFET, “instituição centenária”, apresenta diversas questões que contribuem para o adoecimento dos estudantes. Porém, não se resume a isso. Oferta ensino de qualidade, com profissionais qualificados, devendo ambos os aspectos serem observados no estudo do comportamento suicida. Na escola há, pois, fatores de risco e proteção. Quando há racismo e bullying, por exemplo, temos fatores de risco. Por outro lado, quando há acolhimento, ações estratégicas de combate às desigualdades e bons vínculos estabelecidos, temos fatores de proteção. O CEFET Curvelo não está isento destas contradições e as apresenta no seu interior, conforme visto nos grupos focais e entrevistas com servidoras/es e estudantes. A estrutura física da instituição é adequada, contando com laboratórios, biblioteca, setores de atendimento/apoio às/aos estudantes, carecendo ainda de maior acolhimento como se vê nas falas apresentadas.

Retorno às músicas: “*Tempo perdido*” e “*Para Lennon e McCartney*”, apresentadas aqui nesta Conclusão. “*Temos nosso próprio tempo*” é um chamado a cuidar de si, a se respeitar, compreender seus momentos, é o sujeito com ele mesmo... E então me lembro do conforto que ouvir esta música me trazia na adolescência. “*Então me abraça forte*” é a busca de parcerias, de ajuda, de aconchego, essenciais para a vida social... “*Todo dia é dia de viver*” é um chamado

à vida, a fazer laço, a inventar uma forma de ser feliz, é um compromisso consigo mesmo/a, é um Sísifo feliz...

Porque vocês não sabem do lixo ocidental
 Não precisam mais temer
 Não precisam da solidão
 Todo dia é dia de viver
 Porque você não verá meu lado ocidental
 Não precisa medo, não
 Não precisa da timidez
 Todo dia é dia de viver
 (Para Lennon e McCartney, Milton Nascimento, 1970)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 25-36, 1997.

ABREU, Kelly Piacheski de; LIMA, Maria Alice Dias da Silva; KOHLRAUSCH, Eglê Rejane; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. **Revista Eletrônica de Enfermagem. Goiânia**. Vol. 12, n. 1 (2010), p. 195-200, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/85271> Acesso em: 22.dez.2025

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introdução: Emoção, discurso e política da vida cotidiana. Tradução de: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life. In: LUTZ, C.A.; ABU-LUGHOD, L. (eds). **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge Univesity Press, 1990.

AFONSO, Maria Lúcia; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

AGUIAR, Carla Maria de Sousa. **Assistir doentes parassuicidas**: subsídios para a reconstrução cognitiva. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria). Escola Superior de Enfermagem do Porto. Porto, 141f. 2011. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9063/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Carla%20Aguiar%20ep%203402.pdf>. Acesso em 01.set.2022.

ALMEIDA, Felipe Mateus de. O suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão deste fenômeno na contemporaneidade. **Aurora**, Marília. v.11, n.1, 2018.

ALMEIDA, Hélida Maravilha Dantas e Souza; BENEDITO, Maria Heloísa Alves; FERREIRA, Sávio Benvindo. Quebrando tabus: os fatores que levam o suicídio entre universitários. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2.0, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Helida-Almeida/publication/335195974_Quebrando_tabus_os_fatores_que_levam_o_suicidio_entre

[universitarios/links/6137590138818c2eaf889237/Quebrando-tabus-os-fatores-que-levam-o-suicidio-entre-universitarios.pdf](https://universitarios.links/6137590138818c2eaf889237/Quebrando-tabus-os-fatores-que-levam-o-suicidio-entre-universitarios.pdf) Acesso em: 07.nov.2025

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. Introdução. In: _____. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. Geografia da *night*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALMEIDA, Letícia Núñez; SILVA, Jennifer; FÉLIX, Agnes; ROCHA, Rafael Augusto Masson. O suicídio no Brasil: Um desafio às Ciências Sociais. **Rebela**: Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, 2015. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2631> Acesso em 18.mar.2024

ALTOÉ, Isabella; MENOTTI, Gabriel; AZEVEDO, Elaine. Comida e afeto: As releituras dos pratos-totem na culinária vegana. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 52, p. 129-138, abril de 2019. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59237568/Comida_e_afeto_As_releituras_dos_pratos-totem_na_culinaria_vegana20190513-100155-h0hiko-libre.pdf?1557781649=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DComida_e_afeto_As_releituras_dos_pratos.pdf&Expires=1763173109&Signature=e4xUdrgP05qqGF3jG4YTe4PB3BZg~996Zvmz77ZnU04vCLD0pfl62KlvGpNr0oFvspomJuw-QW-ZPX8edxOiZCEtonU4SV2jTkWZX5rd~rYBwKSoI5cADGkSPglzJDSR~ZHVJSmU70r~XRHIWjeKY~YLSv7~HwJaZGGVL23h8qUCITDB-l-VO8k3zuwjiAvJekVJjnVOeuE19oQHzyJCSj5RKhc117nnscFNkrM~gMKQ3TPIHyU~UElMMEyBijdkQ7w5Cdwr5ZJEg3iwiEehx7A0RsMMzMas31oN4wggw9P~XDLUV2tLOCJEDmbaGiX7NAYsCbo9wf9zQE6qU7Flvg____&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 14.nov.2025

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, v. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf Acesso em: 10.jan.2026

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Psiquiatria – ABP. **Fatores de risco para o suicídio**: como identificá-los e o que fazer. 01.mar.2019. Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/post/suicidio-fatores-de-risco> Acesso em: 16.mar.2024.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

ÁVILA, Roberlandia Evangelista Lopes; ARAÚJO, Carlos Romualdo de Carvalho e;

SOUSA, Francisco Willian Melo de; CORDEIRO, Maria Janileila da Silva; SOUSA, Beatriz da Silva; MONTE, Francisco Thiago Paiva; AGUIAR, Diego Ramos; LIMA, Maria Andressa Gomes de; SANTOS, Francisca Ariadina Anario dos Santos. Percepção dos adolescentes acerca do suicídio. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e313101319217- e313101319217, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19217> Acesso em: 13.mar.2022

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da saúde**, São Paulo: 2011; 35(4). p.438-442.

BANDO, Daniel Hideki; BARROZO, Lúcia Vizeu. **O Suicídio na Cidade de São Paulo**. São Paulo, Humanitas, 2010.

BARBOSA, Fabiana de Oliveira; MACEDO, Paula Costa Mosca; SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho da. Depressão e o suicídio. **Revista da SBPH**, v. 14, n. 1, p. 233-243, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n1/v14n1a13.pdf> Acesso em 20.out.2025

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.

BASTIDE, Roger. Le suicide du nègre brésilien. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. Paris, v. 12, 1952, pp. 79-90.

BATISTA, Marianna Queiróz; ZANELLO, Valeska. Saúde mental em contextos indígenas: Escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 21, n. 4, p. 403-414, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/8cWScCRZNYFkrbQw5LkwBTB/?format=html&lang=pt> Acesso em: 05.nov.2025

BAUDELOT, Christian; ESTABLET, Roger. **Durkheim et le suicide**. 5. éd. Paris, PUF, 1999.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva, [1946]/2014.

BERENCHTEIN NETTO, Nilson; CARVALHO, Bruno Peixoto; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Da morte voluntária ao suicídio: construção social e histórica de um conceito. In.: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **(Re)Pensando o suicídio: Subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriepistêmicos**. Salvador: EDUFBA, 2022. p.19-66.

BEZERRA, Viviane Alves dos Santos; GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa; DUTRA, Marília Pereira; SANTOS, Sara Pereira dos. Prevenção do suicídio no ambiente escolar: diretrizes para profissionais da Educação. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – CONEDU**, 2022.

BISPO, Raphael. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de**

Investigação em Antropologia, v. 20, n. 2), p. 251-274, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/4268> Acesso em: 20.dez.2025

_____. “Você sente o quê?": Reflexões metodológicas em Antropologia das Emoções a partir de sensibilidade diante do horror. (SYN) **THESIS**, v. 14, n. 3, p. 99-115, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/65837> Acesso em: 07.out.2025

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **The new spirit of capitalism**. London: Verso, 2007

BORGES, Camila Dellatorre; SANTOS, Manoel Antonio dos. Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Rev.SPAGESP**, v.6, n.1, 2005.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia Usp**, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/HBQQM7PGMRLfr76XRGVYnFp/?lang=pt> Acesso em: 10.jan.2026

_____. **Crise suicida: avaliação e manejo**. 2.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf> Acesso em: 12.agosto.2023.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, vol. 6, n. 1, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Jan./jun. 2013. Disponível em: Acesso em: 13.mar.2024

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em 12.agosto.2023.

_____. **Estatuto da Juventude**: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm Acesso em 12.agosto.2023.

_____. **Prevenção do suicídio**: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. s.d. Disponível em: https://cvv.org.br/wp-content/uploads/2023/08/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf Acesso em: 18.jul.2024.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. 2011. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

_____. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.** Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114020.htm Acesso em: 14 abr. 2021.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a base. Brasília. 2018b. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf Acesso em: 13.dez.2025

_____. **Lei n.º 13.935, de 11 de dezembro de 2019.** Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm Acesso em: 13.dez.2025

_____. **Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz Organização Mundial da Saúde.** 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-organizacao-mundial-da-saude> Acesso em: 04.jan.2026

_____. **Boletim Epidemiológico Vol.55, nº4 – 2024** (Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021, Ministério da Saúde, 2024a.

_____. **Lei nº 15.199:** institui a campanha do Setembro Amarelo, o Dia Nacional de Prevenção da Automutilação e o Dia Nacional de Prevenção do Suicídio. 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15199-8-setembro-2025-797943-publicacaooriginal-176351-pl.html> Acesso em: 22.dez.2025

BRITO, Mara Dalila Leandro de Souza; SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da Silva; COSTA, Ana Paula Cardoso; SALES, Jaqueline Carvalho e Silva; GONÇALVES, Angélica Martins de Souza; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica dos professores. **Esc. Anna Nery** [online]. 2020. v.24, n.4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/VT9rfDgLkb7cnhdrJjw4GXc/?lang=pt> Acesso em: 19.fev.2024.

BUSTAMANTE, Maite. Suicidios de jóvenes en Nauta: una respuesta ante la frustración educativa. **Etnografías del suicidio en América del Sur**, p. 73, 2016. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=SuNZEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA73&dq=el+suicidio+de+juanita&ots=LEXX499RTj&sig=MC2B1MwVU0mlwzkFAKJmW4OI_Zo&redir_esc=y#v=onepage&q=el%20suicidio%20de%20juanita&f=false Acesso em: 12.out.2025

CALMON, Diego Souza Schiavo. Bissexualidade e gramáticas emocionais em relatos de jovens universitários no Rio de Janeiro. **Cadernos de campo**. v.28, n.2, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/164129> Acesso em: 18.jul.2024.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Disponível em:

https://www.academia.edu/114025649/Albert_Camus_O_Mito_de_S%C3%ADsifo

Acesso em 29.jun.2024

CARBONELL CAMÓS, Eliseu. Tiempo y suicidio. Contribución antropológica a una discusión transdisciplinar. **Gazeta de Antropologia**, n.23, 2007. Disponível em:

<https://digibug.ugr.es/handle/10481/7055> Acesso em 14.jun.2025

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998

CARIBÉ, André C.; CASQUEIRO, Juliana; MIRANDA-SCIPPA. Ângela. Suicídio e espiritualidade. **HU Rev.(Online)**, p. 431-436, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/16978/19849> Acesso em:

15.jun.2025

CARMO, Julia de Souza; SILVEIRA, Pedro Henrique Feldman Sznajderman; VIGNARDI, Renan Gianecchini; CANICOBA, Gabriel Stecca; MOTA, Anna Carolina Macieira Feitosa; MIZIARA, Carmen Silvia Molleis Galego; MIZIARA, Ivan Dieb. Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio. **Saúde Ética & Justiça**, v. 25, n. 1, p. 3-9, 2020.

CARVALHO, Soraya. **A morte pode esperar?** Clínica psicanalítica do suicídio. Salvador: Associação Campo Psicanalítico, 2014.

CASSINS, Ana Maria *et al.* **Manual de psicologia escolar e educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado [em linha]. 2007.

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia; MURTA, Sheila Giardini; COSTA, Hellen Emily Rodrigues da; PACHECO, Gabriela Ramos; VALENCIA, Gabriel Barcellos de. **Por que os jovens estão sucumbindo?** Fatores de risco do suicídio. SciELO Preprints; 2022. DOI: 10.1590/scielopreprints.3919. Disponível em:

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3919/version/4145> Acesso em 27.abr.2024.

CENTRO de Valorização da Vida – CVV. **Quando a vida deixa de ser possibilidade**. 14.10.2019. Disponível em: <https://cvv.org.br/quando-vida-deixa-de-ser-possibilidade/> Acesso em 30.jun.2024.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; MELO NETO, Othon Cardoso de; KOLLER, Sílvia Hellena. Adolescentes e adolescências. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia Hellena. (Orgs.), **Trabalhando com adolescentes**: Teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COELHO, Maria Claudia; DURÃO, Susana. Introdução ou como fazer as coisas com emoção. **Interseções**, v. 19, n. 1, p. 44-60, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/412/41276410007.pdf> Acesso em: 22.jul.2024

COELHO, Maria Cláudia; PARDO, Johana. O pátio do recreio: interação, ‘bullying’ e gramáticas emocionais da vitimização. **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e

Controle Social, Rio de Janeiro, v.11, n.3, p.533-561, set.dez./2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/14918> Acesso em: 18.jul.2024.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, v.13, n.2, p.221-244, 2013.

COHN, Gabriel. **Introdução**. In.: _____. (org). Max Weber. São Paulo: ABDR, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 23, de 13 de outubro de 2022**. Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da Psicologia e revoga as Resoluções CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007; nº 3, de 5 de fevereiro de 2016; nº 18, de 5 de setembro de 2019. Brasília, DF: CFP, 2022

COUTINHO, Luciana; MADUREIRA, Bruna. Os Cortes na Adolescência e a Busca por um Lugar na Cidade. **Educação & Realidade**, 46(1). 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/109167>

CREMASCO, Gabriela da Silva; BAPTISTA, Makilim Nunes. Depressão, motivos para viver e o significado do suicídio em graduandos do curso de psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 22-37, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/24293> Acesso em: 10.nov.2025

CRUZ, Elizabete Franco. Invisibilidade: suicídio de pessoas trans e políticas públicas. **Boletim de Políticas Públicas**, v. 24, 2020. Disponível em: https://sites.usp.br/boletimoipp/wp-content/uploads/sites/823/2021/11/Boletim_OIPP_outubro_2020_com-ISSN-1.pdf Acesso em: 05.nov.2025

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. Prevenção do suicídio no Brasil: como estamos? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.29, n.3, e290303, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/TkRBSMjGrKFQ6xYpktb9J4P/> Acesso em: 17.mar.2024.

DAMATTA, Roberto. Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In. **Boletim do Museu Nacional**. n.27, 1978. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240/26886> Acesso em 05.jul.2024

DAPIVIE, Arthur. **Morreu na Contramão**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007. 296p.

_____. La antropología del dolor. In.: **Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidad**, p. 409-436, 2008. Disponível em: <https://bffrepositorio.unal.edu.co/server/api/core/bitstreams/b13f0005-9743-41eb-a822-6360ac1dbdbc/content> Acesso em 28.dez.2025

_____. Duas tranças e um passo no mundo: uma infância rememorada. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 3, p. 733-745, 2021. Disponível em: https://sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2024/09/v11n03_memoria.pdf

Acesso em: 26.dez.2026

DEBERT, Guita Grin. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. *In*: _____. **A invenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

DE PROFUNDIS. Direção: Isabela Cribari. Produção: Isabela Cribari. Recife, 2014 (20 min), son., color.

DIAS DA SILVA, Cristina. A escuta participante e a noção de imponderável revisitada. **Teoria e Cultura**, v. 15, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30229/20392> Acesso em: 29.dez.2025

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das ciências humanas** (Tomo I: Positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber). São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. (1966) São Paulo: Edições 70, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/12115383/PUREZA_E_PERIGO_ENSAIO SOBRE A NO%C3%87%C3%83O_DE_POLUI%C3%87%C3%83O_E_TABU_MARY_DOUGLAS Acesso em 17.nov.2025

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel. **Doença, sofrimento, perturbação**: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998a.

_____. Pessoa e dor no Ocidente (O “holismo metodológico” na Antropologia da Saúde e Doença. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 13-28, 1998b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/drz6hxYTKSypcKsL5zgjtKB/?lang=pt> Acesso em: 01.jul.2024

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A pena de Maat e a escuta trágica do suicídio. **Revista Cult**. Ed.250. Set.2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-pena-de-maat-e-a-escuta-tragica-do-suicidio/> Acesso em 22.08.2022

DURKHEIM, Émile. **El suicidio**. Madrid: Akal, 1982.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, [1895]/1999.

_____. **O Suicídio**: Estudo de Sociologia. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1897]/2019

ESCOBAR, Amanda de Moraes Pinto Ribeiro; ARRUDA, Mariana de Fátima Alves; SOBRINHO, José Eudes de Lorena. Estratégias de prevenção do suicídio e da autolesão voltadas para adolescentes em ambientes escolares: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society ad Development**, v.11, n.3, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358438030_Estrategias_de_prevencao_do_suicidio_e_da_autolesao_voltadas_para_adolescentes_em_ambientes_escolares_uma_revisao_integra

[tiva_da_literatura](#) Acesso em 15.mar.2023

ESCOLARIZANDO o mundo: o último fardo do homem branco. Direção: Carol Black. Produção: Neal Marlens, Jim Hurst e Mark Grossan. Ladaque: Lost People Films, 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs&t=20s Acesso em: 10.nov.2025

FASSIN, Didier. **La raison humanitaire**: une histoire morale du temps présent. Paris: Hautes Études, Gallimard-Seuil, 2010.

FERRARA, P.; IANNIELLO, F.; CUTRONA, C.; QUINTARELLI, F.; VENA, F.; DEL VOLGO, V.; CAPORALE, O.; MALAMISURA, M.; DE ANGELIS, M.Q.; GATTO, A.; CHIARETTI, A.; RICCARDI, R. A focus on recent cases of suicides among Italian children and adolescents and a review of literature. **Ital J Pediatr**. 2014; 40: 69

FERREIRA, Jackson. **Loucos e Pecadores**: Suicídio na Bahia no Século XIX. Salvador, Kalango, 2015.

FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula Batista. Adolescentes... Adolescências... **Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health**, (32), 141–162. 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8399> Acesso em 12.ago.2023

FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira de; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. **Fazendo gênero 10**: desafios atuais do feminismo. 2012.

FIGUEIREDO, Vinícius Alves de; SILVA, Ana Vitória Bento Alves; TASSO, Raila Moanny Freitas Delmondes; MEDEIROS, Tamires de Alcantara; SILVA, Iandra de Moraes; PEREIRA, Cicero Wendel de Sousa; BARROS, Alyce Brito; COSTA, Natalya Wegila Felix da; SANTOS, Vivian Rafaela Almeida; DANTAS, Marta Coêlho Bezerra; ARRAIS, Teresa Maria Siqueira Nascimento; LUZ, Dayse Christina Rodrigues Pereira. Parassuicídio, entendendo a realidade da mente jovem: uma revisão integrativa. In: Sousa, Isabelle Cerqueira (org). **Ciências da Saúde no Brasil**: impasses e desafios 5. Atena Editora, 2020. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/parassuicidio-entendendo-a-realidade-da-mente-jovem-uma-revisao-integrativa> Acesso em: 05.nov.2022.

FISCHER, Michael M. J. Epilogue: To Live with What Would Otherwise be Unendurable: Return(s) to Subjectivity. In: BIEHL, João; GOOD, Byron; KLEINMAN, Arthur (Eds.). **Subjectivity**: Ethnographics Investigations. Berkeley: University of California Press, 423-446, 2007

FORSEY, Martin Gerard. Ethnography as participant listening. **Ethnography**, v. 11, n. 4, p. 558 – 572, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1466138110372587> Acesso em: 1 jan. 2026.

FORTES, Meyer. Age, generation, and social structure. In: KERTZER, David; KEITH, Jennie. **Age and anthropological theory**. Ithaca: Cornell University Press. 1984.

FRANÇA, Enmilly Oliveira; FERNANDES, Maria Luiza Alves; SANTANA, Nivia Milena Carneiro; DUNNINGHAM, William Azevedo. Fatores de risco para depressão na

adolescência: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 26, n. 1, 2022. Disponível em: <https://rbnp.emnuvens.com.br/rbnp/article/view/877> Acesso em: 07.jul.2025

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 91^a.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. Tratamento psíquico (ou anímico). (1890/1905) In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, Vol. IX.)

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII.)

_____. A dinâmica da transferência. (1912) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII.)

_____. As pulsões e seus destinos. **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 1915/2017.

_____. O estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, Vol. XVII.)

_____. Introdução e conclusão de um debate sobre o suicídio (1910). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: Obras completas – volume 9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Totem e tabu (1912-1913): algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. In.: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: Obras completas – volume 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FUKS, Betty B.; BASUALDO, Carina; BRAUNSTEIN, Néstor A. Prefácio: Por amor a *Totem e tabu*. In.: _____. **100 anos de Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2013. Disponível em: https://contracapaeditora.com.br/pdf/9788577401543_prefacio.pdf Acesso em 15.dez.2025

GABENNESCH, Howard. When promises fail: a theory of temporal fluctuations in suicide. **Social Forces**, 67: 129-145, 1998.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira; BARROS, Cláudia Renata dos Santos; PAIVA, Vera Silvia Facciola; CORROCHANO, Maria Carla; BARBOSA, Djalma; REIS, Nathália de Souza Machado dos; PLÁCIDO, Diego Silva. Prevalence and social determinants of suicidal ideation among Brazilian public high school students. **Rev Port Inv Comport Soc**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ismt.pt/server/api/core/bitstreams/074f5bf1-92bf-458c-ad28-83b999249ca2/content> Acesso em: 06.jul.2024

GUERCI, Antonio; CONSIGLIERE, Stefania. Por una antropologia da dor. Nota preliminar. **Ilha**, v. 1, p. 57-72, 1999.

GUIGOU, L. Nicolás. La otredad ausente. Las inscripciones del suicidio en el Uruguay contemporáneo. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 33, n. 46, p. 31-41, 2020. Disponível

em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S0797-55382020000100031&script=sci_arttext Acesso em: 07.nov.2025

GUIMARÃES, Ádria Silva; DIAS, Fellipe Leonardo Torres; MENDONÇA, Flávia Daspett; PINTO, Gabriela Mori; BORGES, Isabela Souza Cruvinel; RAMOS, Nayani Alves; OLIVEIRA, Stefan Vilges de. Suicídio entre homens: Um paradoxo de gênero. **Revista Sociais e Humanas**, v. 37, p. e53206-e53206, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/53206/64615> Acesso em: 13.dez.2025

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. **Sociologia & antropologia**, v. 1, n. 1, p. 151-180, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/kwYwJSWSd38BRbd5fCBGYmw/?lang=pt> Acesso em: 14.jan.2026

HAKKO, Helinä. **Seasonal Variation of Suicides and Homicides in Finland**. Doctoral dissertation, University of Oulu, Departement of Psychiatry, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **Les Causes du Suicide**. Paris, PUF, [1930]/2002.

HER, Weon Suk; FERNANDES, Sylvia Virgínia Braga; SOUZA, Deise Nilciane Ferreira de; ASSAFRÃO, Daniela Saar Arêdes. O Peso Invisível: Estigma, Saúde Mental e o Paradoxo do Suicídio Masculino no Contexto Social Contemporâneo. **INTERFERENCE: A JOURNAL OF AUDIO CULTURE**, v. 11, n. 2, p. 6181-6202, 2025. Disponível em: <https://interferencejournal.emnuvens.com.br/revista/article/view/438> Acesso em: 13.dez.2025

HERNANDEZ, Alessandra Rivero; VÍCTORA, Ceres. Jogos de linguagem, gramática emocional e formas de vida: uma etnografia do aprender brincando com a natureza. **Horiz.antropol.**, Porto Alegre, ano 25, n.54, p.227-251, mai./ago.2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KKykFjxynRX3r7T7MjBbPRd/> Acesso em: 18.jul.2024.

HOBBSAWM, Eric. A revolução cultural. In: _____. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HONORATO, Antonio Edson Oliveira; BARRETO, Maria Cristina Rocha. A banalidade da morte e o cibersuicídio: Uma análise de casos de suicídios online. **Revista de Estudos Sociais**, v. 23, n. 46, p. 5-23, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8100041> Acesso em: 20.dez.2025

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOUAISS, Antônio (org.); Villar, Mauro de Salles (ed. resp.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011

JINKINGS, Ivana. Apresentação. In.: MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

JORM, Anthony. F. Mental health literacy. Public knowledge and beliefs about mental disorders. **British Journal of Psychiatry**, v. 177, n. 5, p. 396–401. 2000.
<https://doi.org/10.1192/bjp.177.5.396>

JUCÁ, Vlândia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 29, n. 2, p. 246-252, 2018.

KIRALY, Cesar. O suicídio como forma de ação política e social no ceticismo de Montaigne e Hume. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, p. 79-90, 2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. 4 (12), 239-252. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Koury-2/publication/321698776_A_ANTROPOLOGIA_DAS_EMOCOES_NO_BRASIL_239_A_Antropologia_das_Emocoes_no_Brasil/links/5a2b9c4645851552ae7aa4cf/A-ANTROPOLOGIA-DAS-EMOCOES-NO-BRASIL-239-A-Antropologia-das-Emocoes-no-Brasil.pdf Acesso em: 20.jan.2023

_____. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 841-866, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/se/a/Qk6FY6NnQSY9Y8X6fmnjxk/?lang=pt> Acesso em: 11.jul.2025

_____. Gilberto Velho e a antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 41, n. 14, p. 22-37, 2015.

KREUZ, Giovana; ANTONIASSI, Raquel Pinheiro Niehues. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e42427, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFPNP8ryqB/> Acesso em: 13.jun.2025

KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia Usp**, v. 25, p. 246-252, 2014.

KULICK, Don. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: KULICK, Don; WILLSON, Margareth. (eds.) **Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork**. London: Routledge, 1995.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário da psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, Gianna de; SARAIVA, Eduardo Steindorf; COSSUL, Danielli. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, e249711, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/BQzSdhJ48JZ48DbDqtwLynf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 16.mar.2024.

LAVOSI, Giovanni Marcos; SANTOS, Simone Agadir. (Orgs.). Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, n. 31 (suplemento II), 2009, pp. 86-94.

LEAL, Halina. Amor e Educação Libertadores em bell hooks. **Kalagatos**, v. 19, n. 1, p.eK22014-eK22014, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8226> Acesso em 14.jun.2025

LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de; FREITAS, Grayci Kelli Alexandre de. Usos das marcas para o alinhamento do “eu”(footing) em interações sociais. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 13, p. 61-79, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgn/a/zPP8yVWGTZVtsNNCnmzvmR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22.nov.2025

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social**, v. 17, p. 35-57, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/3p3mXn5TfgkkGSnWsXZ3zxr/?lang=pt> Acesso em: 20.dez.2025

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In.: _____. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro, 1958.

_____. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 1974.

_____. Introdução à obra de Marcel Mauss. In.: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LIMA, Daniel Ponciano Araujo; BRANDÃO, Carla Barbosa. 5 anos de Campanha Setembro Amarelo: Estamos conseguindo prevenir suicídios?. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e16210716312-e16210716312, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16312> Acesso em: 13.jun.2025

LIMA, Luana. Suicídio como um ethos do neoliberalismo? In: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **(Re)Pensando o suicídio**: Subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriépistêmicos. Salvador: EDUFBA, 2022. p.95-126.

LÖWY, Michael. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. **Mana** [Internet]. abr.2012. 18(1), pp. 213–24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000100008> Acesso em: 18.jul.2024.

MACHO, Thomas. Suicídios na escola. In.: _____. **Tirar a vida**: suicídio na modernidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021. p.135-166.

MACHT, Michael. How emotions affect eating: A five-way model. **Appetite**, v. 50, n. 1, p. 1- 11, 2008.

MAIA, Gabriela Felten de. A gramática das emoções no processo de reconhecimento de demandas da população trans. **RSBE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.16, n.48, p.57-71, dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/MaiaArt.pdf>

Acesso em: 18.jul.2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MANTILHA, Victoria Bastos Ferreira. **Revolta, dor e melancolia**: a antropologia das emoções em análise ao desaparecimento de si e a morte voluntária. 2023. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/17058> Acesso em: 11.jul.2025

MARCOLAN, João Fernando; SILVA, Daniel Augusto. O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção. **Revista M**. Rio de Janeiro. v.4, n.7, p.31-44, jan./jun.2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/9290/7954> Acesso em: 19.fev.2024

MARIANO, Silvana Aparecida. Modernidade e crítica da modernidade: a Sociologia e alguns desafios feministas às categorias de análise. **cadernos pagu** (30), janeiro-junho de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/FkFrxcKxqJwB5n36PYX8Dr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18.mar.2024

MARTINEAU, Harriet. **Como observar**: morais e costumes. Governador Valadares – MG: Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, [1838]/2021.

MARQUES, Pollyana Evangelista Marques; ANDRADE, André Luiz Monezi; RECH, Hector Rodrigo Estevão; SILVA, Laura Soares da; SEMOLINI, Fernando Ferreira; VITTA, Amanda Severo Lins; SHIMAOKA, Andre Massahiro; REICHERT, Richard Alecsander; DE MICHELI, Denise. In.: **Perspectivas multidisciplinares em Saúde**: Práticas Integrativas entre Brasil e Portugal. v.2. Editora Omnis Scientia. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andre-Shimaoka-2/publication/394070151_Quem_quer_se_matar_nao_avisa_Enfrentamento_de_crenças_e_mitos_sobre_suicídio_no_ambiente_escolar/links/6887c5a796f3c0122ef4a11d/Quem-quer-se-matar-nao-avisa-Enfrentamento-de-crenças-e-mitos-sobre-suicídio-no-ambiente-escolar.pdf Acesso em: 20.dez.2025

MARQUETTI, Fernanda Cristina; MILEK, Glenda. Percurso suicida: observação e análise de alterações no cotidiano do indivíduo com tentativas de suicídio. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. São Paulo. v. 25, n. 1, p. 18-26. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/64664/87286> Acesso em: 19.fev.2024.

MARQUETTI, Fernanda (org). **Suicídio**: escutas do silêncio. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

_____. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2011.

_____. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. 2.ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e**

Pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. p. 289-300.

MARTINS, Isis Ribeiro. Moralidades e atos de fala em serviços de apoio emocional: modalidades laicas da confissão e do testemunho?. **Religiao & Sociedade**, v. 36, p. 19-43, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/KpqyxbZyfqbqvsRy7g7yfrK/abstract/?lang=pt> Acesso em: 03.mai.2024.

_____. Prevenção do suicídio em serviços de apoio emocional: uma breve reflexão sobre a relação de ajuda. **CSONLINE (UFJF)**, v. 1, p. 115-129, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/31642> Acesso em: 02.abr.2024.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MASSELLA, Alexandre Braga. Uma leitura filosófica de Durkheim e Weber.

Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.20, n.57, 2005. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/VrctQtPf6WB8SJRVTrFNMB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 23.07.2022.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Oliveira, Roberto Cardoso de (org.). **Marcel Mauss: antropologia**. São Paulo: Ática, 1979a.

_____. Ensayo sobre las variaciones estacionales en las sociedades esquimales. In.: MAUSS, Marcel. **Sociología y Antropología**. Madrid, Tecnos, 1979b.

_____. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003a

_____. Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade [Austrália, Nova Zelândia]. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003b.

_____. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, Marcel.

Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003c.

MÁXIMO, Thaís Augusta Cunha de Oliveira; LIMA, Joana Azevedo de; ARAÚJO, Anísio José da Silva. A invisibilidade da relação suicídio e trabalho. **Psicologia & Sociedade**; 24(3): 739-740, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/H4C5fd6Tpcjw4nCLB3QycpM/?format=html&lang=pt> Acesso em: 04.nov.2025

MEAD, Margareth. Adolescência em Samoa. In: Castro, Celso. **Cultura e Personalidade – Margaret Mead – Ruth Benedict – Edward Sapir**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MÉLLO, Ricardo Pimentel; SILVA, Alyne Alvarez; LIMA, Maria Lúcia Chaves; DI PAOLO, Angela Flexa. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MIGUEL, Lorena Marina dos Santos. Harriet Martineau: a contribuição esquecida da

primeira socióloga. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 17-28, 2017. Dossiê Clássicas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/32864> Acesso em 18.mar.2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 1998, pp. 421-428.

MINOIS, George. **História do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

MIRANDA, Karinna Adad de. Entre a velha e a nova: um estudo sobre o suicídio a partir da topofilia e da antropologia das emoções. **IV Semana de Antropologia do PPGA/UFPB**: Criminalizações e insurgências: Antropologia e debates sobre direitos. Coordenadores: Mauro Guilherme Pinheiro Koury/UFPB; Raoni Borges Barbosa/UFPB. 2018a Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60197286/anais_semana_de_antropologia_ppga_ufpb20190803-119089-1juvf10-libre.pdf?1564870816=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAnais_semana_de_antropologia_ppga_ufpb.pdf&Expires=1764537378&Signature=HCMq2zgDjtO9Riqbk9zxWabvERxO16ClqK0C1karDPR6uI-1MS75I0qk3DkPEV7fvc8aENVthEPWtZg8fPosj8C1h2XbE4tRwvZOLUjZH5unMLz5j82hNMwdUezGyuH-cjX2S5nbgRltFHziu1dFhYddUA8zQqWf9fwqcTRz8bW40qnZ96gNpB4NZo7QIcImBKmsrQyebj1Qax1yZZanyKuzYltQ~~lscTCUB-gZFBHHxYcq6HYqCuL3j3gbp4owkMSc9Duj9OHH~HXnT-RHYp2qbOQKg~edF2G91oBBH6UNhU3UqPc6YqZ69nP~1AUHU~MlICF9-JQ9m6ynfbFz~A&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 10.jun.2025

_____. **Entre a velha e a nova**: um estudo sobre o suicídio a partir da topofilia e da antropologia das emoções. 2018b. Disponível em: https://www.academia.edu/37494236/Entre_a_velha_e_a_nova_um_estudo_sobre_o_suic%C3%AAdio_a_partir_da_topofilia_e_da_antropologia_das_emo%C3%A7%C3%B5es_Between_the_old_and_the_new_a_study_on_suicide_from_the_topophilia_and_the_anthropology_of_emotions Acesso em: 10.jun.2025

MONNERAT, Sílvia. Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 4, n. 7, p. 161-172, 2017.

MONZANI, Luiz Roberto. Totem e tabu: uma revisão. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 23, n. 33, p. 243-255, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/871/7592> Acesso em 30.dez.2025

MORAIS, Silvia Raquel Santos; SOUSA, Geida Maria Cavalcanti de. Representações sociais do suicídio pela comunidade de dormentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 31(1): pp.160- 175, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/kK8hrvQmY7D8xfQz3dXDNjL/#> Acesso em: 18.jul.2024.

MORAIS, Jaiana Cristina Cândido; MENESES, Liza Maria Studart; MELO, Cynthia de

Freitas; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Significados do ato suicida entre a tristeza e a desesperança: aportes de estudos com brasileiros. **Contextos Clínicos**, v. 15, n. 3, set./dez. 2022. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/24854/60749323>

Acesso em: 18.jul.2024.

MORSELLI, Enrico. **Suicide**: An essay on comparative statistics. London: Kegan Paul, 1881.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, idades e geração: introdução. **Caderno CRH**, Salvador, v.15, n.42, p.349-355. Set./dez.2004. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2349/1/RCRH-2006-257%20CS.pdf> Acesso em 13/09/2023.

MURRAY, A. **Suicide in the middle ages**: the violent against themselves. Oxford: Oxford University Press, 1998. v.1

NAGAFUCHI, Thiago. Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades. **Revista M**. Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.101-124, jan./jun.2019a. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8977/7959> Acesso em: 09.jun.2023

_____. A lógica da falta ou a falta da lógica: como responder ao desafio de compreender o suicídio?. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 53, n. 4, p. 239-253, 2019b. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2019000400016&script=sci_arttext Acesso em: 10.jun.2024

NOVAES, Regina Célia Reyes. Juventudes e religiosidades: sinais dos tempos no Brasil contemporâneo. **Caminho com o Itepa**, v. 36, n. 126, p. 17-55, 2019.

NUNES, Everardo Duarte. O Suicídio – reavaliando um clássico da leitura sociológica do século XIX. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 14, v. 1, 1998, pp. 07-34.

OLIVEIRA, Andressa de; SOUZA, Sabrinna Barbosa de; COSTA, Nelzir Martins. As principais causas que levam a automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v.13, n.6, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7991/4965> Acesso em 10.mar.2024.

OLIVEIRA, Cláudia Lommez de. **Subjetividades estudantis**: uma análise do sofrimento emocional na educação profissional e tecnológica. 2013. (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 160f., 2013. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Psicologia_OliveiraCL_1.pdf Acesso em 03.jul.2024.

OLIVEIRA, Janaina; CASAGRANDE, Natalia; JARDIM, Maria A Chaves. Homenagem: Mary Douglas (1921-2007). **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/14901b55-2c70-4011-977e-e6aeb9319e20/content> Acesso em 17.nov.2025

OLIVEIRA, Milena Edite Casé de; GOMES, Kedma Anne de Lima; NÓBREGA, Waleska Fernanda Souto; GUSMÃO, Elaine Custódio Rodrigues; SANTOS, Rayane Dantas dos; FRANKLIN, Ramonyele Gomes. Série temporal do suicídio no Brasil: o que mudou após o

Setembro Amarelo?. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 48, p. e3191-e3191, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3191/1944> Acesso em: 15.jun.2025

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Prevenção do Suicídio**: manual para professores e educadores. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2000a.

_____. **Prevenção do suicídio**: Um Manual para profissionais da Saúde em Atenção Primária. Organização Mundial da Saúde: Departamento de Saúde Mental, Genebra, p. 234- 324, 2000b.

_____. **Prevenção do suicídio**: Um Manual para Profissionais da Mídia. Organização Mundial da Saúde, Departamento de Saúde Mental: Transtornos Mentais e Comportamentais. Genebra, 2000c.

_____. **Prevenção do Suicídio**: um recurso para conselheiros. Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso. Genebra, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio**. 10. set.2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>. Acesso em 06/07/2022.

_____. **Após 18 meses de pandemia de COVID-19, OPAS pede prioridade para prevenção ao suicídio**. 9.set.2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pede-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>. Acesso em 06/07/2022.

ORLOVE, Benjamín S. El suicidio de Juanita. **América Indígena**. Vol.41, número 1, 1981.

PAVESI, Patrícia Pereira. Cultura, Suicídio e Identidade: dores e delícias de subjetividades em movimento. In: CAMPOS, Ítalo (Org.). **Vidas Interrompidas**. Vitória: DIO - Departamento de Imprensa Oficial do ES, 2009. Disponível em: <https://ciatox.es.gov.br/Media/toxcen/Material%20Informativo/usuarios/6-Livro%20Vidas%20Interrompidas%20-%20Prevenção%20do%20Suicídio.pdf> Acesso em 06.jan.2024

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas juventudes: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe**: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. v.1, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203> Acesso em 28.jul.2023

PEREIRA, Anderson Siqueira; DUTRA-THOMÉ, Luciana; KOLLER, Silvia Helena. Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. **Psico**, v. 47, n. 4, p. 268-278, 2016.

PEREIRA-SILVA, Nara Liana; ANDRADE, Jaqueline Ferreira Condé de Melo; CROLMAN, Sarah Rezende; MEJÍA, Cristina Fuentes. O papel do psicólogo escolar: Concepções de professores e gestores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 407-415, 2017.

PERES, Andréa Lopes; NICOLI, Breno Scherrer; CRESPO, Bruno Ribeiro da Cunha; RODRIGUES, Carlos Alberto Santos; RODRIGUES, Eliane Silva Santos; ZOPPE, Gleiciane Silva Soares; CABRAL, Hyloran G. Morte silenciada: o suicídio e a representação social. **Rev Ambiente Acadêmico**, v. 2, n. 1, p. 109-124, 2016. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-edicao-3-artigo-7.pdf> Acesso em 25.dez.2025

PEROSA, Cleci Terezinha; PEDRO, Eva Neri Rubim. Perspectivas de jovens universitários da região norte de Rio Grande do Sul em relação a paternidade. **Rev. Esc. Enf. USP**. v.43, n.2, p.300-6, 2009.

PETERS, Gabriel. O novo espírito da depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 1, p. 71-83, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/nFV4zPdgdBnvqnsGZfKcT7N/?lang=pt> Acesso em 20.dez.2025

PETRIDOU, Eleni, PAPADOPOULOS, Fotios C., CONSTANTINE, E. Fragankis, SKALKIDOU, Alkistis, TROCHOPOULOS, Dimitrios. A Role of Sunshine in the Triggering of Suicide. **Epidemiology**, 13(1): 106-109, 2002.

PIEROBON, Camila; FERREIRA, Letícia; DAS, Veena; VIANNA, Adriana; SARTI, Cynthia. Antropologia, desejo e texturas da vida: uma entrevista com Veena Das. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, v. 3, n. 5, p. 21-68, 2022. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/107600232/10321-libre.pdf?1700532108=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAntropologia_desejo_e_texturas_da_vida_u.pdf&Expires=1766862406&Signature=Efe~v~BcA8EVOIstvcZrzy0UFjm3B69wNE-86y3EnTz4SSYytRe13XokGNNqTFZZjSTv1yl7dP6gDIPIPPb4TgJTPNfSV5c2Ofv7fwTz5VaWcebA~pYp1Yfj~iOCAM8momKxYb4PrxRAqtja6P~OaiG3lGJr5AFvWhDcIa93Sf-9Bi~BvBSXmKcypXMfNlzHmH8hkw0sJZzsfVhzZDNqZWSUbjouVNKEqsV1xpvY2TyTaG0rXBMDyVuSvWIpsZGP4S3L6PuzAc35DutyVT7YUitdhxbN4mTddYalbl6ePvH1bi-zGl-JbvnPjRyAOSiyIEK1sElp3Vlhaxkskd16Q_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em 27.dez.2025

PISANI, Marília M. **O tabu do incesto na Antropologia**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL E CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE OFENSAS SEXUAIS, 2., 2009, Faculdade de Medicina, São Paulo. Disponível em: https://www.academia.edu/5915613/O_tabu_do_incesto_na_antropologia_The_Incest_Taboo_in_Anthropology_2009 Acesso em 20.dez.2025

PRATS, Luís. Aspectos culturais do suicídio. **Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 181-187, 1987. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/841> Acesso em: 01.out.2025

PRETI, Antonio; MIOTTO, Paola; DE COPPI, Monica. Season and Suicide: Recent Findings from Italy. **Crisis**, 21/2:59-70, 2000.

PUSSETTI, Chiara; BRAZZABENI, Micol. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação**

em **Antropologia**, v. 15, n. 3), p. 467-478, 2011. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/etnografica/1036> Acesso em 29.dez.2025

QUEIROZ, José Benevides. O Suicídio na Sociologia Brasileira/Suicide in Brazilian Sociology. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 3, p. 1453-1480, 2020.

REARTES, Diana; CASTAÑEDA, Elena. Tabú: Sexo, identidad y subjetividad erótica en la antropología. **Desacatos**, n. 6, p. 200-203, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.org.mx/pdf/desacatos/n6/n6a13.pdf> Acesso em 20.dez.2025

REDON, Silvano Aparecido. Estranhando o familiar: notas de uma pesquisa etnográfica. **Ponto urbe [online]**. 2, 2008. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/pontourbe/1901> Acesso em 05.jul.2024

RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, Carmem Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOFFMANN, Izabel Cristina; SILVA, Rosângela Marion da; SEHEM, Graciela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, v.17, n.4, p.779-86, 2008.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Jorge Barreto. O trabalho de cuidar sob os dilemas da gramática emocional. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**. v.1, n.21, 2023. Disponível em:
<https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/6448>
 Acesso em: 18.jul.2024.

RODRIGUES, Arnaldo Oliveira. **Relações sociais de espaço e suas facetas de desigualdade e estigmatização**: um estudo das representações sociais de moradores do “Feijão Semeado”, Montes Claros-MG. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unimontes.br/handle/1/1338>
 Acesso em: 22.nov.2025

RODRIGUES, Marcel Henrique. TOTEM E TABU: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A ETNOLOGIA. **Sapere Aude**, v.4, n.8, 2013. Disponível em:
https://www.academia.edu/6886586/TOTEM_E_TABU_UMA_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_DA_PSICAN%C3%81LISE_PARA_A_ETNOLOGIA Acesso em 30.dez.2025

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Suicídio, tabu e silêncio. In.: CAMPOS, Ítalo (org). **Vidas interrompidas**. Vitória: DIO, 2009. Disponível em:
<https://ciatox.es.gov.br/Media/toxcen/Material%20Informativo/usuarios/6-Livro%20Vidas%20Interrompidas%20-%20Prevenção%20do%20Suicídio.pdf> Acesso em 26.dez.2025

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v.12, n.4, dezembro.2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WkqfBT8ZRMcmvC7HHjmBnpP/> Acesso em 18.mar.2024

RODRIGUES, Pamela Pimentel. **Gritos silenciosos**: quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo - automutilação na adolescência. Monografia

(título de Especialista em Saúde do Adolescente) – Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2018, 31p. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AYVFK7/1/tcc_pronto_p_s_banca_paloma_rodrigues.pdf Acesso em 16.mar.2024

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 12, n. 12, p. 41-56, 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53885/57824> Acesso em: 20.dez.2025

RÖTTGER-RÖSSLER. Emoção e Cultura: Algumas questões básicas. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.7, n.20, pp.177 a 220. agosto de 2008. (Tradução de Márcio da Cunha Vilar). ISSN 1676-8965. Disponível em: <https://www.cchla.ufpb.br/rbse/BirgittArt.pdf> Acesso em 09.jul.2024

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, pp. 31- 49, dezembro de 2019. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf Acesso em 21set.2022

ROSSI, Camila; MEDEIROS, Izabel Scarabelot. Suicídio infantil: quando a brincadeira é fatal. **Inova Saúde**, v. 10, n. 1, p. 56-69, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unesc.net/ojs/index.php/Inovasaude/article/view/3587> Acesso em: 04.nov.2025

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. Discurso de Posse Diretoria CPMG. Biênio 2009/2011. **Reverso**. v.32, n.59, Belo Horizonte, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v32n59/v32n59a12.pdf> Acesso em 29.jun.2024

SANTOS, Claitonei de Siqueira; BALDOÍNO, Roseli dos Santos. Juventude: uma categoria histórica e cultural. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. V.2, n.1, jan./jun 2016. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/159/116>. Acesso em 10/08/2023.

SANTOS, Jacquelane Bezerra dos. **Invisibilidade, silêncios e angústia: o suicídio de jovens LGBTQIA+ e o embate entre família, religiosidade e o desejo e direito de ser e pertencer**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 195f. 2024. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1984> Acesso em: 05.nov.2025

SANTOS, Larissa Zecchin dos; LEÃO-MACHADO, Franciele Cabral. Suicídio na adolescência: uma revisão sistemática. **Revista UNINGÁ**, Maringá, v.56, n.S1, pp.89-98, jan./mar.2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/135/1862> Acesso em:19.fev.2024

SANTOS, Marisa Isabel Valido. **Histórias de suicídios não consumados: Um estudo sobre os significados construídos em torno da tentativa de suicídio**. 2014. Dissertação (Mestrado

em Psicologia). Escola de Ciências Sociais. Évora, 130f. 2014. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/13060/1/Disserta%20a7%20a3o%20Final%201_Marisa%20Santos.pdf Acesso em 28.jun.2024

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e sociedade**, v. 10, p. 3-13, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2001.v10n1/3-13/pt> Acesso em: 12.fev.2025

SCHWENTKER, Wolfgang. A paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n.32, ano 11, outubro.1996

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Guia para acolhimento à comunidade escolar no retorno presencial às unidades escolares**. Brasília/DF, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/Guia-de-Acolhimento-a-Comunidade-Escolar-Material-de-Apoio.pdf> Acesso em 30.jun.2024.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SERTÃ, Ana Luísa; ALMEIDA, Sabrina. "Ensaio sobre a dádiva". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2016. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva> Acesso em 20.abr.2024

SGANZERLA, Giovana Coghetto. Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**. v.25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/cSRRLBHpxrsKghmcNWMWctJ/abstract/?lang=pt> Acesso em 23.abr.2022.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; PRATES, Antônio Augusto Pereira. (Orgs.). O suicídio no Brasil contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 33, n. 2, 2018, pp. 565-579.

SILVA, José Almeida Seixas. Interações familiares na decisão do suicídio. In.: **Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, p. 183 – 187, 1984.

SILVA, João Roberto de Souza; ASSIS, Silvana Maria Blascovi de. Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.10, n.1, p.146-152, 2010. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11203/6930> Acesso em 15.jun.2023

SILVA FILHO, Orli Carvalho da; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Triplo tabu: sobre o suicídio na infância e na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 26(7): 2693-2698. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2021.v26n7/2693-2698/pt> Acesso em: 26.abr.2024.

SIMÕES, Julian. Sobre gramáticas emocionais e violência sexual. Notas a partir de dois

casos de interrupção legal de gestação realizados por mulheres com deficiência intelectual. **Anuário Antropológico**, v.44, n.1, pp.117-134, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5998/599863765006/html/> Acesso em: 18.jul.2024.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. Editora Companhia das Letras, 2014.

STAPLES, James; WIDGER, Tom. Situating Suicide as an Anthropological Problem: Ethnographic Approaches to Understanding Self-Harm and Self-Inflicted Death. **Culture, Medicine and Psychiatry**. On-line, v. 36, n. 2, p. 183-203, 2012.

SUAVE, Angela Michele; FAERMANN, Lindamar Alves; OLIVEIRA, Ana Paula Lemos; RIBEIRO, Débora Inácia. Sociedade, suicídio e escola: reflexões necessárias. **Revista ciências humanas**, v. 16, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/991> Acesso em: 30.jul.2024

TAVARES, Jeane Saskya Campos. Suicídio na população negra brasileira: nota sobre mortes invisibilizadas. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 4, n. 01, p. 73-75, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jeane-Saskya-Tavares/publication/325426336_Suicidio_na_populacao_negra_brasileira_nota_sobre_mortes_invisibilizadas/links/5b0d76210f7e9b1ed70004a2/Suicidio-na-populacao-negra-brasileira-nota-sobre-mortes-invisibilizadas.pdf Acesso em: 05.nov.2025

TAVARES, Leonora de Jesus Mendes; PEREIRA, Álvaro Itaúna Schalcher; RIBEIRO, Francisco Adelson Alves. Mapeamento sistemático de produções científicas sobre a violência autoinfligida. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 2, n. 24, p. 526-551, jul./dez. 2020. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63786/1/2020_art_ljmtavaresaispereira.pdf Acesso em: 05.dez.2022.

TEXEIRA, Ricardo Rodrigues. Três fórmulas para compreender “O Suicídio” de Durkheim. **Interface**. Botucatu, v. 6, n. 11, 2002, pp. 143-152.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. “Observando o Familiar”. In: NUNES, Edson (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 123 – 132.

VICTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **Reciis**, v. 5, n. 4, 2011. Disponível em: <https://homologacao-reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764/1406> Acesso em 24.dez.2025

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horiz. Antropol.** 25 (54). May-Aug 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/HCLwVxYkWf7CjJcxm7sq3Ks/?lang=pt#> Acesso em 21set.2022

VIEIRA GARCIA, Marcos Roberto; BARROS, Cláudia Renata dos Santos; PAIVA, Facciola; CORROCHANO, Maria Carla; BARBOSA, Djalma; REIS, Nathália de Souza Machado; PLÁCIDO, Diego Silva. Prevalência e determinantes sociais da ideação suicida

entre estudantes brasileiros em escolas públicas do ensino médio. **Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social**, 8(2), 1–11, 2022. Disponível em: <https://revista.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/250/518> Acesso em: 21.jul.2024.

WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Sofrimento social. **Serviço Social & Sociedade**, n. 116, p. 743–768, out. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZgB7nvx4ps8DmGFvNVBYmd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 21.jul.2024

WIDGER, Tom. Learning suicide and the limits of agency: children's “suicide play” in Sri Lanka. In: **Suicide and Agency**. Anthropological perspective on self-destruction, personhood, and power. Ashgate, 2015. p. 165-182.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Preventing suicide**: a global imperative. Geneva: World Health Organization; 2014. 92p. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf;jsessionid=FE426D3A70587CBD812B76BC24CFA496?sequence=1 Acesso em 20.ago.2022

_____. **Suicide in the world**: global health estimates. World Health Organization, 2019.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

BONETT, Piedad. **O que não tem nome**. São Paulo: DBA Editora, 2024.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O suicida e o computador. In: _____. **O suicida e o computador**. Porto Alegre: L & PM, 1992.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

BRANT, Fernando; BORGES, Márcio; BORGES, Lô. *Para Lennon e McCartney*. Intérprete: Milton Nascimento. In: **NASCIMENTO, Milton. Milton Nascimento**. Rio de Janeiro: EMI/Odeon, 1970. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvhKyPZUOd0>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CHITÃOZINHO & XORORÓ. Vida e saudade. In: CHITÃOZINHO & XORORÓ. **Amantes e amigos**. São Paulo: Copacabana, 1980. 1 faixa sonora. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C66M21kWufc&list=RDC66M21kWufc&start_radio=1>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BRANT, Fernando; BORGES, Márcio; BORGES, Lô. Para Lennon e McCartney. Intérprete: Milton Nascimento. In: **NASCIMENTO, Milton. Milton Nascimento**. Rio de

Janeiro: EMI/Odeon, 1970. 1 faixa sonora. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=AvhKyPZUOd0>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

D\$ LUQI; E4GL3. **Eu só quero sumir** (feat. E4GL3). Produção: E4GL3. Composição e letra: Lucas de Matos Martins. Arranjo: E4GL3. [S. l.]: D\$ Luqi, 26 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cJImGoukC7Q&t=7s>>. Acesso em: 23 nov. 2025

EMICIDA; MAJUR; PABLO VITTAR; BELCHIOR. AmarElo. Sample de “Sujeito de sorte” (Belchior). In: EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo:

FUNESTO. *A beira do abismo*. In: _____. **Lembranças de um suicídio**. Brasil: [s. n.], 2015. 1 faixa sonora. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mv-RMZeKaeM&list=RDmv-RMZeKaeM&rc=1>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

LEGIÃO URBANA. Pais e Filhos. In: _____. **As Quatro Estações**. Brasília: EMI, 1989. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sfixHYBWaiU&list=RDsfixHYBWaiU&start_radio=1>
. Acesso em: 23 nov. 2025.

LEGIÃO URBANA. Tempo Perdido. In: _____. **Dois**. Rio de Janeiro, EMI, 1986, faixa 2. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BW73u2yGGa8&list=RDBW73u2yGGa8&start_radio=1>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MC PET DALESTE. **Depressão**. Produção: Studios Love Funk. 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=2uigbwQQgLg&list=RD2uigbwQQgLg&start_radio=1>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SUPERCOMBO. Amianto. In: _____. **Amianto**. São Paulo: Elemess, 2014. 1 faixa sonora. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=nVICMRWp5F4&list=RDnVICMRWp5F4&start_radio=1>. Acesso em: 23 nov. 2025.

APÊNDICE

Apêndice 1 – Onde buscar ajuda⁶¹

- Centro de Valorização da Vida (CVV): Ligue 188 (atendimento 24h e gratuito)
- Site do CVV: www.cvv.org.br
- Ligue 192, em caso de atendimento de urgência em saúde
- Unidade Básica de Saúde (UBS) ou Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de sua cidade
- Acesse o Mapa de Saúde Mental para mais informações de onde encontrar ajuda: www.mapasaudemental.com.br
- Para adolescentes e jovens há um canal de escuta especializado: www.podefalar.org.br
- Fique atenta/o a outras redes de cuidado e apoio presentes em sua cidade, como Clínicas Escolas de Psicologia, que ofertam atendimento psicológico e/ou interdisciplinar.
- No CEFET MG, em todos os *campi*, há as Coordenações de Assuntos Estudantis e Acompanhamento Pedagógico – CAEPs, onde as/os estudantes podem buscar ajuda e orientações. São compostas por equipes multidisciplinares.

⁶¹ Elaborado a partir de postagem no Instagram da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio – ABEPS, dez.2025.